



**UNIVERSIDADE DO ALGARVE**

# ***Ossonoba* entre a Idade do Ferro e Roma**

Estudo de cerâmica de tradição púnico-turdetana  
do sítio do Quintal da Judiária, Faro (séculos III-I a.C.)

João de Deus Afonso de Brito Gomes

Dissertação para a obtenção do grau de mestre em Arqueologia

Trabalho efectuado sob a orientação de  
Prof. Doutor João Pedro Bernardes

Ano 2016

# ***Ossonoba* entre a Idade do Ferro e Roma**

Estudo de cerâmica de tradição púnico-turdetana  
do sítio do Quintal da Judiciária, Faro (séculos III-I a.C.)

## Declaração de autoria de trabalho

Declaro ser o autor deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

## Copyright

A Universidade do Algarve tem o direito, perpétuo e sem limites geográficos, de arquivar e publicitar este trabalho através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou de forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado, de o divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objetivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja dado crédito ao autor e editor.

**Resumo:**

A escavação do sítio do Quintal da Judiária, Faro, em 1987, recolheu cerâmica de tradição púnico-turdetana (entre outras), de níveis de ocupação dos séculos III-I a.C.

A maioria desta cerâmica foi produzida na baía de Cádiz e no vale do Guadalquivir, como o indicam os seus fabricos, enquanto as produções locais, menos frequentes, apresentam formas idênticas às das cerâmicas importadas.

Os materiais cerâmicos escavados de tradição púnico-turdetana incluem cerâmica comum, cerâmica fina (Kuass), ânforas e outras, que coexistem com as produções de tradição romana durante os séculos II-I a.C.

A cerâmica estudada revela uma forte influência cultural da região da Turdetânia sobre Faro, que tem início no final da Idade do Ferro e continua após a conquista romana.

Palavras-chave: Cerâmica púnico-turdetana, Faro, Cádiz, vale do Guadalquivir, Séculos III-I a.C.

**Abstract:**

The excavation of the site Quintal da Judiária, Faro, in 1987, recovered pottery of punic-turdetanian tradition (among others), from 3<sup>rd</sup>-1<sup>st</sup> centuries BC occupation layers.

Most of this pottery was manufactured in the bay of Cadiz and the Guadalquivir valley, as indicated by its fabrics, while the less frequent local productions show identical shapes to the imported pottery.

The excavated ceramic materials of punic-turdetanian tradition include common ware, fine ware (Kuass), amphorae and others, which coexist with the productions of roman tradition during the 2<sup>nd</sup>-1<sup>st</sup> centuries BC.

The studied pottery reveals a strong cultural influence from the region of Turdetania over Faro, which begins in the late Iron Age and continues after the roman conquest.

Keywords: Punic-turdetanian pottery, Faro, Cadiz, Guadalquivir valley, 3<sup>rd</sup>-1<sup>st</sup> centuries BC

## **Agradecimentos**

A realização deste trabalho contou com o auxílio de várias pessoas e algumas entidades que merecem receber reconhecimento pela sua contribuição.

Em primeiro lugar gostaria de agradecer ao meu orientador, o Prof. Doutor João Pedro Bernardes, por toda a ajuda, conselhos, paciência (muita) e principalmente por me ter sugerido o estudo das cerâmicas do Quintal da Judiária para a minha tese de mestrado.

Também gostaria de agradecer a Cristina Dores por toda a ajuda que me deu no Laboratório de Arqueologia, incluindo a “decifração” dos manuscritos de Teresa Gamito, sem a qual o estudo da estratigrafia ficaria incompleto.

A Célia Gonçalves agradeço o desenho detalhado da planta da área escavada do Quintal da Judiária.

Agradeço também à Universidade do Algarve pela disponibilização do material cerâmico aqui em estudo.

E agradeço igualmente ao Museu Arqueológico e Lapidar Infante D. Henrique, em particular a Nuno Beja, por me permitir o acesso à outra parte da colecção cerâmica do Quintal da Judiária.

Também gostaria de agradecer a Francisco José García Fernández por me ter ajudado a identificar alguns tipos de ânforas púnico-turdetas e a sua cronologia.

A Edgar Fernandes agradeço as “lições” sobre cerâmica romana de época imperial, através das quais eu aprendi a identificar várias categorias cerâmicas desse período.

Por último, gostaria de dar reconhecimento ao trabalho de Teresa Júdice Gamito, ao tempo, esforço e estudo que dedicou ao sítio do Quintal da Judiária, sem o qual o presente trabalho não existiria.

<b>Índice</b>	<b>pág.</b>
1. Introdução .....	7
2. A Cerâmica púnico-turdetana .....	8
2.1. Definição e origem .....	8
2.2. As categorias cerâmicas .....	9
3. História da investigação .....	11
4. Sítios púnico-turdetanos no Algarve .....	14
5. O sítio do Quintal da Judiciária .....	18
5.1. Localização .....	18
5.2 A escavação .....	18
6. Datações por radiocarbono .....	25
7. A metodologia de trabalho .....	27
8. A cerâmica na área escavada .....	29
8.1 O sector E .....	29
8.1.1. Unidade estratigráfica E-11 .....	30
8.1.2. Unidade estratigráfica E-10 .....	31
8.1.3. Unidade estratigráfica E-9 .....	32
8.1.4. Unidade estratigráfica E-8.2 .....	34
8.1.5. Unidade estratigráfica E-8 .....	36
8.1.6. Unidade estratigráfica E-7 .....	38
8.1.7. Unidade estratigráfica E-6.2 .....	41
8.1.8. Unidade estratigráfica E-6 .....	43
8.1.9. Unidade estratigráfica E-5 .....	44
8.1.10. Unidade estratigráfica E-4.2 .....	46
8.2. A restante área escavada .....	49
9. A cerâmica comum .....	52
9.1. Os fabricos .....	56
9.2. As formas .....	59
9.2.1. Tigelas .....	59
9.2.2. Potes/Panelas .....	62
9.2.3. Pratos .....	65

9.2.4. Alguidares .....	68
9.2.5. Grandes taças .....	70
9.2.6. Pequenas taças .....	71
9.2.7. Almofarizes .....	72
9.2.8. Tampas .....	73
9.2.9. Jarro .....	74
9.2.10. Formas indeterminadas .....	74
9.3. Grafito em escrita pré-latina .....	76
10. A cerâmica manual .....	78
10.1. Os fabricos .....	80
10.2. As formas .....	81
10.2.1 Tigelas .....	81
10.2.2 Potes/panelas .....	83
11. A cerâmica de tipo Kuass .....	85
11.1. Os fabricos .....	87
11.2. As formas .....	89
11.2.1. Forma II .....	89
11.2.2. Forma IV .....	92
11.2.3. Forma V .....	92
11.2.4. Forma VIII .....	93
11.2.5. Forma IX .....	93
11.2.6. Formas indeterminadas .....	96
12. As ânforas .....	97
12.1. Os fabricos .....	99
12.2. As tipologias .....	101
12.2.1. Pellicer B/C .....	101
12.2.2. Pellicer D .....	102
12.2.3. Castro Marim 1 .....	103
12.2.4. Mañá-Pascual A4 .....	105
12.2.5. Tiñosa .....	106
12.2.6. Carmona .....	107

12.2.7. Campamentos Numantinos .....	108
12.2.8. Mañá C2 .....	108
13. Os unguentários .....	111
13.1. Os fabricos .....	111
14. A cerâmica cinzenta fina .....	113
15. Os instrumentos de tecelagem .....	115
16. <i>Kalathoi</i> .....	117
17. Conclusões .....	118
18. Bibliografia .....	124
19. Catálogo .....	135

## **1. Introdução**

Este trabalho foi elaborado como tese final do Mestrado de Arqueologia, da Universidade do Algarve, e tem como objecto de estudo a cerâmica de tradição púnico-turdetana exumada do sítio arqueológico do Quintal da Judiária, em Faro.

As cerâmicas púnico-turdetanas são produções de influência fenício-púnica dos séculos IV-I a.C., originárias da antiga região da Turdetânia, no Sudoeste de Espanha. As quais constituem também o principal elemento da cultura material das sociedades contemporâneas do litoral algarvio, incluindo a cidade de Faro.

A cerâmica em estudo foi escavada em 1987 pela arqueóloga Teresa Júdice Gamito, juntamente com materiais de outros períodos históricos e tradições culturais. O espólio da escavação foi depositado na Universidade do Algarve e no Museu Arqueológico e Lapidar Infante D. Henrique, ficando por estudar durante quase três décadas.

A cerâmica púnico-turdetana recolhida no Quintal da Judiária foi produzida entre o final da Idade do Ferro e o princípio do período romano-imperial (séculos III-I a.C.).

Entre o espólio cerâmico estudado estão presentes várias categorias, como cerâmica comum (incluindo de produção manual), cerâmica de mesa do tipo Kuass e cinzenta fina, ânforas, unguentários e instrumentos de tecelagem.

O presente trabalho tem como objectivo ajudar e compreender o processo de romanização do Algarve, em particular a sobrevivência de elementos culturais indígenas durante o período romano, assim como contribuir para a investigação do fenómeno da “turdetanização”<sup>1</sup> do Algarve: o conjunto de interacções culturais e comerciais que influenciaram significativamente as sociedades da costa algarvia nos últimos séculos do 1º milénio a.C.

---

<sup>1</sup> Elisa de Sousa e Ana Margarida Arruda referem-se a este fenómeno com o termo “gaditanização”.



## 2. A Cerâmica púnico-turdetana

### 2.1. Definição e origem

Cerâmica púnico-turdetana é o termo usado no presente estudo para designar o conjunto das formas cerâmicas da II Idade do Ferro originárias da baía de Cádiz e do vale do Guadalquivir.<sup>2</sup>

Estas formas cerâmicas púnico-turdetanas fazem parte de uma tradição pré-romana, de influência fenício-púnica, produzida na Andaluzia ocidental e áreas vizinhas, durante os séculos IV-I a.C. Esta tradição cerâmica também é chamada de turdetana, ibero-turdetana, ibero-púnica (FERRER; GARCÍA, 2008, p. 201), ou púnico-gaditana (ou gadirita), quando se faz referência apenas às produções de Cádiz.

Esta tradição cerâmica tem a suas raízes nas formas fabricadas a torno durante o período orientalizante, séculos VIII-VI a.C., derivadas das importações fenícias. Mas o conjunto das categorias e tipologias cerâmicas características da II Idade do Ferro só se desenvolve a partir dos séculos IV-III a.C., influenciado pelo fim das importações gregas e a chegada de cerâmicas de tradição púnica e helenística de Cartago (FERRER; GARCÍA, 2008) (SÁEZ, 2011, p. 59-60).

Este período é também marcado por um aumento da influência cultural da Turdetânia, principalmente de Cádiz, sobre a costa do Sul de Portugal, como o atesta a grande quantidade de cerâmica de formas púnico-turdetanas entre os materiais escavados em sítios arqueológicos do litoral algarvio (SOUSA; ARRUDA, 2010).<sup>3</sup>

A tradição cerâmica da área turdetana, característica da II Idade do Ferro, continuou a ser uma parte importante da cultura material durante o período romano-republicano, só desaparecendo na época imperial (FERRER; GARCÍA, 2008, p. 202).

---

<sup>2</sup> As cerâmicas produzidas nestas duas áreas são semelhantes, estando claramente aparentadas, motivo pelo qual foram agrupadas sob um único termo: púnico-turdetano.

<sup>3</sup> Elisa de Sousa e Ana M. Arruda falam apenas de influência gaditana, no entanto, foram identificados no presente estudo, em níveis estratigráficos do século III a.C., cerâmicas com pastas provenientes do vale do Guadalquivir, as quais registam um aumento significativo durante o período romano republicano (ver p. 57, 59 e 86).

## 2.2. As categorias cerâmicas

As cerâmicas púnico-turdetas são organizadas em diferentes categorias, segundo a sua função e características técnico-morfológicas.

A categoria melhor representada é a da cerâmica comum, que servia as funções de preparação de alimentos, serviço de mesa e armazenamento. Esta cerâmica era normalmente produzida a torno, apesar de também ocorrerem alguns casos de fabrico manual.<sup>4</sup> As formas mais frequentes são as tigelas e os potes/panelas,<sup>5</sup> seguidos de pratos, tampas, taças, tacinhas, alguidares, almofarizes, jarros e outras formas fechadas. As peças de cerâmica comum apresentam frequentemente decoração pintada, normalmente sob a forma de bandas horizontais (FERRER; GARCÍA, 2008) (SÁEZ, 2005).

A categoria mais representativa da tradição púnico-turdetas é a cerâmica fina de mesa engobada de tipo Kuass, que se desenvolve a partir de finais do século IV a.C. como uma imitação da cerâmica ática. Os pratos de peixe e as pequenas taças são as tipologias mais frequentes, seguidas de outros tipos de pratos e taças e algumas formas fechadas (NIVEAU, 2008).

Entre as produções cerâmicas de mesa também se regista alguma cerâmica cinzenta fina, relíquia do período orientalizante, entre a qual predominam as tigelas, taças, vasos e potes (BELÉN, 1976) (ARRUDA; FREITAS; VALLEJO, 2000).

Fazem igualmente parte da tradição púnico-turdetas várias tipologias de ânforas, de corpo cilíndrico e asas pequenas (Carmona, Tiñosa, Pellicer B/C e D, Castro Marim 1, Campamentos Numantinos, Mañá-Pascual A4), cujas formas se desenvolvem durante os séculos IV-III a.C. a partir da tradição anfórica do período orientalizante. A estas ânforas juntaram-se alguns tipos cartagineses durante os últimos séculos antes da nossa era (Mañá C1, C2 e D) (SÁEZ, 2008b) (GARCÍA; GARCÍA, 2010) (ARRUDA et al., 2006).

---

<sup>4</sup> No presente trabalho, a cerâmica comum produzida manualmente é tratada como uma categoria separada da cerâmica comum fabricada a torno.

<sup>5</sup> A maioria destas formas devem corresponder a potes, usados para armazenamento, mas algumas teriam sido usados como panelas. Devido à dificuldade em fazer a distinção, estas são referidas no presente trabalho como potes/panelas, termo frequentemente usado por A. M. Arruda e E. Sousa (2009, p. 963-965).

Entre a cerâmica púnico-turdetana registam-se ainda unguentários de influência helenística, de corpos globulares e fusiformes (MUÑOZ, 1987a) e também instrumentos de tecelagem e pesos de rede (SÁEZ, 2005, p. 166).<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> Foram também incluídas neste trabalho duas peças de cerâmica ibérica pintada, do tipo *kalathos*, que apesar de não serem originárias do sudoeste peninsular, são de origem pré-romana (ver p. 116).

### 3. História da investigação

A cerâmica púnico-turdetana não é normalmente estudada como um conjunto, mas por categorias. Os primeiros trabalhos foram escritos nas décadas de 1950-70, mas só nos últimos vinte anos se verificou um acréscimo significativo no número de obras publicadas.

A primeira categoria cerâmica a ser estudada de forma exaustiva foram as ânforas. Em 1951 José María Mañá publicou um catálogo de vários tipos anfóricos da área do levante ibérico e Ilhas Baleares, incluindo formas que também ocorriam no sudoeste da península. No entanto, só em 1978 surge a primeira obra dedicada exclusivamente às ânforas da área turdetana, elaborada por Manuel Pellicer a partir dos materiais recolhidos nas suas sondagens do Cerro Macareno (Sevilha).

Nas décadas de 1980-90 seguiram-se outras tentativas de catalogar as formas anfóricas, por María Concepción Florido (1984 e 1985), Ángel Muñoz (1987b) e Alicia Rodero (1991). Em 1995, Joan Ramón publica a sua grande obra *Las ánforas fenicio-púnicas del Mediterráneo central e occidental*, que é presentemente a principal referência para a classificação das ânforas da Turdetânia e do mundo cultural púnico em geral.<sup>7</sup>

No final dos anos de 1960, surgem os primeiros estudos relativos à cerâmica de tipo Kuass, pela mão de Michel Ponsich (1968, 1969), que as escavou no sítio de Kuass, em Marrocos. Ponsich classificou estas cerâmicas como imitações norte-africanas das formas campanienses, ideia que perdurou várias décadas, durante as quais a investigação desta categoria cerâmica pouco avançou. Só trinta anos depois, Ana María Niveau leva a cabo uma série de estudos para melhor compreender esta cerâmica de mesa (1999, 2000a, 2000b), os quais culminaram na sua monografia *Las Cerámicas Gaditanas “Tipo Kuass”. Bases para el análisis de la Bahía de Cádiz en época púnica* (2003), que é actualmente a principal obra de referência para o estudo desta categoria cerâmica. Niveau demonstrou que o tipo de Kuass é na verdade uma criação gaditana, que evoluiu como uma imitação da cerâmica ática, antes da produção das primeiras campanienses.

---

<sup>7</sup> Apesar de muitos autores espanhóis fazerem uso da nomenclatura de J. Ramón, a maior parte das obras portuguesas ainda nomeia as ânforas com os nomes “tradicionais” derivados dos estudos de Mañá, Pellicer e outras publicados antes de 1995. Para este trabalho foi dada preferência à nomenclatura “tradicional,” pois é da opinião do autor que as sequências de números usados por J. Ramón podem ser facilmente confundidas entre si, dificultando a distinção das várias tipologias anfóricas (ex: os tipos de ânfora Carmona e Tiñosa correspondem a T-8.2.1.1 e T-8.1.1.2 de Ramón, respectivamente).

Quanto à cerâmica comum púnico-turdetana, os primeiros trabalhos foram publicados por Manuel Pellicer em 1968 e 1969. No entanto, os primeiros estudos detalhados só apareceram cerca de vinte anos depois, com José Luís Escacena (1986) e Juan Pereira (1988 e 1989), que procuraram catalogar as formas da II Idade do Ferro de toda a Andaluzia, independentemente da área cultural. O primeiro catálogo para a cerâmica comum de Cádiz só aparece duas décadas mais tarde, elaborado por António Manuel Sáez (2005), que compilou informação proveniente das escavações de vários sítios arqueológicos da área gaditana. Em 2008, Eduardo Ferrer e Francisco José García publicam uma lista de formas, mais abrangente, para a região da Turdetânia.<sup>8</sup>

Para os unguentários de influência helenística, categoria cerâmica menos comum, foram publicados estudos para a área cultural ibera por Martín Almagro (1953) e Emérito Cuadrado (1977). Mas só na década de oitenta aparece uma obra para os unguentários do sudoeste peninsular, o catálogo das formas de Cádiz de Ángel Muñoz (1987a), que continua a ser a principal referência para o estudo destes pequenos recipientes.

Em relação às cerâmicas cinzentas finas, pouco se tem escrito sobre a sua presença em sítios arqueológicos da II Idade do Ferro na área turdetana; a maioria da literatura existente só faz referência às produções do período orientalizante (BELÉN, 1976). Existe, no entanto, bastante literatura para a área do levante ibérico, onde este tipo cerâmico é comum até à conquista romana (ARANEGUI, 1975).

Também para os instrumentos de tecelagem do sudoeste peninsular não existe nenhum estudo extensivo (António Manuel Sáez (2005) incluiu apenas um tipo de cossoiro no seu catálogo da cerâmica púnico-gaditana). Existem, no entanto, algumas obras dedicadas aos instrumentos de tecelagem da zona do levante ibérico, incluindo um catálogo tipológico para as formas dos cossoiros (1980) e outro para os pesos de tear (1985), ambos da autoria de Zaida Castro.

A grande maioria do que hoje se sabe a respeito das produções cerâmicas da Turdetânia provém das escavações efectuadas em vários sítios arqueológicos da Andaluzia ocidental: em Sevilha (JIMÉNEZ, A. et al. 2006) e na província do mesmo nome, em Montemolín (BANDERA et al. 1993) (GARCÍA; MORA; FERRER, 1989), em Vico (BANDERA;

---

<sup>8</sup> Este trabalho trata principalmente das cerâmicas do vale do Guadalquivir, não incluindo as de Cádiz. No entanto, a maioria das formas apresentadas podem ser facilmente identificadas com as tipologias gaditanas de A. M. Sáez (2005).

FERRER, 2002), em Lebrija (CARO, 1986-87) (CARO; ACOSTA; ESCACENA, 1987), no Cerro Macareno (MARTÍN, 1976) (PELLICER; ESCACENA; BENDALA, 1983) (RUIZ; VALLEJO, 2002), em *Italica* (PELLICER; HURTADO; BANDERA, 1983), em Setefilla (ESCACENA, 1979-1980), em Alcalá del Río (FERRER; GARCÍA, 2007) e em Carmona (PELLICER; AMORES, 1985) (BELÉN et al. (1997) (ESCACENA, 2001). Também em Córdoba (LUZÓN; RUIZ, 1973), e na mesma província, em Monturque (LÓPEZ, 1999). Na província de Huelva, na cidade do mesmo nome (BELÉN; FERNÁNDEZ-MIRANDA; GARRIDO, 1977) (FERNÁNDEZ, 1988-1989) (RUFETE, 2002), também em La Tiñosa (BELÉN; FERNÁNDEZ-MIRANDA, 1978), Niebla (BELÉN; ESCACENA, 1990) e Tejada la Vieja (FERNÁNDEZ, 1987). E ainda na província de Cádiz, no Cerro Naranja, Jerez de la Frontera (GONZÁLEZ, 1987), em Villamartín (GUTIÉRREZ, J. M. 1999) e na própria baía de Cádiz, no Castillo de Doña Blanca (RUIZ; PÉREZ, 1995), Las Cumbres (RUIZ; NIVEAU, 1999), Torre Alta (ARTEAGA et al., 2001) (SÁEZ, 2004, 2008a), Camposoto (BERNAL et al., 2003) (RAMÓN et al., 2004) e na necrópole púnica de Cádiz (NIVEAU, 2009).

Mas a área cultural púnico-turdetana estende-se para lá do sudoeste de Espanha, ao longo da costa do sul de Portugal, sendo importante para o presente trabalho a investigação levada a cabo nos vários sítios arqueológicos da II Idade do Ferro do litoral algarvio (tema do capítulo 4).

#### 4. Sítios púnico-turdetanos no Algarve

Na região algarvia, ao longo do litoral, conhecem-se vários sítios arqueológicos com estratos de ocupação da II Idade do Ferro, os quais revelam uma forte influência da Turdetânia ao nível da cultura material, principalmente a partir de finais do século IV a.C. Estes sítios são, de leste para oeste: Castro Marim, Tavira, Faro, Cerro da Rocha Branca (Silves), Alvor e Monte Molião (Lagos).

O Castelo de Castro Marim e o Forte de São Sebastião (na mesma vila) foram escavados sob a direcção de Ana Margarida Arruda, o primeiro entre 1983-1989 e 1999-2003, e o segundo em 2000 e 2005-2007. Entre os vários níveis de ocupação foram identificadas camadas com cerâmica púnico-turdetana, datáveis da II Idade do Ferro e da época romano-republicana, entre a qual se registou cerâmica de tipo Kuass, sob a forma de pequenas taças e pratos, principalmente os de peixe. A cerâmica comum está representada por tigelas, pequenas taças, pratos, potes/panelas, grandes recipientes e almofarizes, enquanto as ânforas estão representadas pelos tipos Pellicer B/C e D, Tiñosa, Mañá-Pascual A4, Mañá C2, Campamentos Numantinos e Castro Marim 1 (ARRUDA et al., 2006) (ARRUDA; PEREIRA, 2008) (SOUSA, 2009).

Em Tavira também foram escavados níveis de ocupação da II Idade do Ferro com cerâmica púnico-turdetana, ainda por estudar, entre a qual pratos de peixe de Kuass, potes e pequenas taças de cerâmica comum e ainda ânforas dos tipos Mañá-Pascual A4, Tiñosa e talvez Pellicer D (MAIA, 2006, p. 478).

Em Faro já foram levadas a cabo escavações em três sítios distintos onde foi possível obter cerâmica da II Idade do Ferro: Quintal da Judiária, Horta da Misericórdia e Museu Arqueológico e Lapidar Infante D. Henrique.

Teresa Júdice Gamito escavou o sítio do Quintal da Judiária em 1987 e o da Horta da Misericórdia em 1984, 1992-1993 e 1997-2000 (GAMITO, 2007). Do primeiro sítio extraíram-se cerca de mil e quinhentos fragmentos cerâmicos identificados com formas púnico-turdetanas, na sua maioria do período romano-republicano, os quais são o tema deste trabalho. Do segundo sítio também foram recolhidos materiais púnico-turdetanos, incluindo cerâmica de tipo Kuass,<sup>9</sup> os quais ainda estão por estudar.

---

<sup>9</sup> O autor do presente trabalho teve a oportunidade de observar algum do material escavado na Horta da Misericórdia, incluindo um prato de peixe, forma II de A. M. Niveau (2003).

O espaço do Museu Arqueológico e Lapidar Infante D. Henrique foi escavado por Dália Paulo e Nuno Beja em 2001-2002 (ARRUDA; BARGÃO; SOUSA, 2005). O estudo da cerâmica da II Idade do Ferro foi levado a cabo por Elisa de Sousa (2009). O espólio continha abundante cerâmica de tipo Kuass, com várias formas de taças e tacinhas e grande número de pratos, principalmente do tipo prato de peixe. Entre a cerâmica comum registaram-se tigelas, potes/panelas, pratos, grandes taças, almofarizes e outros grandes recipientes. Também se identificaram fragmentos de ânforas dos tipos Pellicer B/C e D, Carmona, Tiñosa e Mañá-Pascual A4.

O Cerro da Rocha Branca (Silves) foi escavado durante a primeira metade da década de 1980 por Mário V. Gomes, Rosa V. Gomes e Caetano M. Beirão (1986). Também aqui foram identificadas cerâmicas púnico-turdetas, de níveis estratigráficos datáveis dos séculos IV-I a.C., entre as quais cerâmica de tipo Kuass,<sup>10</sup> incluindo pratos de peixe, tacinhas e taças, assim como cerâmicas de pastas claras pintadas com bandas vermelhas e castanhas (cerâmica comum), cerâmica cinzenta fina e ânforas dos tipos Pellicer B/C e D, Carmona e Mañá C2.

A Vila Velha de Alvor foi escavada por Teresa Gamito entre 1986-1988. A cerâmica proveniente dos níveis de ocupação da II Idade do Ferro, ainda por estudar, inclui ânforas do tipo Pellicer B/C, grandes recipientes e cerâmica comum com pintura<sup>11</sup> (GAMITO, 1994b; 1997b).

O sítio de Monte Molião (Lagos) foi alvo de trabalhos arqueológicos dirigidos por Ana Arruda entre 2006-2009 e 2011. Este é o sítio arqueológico mais ocidental do Algarve onde se registou cerâmica púnico-turdetana, entre a qual cerâmica de tipo Kuass, representada principalmente por pratos de peixe e pequenas taças, assim como cerâmica comum, com tigelas potes/panelas, pratos, tampas, pequenas taças, grandes taças, almofarizes, alguidares, vasos e jarros. Também estão presentes unguentários e ânforas dos tipos Tiñosa, Carmona, Mañá-Pascual A4, Pellicer B/C e D, Castro Marim 1, Campamentos Numantinos e Mañá C2 (ARRUDA et al., 2011) (ARRUDA; SOUSA, 2012) (SOUSA; ARRUDA, 2014).

---

<sup>10</sup> Os autores referem-se a esta tipologia como cerâmica importada de verniz vermelho.

<sup>11</sup> Teresa Gamito identifica estas peças como “cerâmica pintada ibérica,” termo frequentemente usado pela autora para se referir à cerâmica comum púnico-turdetana com bandas pintadas.





Fig. 1 - Localização de Faro e dos outros sítios arqueológicos púnico-turdetanos na região do Algarve (Google Earth).

Para além dos sítios escavados, também tem sido encontrada cerâmica púnico-turdetana noutros locais do Algarve. Em S. Bartolomeu de Messines achou-se uma pequena taça de cerâmica de tipo Kuass (SOUSA, 2009, p. 101).<sup>12</sup> Na foz do rio Arade, em Portimão, foram recolhidos através de dragagens vários fragmentos de ânforas do tipo Mañá C2 e um do tipo Tiñosa (DIOGO; CARDOSO; REINER, 2000, p. 83). No Cerro do Cavaco, Tavira, encontrou-se um fragmento de Mañá C1 (ALMEIDA; ARRUDA, 2005, p. 1323). Na

---

<sup>12</sup> Na necrópole da II Idade do Ferro da Quinta da Queimada, freguesia de Odiáxere, Lagos, foi encontrada uma peça de “verniz vermelho” (CALADO; GOMES, 2006, p. 178) que tem semelhanças com recipientes de tipo Kuass da forma XVIII de A. M. Niveau (2004, p. 210).

freguesia de Odeleite, perto do Guadiana, foram encontrados vários fragmentos de ânforas de tradição púnica: uma do tipo Tiñosa no Cerro da Velha; uma Mañá-Pascual A4 no Moinho do Carvão; e duas Pellicer B/C no Moinho do Pinto (FREITAS; OLIVEIRA, 2007, p. 412-413).<sup>13</sup>

Apesar da maioria dos sítios arqueológicos algarvios da II Idade do Ferro terem sido alvo de escavações desde a década de oitenta, a maior parte da informação sobre o fenómeno púnico-turdetano no Algarve provém de estudos publicados nos últimos anos, existindo ainda bastante material escavado por estudar. O presente trabalho é um exemplo desta situação, pois lida com materiais exumados do sítio do Quintal da Judiciária há quase trinta anos atrás.

---

<sup>13</sup> O *Portal do Arqueólogo* regista ainda outros sítios arqueológicos no Algarve, não escavados, onde foram identificados artefactos da II Idade do Ferro (supostamente): um prato com bandas pintadas em Neves Pires (Faro); fragmentos de ânforas púnicas em Poço Novo (Portimão), Morgado da Lameira (Silves), Ilha de Tavira e em vários sítios da freguesia de Cachopo.

## 5. O sítio do Quintal da Judiciária

### 5.1. Localização

O sítio arqueológico designado como Quintal da Judiciária situa-se na área intramuralhas da cidade de Faro, conhecida como Vila Adentro ou Cidade Velha.

A Vila Adentro ergue-se sobre uma colina, com cerca de 9 metros de altura, parcialmente rodeada pela Ria Formosa, que teria constituído uma ilha ou península durante a Antiguidade, beneficiando de uma posição defensiva, que permitia igualmente um acesso fácil aos abundantes recursos económicos da ria e dos terrenos férteis da campina (GAMITO, 1997a, p. 343, 347).

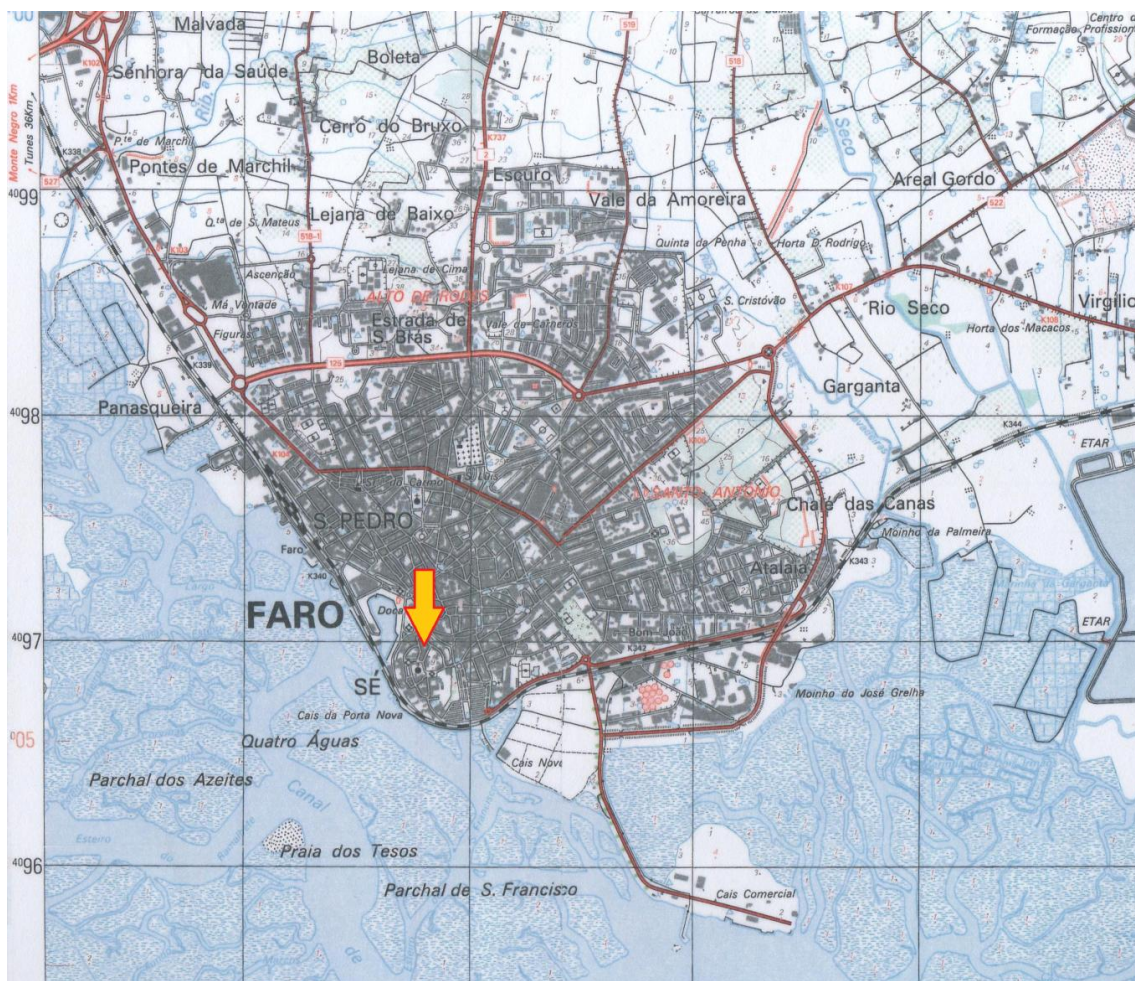


Fig. 2 - Localização do sítio do Quintal da Judiciária na Carta Militar de Portugal (1:25 000, folha 611).

Esta zona da cidade corresponde à localização da antiga *Ossonoba* romana, como o atestam os abundantes vestígios arqueológicos aqui descobertos, entre os quais as ruínas do *forum* sob o actual Largo da Sé (GAMITO, 1997a, p. 348). A presença de material cerâmico da Idade do Ferro indica que este espaço já era habitado antes da conquista romana, sendo possível remontar a ocupação humana na área da Vila-Adentro até ao século IV a.C. (BARROS, 2005, p. 935).<sup>14</sup>

A zona do Quintal da Judiária encontrar-se-ia numa área periférica de *Ossonoba*, perto da base da colina, do lado norte.

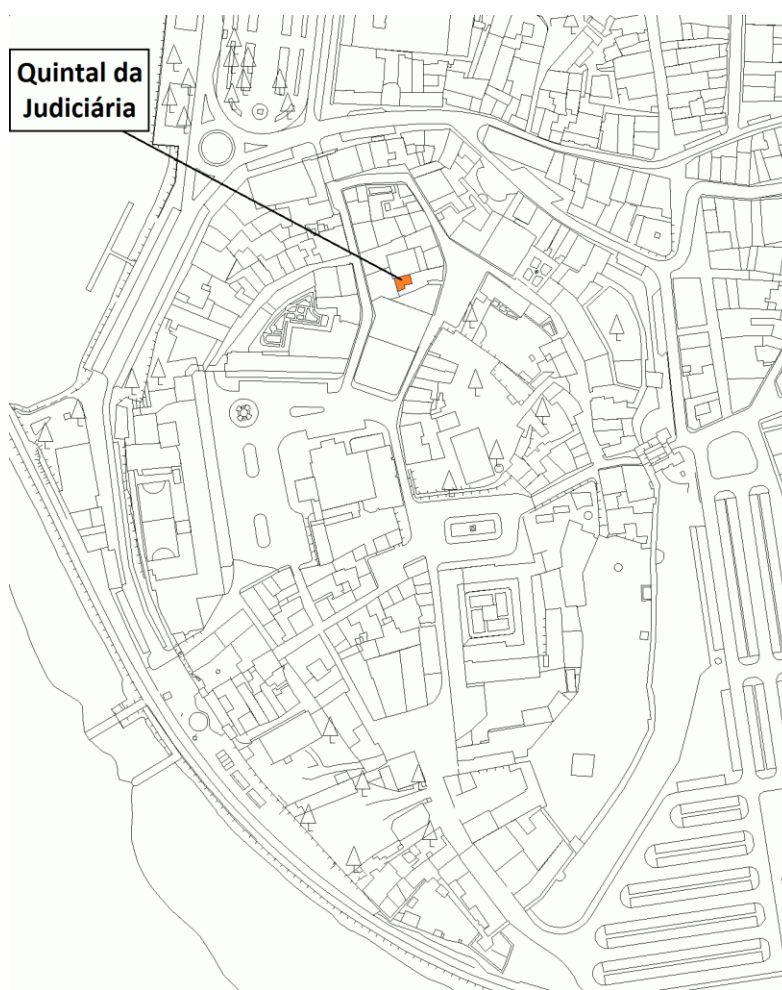


Fig. 3 - Localização do sítio do Quintal da Judiária na zona da Vila Adentro  
(Mapas de Faro - <http://mapas.cm-faro.pt>).

<sup>14</sup> O autor do presente estudo identificou peças cerâmicas da I Idade do Ferro (séculos VIII-V a.C.) entre o material escavado no sítio do Quintal da Judiária.

Este sítio arqueológico está situado no interior do edifício da sede da Polícia Judiciária em Faro, entre a Rua do Município e a Rua Rasquinho. As coordenadas são: 37°0'51.00" latitude N; 7°56'04.04" longitude W.<sup>15</sup>



Fig. 4 - Localização do sítio do Quintal da Judiciária na zona da Vila Adentro (Google Earth).

## 5.2. A escavação

Em 1987, após adquirir o edifício da sede da antiga Acção Católica, a Delegação da Polícia Judiciária de Faro efectuou obras na área do quintal, pondo à vista estruturas antigas e outros vestígios arqueológicos, o que tornou necessário a realização de escavações de emergência (GAMITO, 2007, p. 60).

---

<sup>15</sup> Coordenadas do Google Earth.



Fig. 5 - A área escavada no Quintal da Judiária  
(Fotografia de Teresa Gamito).

Os trabalhos arqueológicos foram dirigidos por Teresa Júdice Gamito da Universidade do Algarve, entre Fevereiro e Setembro de 1987 (GAMITO, 1994a, p. 115). A área da escavação, em forma de trapézio (cerca de 12 m x 12 m), foi dividida em seis sectores, identificados como A, B, C, D, E e F (ver fig. 6, p. 22).<sup>16</sup>

Os níveis de ocupação humana escavados foram organizados em dez camadas estratigráficas, algumas das quais foram divididas em “sub-camadas” (ver fig. 7, p. 23). Os vestígios arqueológicos nelas registados enquadram-se num período de cerca de dois milénios, entre a Idade do Ferro e a Idade Moderna.

---

<sup>16</sup> Os seis sectores foram organizados em áreas mais pequenas, no entanto, os desenhos do sítio deixados por Teresa Gamito não indicam a localização ou os limites da maioria destas subdivisões, sendo impossível localizá-las na planta do sítio. Por esta razão as subdivisões dos sectores não foram tidas em conta neste estudo.

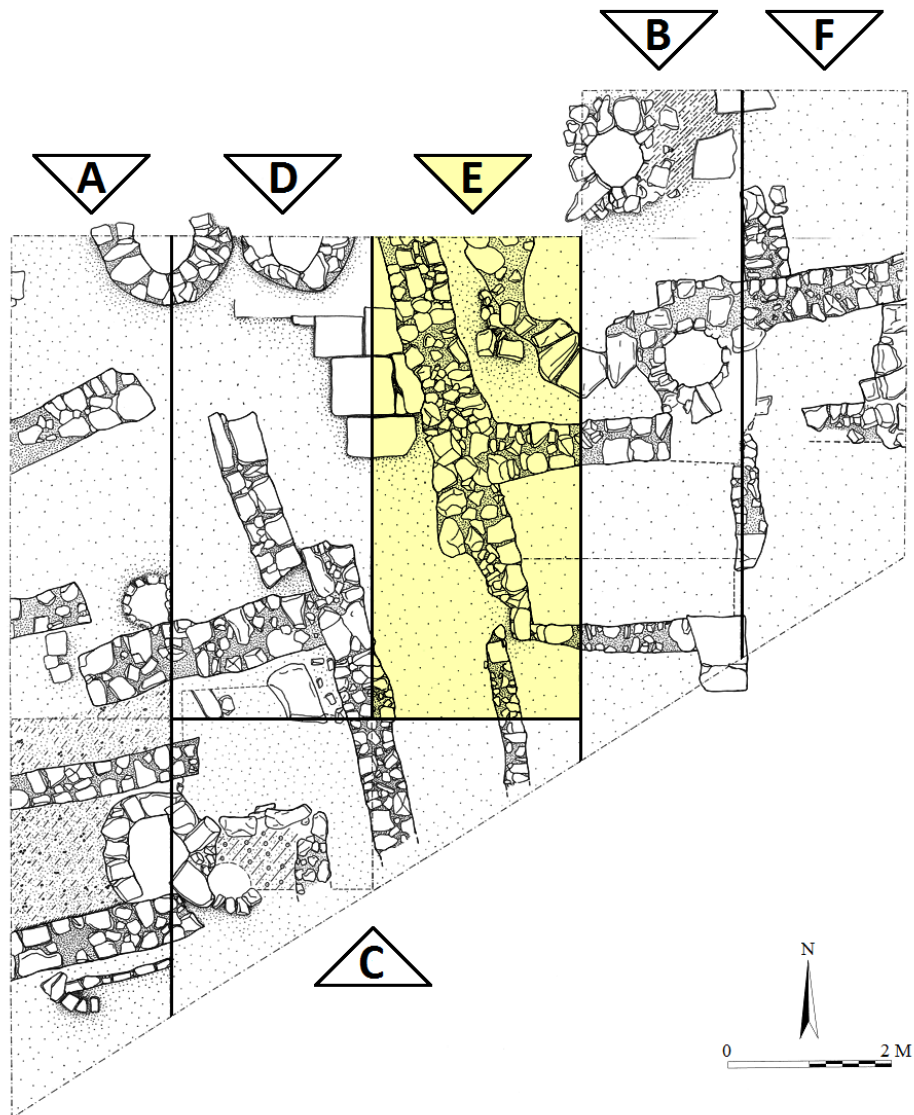


Fig. 6 - Planta da área escavada, com o sector E em destaque.<sup>17</sup>

Nos três primeiros níveis estratigráficos escavados foram encontrados materiais de períodos históricos da nossa era, entre a época romana imperial e a Idade Moderna, os quais se encontravam misturados, sem ordem cronológica, possivelmente devido ao revolvimento do terreno resultante de vários séculos de construções.

<sup>17</sup> Desenho da planta feito por Célia Gonçalves. Os limites dos sectores foram feitos pelo autor com base nos desenhos de Teresa Gamito.

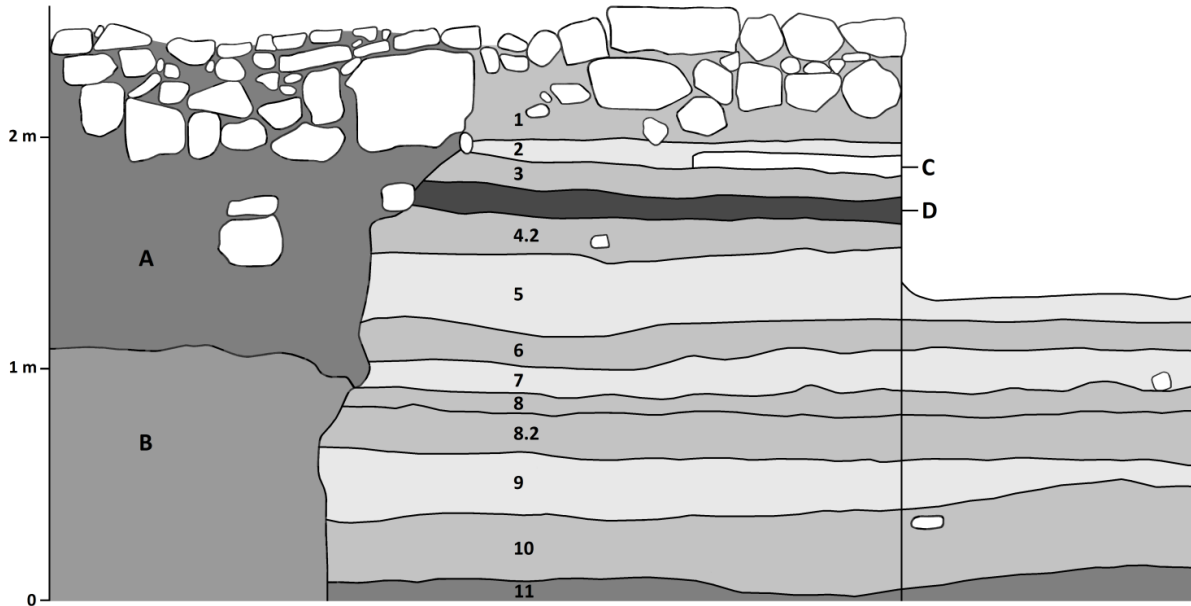


Fig. 7 - Estratigrafia do sector E (A- zona de derrube de época islâmica; B- zona com malacofauna e cerâmica; C- lajeado de época islâmica; D- pavimento de *opus signinum*; 11- nível freático).<sup>18</sup>

Nestes estratos mais superficiais foram exumados fragmentos de cerâmica chinesa e majólica dos séculos XIV-XVI, misturados com abundante material cerâmico do período islâmico, assim como *terra sigillata* e cerâmica clara africana, séculos I-V d.C. (GAMITO, 2007, p. 61-63).

Estes níveis de ocupação também estão associados à construção de várias estruturas, incluindo poços e silos, cujo processo de abertura trouxe para estas camadas superficiais alguma cerâmica da época romano-republicana e da Idade do Ferro, incluindo um fragmento de cerâmica ática<sup>19</sup> e várias peças identificadas com tipologias da I Idade do Ferro (séculos VIII-V a.C.).

Abaixo das três primeiras camadas registaram-se vários níveis estratigráficos do período romano-republicano. No entanto, na maioria dos sectores escavados, estes níveis revelaram grande quantidade de material intrusivo, principalmente do período romano-imperial e

<sup>18</sup> O desenho da estratigrafia foi elaborado com base nos desenhos e apontamentos de Teresa Gamito. A autora dividiu o nível estratigráfico 6 em dois sub-níveis (6 e 6.2), mas não indicou o limite entre os dois nos seus desenhos.

<sup>19</sup> Esta é a única peça de cerâmica ática encontrada no Quintal da Judiária, a qual foi previamente estudada por Pedro Barros (2005, p. 934-936).



islâmico. Em parte por este motivo, os trabalhos de escavação não foram além dos níveis de meados do século I a.C., com excepção do sector E.

No sector E, localizado ao centro da área escavada, encontrou-se um lajeado de época islâmica ou visigótica. Teresa Gamito, acreditando que a estratigrafia estaria melhor preservada sob o dito lajeado, decidiu escavar aqui em maior profundidade, pondo a descoberto níveis romano-republicanos que registavam um reduzido número de intrusões de épocas tardias (GAMITO, 1994a, p. 116) (GAMITO, 2007, p. 64).<sup>20</sup>

No sector E foi possível escavar todos os níveis de ocupação correspondentes aos dois primeiros séculos do domínio romano (camadas 4-9) e ainda do final da Idade do Ferro (camada 10), tendo sido extraído abundante material romano-republicano, como cerâmica campaniense, paredes finas e ânforas Dressel 1, assim como cerâmica de tradição púnico-turdetana, enquadrável nos séculos III-I a.C.

Os trabalhos arqueológicos foram terminados após ter sido atingido o nível freático, motivo pelo qual não foram escavadas todas as camadas de ocupação humana (GAMITO, 1994a, p. 115).<sup>21</sup>

---

<sup>20</sup> É da opinião do autor que a preservação da estratigrafia neste sector se deve a um pavimento de *opus signinum*, do princípio da época imperial, localizado entre os níveis estratigráficos 3 e 4 (ver fig. 7), pois só abaixo deste pavimento é que a estratigrafia se encontra preservada.

<sup>21</sup> A presença da já mencionada cerâmica ática e da I Idade do Ferro em camadas superficiais atesta a existência de níveis de ocupação mais antigos do que aqueles que foram escavados.

## 6. Datações por radiocarbono

Com o objectivo de determinar a cronologia da camada de ocupação mais antiga acima do nível freático, o nível estratigráfico 10 do sector E, foram seleccionados fragmentos de ossos, conchas e carvões para serem submetidos a datação por radiocarbono (GAMITO, 1987, p. 63). As amostras foram enviadas para o Instituto de Ciências e Energia Nuclear (ICEN), tendo sido obtidas as três seguintes datações:

Referência de laboratório	Tipo de amostra	Data <sup>14</sup> C BP
ICEN-155	carvão	2530 ± 130 BP
ICEN-156	ossos de animais	2230 ± 40 BP
ICEN-157	conchas de bivalve ( <i>Ruditapes decussatus</i> )	2640 ± 50 BP

Fig. 8 - Datações por radiocarbono (GAMITO, 1991, p. 300) (SOARES, 2005, p. 128).

As datações foram calibradas para o presente estudo com o *software Calib Rev 7.0.4*,<sup>22</sup> de M. Stuiver, P. J. Reimer e R. Reimer, com as curvas de calibração *IntCal13* e *Marine13*.<sup>23</sup>

ICEN-155

Data calibrada:

σ1: 804-507 cal BC (96,8785%); 501-490 cal BC (3,1215%)

σ2: 969-962 cal BC (0,1825%); 933-368 cal BC (99,8175%)

ICEN-156

Data calibrada:

σ1: 369-350 cal BC (16,3329%); 304-210 cal BC (83,6671%)

σ2: 387-202 cal BC (100%)

<sup>22</sup> website: <http://calib.qub.ac.uk/calib/>

<sup>23</sup> As calibrações originalmente publicadas em 1991 são menos precisas (ICEN-155: 1015-390 cal a.C.; ICEN-156: 410-160 cal a.C.; ICEN-157: 406-337 cal a.C.), motivo pelo qual se fez uso do *Calib Rev*, um *software* frequentemente usado por A. M. Soares (ICEN) nos seus trabalhos mais recentes.

## ICEN-157

Data calibrada com correção para o efeito de reservatório oceânico:  $\Delta R 70 \pm 50$   
(SOARES, 2005, p. 128):

$\sigma 1$ : 370-202 cal BC (100%)

$\sigma 2$ : 470-97 cal BC (100%)

Como é possível constatar, existe uma discrepância significativa entre a primeira datação e as outras duas.

A segunda e terceira datações, ICEN-156 e ICEN-157, apontam ambas para os séculos IV-III a.C., o período designado como II Idade do Ferro.

Os materiais cerâmicos recolhidos no nível estratigráfico 10 correspondem a formas púnico-turdetas que se inserem neste período, mais precisamente no século III a.C., imediatamente antes da chegada dos romanos, cuja presença está atestada a partir do nível estratigráfico 9.

Por outro lado, a primeira datação, ICEN-155, apresenta uma cronologia mais recuada, 804-507 cal a.C. (96,8785%), enquadrável na I Idade do Ferro.

A amostra utilizada para esta datação, um fragmento de carvão, é provavelmente um caso de “old wood”, com origem numa época mais recuada do que a camada na qual foi recolhida.

É possível que o carvão datado seja contemporâneo dos fragmentos descontextualizados de cerâmica ática (séc. V-IV a.C.<sup>24</sup>) ou cerâmica do período orientalizante (séc. VIII-VI a.C.) encontrados nos níveis superficiais, os quais seriam provenientes de camadas de ocupação mais antigas que o estrato 10, abaixo do nível freático, que não chegaram a ser escavadas.

---

<sup>24</sup> Cronologia para as cerâmicas áticas no sul de Portugal, as quais já estavam presentes na Andaluzia desde o século VI a.C. (ARRUDA, 1997, p. 50, 96-97).

## 7. A metodologia de trabalho

O material cerâmico recolhido no sítio do Quintal da Judiária encontra-se depositado no edifício da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve e no Museu Arqueológico e Lapidar Infante D. Henrique.

A cerâmica que se encontra na universidade corresponde principalmente a fragmentos de bordos, fundos, asas, bojos com pintura ou verniz e outros que permitem identificar a forma ou categoria da peça. Por outro lado, no museu estão os fragmentos amorfos de bojo, que constituem a grande maioria da cerâmica escavada.<sup>25</sup>

O material cerâmico que se encontra na universidade já havia sido previamente ensacado e marcado com a referência à sua origem, antes da realização do presente trabalho. A cerâmica está guardada em caixotes classificados como Ferro/Romano, Islâmico, Medieval e Moderno.

Para este trabalho foram analisados 14518 fragmentos cerâmicos, que incluem a totalidade da cerâmica recolhida nos níveis da Idade do Ferro e romano-republicanos do sector E,<sup>26</sup> mais o material dos níveis superficiais deste e dos outros sectores que havia sido previamente separado e classificado como Ferro/Romano.

Não foram analisados os materiais dos caixotes classificados como Islâmico, Medieval e Moderno, nem os materiais do museu provenientes dos sectores A, B, C, D, F e das camadas superficiais do sector E.

A análise do material cerâmico teve lugar no Laboratório de Arqueologia da Universidade do Algarve e no Museu Arqueológico e Lapidar Infante D. Henrique. Os fragmentos cerâmicos foram analisados macroscopicamente e ocasionalmente com lupa para identificar os elementos não plásticos.

Todas as peças cerâmicas analisadas foram identificadas com um número de inventário, classificadas de acordo com a sua referência, tradição cultural e categoria, a forma, o tipo de fragmento, o diâmetro do bordo ou fundo, o fabrico e o acabamento ou decoração.

---

<sup>25</sup> Uma das poucas exceções é o material cerâmico recolhido sob as águas do nível freático, que se encontra na sua totalidade no Museu.

<sup>26</sup> Apesar do tema deste trabalho incidir sobre a cerâmica de tradição púnico-turdetana, também se procedeu a uma análise (menos minuciosa) da cerâmica romana, de forma a ajudar a datar os níveis estratigráficos.

Os fabricos foram identificados segundo a cor, o tipo de argila (calcária ou não calcária), o modo de cozedura, a dureza, a quantidade e tipo de elementos não plásticos e o engobe, caso estivesse presente. Para determinar a cor das pastas e dos engobes foi usado o Munsell Soil Color Charts (1988).

De forma a identificar as tipologias e categorias cerâmicas foram usadas várias obras de referência: para as cerâmicas comuns púnico-turdetas, incluindo as de produção manual, foram usadas os catálogos de António Manuel Sáez (2005) e Eduardo Ferrer e Francisco José García (2008); para a cerâmica de tipo Kuass a obra de Ana María Niveau (2003); para a identificação das ânforas púnicas a obra de Joan Torres (1995), entre outras (PELLICER, 1978) (SÁEZ, 2008b) (ARRUDA et al., 2006); para os unguentários o catálogo de Ángel Muñoz (1987a); para identificar as cerâmicas cinzentas finas as obras de A. M. Hernández (1993) e de A. M. Arruda, V. Freitas e J. Vallejo (2000); para os instrumentos de tecelagem as obras de Zaida Castro (1980 e 1985); para identificar as cerâmicas comuns romanas foi consultado o catálogo de Mercedes Vegas (1973) e a obra de Gloria Olcese sobre as produções do Lácio (2006); para as cerâmicas campanienses e as suas imitações foi usado o catálogo de Nino Lamboglia (1952); para identificar as cerâmicas de paredes finas a obra de Françoise Mayet (1975); e para as ânforas romanas foram consultadas várias obras (GARCÍA; BERNAL, 2008) (ARRUDA et al., 2006) (ARRUDA; SOUSA, 2012).

O número mínimo de indivíduos foi calculado por unidade estratigráfica, com base no fabrico e morfologia do fragmento cerâmico.

Os fragmentos de bordo ou fundo foram desenhados sempre que o seu tamanho fosse considerado apropriado para um desenho de perfil. Desta forma, cerca de quase metade dos fragmentos identificados como cerâmica púnico-turdetana foram desenhados (total de 629).

## 8. A cerâmica na área escavada

### 8.1. O sector E

Da grande quantidade de cerâmica de época romana e Idade do Ferro escavada no Quintal da Judiária cerca de metade provém do sector E,<sup>27</sup> de onde foram recolhidos mais de quinze mil fragmentos.

Para o presente estudo o sector E é de grande importância, pois a grande maioria da cerâmica púnico-turdetana registada neste sítio arqueológico foi aqui recolhida. Do total de 1493 fragmentos cerâmicos identificados com tipologias púnico-turdetanas, 1250 provém do sector E.

Este espaço conta com um total de dez níveis de ocupação,<sup>28</sup> com alguns divididos em sub-níveis, mais o nível freático.<sup>29</sup> No total este sector conta com dezasseis unidades estratigráficas, identificadas como E-11 (nível freático), E-10, E-9, E-8.2, E-8, E-7, E-6.2, E-6, E-5, E-4.2, E-3.3, E-3, E-2.3, E-2.2, E-2 e E-1. As camadas pertencentes à II Idade do Ferro e período romano-republicano correspondem às dez primeiras unidades, E-11 a E-4.2, nas quais se contabilizou um total de 1220 fragmentos de cerâmica de tradição púnico-turdetana. As restantes camadas de ocupação, E-3.3 a E-1, que correspondem ao período da época romano-imperial até à Idade Moderna, registaram apenas 30 fragmentos de cerâmica com formas púnico-turdetanas (descontextualizadas).

A divisão entre os níveis estratigráficos do período republicano e imperial é feita por um pavimento de *opus signinum*, provavelmente dos séculos I a.C.-I d.C., que protegeu as camadas inferiores de intrusões tardias.

A transição entre o período republicano e imperial pode ser observada nas cerâmicas recolhidas nas unidades estratigráficas E-4.2 e E-3.3. Na E-4.2 registaram-se 86 fragmentos de cerâmica de tradição púnico-turdetana e 75 fragmentos de formas cerâmicas romanas, 2

---

<sup>27</sup> Ver fig. 6, p. 22.

<sup>28</sup> Ver fig. 7, p. 23.

<sup>29</sup> Apesar da escavação ter terminado no nível freático, foram recolhidas algumas peças cerâmicas sob as águas.

das quais *terra sigillata*; na unidade E-3.3 registaram-se apenas 9 peças com formas turdetanas, mas 146 peças romanas, entre as quais 54 de *terra sigillata*.<sup>30</sup>

A pequena quantidade de fragmentos cerâmicos púnico-turdetanos recolhidos nos níveis estratigráficos mais superficiais do sector E reflete o baixo número registado nos restantes sectores de escavação, cujos níveis estratigráficos são igualmente superficiais.

A cerâmica de tradição turdetana encontrada nos sectores A, B, C, D e F, assim como nas camadas do sector E acima do *opus signinum*, está descontextualizada. As várias construções levadas a cabo no sítio do Quintal da Judiciária durante os períodos romano-imperial, islâmico, medieval e moderno, incluindo a abertura de poços e silos, revolveram a terra trazendo para a superfície fragmentos cerâmicos de épocas anteriores.

Assim, para este trabalho, considerou-se que as unidades estratigráficas E-11 a E-4.2 são as únicas nas quais a cerâmica púnico-turdetana foi recolhida no seu contexto estratigráfico, sendo as únicas unidades que merecem ser analisadas em detalhe.

### **8.1.1. Unidade estratigráfica E-11**

A unidade estratigráfica E-11, identificada por Teresa Gamito como Ea-11, é a mais profunda no sector E, correspondendo ao nível freático onde a escavação parou.

Apesar disso foram recolhidos alguns fragmentos cerâmicos sob a água, 29 no total. O número mínimo de indivíduos foi contabilizado como 18, seis dos quais foi possível identificar a forma.

Dois dos indivíduos são tigelas hemisféricas de cerâmica comum púnico-turdetana. Um outro indivíduo corresponde a um fundo, talvez de tigela. Os outros três parecem corresponder a potes ou outras formas fechadas. Tigelas e potes/panelas são as formas mais abundantes de cerâmica comum no Algarve na II Idade do Ferro (SOUSA; ARRUDA, 2010, p. 963, 965).

Apesar da pequena quantidade de material cerâmico extraído do nível E-11, é seguro afirmar que esta unidade estratigráfica deve corresponder a uma camada de ocupação formada no final da Idade do Ferro, séculos IV-III a.C.

---

<sup>30</sup> Incluindo as imitações de cerâmica clara africana.

### 8.1.2. Unidade estratigráfica E-10

A unidade estratigráfica E-10, identificada por Teresa Gamito como Ea-10, é a segunda mais profunda, apresentando uma terra lodosa, devido à proximidade ao nível freático, assim como muitas conchas, ossos e carvões, que foram usados para as datações por radiocarbono.

Deste nível estratigráfico foram escavados 1033 fragmentos cerâmicos (77 NMI<sup>31</sup>). Entre estes está um fragmento de época romana, de paredes finas, certamente intrusivo.

As formas púnico-turdetas correspondem à grande maioria do material cerâmico cuja categoria foi possível identificar, com um total de 137 fragmentos (76 NMI). Entre estes registaram-se 112 fragmentos de cerâmica comum (56 NMI), 12 de cerâmica manual (10 NMI), 1 de cerâmica cinzenta fina, 1 de tipo Kuass, 10 fragmentos de ânforas (7 NMI) e um cossoiro.

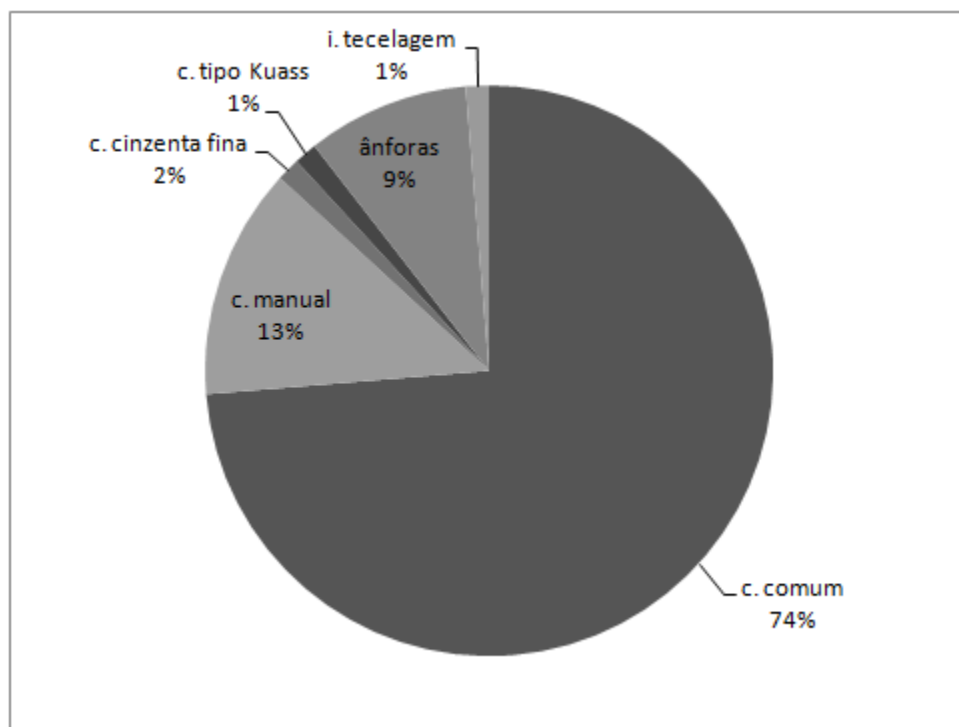


Fig. 9 - Distribuição por categorias das cerâmicas púnico-turdetas da u.e. E-10 (NMI).

<sup>31</sup> Número mínimo de indivíduos.



A cerâmica comum está representada em grande quantidade por tigelas hemisféricas e potes/panelas. Em menor número aparecem pratos, pequenas taças, dois almofarizes do tipo 3.1 de Sáez (2005) (p. 162, fig. 99, nº 425, 426) e quatro formas abertas de tipologia não identificada. Também se registou um fragmento de bojo com um grafito em escrita pré-latina (p. 168, fig. 105, nº 510).

As peças de cerâmica manual correspondem apenas a tigelas e potes/panelas. O único fragmento de cerâmica cinzenta fina é uma forma aberta, e a única do tipo Kuass é uma pequena taça da forma IX de Niveau (2003).

As ânforas correspondem às formas Pellicer B/C e D, Carmona, Tiñosa e Mañá-Pascual A4.

O facto do material cerâmico apresentar apenas formas púnico-turdetas sugere que a unidade estratigráfica E-10 (tal como a E-11) corresponde a uma camada de ocupação anterior à conquista romana. As tipologias cerâmicas registadas, em particular os almofarizes, permitem enquadrar este nível estratigráfico no século III a.C. (SÁEZ, 2005, p. 152).

### **8.1.3. Unidade estratigráfica E-9**

A unidade estratigráfica E-9, identificada por Teresa Gamito como Ea-9, é a terceira mais profunda, apresentando uma terra amarelada barrenta ou lodosa.

Do nível E-9 foram escavados um total de 805 fragmentos cerâmicos (67 NMI), dos quais 73 foram identificados com formas púnico-turdetas e 43 com formas romanas. Aqui, ao contrário da camada anterior, a cerâmica romana faz claramente parte do contexto estratigráfico. Também foi registado um fragmento intrusivo de cerâmica do período islâmico.

Os 73 fragmentos de cerâmica púnico-turdetas (45 NMI) correspondem na sua maioria a cerâmica comum, 61 fragmentos (35 NMI), representada principalmente por tigelas e potes/panelas e uma pequena taça. Também se regista um fragmento de um pote/panela de cerâmica manual e 4 fragmentos de tipo Kuass (3 NMI) correspondentes a um prato (forma II), uma pequena taça (forma IX) (NIVEAU, 2003, p. 47, 72) e uma forma aberta. Identificaram-se igualmente 7 fragmentos de ânforas (6 NMI), identificados com os tipos Castro Marim 1, Pellicer B/C e Campamentos Numantinos.

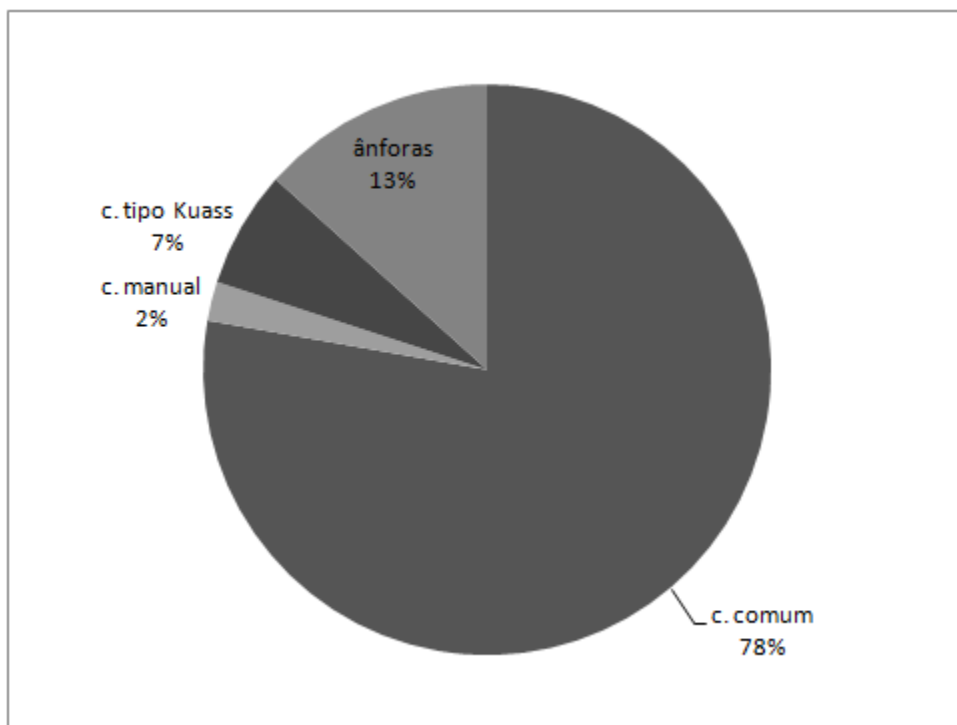


Fig. 10 - Distribuição por categorias das cerâmicas púnico-turdetanas da u.e. E-9 (NMI).

Entre os 43 fragmentos de cerâmica romana (16 NMI) encontram-se 28 de cerâmica campaniense (5 NMI), quase todos do fabrico A, entre os quais dois pratos Lamboglia 5 e uma tigela Lamboglia 25 (1952). Também estão presentes 9 fragmentos de cerâmica comum (6 NMI) incluindo um prato, mais 5 fragmentos de ânforas (4 NMI) incluindo duas do tipo Dressel 1 e ainda um fragmento de opérculo.<sup>32</sup>

Também estão presentes 5 fragmentos de *kalathoi* iberos (2 NMI), que fazem parte da tradição pré-romana da cerâmica ibera pintada. Este tipo de cerâmica, que não é púnico-turdetana, só aparece no Algarve em época romano-republicana (SOUSA; ARRUDA, 2014, p. 75).

<sup>32</sup> Apesar de já terem sido descobertos opérculos cerâmicos associadas a ânforas púnicas (para além das itálicas), estes parecem não ter existido na área do Círculo do Estreito antes do século II a.C. (BERNAL; SÁEZ, 2008). Por esse motivo os opérculos foram identificados neste estudo como cerâmica romana.

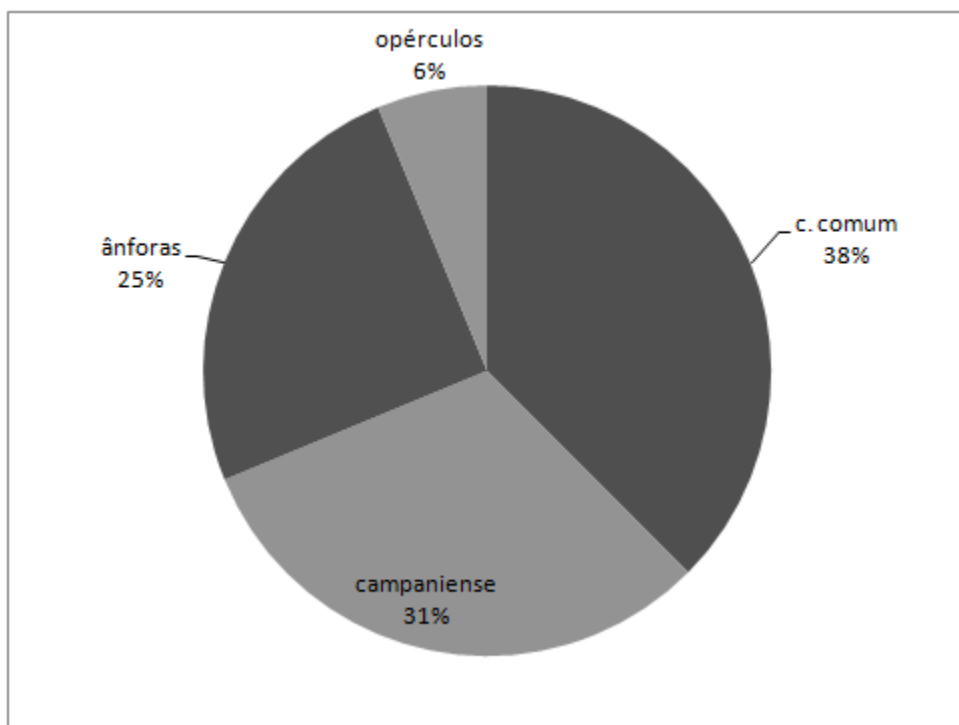


Fig. 11 - Distribuição por categorias das cerâmicas romanas da u.e. E-9 (NMI).

A presença de abundante cerâmica de tipologias itálicas indica que a unidade estratigráfica E-9 corresponde a uma época posterior à conquista romana de *Ossonoba*. O grande número de fragmentos de cerâmica campaniense A e o reduzido número de fragmentos de campaniense B parece apontar para a primeira metade ou meados do século II a.C. (PRINCIPAL; RIBERA, 2013, p. 67-68, 113-115). A presença de ânforas Dressel 1, também parece sugerir esta época (GARCÍA; BERNAL, 2008, p. 664).

#### 8.1.4. Unidade estratigráfica E-8.2

A unidade estratigráfica E-8.2, chamada Ea-8.2 por Teresa Gamito, é a quarta mais profunda e um sub-nível da camada 8. A sua terra é arenosa e avermelhada, com carvões e conchas, estando separada da u.e. E-9 por um pavimento de barro.

Deste nível obtiveram-se 1233 fragmentos cerâmicos (90 NMI), 133 dos quais correspondem a formas púnico-turdetas (57 NMI) e 67 a formas romanas (29 NMI).

Das cerâmicas turdetanas destaca-se a comum, com 115 fragmentos (46 NMI), dominada por tigelas e panelas, mais dois alguidares e dois pratos. Contabilizaram-se também 11 fragmentos de cerâmica de tipo Kuass (6 NMI), entre os quais 1 prato (forma II

de Niveau (2003)), e ainda 1 pote/panela de cerâmica manual, 1 forma indeterminada de cerâmica cinzenta fina e 5 fragmentos de ânforas (3 NMI) dos tipos Tiñosa, Castro Marim 1 e Mañá C2.

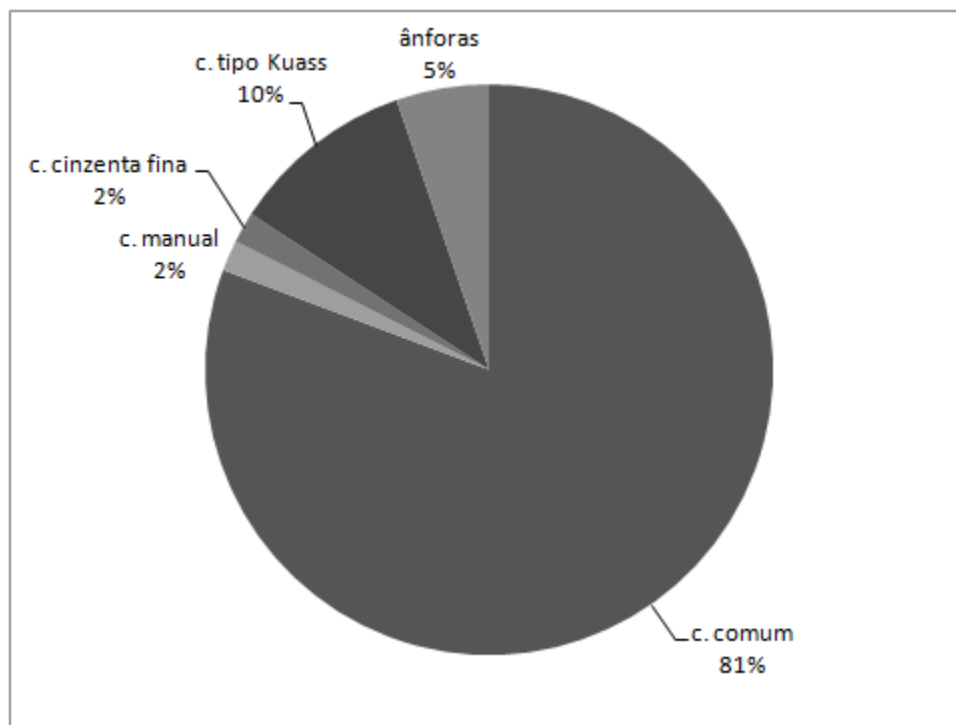


Fig. 12 - Distribuição por categorias das cerâmicas púnico-turdetas da u.e. E-8.2 (NMI).

De entre as cerâmicas de tipologia romana destacam-se as de paredes finas, com 15 fragmentos (6 NMI) e as campanienses, com 29 fragmentos (7 NMI), incluindo vários pratos da forma Lamboglia 5 e um da forma 23 (1952). Nesta unidade estratigráfica o fabrico B<sup>33</sup> é tão frequente como o A.

Registam-se ainda 4 fragmentos de cerâmica comum (4 NMI): duas panelas, um prato e uma tampa e um alguidar. Também um fragmento de cerâmica de engobe vermelho pompeiano, 5 fragmentos de opérculos (4 NMI) e 12 de ânforas (6 NMI), com três exemplares de Dressel 1.

<sup>33</sup> Neste trabalho não foi feita distinção entre as produções de verniz negro da Etrúria (a verdadeira campaniense B) e as produções da Campânia (a chamada B-óide).

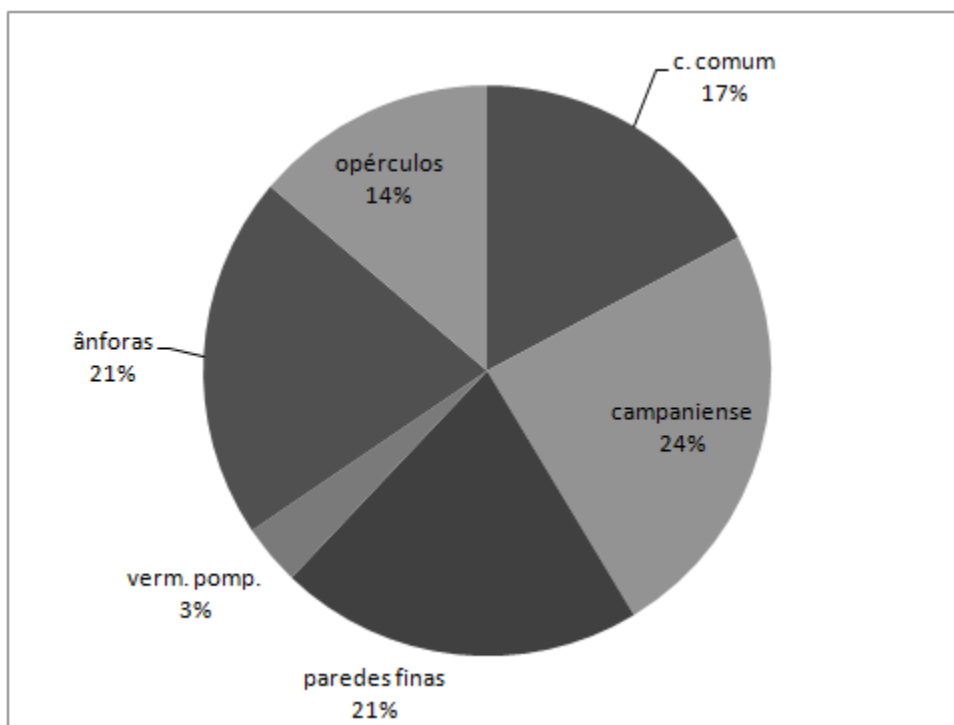


Fig. 13 - Distribuição por categorias das cerâmicas romanas da u.e. E-8.2 (NMI).

As primeiras cerâmicas de paredes finas, produzidas em Itália, só chegam à Península Ibérica na segunda metade do século II a.C. (MAYET, 1980, p. 203-204). O aumento de campaniense B, em relação à u.e. E-9, também parece sugerir este período (PRINCIPAL; RIBERA, 2013, p. 67-68).

#### 8.1.5. Unidade estratigráfica E-8

A unidade estratigráfica E-8, Ea-8 de Teresa Gamito, é a quinta mais profunda, correspondendo a um sub-nível da mesma camada da u.e. E-8.2., apresentando um solo avermelhado arenoso com arenito.

Aqui recuperaram-se 1072 fragmentos de cerâmica (121 NMI). As formas púnico-turdetas são representadas por 127 peças (71 NMI) e as romanas por 82 (48 NMI).

As formas turdetanas correspondem na sua maioria a cerâmica comum, 105 fragmentos (58 NMI): tigelas, potes/panelas e dois alguidares; assim como um pote/panela de cerâmica manual. Registaram-se ainda 5 fragmentos de Kuass (2 NMI), entre os quais dois pratos (forma II de Niveau (2003)), e também um fragmento de unguentário, um peso de tear e 13

fragmentos de ânforas (7 NMI), dos tipos Castro Marim 1, Mañá C2, Mañá-Pascual A4 e exemplar de tipologia indeterminada.

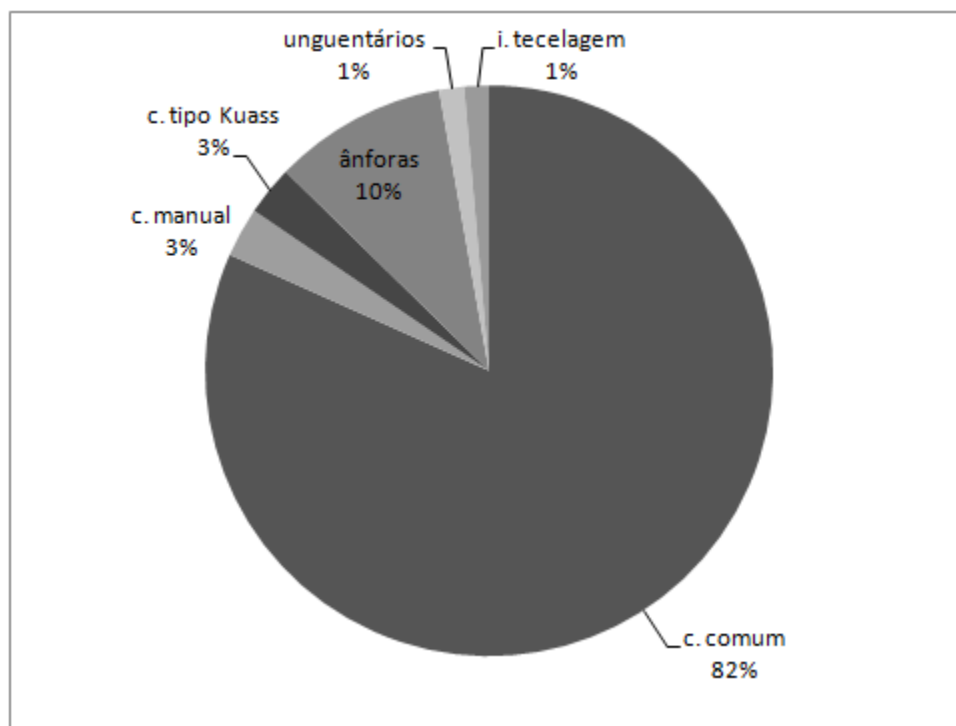


Fig. 14 - Distribuição por categorias das cerâmicas púnico-turdetanas da u.e. E-8 (NMI).

Entre as formas romanas destacam-se as cerâmicas comuns, 26 fragmentos (20 NMI), com várias panelas e pratos, mais uma terrina, um alguidar, um almofariz, uma tampa e uma bilha.

A cerâmica campaniense continua bem representada com 20 fragmentos (5 NMI), entre os quais estão pratos dos tipos 5/7<sup>34</sup> e 6 de Lamboglia, uma taça do tipo 1 e dois copos dos tipos 2 e 3. Também está presente uma imitação de campaniense, forma 5 de Lamboglia (1952).

Registam-se ainda 15 fragmentos de paredes finas (7 NMI), 3 fragmentos de cerâmica de engobe vermelho pompeiano (2 NMI) e um fragmento de *terra sigillata* oriental A.

Contabilizaram-se também 6 fragmentos de opérculos (5 NMI) e 10 fragmentos de ânforas (NMI 7), com três identificadas como Dressel 1.

<sup>34</sup> Um destes pratos apresenta um grafito: LRL.

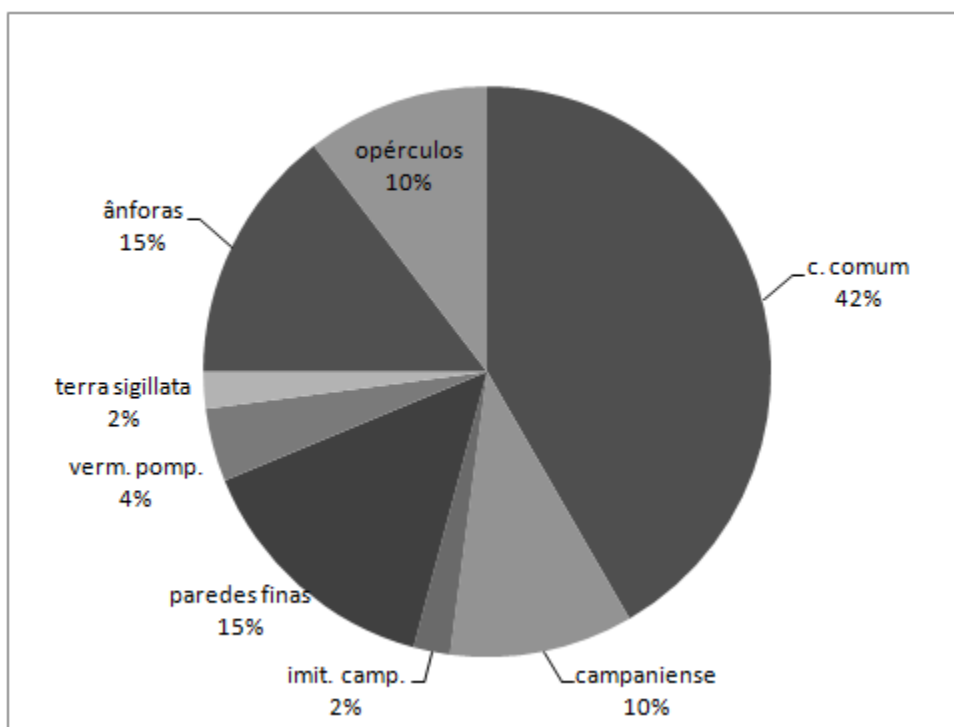


Fig. 15 - Distribuição por categorias das cerâmicas romanas da u.e. E-8 (NMI).

A *sigillata* oriental A<sup>35</sup> aqui registada é uma produção helenística, produzida no Mediterrâneo Oriental a partir de meados do século II a.C. (HAYES, 1994, p. 108-109). Os restantes materiais cerâmicos sugerem uma cronologia semelhante à da unidade estratigráfica anterior, segunda metade do século II a.C.

#### 8.1.6. Unidade estratigráfica E-7

A unidade estratigráfica E-7, identificada como Ea-7 por Teresa Gamito, é a sexta mais profunda, apresentando sedimentos arenosos semelhante ao nível anterior.

E-7 é de longe a unidade estratigráfica da qual se extraiu a maior quantidade de fragmentos cerâmicos, um total de 4262, de onde se contabilizou um número mínimo de indivíduos de 324. A cerâmica púnico-turdetana está representada por 333 fragmentos (159 NMI), enquanto a romana regista 379 (163 NMI). Também foi identificado um fragmento intrusivo de cerâmica islâmica.

<sup>35</sup> Um fragmento deste tipo de cerâmica foi previamente identificado em Faro por Catarina Viegas, pertencente a um prato da forma 3 de Hayes (VIEGAS, 2008, p. 218).

A cerâmica turdetana está representada maioritariamente pela cerâmica comum, com 290 fragmentos (132 NMI), principalmente tigelas e potes/panelas, assim como alguidares, pratos e pequenas taças. Também estão presentes 3 fragmentos de cerâmica manual (3 NMI), dois identificados como potes/panelas, e ainda uma tigela de cerâmica cinzenta fina.

A cerâmica de tipo Kuass regista 14 fragmentos (7 NMI), com pratos (formas II e V de Niveau), uma taça (forma VIII), uma tigela (forma IX) (NIVEAU, 2003) e uma outra forma aberta. O material anfórico, com 20 fragmentos (11 NMI), aparece sob as formas Castro Marim 1 e Mañá C2.

Registou-se ainda um unguentário de produção gaditana, tipo C2 de Muñoz, e quatro pesos de tear.

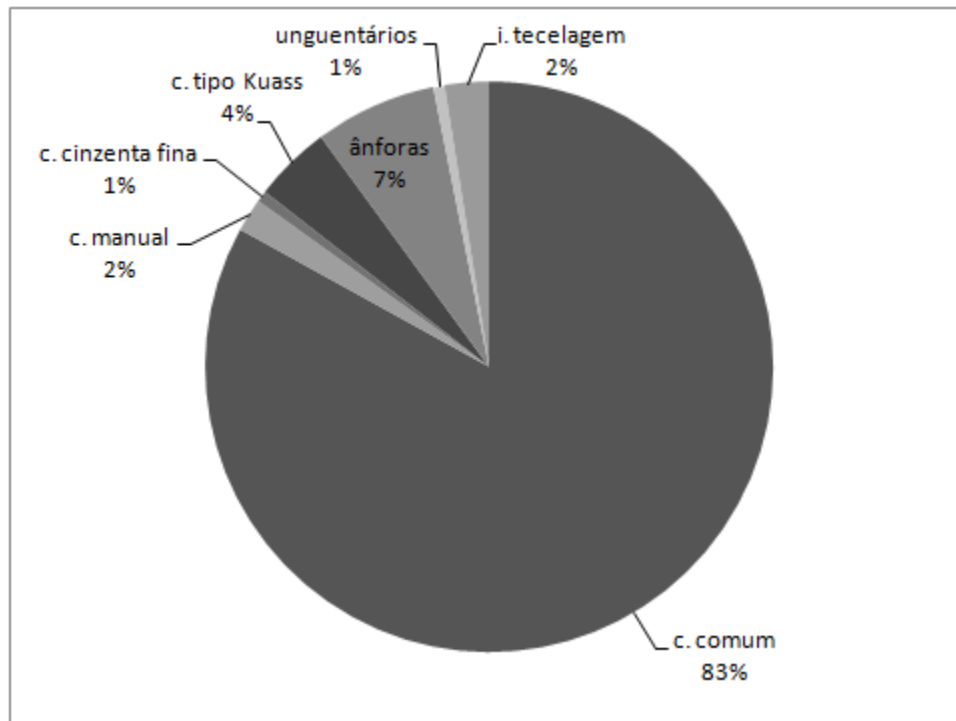


Fig. 16 - Distribuição por categorias das cerâmicas púnico-turdetanas da u.e. E-7 (NMI).

Entre as formas romanas, a cerâmica comum regista 110 fragmentos (58 NMI), com vários pratos, alguidares e outros grandes recipientes, várias panelas, tampas e bilhas, três terrinas, um jarro, dois *dolia*, duas lucernas e outras formas indeterminadas.

Os fragmentos de campaniense são 74 (21 NMI), na sua maioria pratos da forma 5 de Lamboglia, mas também das formas 6, 7 e 8, assim como várias taças da forma 1, uma da



forma 2 e um copo da forma 3 de Lamboglia (1952). Também se registaram 5 fragmentos de imitação de campaniense (3 NMI), incluindo dois pratos das formas 5/7 e uma taça da forma 16.

As paredes finas também ocorrem em grande quantidade, 68 fragmentos (20 NMI), entre as quais se identificaram as formas II e IIA de Mayet (1975).

Também se registou um fragmento de cerâmica de engobe vermelho pompeiano e uma imitação desta categoria, sob forma de um prato, assim como 2 fragmentos de cerâmica de tipo Peñaflor (1 NMI).

Para além destes, também estão presentes 72 fragmentos de ânforas (26 NMI), a maioria Dressel 1 e Lomba do Canho 67, mas também 3 Oleárias antigas e 1 Tripolitana antiga, assim como 45 fragmentos de opérculos (31 NMI) e um fragmento de *tegula*.

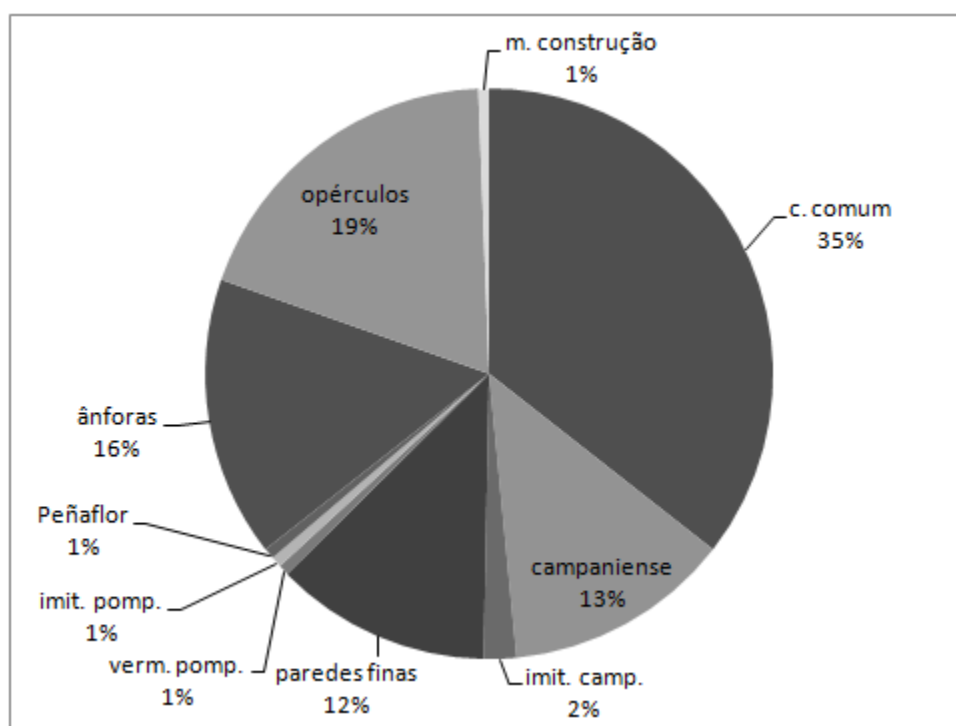


Fig. 17 - Distribuição por categorias das cerâmicas romanas da u.e. E-7 (NMI).

O unguentário gaditano pertence a uma tipologia da segunda metade do século II a.C. (MUÑOZ, 1987a, p. 522), no entanto as ânforas Lomba do Canho 67 aparecem na primeira metade do século I a.C. (GARCÍA; BERNAL, 2008 p. 670) e a cerâmica de tipo Peñaflor apresenta uma cronologia próxima (BUSTAMANTE; HUGUET, 2008). É possível que a

camada de ocupação da unidade estratigráfica E-7 tenha sido formada entre os finais do século II e os princípios do século I a.C.

### 8.1.7. Unidade estratigráfica E-6.2

A unidade estratigráfica E-6.2, identificada como Ea-6.2 por Teresa Gamito, é a sétima mais profunda, correspondendo a um sub-nível da camada 6, cuja terra formava um barro duro e compacto.

Deste nível foram extraídos 848 fragmentos (71 NMI), dos quais 53 foram identificados com tipologias púnico-turdetas (32 NMI) e 49 com tipologias romanas (36 NMI).

A cerâmica de tradição turdetana está representada por 50 fragmentos de cerâmica comum (29 NMI), com tigelas, potes/panelas, dois pratos e uma forma fechada de tipologia indeterminada, e ainda 2 fragmentos de cerâmica de tipo Kuass (2 NMI), incluindo um prato da forma II de Niveau (2003). Também está presente um fragmento de ânfora tipo Carmona.

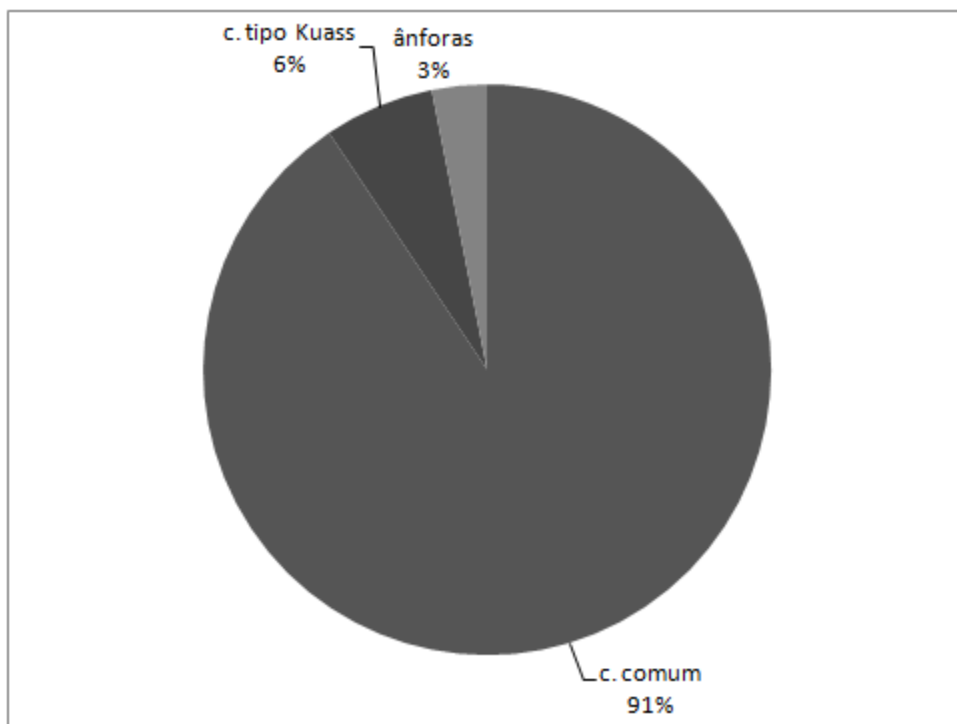


Fig. 18 - Distribuição por categorias das cerâmicas púnico-turdetas da u.e. E-6.2 (NMI).

Das formas romanas registaram-se 14 fragmentos de cerâmica comum (10 NMI), entre os quais duas panelas, um alguidar, outro grande recipiente, um prato e um *dolium*. A cerâmica campaniense ocorre em menor número, com 3 fragmentos (4 NMI), com apenas uma forma identificada: uma tigela da forma 33 de Lamboglia (1952). As paredes finas estão representadas por 13 fragmentos (10 NMI), com as formas VIII e VIIC de Mayet (1975). Também se registam 8 fragmentos de ânforas (5 NMI), entre as quais uma Dressel 1 e uma Haltern 70, mais 7 fragmentos de opérculos (7 NMI) e um fragmento de *tegula*.

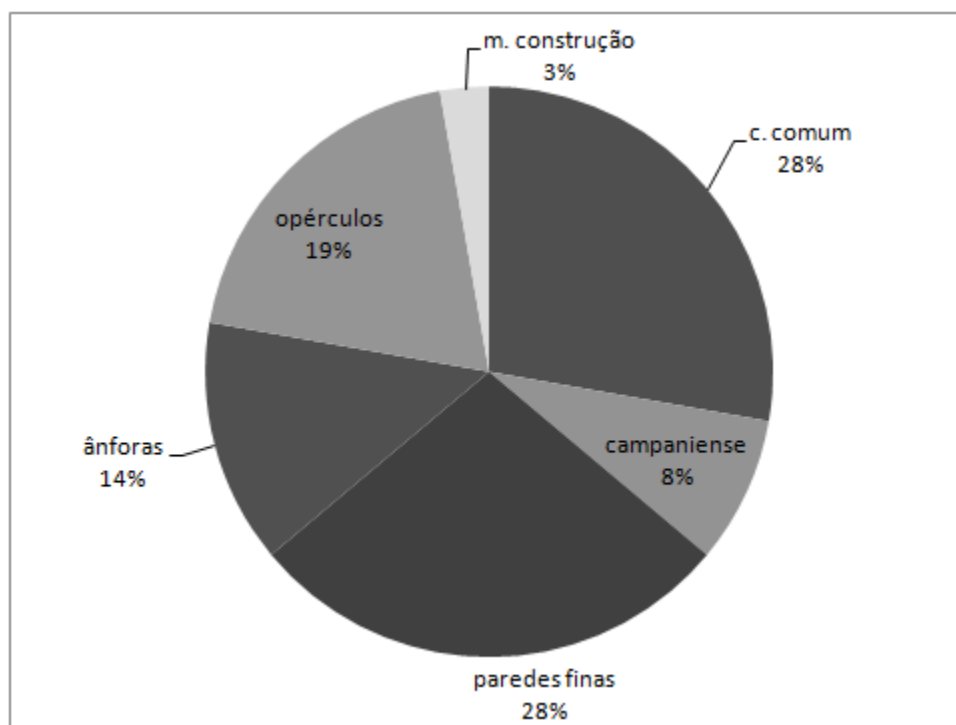


Fig. 19 - Distribuição por categorias das cerâmicas romanas da u.e. E-6.2 (NMI).

Esta unidade estratigráfica apresenta um reduzido número de fragmentos cerâmicos comparada com as anteriores, pelo que se torna mais difícil estabelecer uma cronologia. No entanto, a presença de uma ânfora de tipo Carmona, que deixam de ser produzidas na primeira metade do século I a.C. (SÁEZ, 2014), junto com uma Haltern 70, que aparecem em meados desse mesmo século (GARCÍA; BERNAL, 2008 p. 674), parecem indicar uma cronologia enquadrada na primeira metade e meados do século I a.C.

### 8.1.8. Unidade estratigráfica E-6

A unidade estratigráfica E-6, Ea-6 de Teresa Gamito, é a oitava mais profunda, correspondendo a uma sub-camada do mesmo nível estratigráfico da unidade E-6.2, que apresenta igualmente o mesmo tipo de solo de barro duro.

Desta unidade foram escavados 328 fragmentos cerâmicos (39 NMI), dos quais 29 correspondem a formas púnico-turdetas (19 NMI) e 23 a formas romanas (19 NMI).

A cerâmica turdetana apresenta 25 fragmentos de cerâmica comum (16 NMI), com várias tigelas e potes/panelas e uma forma aberta, 4 fragmentos de cerâmica de tipo Kuass (3 NMI), incluindo um prato da forma II de Niveau (2003).

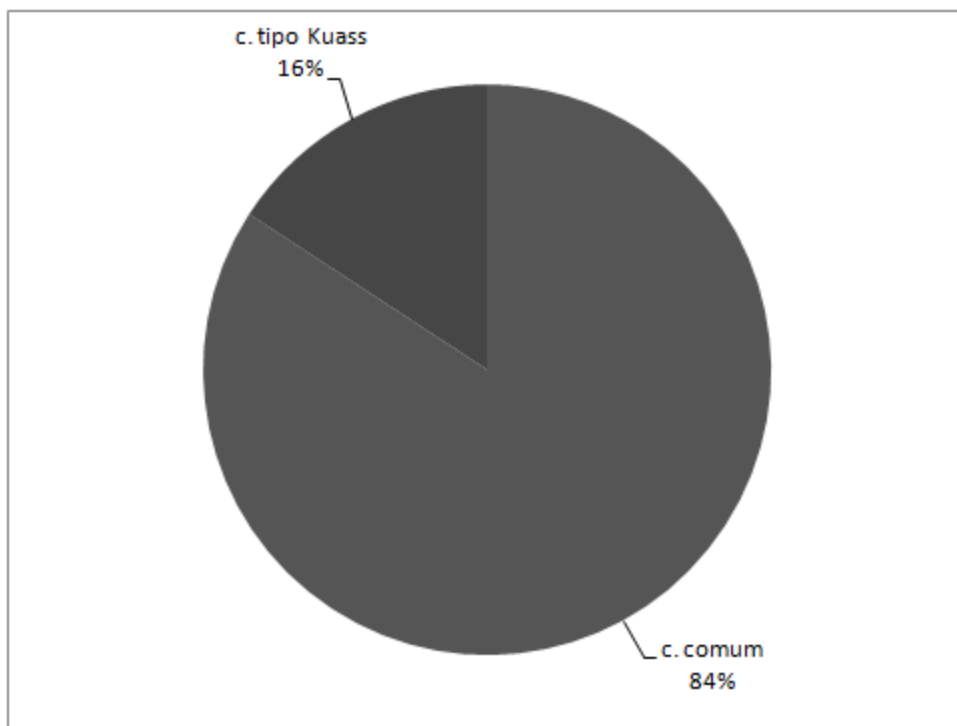


Fig. 20 - Distribuição por categorias das cerâmicas púnico-turdetas da u.e. E-6 (NMI).

O conjunto cerâmico romano apresenta 10 fragmentos de cerâmica comum (8 NMI), com dois alguidares, duas panelas, duas tampas, um prato e uma lucerna. As campanienses estão representadas por apenas 2 fragmentos (2 NMI), incluindo uma tigela 8 de Lamboglia, e ainda uma imitação de campaniense, que corresponde a um prato de forma 6 (LAMBOGLIA, 1952). As cerâmicas de paredes finas só apresentam 3 fragmentos (3

NMI). Registam-se também 2 fragmentos de opérculos (2 NMI) e 3 de ânforas (2 NMI) um dos quais uma Haltern 70.

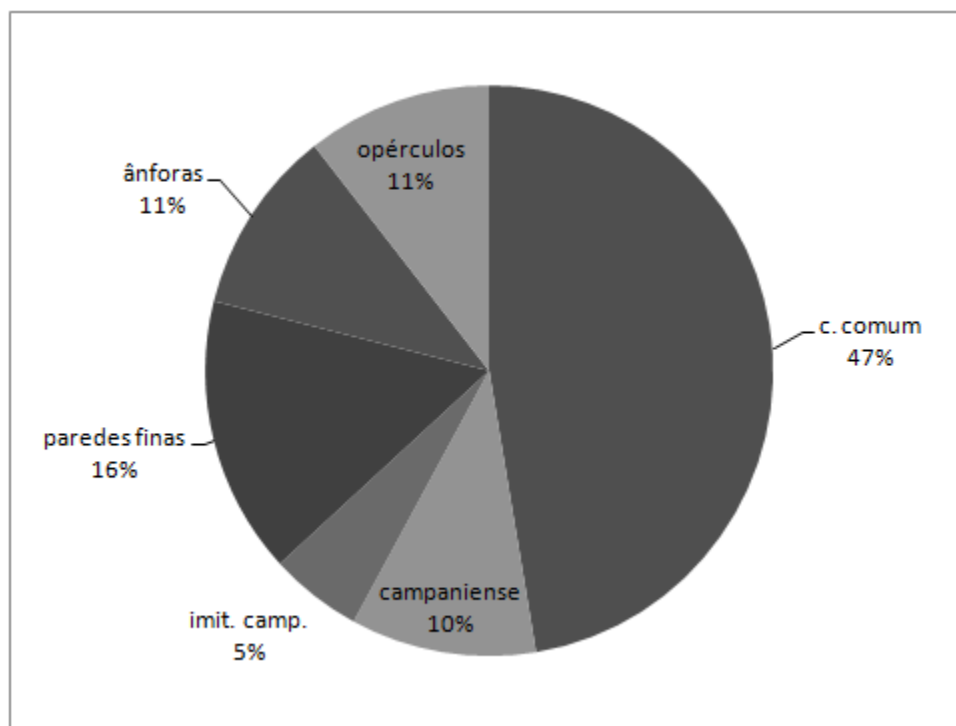


Fig. 21 - Distribuição por categorias das cerâmicas romanas da u.e. E-6 (NMI).

Os materiais desta unidade estratigráfica sugerem uma cronologia semelhante à da unidade anterior, a primeira metade do século I a.C.

#### **8.1.9. Unidade estratigráfica E-5**

A unidade estratigráfica E-5, a nona mais profunda, corresponde a duas unidades identificadas por Teresa Gamito como Ea-5 e a Eb-5. A terra deste nível de ocupação era um barro avermelhado muito compacto, com alguns carvões.

Da unidade E-5 foram escavados 1834 fragmentos cerâmicos (242 NMI), dos quais 243 correspondem a formas de tradição púnico-turdetana (117 NMI) e outros 189 a formas romanas (107 NMI). Também aqui foram recolhidos 15 fragmentos intrusivos de época islâmica (11 NMI).

A maioria das formas turdetanas corresponde a cerâmica comum, com 205 fragmentos (88 NMI), principalmente tigelas e potes/panelas, mais dois pratos, uma pequena taça e

uma tampa, assim como 5 fragmentos de cerâmica manual (5 NMI), todos potes/panelas. Também presente está um pote de cerâmica cinzenta fina e 17 fragmentos de Kuass (10 NMI), com dois pratos da forma II de Niveau, duas pequenas taças da forma IX (NIVEAU, 2003), uma forma aberta e uma forma fechada. Também se registam 2 fragmentos de unguentários (2 NMI) e 13 de ânforas (11 NMI), entre as quais várias Castro Marim 1 e Mañá C2, uma Pellicer D e uma Tiñosa.

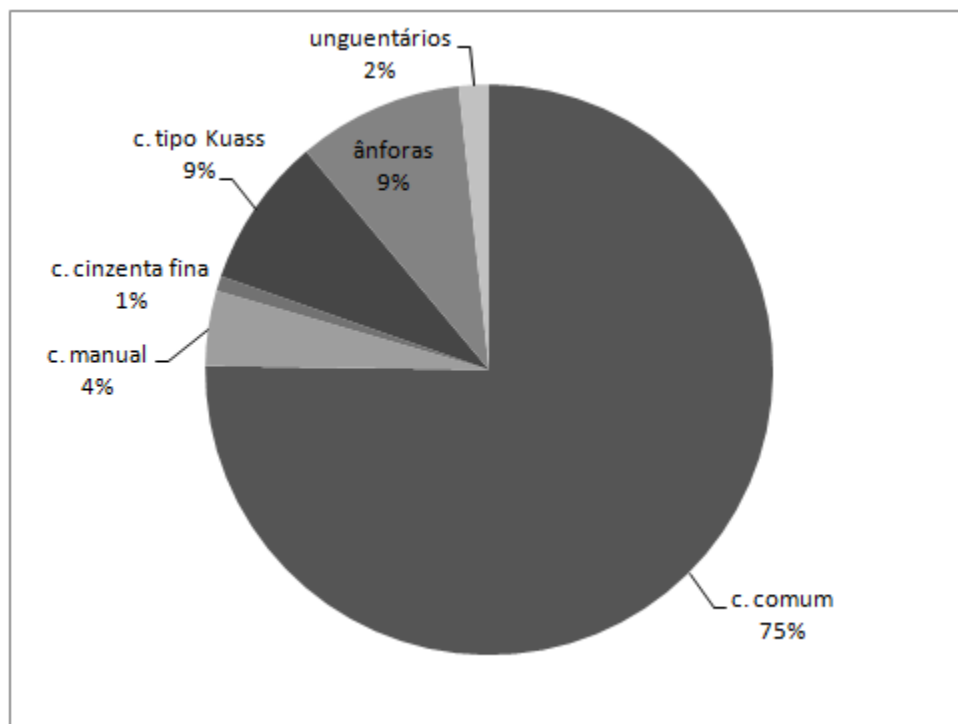


Fig. 22 - Distribuição por categorias das cerâmicas púnico-turdetas da u.e. E-5 (NMI).

Entre os materiais cerâmicos de tipologias romanas estão presentes 45 fragmentos de cerâmica comum (34 NMI), com várias panelas, potes, tampas, alguidares, duas bilhas, uma terrina e algumas formas indeterminadas. A cerâmica campaniense está representada por apenas 8 fragmentos (4 NMI), com um prato da forma 5 de Lamboglia, mais 4 fragmentos de imitações de campaniense (3 NMI), com duas taças, formas 1 e 16 de Lamboglia (1952). As paredes finas ocorrem em grande abundância com 80 fragmentos (27 NMI), entre os quais se identificaram as formas II B, III, III B e VIII C de Mayet (1975).

Também se encontrou um fragmento de cerâmica de engobe vermelho pompeiano, um do tipo Peñafior, 4 fragmentos de *terra sigillata itálica* (1 NMI), incluindo um prato, um de

*sudgalica* e ainda um fragmento de cerâmica clara africana. Estes dois últimos são provavelmente intrusivos.

Ainda entre a cerâmica romana, registaram-se 27 fragmentos de opérculos (21 NMI) e 17 de ânforas (13 NMI), quatro Haltern 70, duas Oleárias antigas, uma Dressel 1, uma Dressel 12 e uma Lomba do Canho 67.

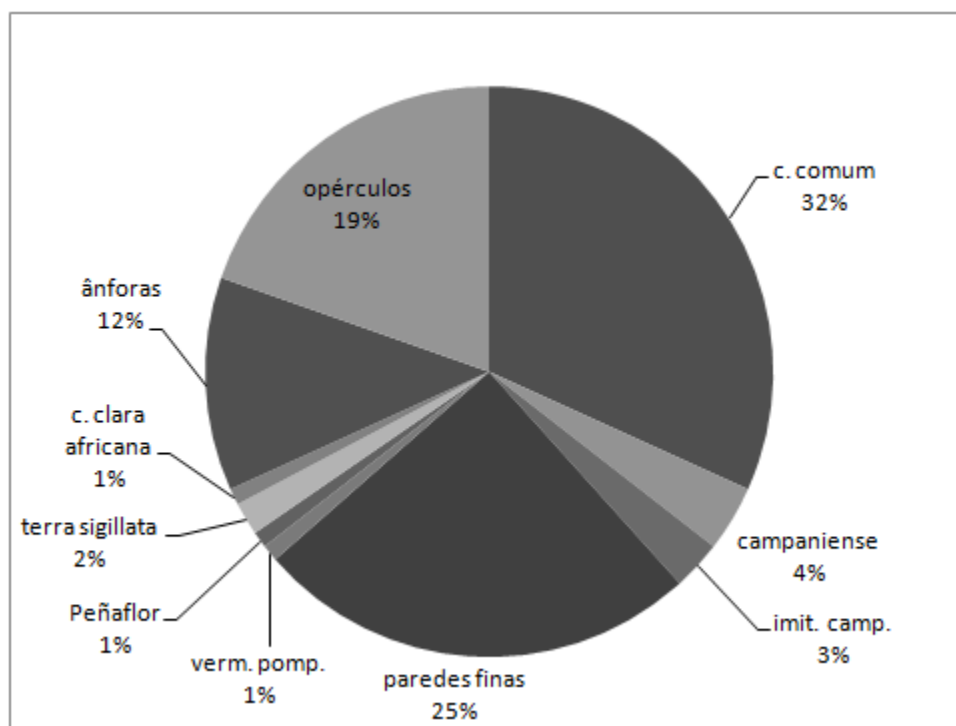


Fig. 23 - Distribuição por categorias das cerâmicas romanas da u.e. E-5 (NMI).

A presença de *terra sigillata itálica*, em conjunção com as outras categorias cerâmicas, parece indicar uma cronologia enquadrável na segunda metade ou final do século I a.C. (PUCCI, 1988).

#### 8.1.10. Unidade estratigráfica E-4.2

A unidade estratigráfica E-4.2, identificada como Eb-4.2 por Teresa Gamito, é a décima mais profunda. Apresenta uma terra cinzenta amarelada, com grande quantidade de carvões, ossos e conchas. Encontra-se imediatamente abaixo de um pavimento de *opus signinum* que separa os níveis estratigráficos romano-republicanos das três camadas superficiais com material cerâmico descontextualizado.

Desta unidade foram escavados 811 fragmentos cerâmicos (96 NMI), com 86 fragmentos identificados com formas púnico-turdetas (43 NMI) e 75 com forma romanas (52 NMI).

A cerâmica comum turdetana regista 72 fragmentos (33 NMI), com várias tigelas e potes/panelas, um jarro, um prato e uma forma aberta de tipologia indeterminada. O tipo Kuass está representado por 5 fragmentos (4 NMI), entre os quais um prato da forma IV de Niveau (2003), estando também presente um fragmento de cerâmica cinzenta fina. Quanto às ânforas registam-se 8 fragmentos (5 NMI), dos tipos Pellicer D, Tiñosa e Mañá C2.

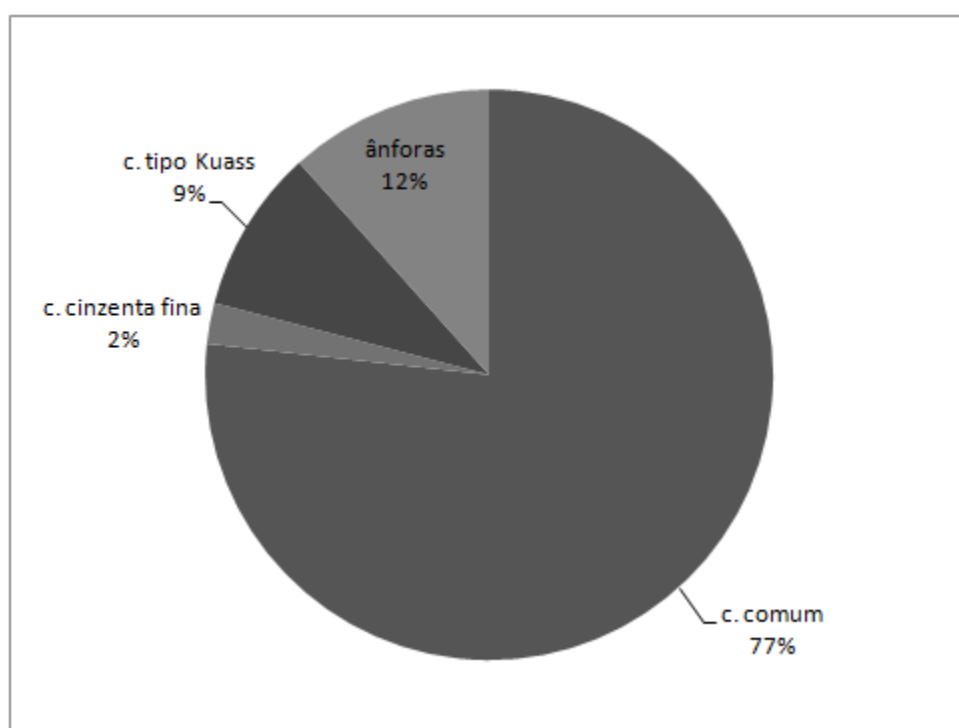


Fig. 24 - Distribuição por categorias das cerâmicas púnico-turdetas da u.e. E-4.2 (NMI).

Entre as cerâmicas romanas registaram-se 22 fragmentos de cerâmica comum (19 NMI), com três panelas, três alguidares, duas tampas, um almofariz e um *dolium*. As campanienses ocorrem em pequeno número, 5 fragmentos (3 NMI), com um prato da forma 5 de Lamboglia (1952), mais um fragmento de imitação de campaniense. As cerâmicas de paredes finas registam uma maior presença, com 24 fragmentos (12 NMI), com as formas II B, III, III B, VIII C de Mayet (1975).



Também foi identificado um fragmento de cerâmica tipo Peñaflor, um de engobe vermelho pompeiano, um de *terra sigillata sudgalica* e um de cerâmica clara africana. Assim como 13 fragmentos de opérculos (9 NMI) e 6 de ânforas (4 NMI), duas Haltern 70 e uma Dressel 1.

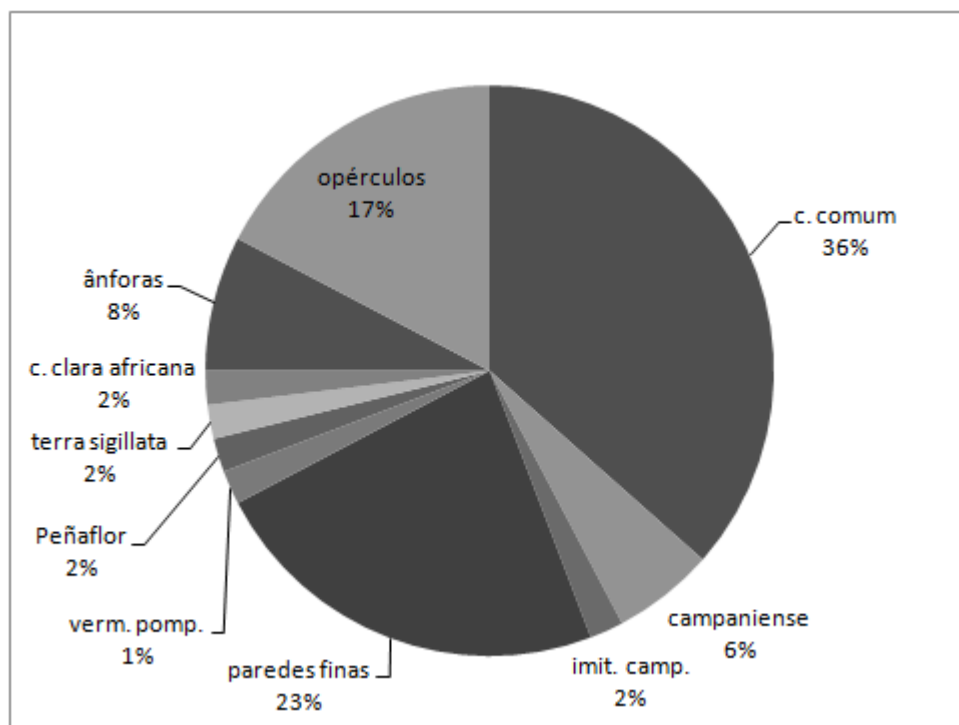


Fig. 25 - Distribuição por categorias das cerâmicas romanas da u.e. E-4.2 (NMI).

A unidade estratigráfica E-4.2, ao contrário da anterior, não apresenta *terra sigillata italica*. No entanto, a presença de uma ânfora Dressel 1 parece sugerir que esta camada de ocupação ainda se encontra no século I a.C., mais precisamente na segunda metade, como o indicam as tipologias das cerâmicas de paredes finas: II B e VIII C (MAYET, 1975, p. 27, 39). Isto significa que os dois fragmentos de *sigillata sudgalica* e cerâmica clara africana são intrusivos, tal como na u.e. E-5.

Período	U.E.	anos a.C.
Romano- -republicano	E-5/4.2	1
	E-6/6.2	50
	E-7	100
	E-8/8.2	150
	E-9	200
Idade do Ferro	E-10	

Fig. 26 - Possível cronologia das unidades estratigráficas do sector E ao longo dos séculos III-I a.C.

## 8.2. A restante área escavada

As unidades estratigráficas mais superficiais do sector E (E-3.3 a E-1), juntamente com as dos outros sectores de escavação do Quintal da Judiciária, correspondem aos períodos romano-imperial, islâmico, medieval e moderno,<sup>36</sup> pelo que os fragmentos de cerâmica de tradição púnico-turdetana aqui registados estão descontextualizados.

A abertura de poços e silos durante o período romano-imperial e épocas posteriores trouxe para os níveis mais superficiais cerâmica do período romano-republicano e da Idade do Ferro, incluindo material cerâmico púnico-turdetano.

Entre as peças de formas turdetanas recolhidas fora de contexto encontram-se cerâmicas de tipo Kuass, ânforas, muita cerâmica comum e alguns fragmentos de cerâmica manual. No total, foram identificados 273 fragmentos descontextualizados de cerâmica púnico-turdetana (198 NMI).

<sup>36</sup> Com excepção de alguns níveis estratigráficos mais profundos dos sectores A, B, C e D, que correspondem ao final do período romano-republicano, mas que apresentam grande quantidade de materiais intrusivos de épocas mais tardias.

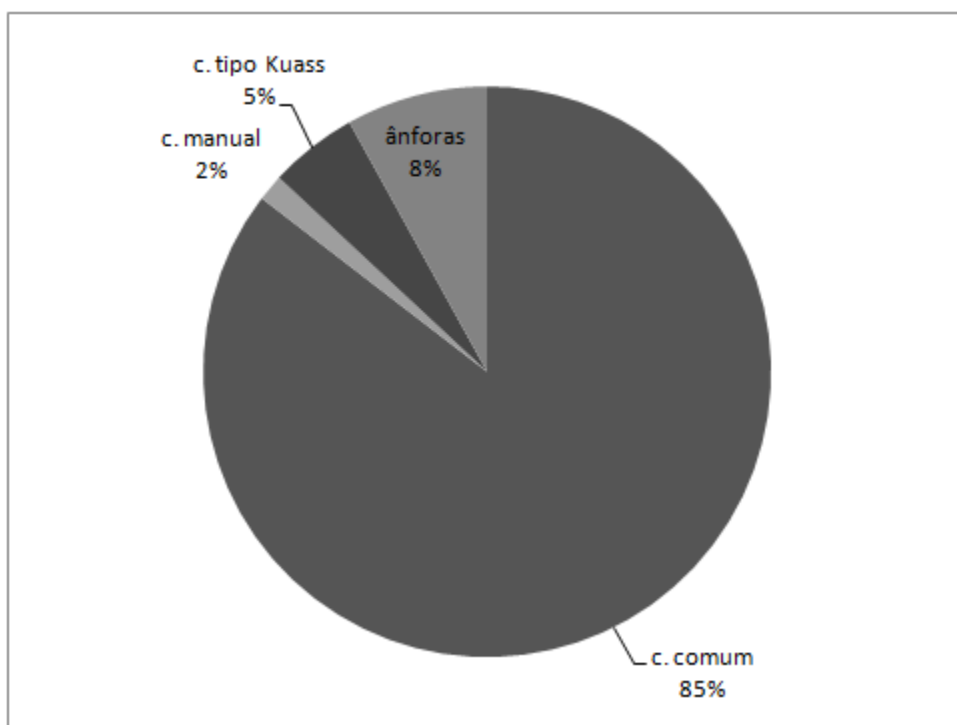


Fig. 27 - Distribuição por categorias das cerâmicas púnico-turdetanas descontextualizadas (NMI).

Também foram registados, entre a cerâmica descontextualizada, alguns fragmentos cerâmicos mais antigos que os níveis de ocupação estudados, incluindo uma peça de cerâmica ática de verniz negro e cerâmicas do período orientalizante.<sup>37</sup>

A peça de cerâmica ática, que já foi estudada por Pedro Barros (2005, p. 934-935), trata-se do fundo de uma taça 21/25B de Lamboglia (1952, p. 174), com estampilha de quatro palmetas, que terá sido produzida em princípios do século IV a.C.

Esta peça provém de uma camada superficial do sector D, unidade estratigráfica D-1 (D1-1 de Teresa Gamito), onde também se regista abundante material dos períodos romano-imperial, islâmico, medieval e moderno, principalmente do segundo.

<sup>37</sup> Algumas das formas de cerâmica deste período assemelham-se às da cerâmica de tradição turdetana (potes, tigelas e taças), pelo que é possível que algumas peças do período orientalizante tivessem sido acidentalmente classificadas como púnico-turdetanas.

Os materiais do período orientalizante, que incluem vários pratos fenícios de engobe vermelho, ainda não foram estudados.<sup>38</sup>

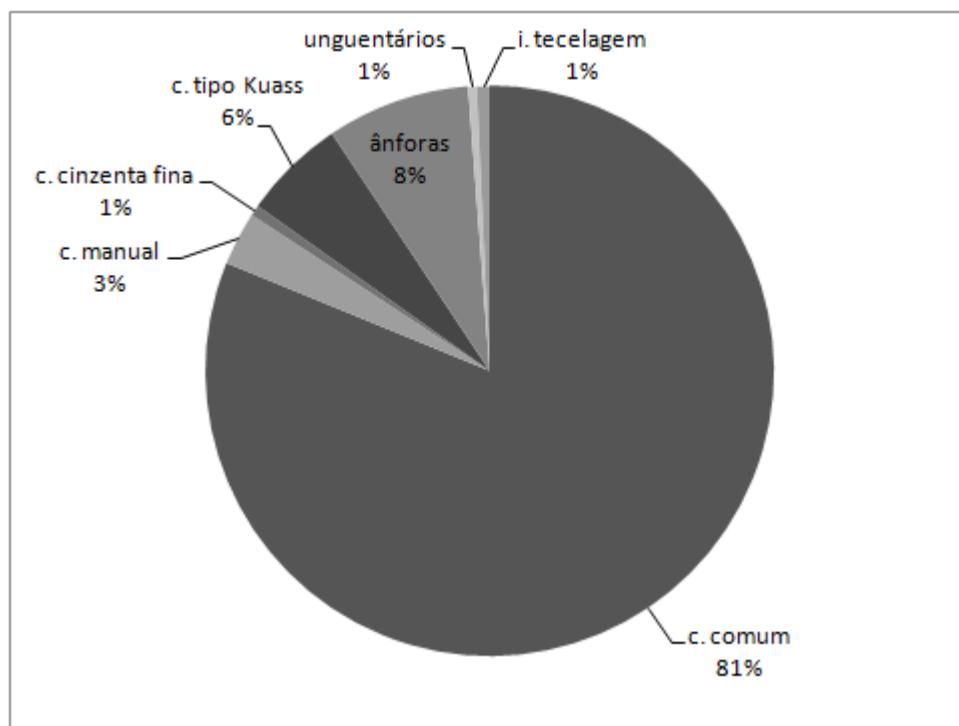


Fig. 28 - Distribuição por categorias do total das cerâmicas púnico-turdetas do sítio do Quintal da Judiária (NMI).

<sup>38</sup> A cerâmica deste período será objecto de estudo de um trabalho por parte do autor da presente obra.

## 9. A cerâmica comum

A grande maioria da cerâmica púnico-turdetana escavada no Quintal da Judiária pertence à categoria da cerâmica comum, feita a torno,<sup>39</sup> cujos fragmentos foram recolhidos desde as camadas mais superficiais (fragmentos descontextualizados) até ao nível freático.

A cerâmica comum, que servia as funções de preparação de alimentos, serviço de mesa e armazenamento, caracteriza-se por um variado conjunto tipológico com origem nas formas do período orientalizante e posteriores contribuições cartaginesas e helenísticas. As formas registadas em Cádiz e na região da Turdetânia em geral correspondem a tigelas hemisféricas, potes/panelas, pratos, pequenas e grandes taças, tampas, alguidares, almofarizes, jarros e outras formas fechadas (FERRER; GARCÍA, 2008) (SÁEZ, 2005).

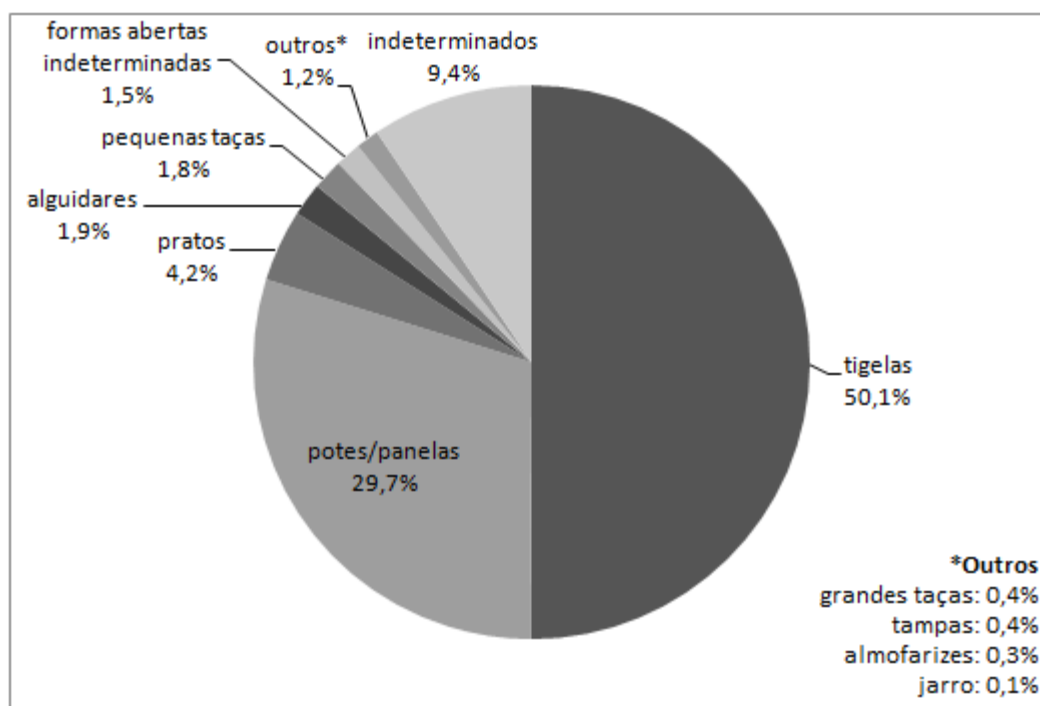


Fig. 29 – Distribuição das formas da cerâmica comum (NMI).

A cerâmica comum púnico-turdetana do Quintal da Judiária está representada por 1282 fragmentos (669 NMI), correspondendo a 81% do total das cerâmicas de formas turdetanas. As formas registadas incluem tigelas hemisféricas, panelas globulares com bordo esvasado,

<sup>39</sup> A cerâmica comum de produção manual é tratada num capítulo distinto, sob a designação de cerâmica manual (ver pág. 77).

pratos com bordo simples, esvasado ou pendente, alguidares, pequenas taças com bordo reentrante, grandes taças, almofarizes, tampas, um jarro e várias formas de tipologia indeterminada.<sup>40</sup>

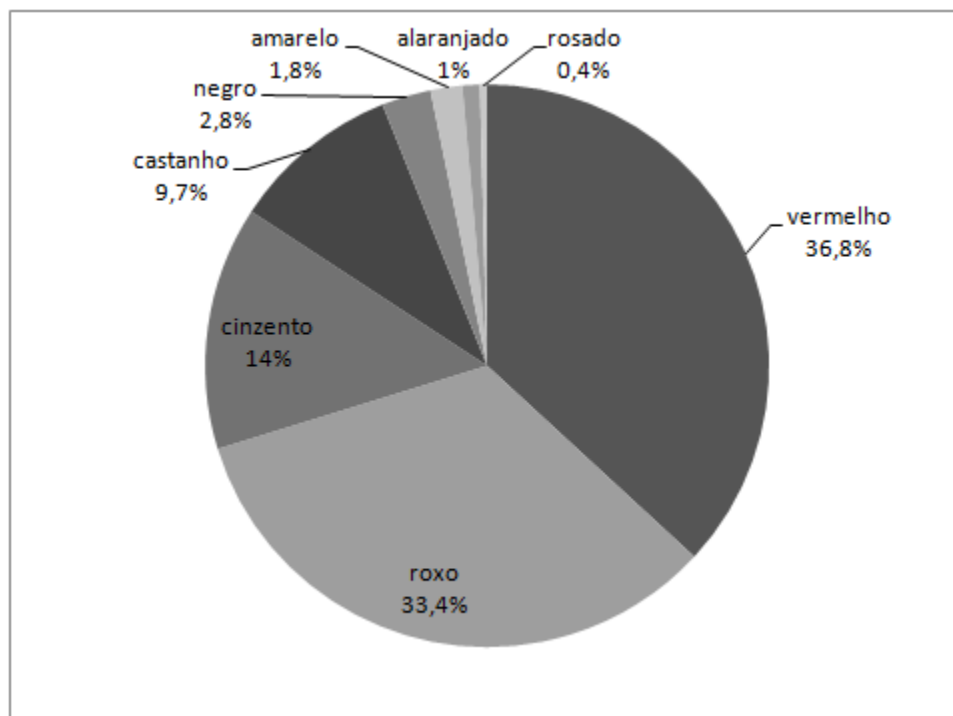


Fig. 30 – Distribuição das cores de pintura da cerâmica comum (fragmentos<sup>41</sup>).

A cerâmica comum púnico-turdetana apresenta frequentemente decoração pintada. Dos 1282 fragmentos identificados com esta categoria cerâmica, 494 (38,5%) têm pintura, normalmente sob a forma de bandas, mas por vezes também motivos em retícula e linhas onduladas. A decoração pintada aparece frequentemente em cor vermelha ou roxa<sup>42</sup>,

<sup>40</sup> A peças de tipologia indeterminada correspondem principalmente a formas abertas e fundos, assim como fragmentos de bojo com pintura ou com outra característica que tenha permitido indentificá-los com a tradição cerâmica púnico-turdetana.

<sup>41</sup> Para a contabilização de cerâmica pintada ou com engobe não foi usado o número mínimo de indivíduos (NMI) mas o total dos fragmentos, devido à maioria dos exemplares pintados ou engobados corresponderem a fragmentos de bojo amorfos.

<sup>42</sup> A predominância dos tons vermelhos e roxos também foi observada entre a cerâmica comum de Castro Marim, onde correspondem a 76,6% das peças pintadas (GOMES; ARRUDA, 2013, p. 49).

seguida de cinzenta e castanha e ocasionalmente em amarelo, negro ou tons alaranjados ou rosados.

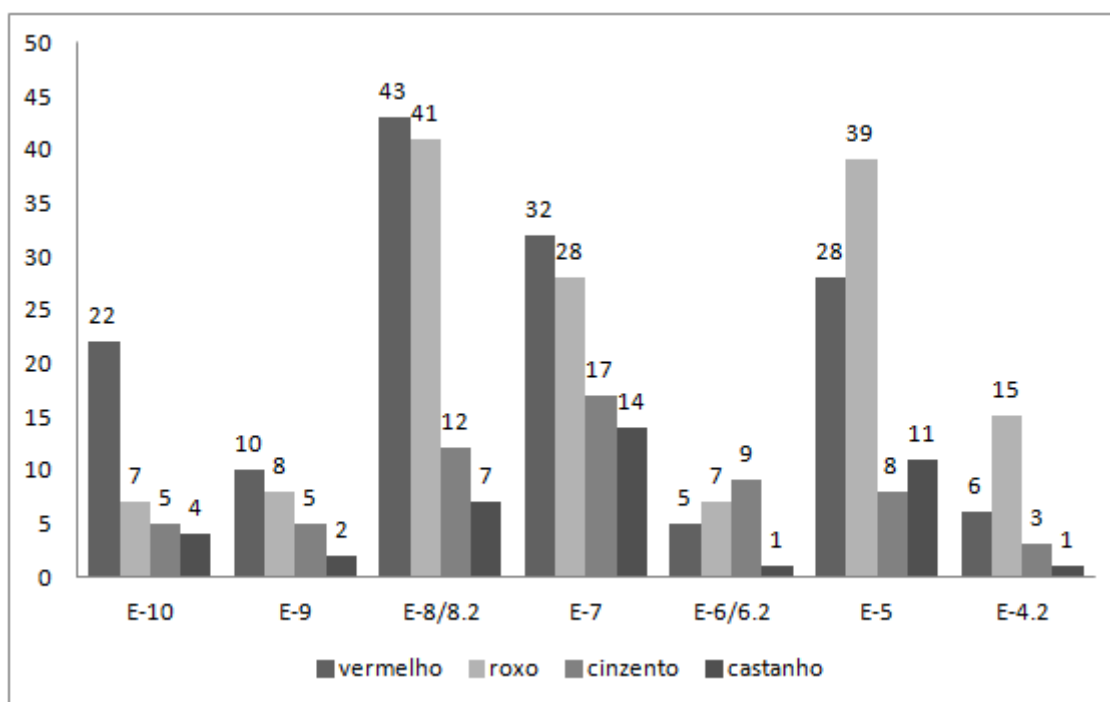


Fig. 31 – Distribuição por unidade estratigráfica das principais cores de pintura da cerâmica comum (fragmentos).

No século III a.C. (u.e. E-10) a pintura vermelha era predominante entre a cerâmica comum, mas durante o período romano-republicano a cor roxa torna-se mais frequente, ultrapassando a vermelha no final do século I a.C. (u.e. E-5 e E-4.2) (ver fig. 31).

Para além da pintura também são comuns as aguadas amareladas ou esbranquiçadas, incluindo em peças de pasta avermelhada. Menos frequente é a presença de engobes: entre os fragmentos desenhados encontra-se um fundo de prato de peixe com engobe cinzento escuro no interior (p. 152, fig. 89, nº 275) e um fundo pequeno com engobe amarelo (p. 167, fig. 104, nº 494). Também foi registado um fundo de tigela com o exterior revestido de verniz negro (p. 164, fig. 101, nº 448), talvez influenciado pela cerâmica campaniense.

Entre a cerâmica comum, também se registou um fragmento de bojo com um grafito em escrita pré-latina, proveniente da u.e. E-10 (ver p. 76).

Após a conquista romana, a cerâmica comum de tradição púnico-turdetana passa a coexistir com as formas de origem itálica. No entanto, durante todo o período romano-republicano a população de Faro continuou a dar preferência às formas púnico-turdetanas, que ocorrem em maior quantidade que as de origem romana.

Os tipos turdetanos são predominantes entre a cerâmica comum até ao nível mais recente da estratigrafia preservada, u.e. E-4.2 (final do século I a.C.), não sendo possível saber, através dos materiais estudados, o momento em que as tipologias púnico-turdetanas desapareceram de Faro.

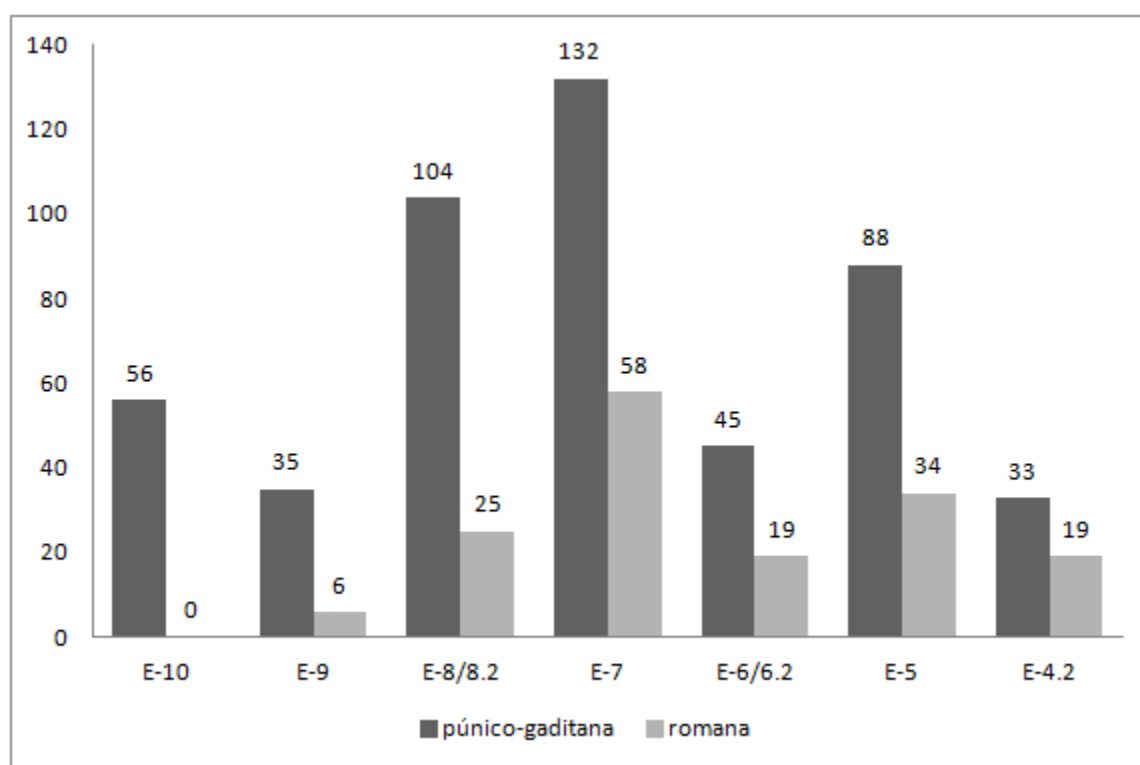


Fig. 32 – Distribuição de cerâmica comum púnico-turdetana e romana por unidade estratigráfica (NMI).

O estudos existentes colocam o fim destas produções cerâmicas nos séculos II a.C. (SÁEZ, 2005) ou I a.C. (FERRER; GARCÍA, 2008), no entanto, tendo em conta a vitalidade destas tipologias em Faro durante todo o período republicano, é mais provável que a cerâmica comum púnico-turdetana tivesse sobrevivido até ao princípio da nossa era, só desaparecendo durante o período romano-imperial.



### 9.1. Os fabricos

A abundante cerâmica comum de tradição púnico-turdetana, analisada para este trabalho, apresenta variados fabricos, que foram organizados em quatro grupos distintos, três dos quais foram divididos em subgrupos.

O grupo I caracteriza-se por uma pasta não calcária, pouco compacta, entre pouco a medianamente depurada, com frequentes partículas de mica, calcite e plagioclase, alguns minerais negros, poucos elementos ferruginosos e de quartzo. Este grupo foi dividido em dois subgrupos: I-A e I-B.

As peças do subgrupo I-A foram cozidas em modo A, resultando numa cor laranja avermelhada (10R 5/8 *red* – 2.5YR 5/8 *red*). Enquanto as do subgrupo I-B foram cozidas em modo B, por vezes de forma irregular, apresentando tons entre o cinzento e o cinzento acastanhado (N 5 *gray* – 7.5YR 5/2 *brown*).

O subgrupo I-A está representado por 207 fragmentos (126 NMI) de quase todas as formas registadas: tigelas, potes/panelas, pratos, alguidares, uma pequena taça, um almofariz e algumas formas abertas de tipologia incerta. O fabrico I-A corresponde ao grupo I-B de E. Sousa e A. M. Arruda (2010, p. 965). Por outro lado, o subgrupo I-B (do presente estudo) regista apenas 8 fragmentos (5 NMI) pertencentes a tigelas e potes/panelas. O grupo I é provavelmente originário de Faro, como o indica a sua pasta não calcária e a grande frequência de exemplares cerâmicos deste fabrico.

O grupo II apresenta uma pasta calcária, pouco compacta, entre bem e medianamente depurada, contendo alguma calcite, poucos elementos ferruginosos e minerais negros e pouca plagioclase e partículas de mica. Este grupo foi dividido em dois subgrupos: II-A e II-B.

O subgrupo II-A apresenta uma cozedura em modo A, resultando num tom bege amarelado (10YR 8/3 *very pale brown* – 7.5YR 7/6 *reddish yellow*), enquanto o subgrupo II-B apresenta uma cozedura em modo B, que resulta num tom cinzento amarelado (5Y 5/1 *gray* – 10YR 6/2 *light brownish gray*).

O subgrupo II-A está representado por 278 fragmentos (143 NMI), presente em quase todas as tipologias de cerâmica comum registadas: tigelas, potes/panelas, pratos, pequenas taças, alguidares, uma grande taça e algumas formas de tipologia indeterminada. Este fabrico é equivalente ao grupo II de E. Sousa e A. M. Arruda (2010, p. 966). O subgrupo II-

B regista apenas 8 fragmentos (7 NMI) dois pratos, uma tigela, um pote/panela e uma forma aberta de tipologia incerta. O grupo II, como o indica a sua pasta calcária com poucos elementos não plásticos, é provavelmente originário de Cádiz.

O grupo III também apresenta uma pasta calcária, a qual é compacta e entre pouco a medianamente depurada, com frequente plagioclase, quartzo, minerais negros, alguma calcite e partículas de mica e raros elementos ferruginosos. O grupo III está dividido em dois subgrupos: III-A e III-B.

A pasta do subgrupo III-A é cozida em modo A, normalmente apresentado uma cor esbranquiçada (5Y 8/1 *white* – 2.5Y 8/2 *white*), mas por vezes bege rosado (5YR 8/4 *pink*) ou bege amarelado (10YR 7/3 *very pale brown*). A do subgrupo III-B é cozida em modo B, apresentando uma cor que varia entre o cinzento e o cinzento rosado (10YR 5/1 *gray* – 7.5YR 6/2 *pinkish gray*).

O subgrupo III-A está representado por 741 fragmentos (357 NMI), correspondentes a tigelas, potes/panelas, pratos, pequenas taças, grandes taças, alguidares, tampas, um jarro e ainda duas formas abertas de tipologia incerta. O subgrupo III-B está representado por 26 fragmentos (20 NMI), correspondentes a tigelas, potes/panelas, um prato, uma pequena taça, um alguidar e um almofariz. O grupo III, registado em mais de metade da cerâmica púnico-turdetana, é provavelmente equivalente aos grupos Guadalquivir A e B de Sousa e Arruda (2014, p. 68-74), os quais seriam provenientes da zona do vale do Guadalquivir.

O grupo IV caracteriza-se por uma pasta não calcária, cozida em modo B, com arrefecimento oxidante, apresentando uma superfície de cor vermelha alaranjada (10R 5/6 *red* – 2.5YR 5/8 *red*) e um cerne cinzento (7.5YR 6/2 *pinkish gray* – 10YR 6/2 *light brownish gray*). A pasta é compacta e medianamente depurada, com frequente calcite, alguns minerais negros e partículas de mica, alguma plagioclase e quartzo e raros elementos ferruginosos.

Este grupo está representado por 14 fragmentos (11 NMI), cujas únicas formas identificadas são tigelas e potes/panelas. O grupo IV poderá corresponder ao grupo III de Elisa de Sousa e Ana Margarida Arruda (2010, p. 966), que sugerem possa ser originário da campina gaditana, devido à sua semelhança com o fabrico das ânforas originárias daquela zona (ver grupo IV das ânforas, p. 100).

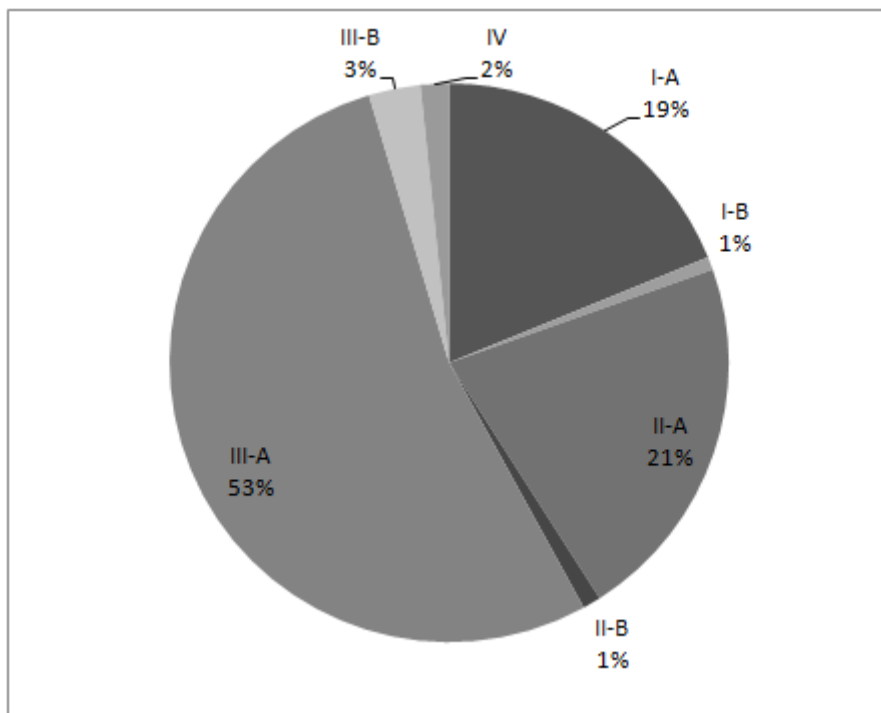


Fig. 33 – Distribuição dos grupos de fabrico de cerâmica comum (NMI).

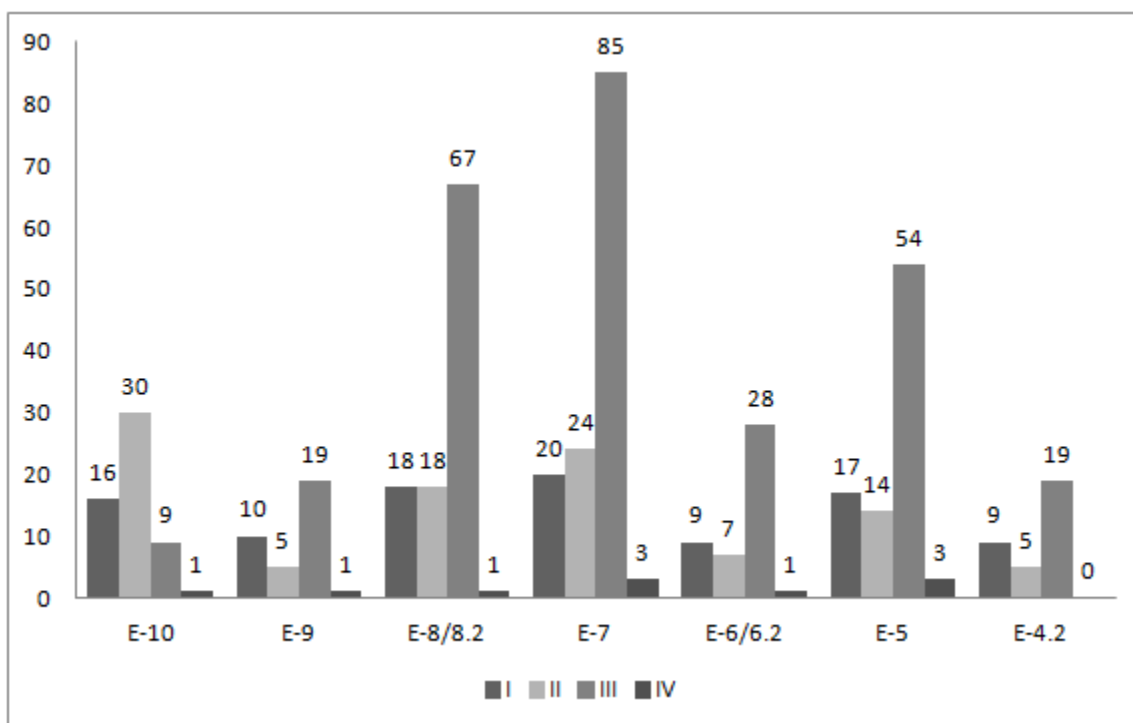


Fig. 34 – Distribuição dos grupos de fabrico de cerâmica comum por unidade estratigráfica (NMI).

No século III a.C. o fabrico predominante entre a cerâmica comum de Faro correspondia ao grupo II (fig. 34), proveniente de Cádiz, tal como já havia sido observado entre o material escavado junto ao Museu Arqueológico e Lapidar Infante D. Henrique (SOUSA; ARRUDA, 2010, p. 966).

No entanto, durante o período romano-republicano o grupo III (Guadalquivir A e B) passa a ser o predominante em Faro, estando presente em mais de metade da cerâmica comum de tradição púnico-turdetana (fig. 34).

Esta é a principal razão do termo púnico-turdetano ter sido escolhido para identificar as cerâmicas de tradição pré-romana estudadas, em vez do termo púnico-gaditano usado por Ana M. Arruda e Elisa de Sousa.

## **9.2. As formas**

### **9.2.1. Tigelas**

As tigelas correspondem à forma mais frequente de cerâmica comum, registada no Quintal da Judiária, com um total de 442 fragmentos (335 NMI).

As tigelas de cerâmica comum (p. 135-148, fig. 72-85, nº 1-237) apresentam uma forma hemisférica, com bordo simples arredondado, raramente em ponta, com pouco ou nenhum espessamento. O fundo, que normalmente tem pé, pode ser plano ou ligeiramente côncavo, raramente anelar.

As tigelas são pouco profundas, correspondendo ao tipo 1.2 de A. M. Sáez (2005, p. 149-150). No entanto, também foram registadas várias tigelas com maior profundidade, que se assemelham ao tipo 1.3 (SÁEZ, 2005, p. 150-151), assim como muitas outras de formato intermédio.

O diâmetro do bordo varia frequentemente entre os 14 e os 18 cm, sendo 16 cm a medida mais comum. O diâmetro mais pequeno registado é de 12 cm, enquanto o maior é

de 22 cm. Quanto ao fundo, o diâmetro varia normalmente entre os 4,5 e os 7 cm (p. 164-166, fig. 101-103, nº 434-484).<sup>43</sup>

As tigelas apresentam por vezes decoração pintada, sob a forma de bandas, quer no exterior, quer no interior. A cor mais comum é o cinzento, seguido do vermelho e o castanho.

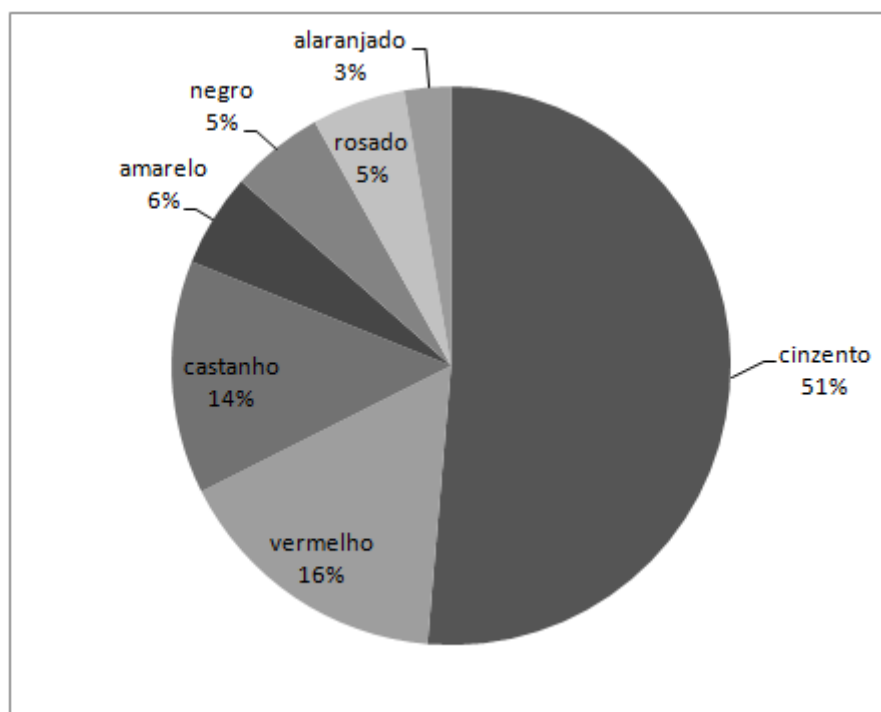


Fig. 35 – Distribuição das cores de pintura das tigelas (fragmentos).

Esta tipologia cerâmica teria começado a ser produzida a partir do século III a.C., evoluindo de formas mais antigas dos séculos V-IV a.C. Estas tigelas poderão ter servido diversas funções, incluindo a de tapar recipientes maiores, o que explicaria o reduzido número de tampas encontradas entre os espólios cerâmicos de Cádiz (SÁEZ, 2005, p. 150).

Entre as tigelas foi possível encontrar todos os grupos de fabrico da cerâmica comum, sendo o grupo III-A o predominante, seguido do II-A e o I-A. Em geral, os fabricos das cerâmicas exportadas da Turdetânia (II-A, II-B, III-A, III-B e IV) correspondem à grande

<sup>43</sup> Não é fácil determinar quais são os fragmentos de fundo que pertencem a tigelas, pois o tipo de fundo desta tipologia também ocorre em taças e algumas formas de potes/panelas. Por esta razão os fundos não foram usados para determinar o número de tigelas.

maioria das tigelas, 83% do NMI, ao contrário dos fabricos locais (I-A e I-B), com apenas 17%.

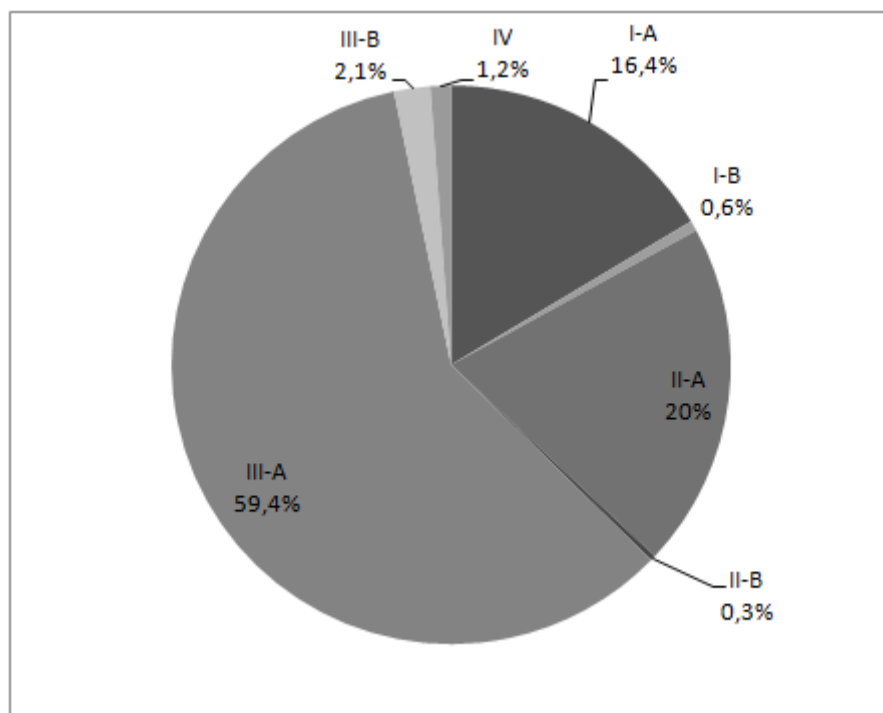


Fig. 36 – Distribuição dos grupos de fabrico das tigelas (NMI).

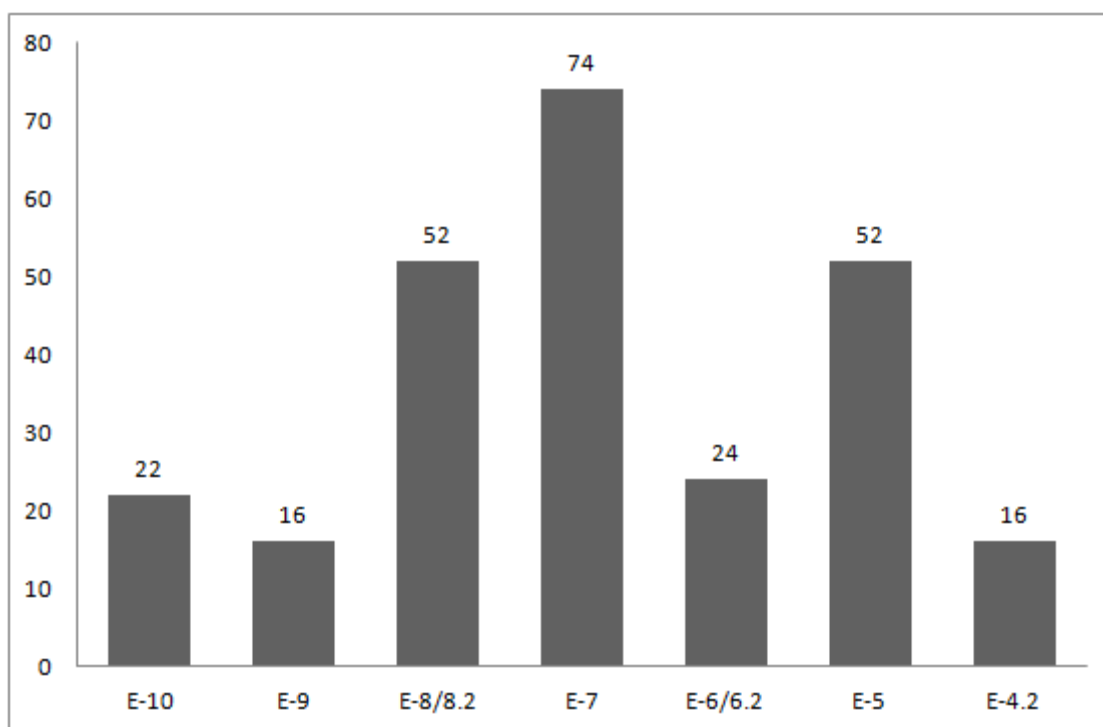


Fig. 37 – Distribuição das tigelas por unidade estratigráfica (NMI).

As tigelas foram encontradas em todos os níveis de ocupação, desde as camadas mais superficiais até ao nível freático. Entre a estratigrafia preservada, as tigelas estão bem representadas desde o século III a.C. (E-10) até ao final do século I a.C. (E-4.2).

Elisa de Sousa também identificou em Faro grande quantidade de exemplares desta tipologia, em contextos de finais do século IV e século III a.C. (SOUSA, 2009, p. 77-78).

### **9.2.2. Potes/Panelas**

Entre a cerâmica comum, os potes/panelas são o segundo tipo de recipiente mais frequente, atrás das tigelas, registando um total de 254 fragmentos (199 NMI).

Os potes/panelas são formas fechadas, de corpo globular e colo, com bordo esvasado, que seriam usados, na maior parte dos casos, como recipientes de armazenamento. Apenas uma minoria, com ocasionais vestígios de cinza, teria servido a função de panela.

Estas formas correspondem a várias tipologias, que nem sempre são fáceis de identificar devido ao pequeno tamanho dos fragmentos. A maioria dos exemplares registados parecem enquadrar-se entre os tipos 7, 8, 9 e 12 de A. M. Sáez (2005, p. 176-177). Também se registaram alguns grandes potes, dois identificados com as "urnas" de E. Ferrer e F. J. García (2008, p. 213), e ainda pequenos potes, semelhantes aos de J. A. Fierro (1990).

O tipo 7 de Sáez corresponde a formas globulares de "perfil em S", com bordo um pouco esvasado, arredondado, de tendência vertical. O fundo com pé, que se assemelha aos das tigelas, é plano ou ligeiramente côncavo. Entre os fragmentos desenhados, há cinco que poderiam corresponder a esta tipologia (p. 153, fig. 90, nº 291-295), com diâmetros de bordo entre os 10 e o 14,5 cm.

Os tipos 8, 9 e 12 de Sáez (2005, 158-159, 164), são formas fechadas, globulares, de bordo esvasado, arredondado ou de secção triangular, por vezes pendente, com fundo côncavo ou plano. As principais diferenças entre estas tipologias encontram-se ao nível do corpo e do colo, mas a maioria dos fragmentos de potes/panelas correspondem a bordos (p. 153-160, fig. 90-97, nº 296-401) e fundos (p. 160-161, fig. 97-98, nº 402-416), o que dificulta a sua classificação entre os diferentes tipos de A. M. Sáez.

A maior parte dos fragmentos que poderiam pertencer aos tipos 8, 9 e 12 apresentam bordos com diâmetros entre os 13 e os 17 cm. Os mais pequenos são de apenas 11 cm e os maiores 19 cm.

Os fundos destes tipos de potes/panelas variam entre os 7 e os 14 cm de diâmetro.<sup>44</sup>

Também foram registados 4 (NMI) grandes potes. Dois apenas se distinguem dos restantes potes/panelas pela espessura das paredes e pelo diâmetro, 18,5 e 21 cm (p. 161, fig. 98, nº 419-420). Os outros dois assemelham-se às "urnas" de E. Ferrer e F. J. García (2008, p. 211, 213). Esta tipologia corresponde a formas globulares, com colo alto, bordo esvasado, boca muito larga e um fundo côncavo com um pequeno pé anelar. Um dos fragmentos é um bordo (p. 161, fig. 98, nº 417), com um diâmetro de 27 cm, enquanto o outro é um fundo (p. 161, fig. 98, nº 418), com 12,2 cm.

Foram igualmente registados alguns fragmentos de pequenos potes globulares, um bordo e dois fundos, semelhantes aos encontrados em Cádiz por J. A. Fierro (1990). O bordo mede 8 cm de diâmetro (p. 162, fig. 99, nº 421), enquanto os fundos, ligeiramente côncavos, registam 5 e 5,5 cm (p. 162, fig. 99, nº 422-423).

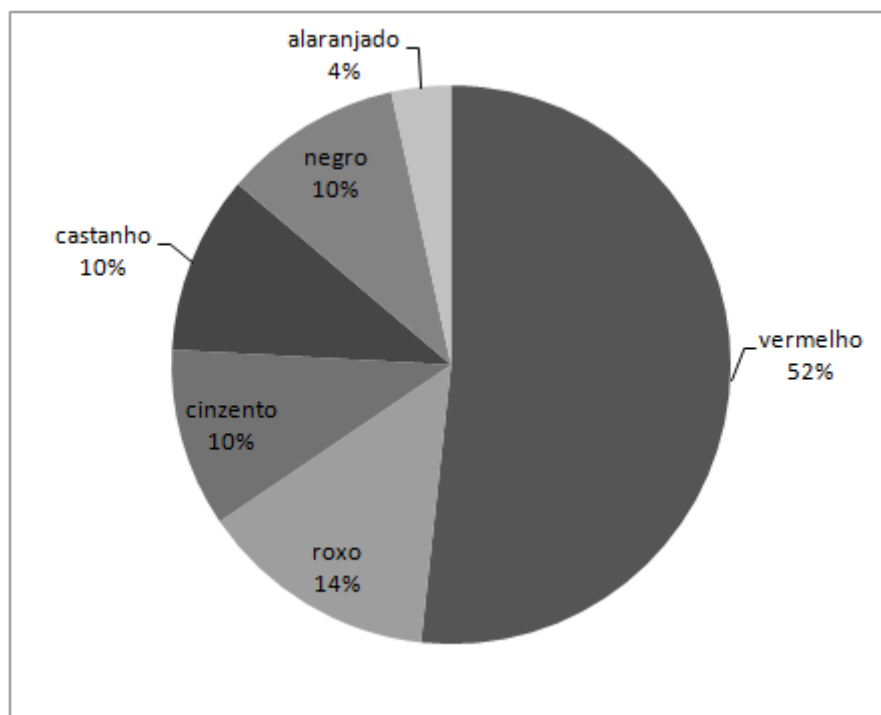


Fig. 35 – Distribuição das cores de pintura dos potes/panelas (fragmentos).

<sup>44</sup> À semelhança das tigelas, nem sempre é fácil identificar um fundo como sendo de pote/panela. Os fundos côncavos são praticamente exclusivos dos tipos 8, 9 e 12 de A. M. Sáez, mas os fundos planos também ocorrem em alguidares, jarros e até tigelas. Por este motivo os fundos planos (p. 166, fig. 105. nº 503-509) não foram usados para calcular o número de potes/panelas.



Os potes/panelas do Quintal da Judiária aparecem frequentemente decorados com bandas pintadas no exterior da peça e sobre o lábio. A cor mais comum é o vermelho, seguida do roxo, cinzento, castanho e negro. Também se registam duas peças com pinturas cor-de-laranja.

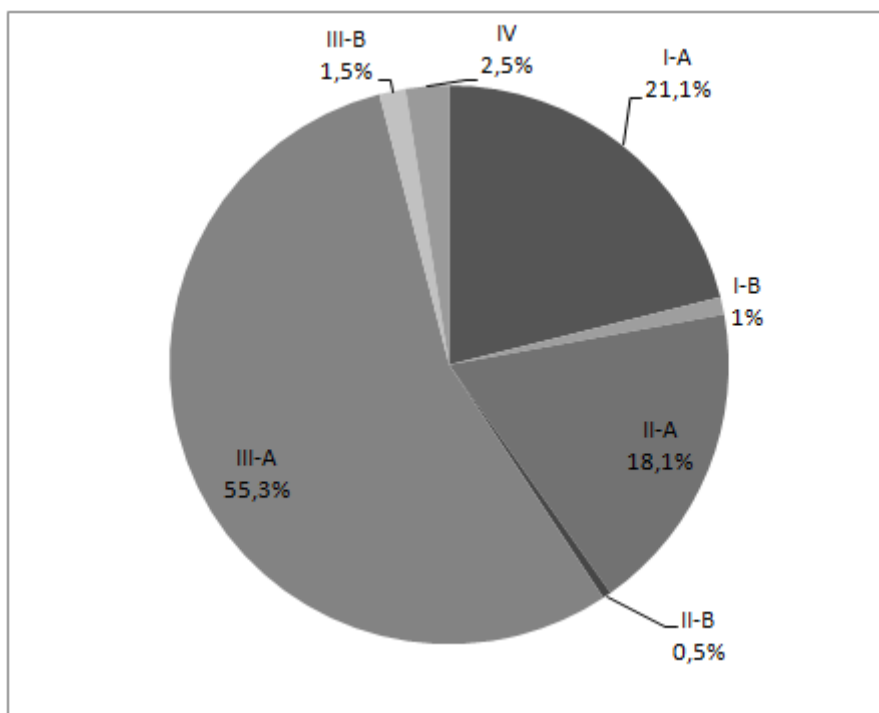


Fig. 36 – Distribuição dos grupos de fabrico dos potes/panelas (NMI).

Os fragmentos de potes/panelas apresentam pastas de todos os fabricos de cerâmica comum. À semelhança das tigelas, o grupo mais frequente é o III-A, seguido dos grupos II-A e I-A. Os fabricos das cerâmicas exportadas da Turdetânia (II-A, II-B, III-A, III-B e IV) correspondem a 78% (do NMI) dos potes panelas, enquanto os fabricos locais (I-A e I-B) estão presentes em 22% dos indivíduos.

Os tipos 8, 9 e 12 de Sáez terão começado a ser fabricados por volta do século III a.C. O tipo 7, aparece em Cádiz durante o século VI a.C., evoluindo de formas cartaginesas do século VIII. (SÁEZ, 1995, p. 157-158, 164). As “urnas” também terão sido produzidas desde a I Idade do Ferro (ESCACENA, 1986, p. 456).

Elisa de Sousa registou em Faro grande quantidade de potes/panelas pertencentes às mesmas tipologias, em contextos de finais do século IV e século III a.C. (SOUSA, 2009, p. 79-81).

No Quintal da Judiária os potes/panelas foram encontrados desde as camadas mais superficiais até ao nível freático. Entre a estratigrafia preservada, os potes/panelas são uma presença frequente desde o século III a.C. (E-10) até ao final do século I a.C. (E-4.2).

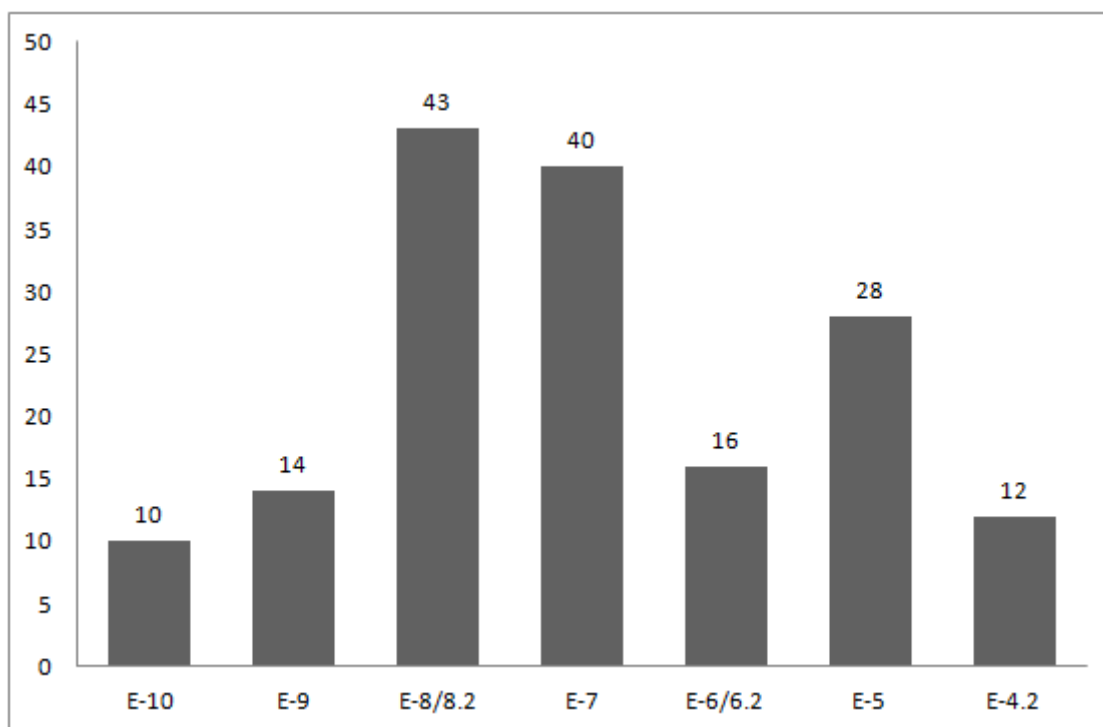


Fig. 37 – Distribuição dos potes/panelas por unidade estratigráfica (NMI).

### 9.2.3. Pratos

Os pratos são a terceira forma mais frequente de cerâmica comum púnico-turdetana, do Quintal da Judiária, com 29 fragmentos registados (28 NMI).

Os pratos estudados foram divididos em três formas distintas: pratos/taças, páteras e pratos de peixe.

Os pratos/taças são formas abertas, côncavas e fundas, com bordo esvasado, que se assemelham a uma das formas de pratos de E. Ferrer e F. J. García (2008, p. 209, fig. 1, nº

1-2, 4) (p. 152, fig. 89, nº 277-280). Esta tipologia talvez tenha evoluído dos pratos de engobe vermelho do período orientalizante, em particular os mais fundos e de bordo mais estreito, tipo IA de J. Mancebo (1996, p. 354).

As páteras correspondem a uma forma aberta, com um perfil de tendência horizontal, com um bordo ligeiramente reentrante (p. 151, fig. 88, nº 256-258) ou simples (p. 151, fig. 88, nº 259-252). Esta forma não está incluída na obra de A. M. Sáez (2005) ou na de E. Ferrer e F. J. García (2008), mas mostra alguma semelhança com as formas III e IV de Kuass (NIVEAU, 2003, p. 55-58).

O fundo dos pratos/taças e das páteras é desconhecido, mas poderá talvez ser do tipo anelar (p. 167, fig. 104, nº 489-491) semelhante ao registado entre vários pratos escavados em Almuñécar, Málaga (ADROHER, 2008, p. 197).

Os pratos de peixe são a tipologia mais comum (p. 151-152, fig. 88-89, nº 263-276). Correspondem a formas abertas, de tendência horizontal, com lábio pendente e uma depressão ao centro. O fundo, plano ou ligeiramente côncavo, pode ser simples ou com pé (p. 152, fig. 89, nº 275-276). Esta forma corresponde ao tipo 5 de Sáez (2005, p. 155-156) e tem semelhanças com a forma 23 de Lamboglia (1952, p. 172) e II de Niveau (2003, p. 47), excluindo o fundo, que não é anelar.

Independentemente das formas, a maioria dos pratos apresentam diâmetros semelhantes, entre os 16 e os 19 cm. O exemplar mais pequeno regista 14 cm de diâmetro e o maior 24 cm. Os dois fundos dos pratos de peixe têm um diâmetro quase idêntico: 5,6 e 5,7 cm.

Os pratos púnico-turdetanos encontrados no Quintal da Judiciária são frequentemente pintados, podendo exhibir bandas ao longo do lábio, no caso dos pratos de peixe, ou pintura no interior, como os pratos/taças e algumas páteras. A cor vermelha é predominante, estando também presente o cinzento, o negro e o castanho.

O fundo de um dos pratos de peixe (p. 152, fig. 89, nº 275) apresenta o interior revestido com engobe cinzento escuro, possivelmente para se assemelhar aos pratos de peixe de tipo Kuass (ver p. 89-91).

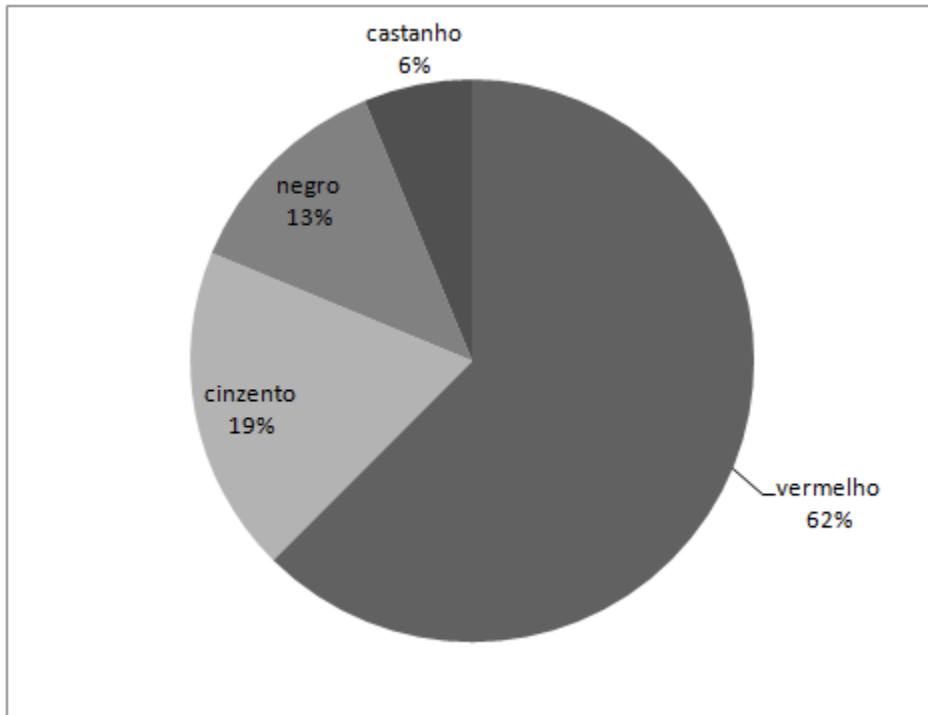


Fig. 38 – Distribuição das cores de pintura dos pratos (fragmentos).

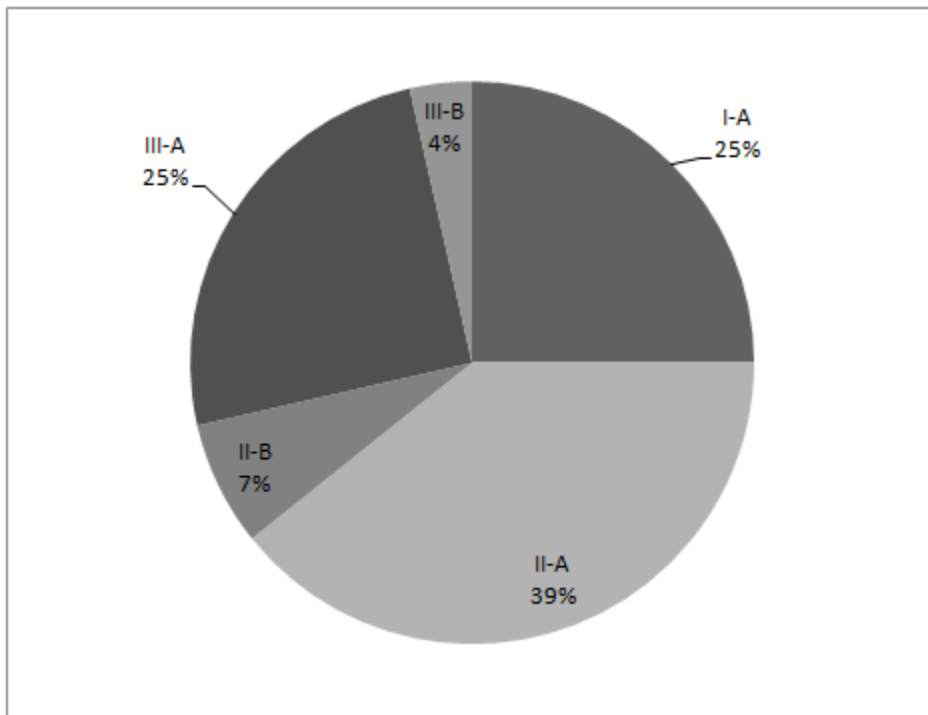


Fig. 39 – Distribuição dos grupos de fabrico dos pratos (NMI).

Os grupos de fabrico de pasta calcária, correspondentes às exportações da Turdetânia (II-A, II-B, III-A e III-B), são os mais comuns entre os pratos, com 22 fragmentos (21 NMI), enquanto o fabrico local (I-A) regista apenas 7 fragmentos (7 NMI).

Os pratos de peixe de cerâmica comum têm sido registados em contextos arqueológicos desde finais do século IV a.C. (SÁEZ, 2005, p. 156).<sup>45</sup> Elisa de Sousa também registou vários pratos em Faro em níveis de ocupação de finais do século IV e século III a.C. (SOUSA, 2009, p. 79).

Os pratos estão distribuídos ao longo de toda a estratigrafia preservada, mas a maioria foi recolhida entre as camadas de ocupação do século III (E-10) e cerca do ano 100 a.C. (E-7). O exemplar mais recente foi recolhido na u.e. E-4.2, de finais do século I a.C.

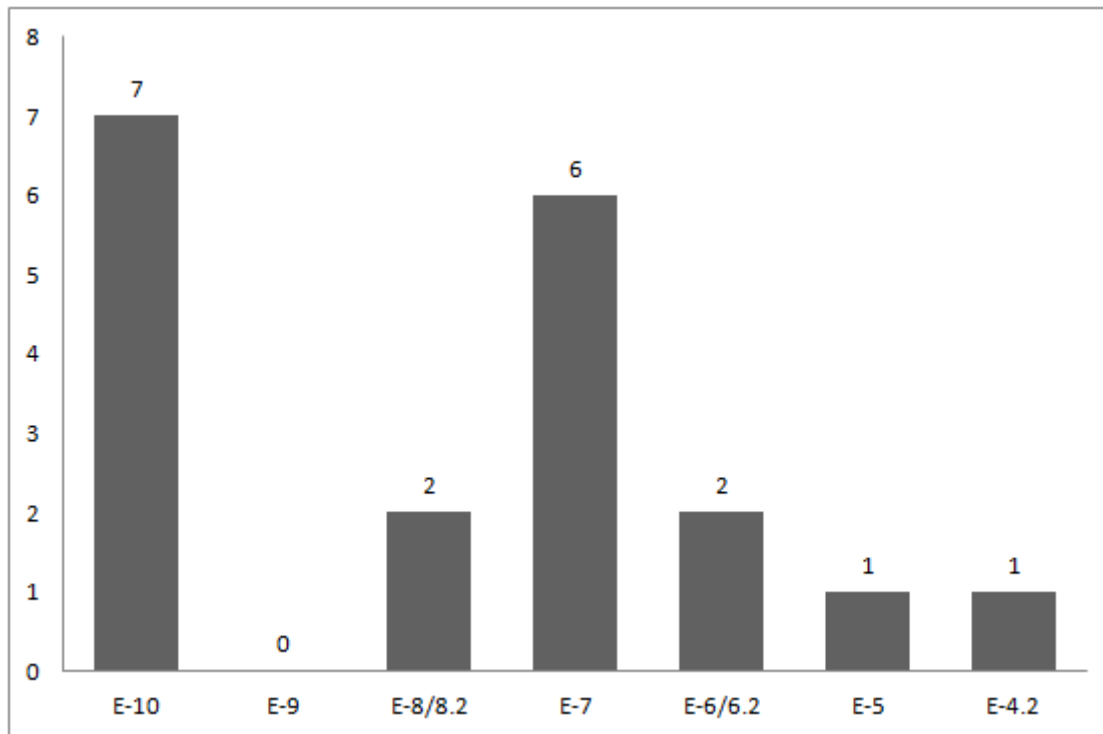


Fig. 40 – Distribuição dos pratos por unidade estratigráfica (NMI).

#### 9.2.4. Alguidares

Os alguidares são a quarta tipologia mais frequente entre a cerâmica comum púnico-turdetana do Quintal da Judiária, tendo sido registados 14 fragmentos (15 NMI).

<sup>45</sup> Para as outras formas de pratos existe pouca informação.

Os alguidares são formas abertas, com perfil de tendência vertical, com bordo esvasado, por vezes apresentando uma carena sob o bordo. Os fundos têm um pé ligeiramente anular. Estas formas correspondem ao tipo 4 de A. M. Sáez (2005, p. 154-155).

O diâmetro de bordo dos exemplares registados varia entre 28 a 35 cm (p. 163, fig. 100, nº 427-433). Três dos alguidares apresentam decoração pintada, sob a forma de uma banda ao longo do lábio, um dos quais também apresenta uma banda pintada no interior.

Entre os exemplares desta tipologia predominam os fabricos calcários das importações da Turdetânia (II-A, III-A e III-B), estando o fabrico local (A-I) em minoria.

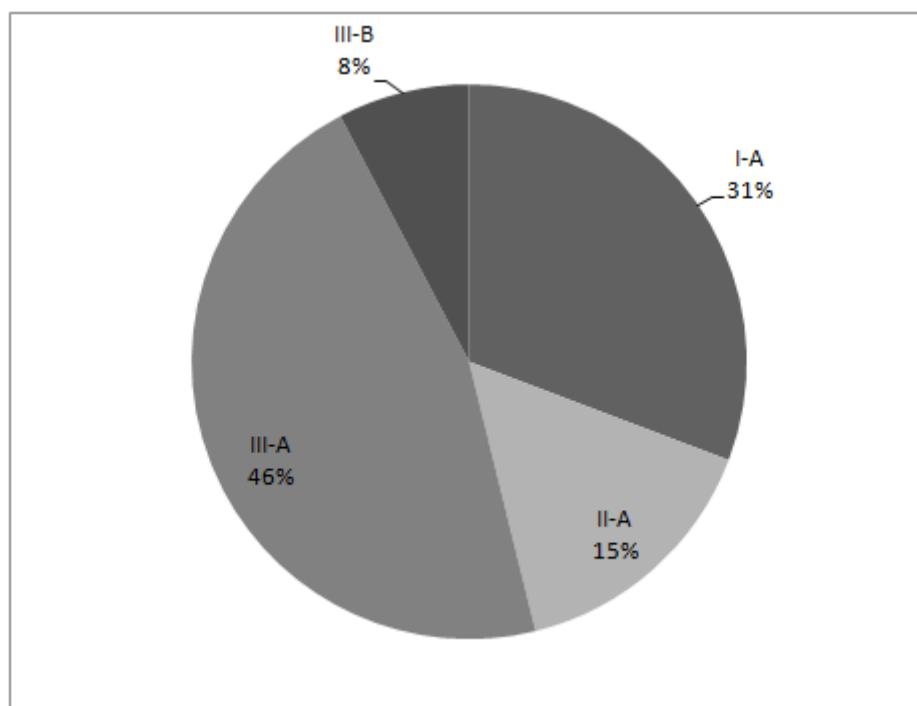


Fig. 41 – Distribuição dos grupos de fabrico dos alguidares (NMI).

Os alguidares terão sido produzidos a partir de meados do Iº milénio a.C. (SÁEZ, 2005, p. 154-155). Em Faro Elisa de Sousa registou vários em níveis de finais do século IV e século III a.C. (SOUSA, 2009, p. 83-84).

No entanto, todos os exemplares registados entre a estratigrafia preservada foram recolhidos em unidades estratigráficas da segunda metade do século II e princípios do I a.C. (E-8.2 a E-7).

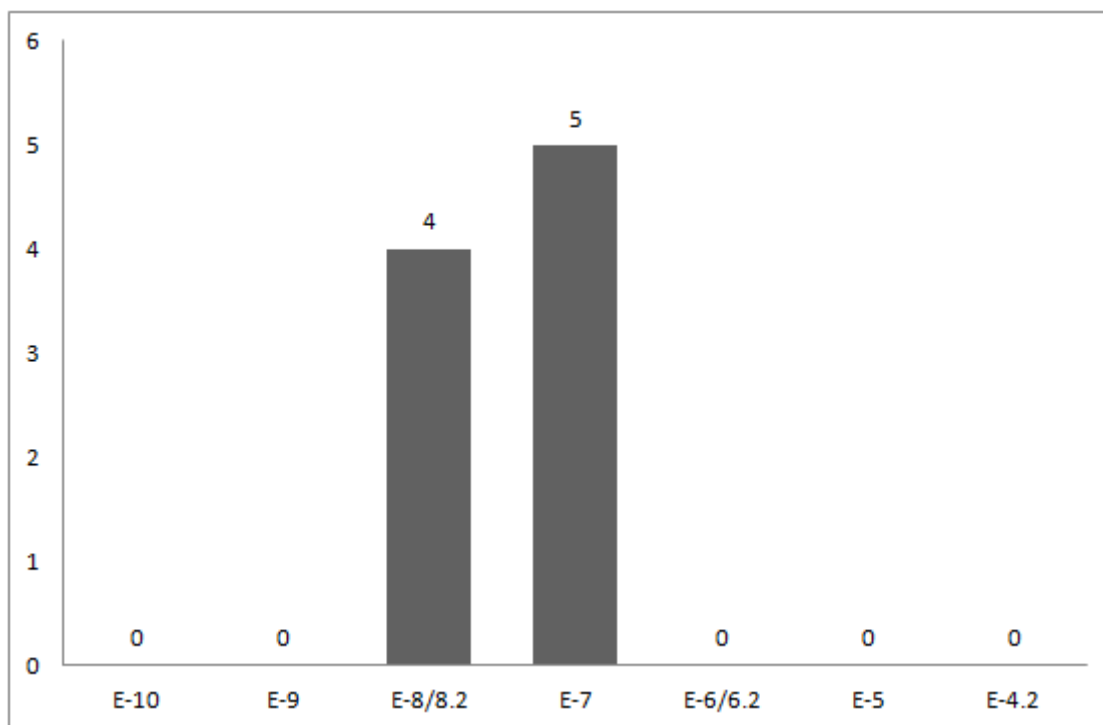


Fig. 42 – Distribuição dos alguidares por unidade estratigráfica (NMI).

### 9.2.5. Grandes taças

Esta tipologia está representada por apenas 4 fragmentos (3 NMI), todos descontextualizados. No entanto, devido às suas características, estas peças são provavelmente produções púnico-turdetas.

As grandes taças registadas no Quintal da Judiária (p. 149, fig. 86, nº 238-240) apresentam uma morfologia semelhante às tigelas, sendo a sua grande dimensão aquilo que as distingue. Esta forma assemelha-se ao tipo 2 de Sáez (2005, p. 151-152), mas sem o bordo reentrante.

Os três exemplares apresentam diâmetros de bordo entre os 22,5 e os 30 cm. Dois fragmentos de fundo que poderão ou não pertencer a esta tipologia registam 6,7 e 7 cm de diâmetro (p. 166, fig. 103, nº 485-486).<sup>46</sup>

Entre as três grandes taças, duas apresentam pastas calcárias do vale do Guadalquivir, fabrico III-A, e a outra uma pasta de origem local, fabrico I-A.

<sup>46</sup> Os fundos de grande taças podem confundir-se com os de tigelas ou outros recipientes que tenham um fundo com pé, razão pela qual não foram usados para calcular o número total desta tipologia.

Os fragmentos deste tipo de cerâmica foram registados nos níveis superficiais do sector E e do sector C, não sendo possível determinar a sua cronologia. No entanto Elisa de Sousa identificou vários exemplares de grandes taças em níveis de finais do século IV e século III a.C. (SOUSA, 2009, p. 83).

#### 9.2.6. Pequenas taças

As pequenas taças são a quinta tipologia mais frequente entre a cerâmica comum recolhida no Quintal da Judiária, com um total de 13 fragmentos (12 NMI).

Esta tipologia corresponde a pequenos recipientes de corpo mais ou menos globular, com bordo reentrante e fundo com pé, plano ou ligeiramente côncavo. Estas pequenas taças correspondem ao tipo 1.1 de Sáez (2005, p. 149) e a sua morfologia é semelhante à forma IX de A. M. Niveau (2003, p. 71-78), com excepção do pé anelar.

Os exemplares registados apresentam diâmetros de bordo que variam entre 10,5 a 7,5 cm (p. 150, fig. 87, nº 244-255). Os dois únicos fundos apresentam 5 e 4,2 cm de diâmetro. Um dos fragmentos está decorado com duas bandas cinzentas (p. 150, fig. 87, nº 246).

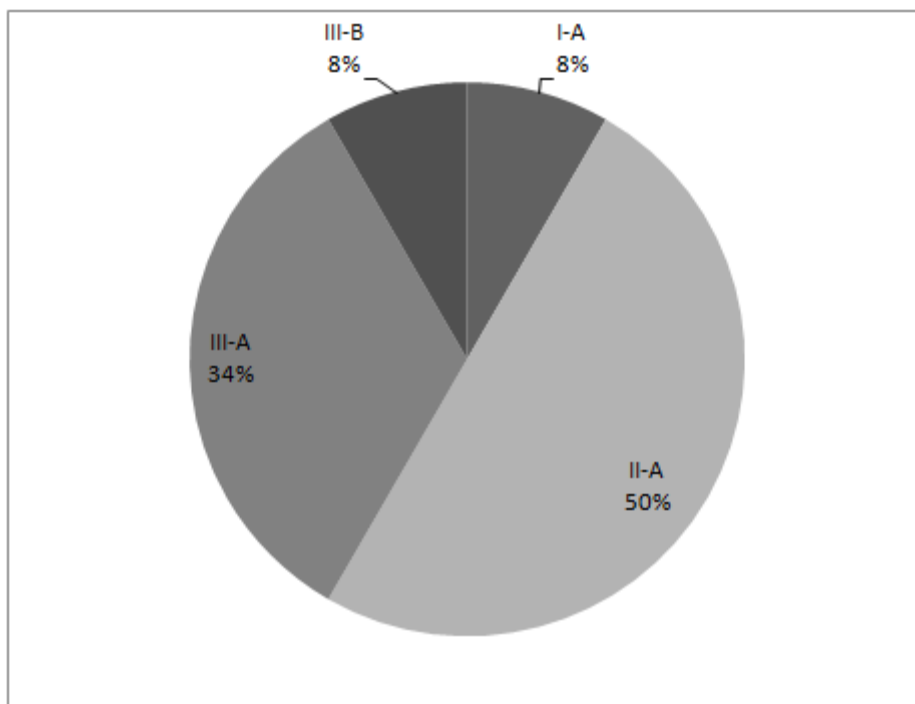


Fig. 43 – Distribuição dos grupos de fabrico das pequenas taças (NMI).



As pastas das pequenas taças são quase exclusivamente calcárias, correspondentes às exportações da Turdetânia (II-A, III-A, III-B), apenas um fragmento apresenta um fabrico local (I-A).

Esta tipologia, que começou a ser produzida no século IV a.C. (SÁEZ, 2005, p. 149), terá servido a função de lucerna, entre outras, como o parecem indicar vários exemplares descobertos com marcas de queimado junto ao bordo (FERRER, GARCÍA, 2008, p. 208). No entanto, em nenhum dos exemplares estudados foram detetados vestígios de fuligem.

Na estratigrafia do Quintal da Judiária as pequenas taças estão presentes do final da Idade do Ferro (E-10) até ao século I a.C. (E-5), com a maioria concentrada em unidades estratigráficas do século III ao ano 100 a.C. (E-10 a E-7).

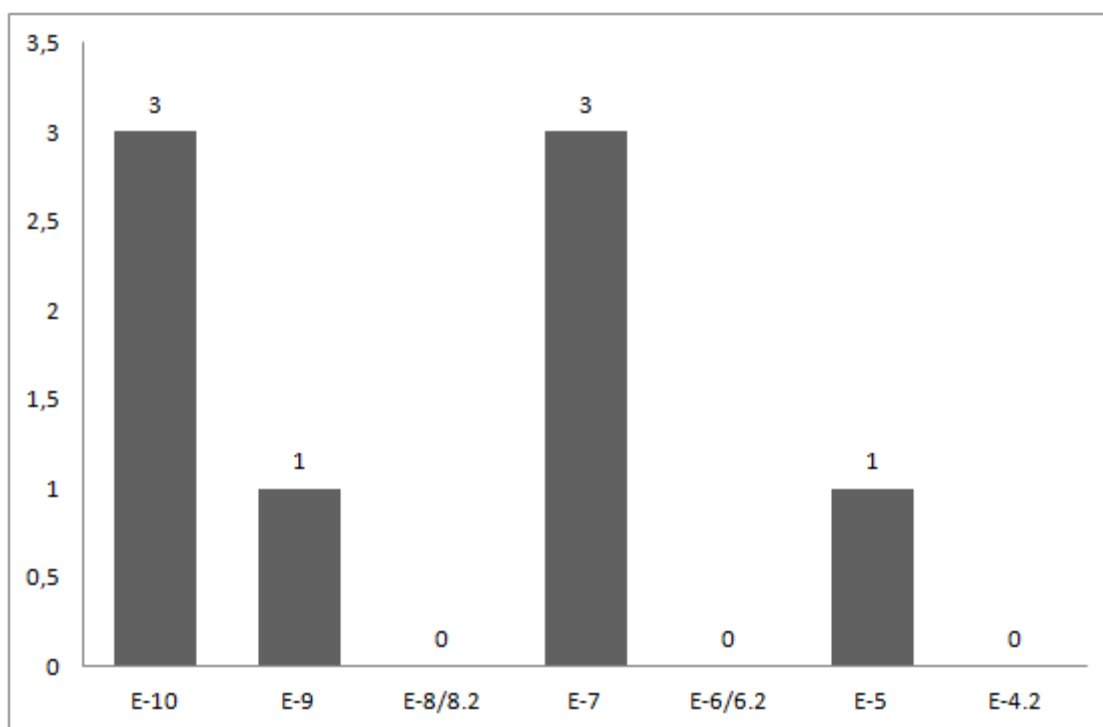


Fig. 44 – Distribuição das pequenas taças por unidade estratigráfica (NMI).

### 9.2.7. Almofarizes

Dois fragmentos de almofarizes (2 NMI) foram encontrados entre a cerâmica comum púnico-turdetana do Quintal da Judiária.

Os dois exemplares (p. 162, fig. 99, nº 245-246) pertencem ao tipo 3.1 de A. M. Sáez (2005, p. 152). Esta tipologia corresponde a formas abertas com bordos esvasados,

aplanados e ligeiramente reentrantes, com paredes muito grossas e fundos largos de pé anelar.

Um dos fragmentos é um bordo, com um diâmetro de 36 cm, enquanto o outro corresponde a um fundo de pé anelar, com 19,5 cm de diâmetro. Ambos os fragmentos estão cobertos numa aguada clara esbranquiçada acinzentada.

O fragmento de bordo apresenta uma pasta do fabrico III-B. enquanto o fundo pertence ao fabrico I-A. O primeiro terá sido importado do vale do Guadalquivir, enquanto o segundo será de produção local.

Esta tipologia aparece em contextos arqueológicos datados entre meados do século III e princípios do século II a.C. Em Faro Elisa de Sousa registou seis almofarizes em níveis de finais do século IV e século III a.C. (SOUSA, 2009, p. 82). Ambos os fragmentos encontrados no Quintal da Judiária provem da u.e. E-10 (século III a.C.).

Também foi registado um outro fragmento de fundo com pé, ligeiramente côncavo, com 9 cm de diâmetro (p. 166, fig. 103, nº 487), que se assemelha aos fundos dos almofarizes púnico-turdetanos do tipo 3.2 de A. M. Sáez (2005, p. 152-154) e cartagineses do tipo 131 de S. Lancel (1987, p. 118). Este fragmento provém da u.e. E-4.2 e têm uma pasta avermelhada, identificada com o grupo de fabrico I-A.<sup>47</sup>

#### **9.2.8. Tampas**

Entre a cerâmica comum púnico-turdetana do Quintal da Judiária, foram identificados três fragmentos de tampas (3 NMI).

A identificação de tampas como pertencentes a tipologias pré-romanas não é simples, devido à semelhança entre estas e várias tipologias de tradição itálica. Os três fragmentos estudados apresentam uma morfologia com semelhanças às formas púnico-turdetanas e as suas pastas assemelham-se às da cerâmica comum indígena, mas existe a possibilidade dos três fragmentos estudados pertencerem a tampas romanas.

Os três fragmentos registados (p. 149, fig. 86, nº 241-243) correspondem a um bordo e duas pegas, que se assemelham ao tipo 6.2 de Sáez. Esta é uma tipologia de pequenas

---

<sup>47</sup> Este fundo não foi incluído no total dos almofarizes pois os fundos com pé são relativamente comuns entre as cerâmicas púnico-turdetanas, pelo que existe a possibilidade de poder pertencer a outra forma.

tampas, de bordo simples e arredondado e pegas proeminentes, que talvez tenham sido usadas para tapar potes/panelas dos tipos 7, 8 e 12 de Sáez (2005, 156-157).

O fragmento de bordo apresenta um diâmetro de 14,5 cm, enquanto as pegas registam 5,1 e 4,6 cm.

Todas as três peças pertencem ao fabrico III-A, o que significa que terão sido exportadas do vale do Guadalquivir.

A cronologia destas peças estaria entre os séculos III-II a.C., como é sugerido por A. M. Sáez (2005, p. 157). No entanto, os dois fragmentos de tampas que foram encontrados entre a estratigrafia preservada provém da u.e. E-5, enquadrável na segunda metade do século I a.C.

#### **9.2.9. Jarro**

De entre as formas púnico-turdetas registadas, foi um identificado um único fragmento de jarro (p. 162, fig. 99, nº 424), que deve corresponder ao tipo 10 de A. M. Sáez.

Esta tipologia caracteriza-se por um corpo piriforme com fundo côncavo,<sup>48</sup> colo, bordo simples, um pouco esvasado ou de tendência vertical e com uma asa ligando a boca aos ombros do corpo (SÁEZ, 2005, p. 159-160).

O fragmento registado no Quintal da Judiária corresponde a um bordo com 7,4 cm de diâmetro. A sua pasta pertence ao grupo III-A das exportações turdetanas.

Esta tipologia terá sido produzida a partir do século III a.C. (SÁEZ, 2005, p. 160). O fragmento identificado foi recolhido na u.e. E-4.2, correspondente ao final do século I a.C.

#### **9.2.10. Formas indeterminadas**

Entre o material cerâmico do Quintal da Judiária registaram-se vários fragmentos de cerâmica comum cujas formas parecem pertencer à tradição púnico-turdetana, mas para os quais não foi possível identificar a tipologia.

---

<sup>48</sup> A maioria das tipologias com fundos côncavos correspondem a potes/panelas, dos tipos 8, 9 e 12 de Sáez (2005). Devido à raridade dos jarros, todos os fundos côncavos foram identificados como fragmentos de potes/panelas.

Estas peças cerâmicas correspondem na sua maioria a fundos (p. 164-168, fig. 101-105, nº 434-509) e bordos de formas abertas (p. 152-153, fig. 89-90, nº 281-290).

Entre os fundos registam-se três, de pé anelar, que poderão pertencer a pratos ou tigelas (p. 167, fig. 104, nº 489-491), e um outro que se assemelha aos fundos das taças de tipo Kuass (p. 167, fig. 104, nº 488), mas sem engobe e com pasta cinzenta (II-B).

Também se registaram fundos pequenos, com diâmetros entre 3,4 e 4,8 cm (p. 167, fig. 104, nº 492-495), talvez relacionados com a tipologia das pequenas taças (ver p. 71). Dois destes assemelham-se aos fundos da forma IX de tipo Kuass: o fragmento nº 495 é parecido com o fundo das pequenas taças IX-C (NIVEAU, 2003, p. 72); enquanto o fragmento nº 494 tem semelhanças com a variante IX-A (NIVEAU, 2003, p. 73). Este último encontra-se revestido de um engobe espesso, estalado, semelhante ao da cerâmica de tipo Kuass, mas com uma cor amarelada.

Quanto aos bordos de formas abertas, alguns poderão pertencer à tipologia dos “vasos tulipiformes” de E. Ferrer e F. J. García (2008, p. 208, 210), enquanto outros poderão pertencer a diferentes tipos de taças.

A tipologia dos “vasos tulipiformes” corresponde a recipientes abertos, de bordo esvasado, com carena na parte central do corpo e fundo com pé ligeiramente côncavo. Nove fragmentos pertencentes a sete indivíduos assemelham-se a esta tipologia (p. 153, fig. 90, nº 284-290). Os bordos registam diâmetros entre os 15 e os 20 cm, a sua pasta pertence aos fabricos I-A, II-A e III-A e encontram-se distribuídos pela estratigrafia preservada, da u.e. E-10 até à E-4.2.

Entre as outras formas abertas também está presente uma taça com um perfil semelhante aos vasos tulipiformes, mas com um diâmetro maior, de 26 cm (p. 152, fig. 89, nº 283). Foi encontrada na u.e. E-10, a sua pasta é do fabrico II-A e o seu exterior está pintado a vermelho.

Outra taça de tipologia indeterminada, com 10,5 cm de diâmetro, apresenta um bordo em ponta e engobe vermelho no interior, ao estilo dos pratos do período orientalizante (p. 152, fig. 89, nº 281). Esta peça foi recolhida na u.e. E-5 (segunda metade do século I a.C.). A sua pasta é cinzenta, tendo sido identificada com o fabrico II-B.

Também entre as formas abertas foi encontrada uma “taça” cuja morfologia é significativamente diferente das outras (p. 152, fig. 89, nº 282). Esta peça apresenta um

bordo arredondado, de tendência vertical, com cerca de 18 cm de diâmetro.<sup>49</sup> Abaixo do bordo, na parede exterior, salienta-se uma aba triangular, que poderia ter a função de suporte. O bordo e a aba estão decorados com bandas pintadas. A pasta desta peça é calcária, do fabrico III-A, tendo sido recolhida na u.e. E-7 (c. 100 a.C.).

### 9.3. Grafito em escrita pré-latina

Na unidade estratigráfica E-10 encontrou-se um fragmento com um grafito em escrita pré-latina.

Vários sistemas de escrita pré-latinos derivados do alfabeto fenício existiram na Península Ibérica durante a Idade do Ferro. No Sul de Portugal, no período orientalizante, o sistema de escrita usado era de tipo semi-silábico, conhecido como “escrita do sudoeste.” Este “semi-silabário,” empregue quase exclusivamente em lápides funerárias, desaparece durante a transição para a II Idade do Ferro (BEIRÃO; GOMES, 1985, p. 490, 496-497).

O uso de escrita só regressa ao sul do território português durante os últimos séculos do Iº milénio a.C., junto com as influências culturais que chegam da Andaluzia (BEIRÃO; GOMES, 1985, p. 496). A maioria das inscrições deste período encontradas no Sul de Portugal e na região andaluza aparecem sobre peças cerâmicas e objectos de metal (BEIRÃO; GOMES, 1985) (HOZ, 1976).

O fragmento com o grafito pré-latino (p. 168, fig. 105, nº 510), registado entre o material cerâmico do Quintal da Judiciária, provém da u.e. E-10 (século III a.C.). Trata-se de um fragmento de bojo, talvez pertencente a uma forma fechada. O fabrico corresponde ao grupo I-A da cerâmica comum, originário de Faro.

O grafito consiste num único carácter, riscado sobre a superfície da peça antes da cozedura, formado por uma linha intersectada por três outras mais pequenas. O carácter assemelha-se ao "S" da escrita ibérica meridional, descendente do *samekh* fenício (HOZ, 1976, p. 305-306).

Este carácter poderia estar originalmente associado a outros, formando uma palavra ou até um antropónimo, ou poderia estar isolado, constituindo algum tipo de marca, como tem sido registado em algumas peças cerâmicas e outros objectos encontrados em Portugal (BEIRÃO; GOMES, 1985, p. 492).

---

<sup>49</sup> O fragmento é pequeno, pelo que o diâmetro indicado é apenas aproximado.

Este grafito ocorre no único nível estratigráfico do Quintal da Judiária anterior à presença romana (E-10). No entanto, têm sido registadas na Andaluzia várias inscrições pré-latinas datadas dos séculos II e I a.C. (HOZ, 1976).

## 10. A cerâmica manual

A cerâmica de produção manual ocorre com pouca frequência entre o material escavado no Quintal da Judiciária, apesar de estar registada ao longo dos três séculos da estratigrafia preservada (III-I a.C.).

A produção de cerâmica através de modelação manual foi predominante desde o Neolítico até ao período orientalizante. Durante este último, sob a influência fenícia, é introduzida na Península Ibérica a tecnologia do torno de oleiro, que se difunde paulatinamente ao longo da Idade do Ferro, enquanto as produções de cerâmica manual vão diminuindo (PELLICER, 1987).

Apesar da técnica manual ser de origem antiga, as formas cerâmicas aqui registadas correspondem a tigelas e potes/panelas de tipos semelhantes aos da cerâmica comum de tradição púnico-turdetana. Ou seja, a cerâmica manual aqui em estudo é cerâmica comum produzida à mão, não uma categoria distinta como o tipo Kuass ou as ânforas. No entanto, devido à sua escassez e à sua técnica de produção "arcaica", a cerâmica manual foi tratada no presente trabalho como um grupo à parte.

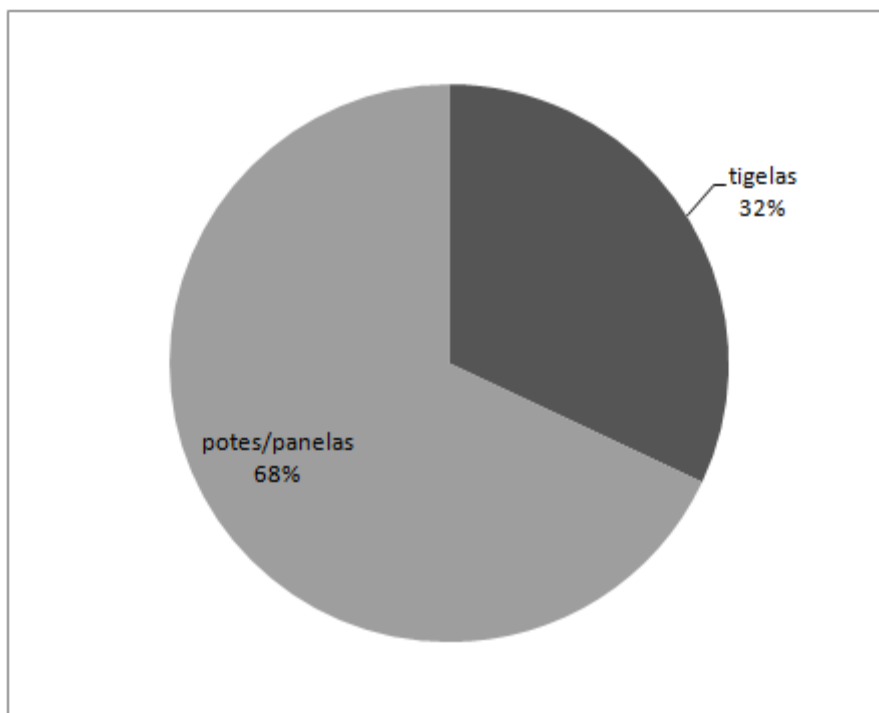


Fig. 45 - Distribuição das formas de cerâmica manual (NMI).

Entre o espólio cerâmico do Quintal da Judiária foram registados 27 fragmentos de cerâmica manual (25 NMI), apenas 3% do total da cerâmica púnico-turdetana. Todos os fragmentos cuja tipologia foi possível identificar correspondem a tigelas (7 NMI) e potes/panelas (15 NMI), alguns destes últimos apresentam o exterior coberto de fuligem.

A maior quantidade de potes/panelas em relação a tigelas, já havia sido documentada por Elisa de Sousa entre a cerâmica de produção manual de Faro, de final da Idade do Ferro (SOUSA, 2009, p. 85-86).

A cerâmica manual está presente na maioria da estratigrafia preservada, mas quase metade foi recolhida na u.e. E-10, correspondente ao final da II Idade do Ferro (século III a.C.). A quantidade de cerâmica de produção manual parece reduzir-se significativamente após a chegada dos romanos, sendo registada em menor quantidade nos níveis de ocupação dos séculos II-I a.C.

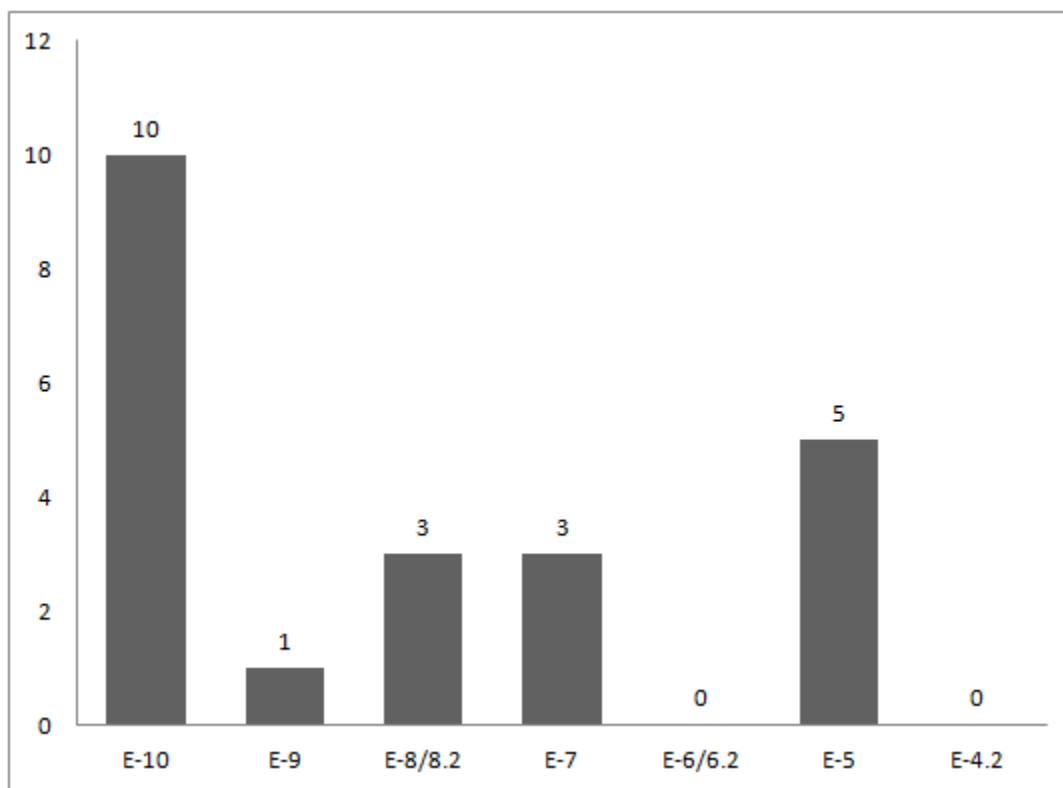


Fig. 46 – Distribuição de cerâmica manual por unidade estratigráfica (NMI).



### 10.1. Os fabricos

Entre a cerâmica de produção manual estudada identificaram-se três grupos de fabrico distintos, um dos quais foi dividido em dois subgrupos.

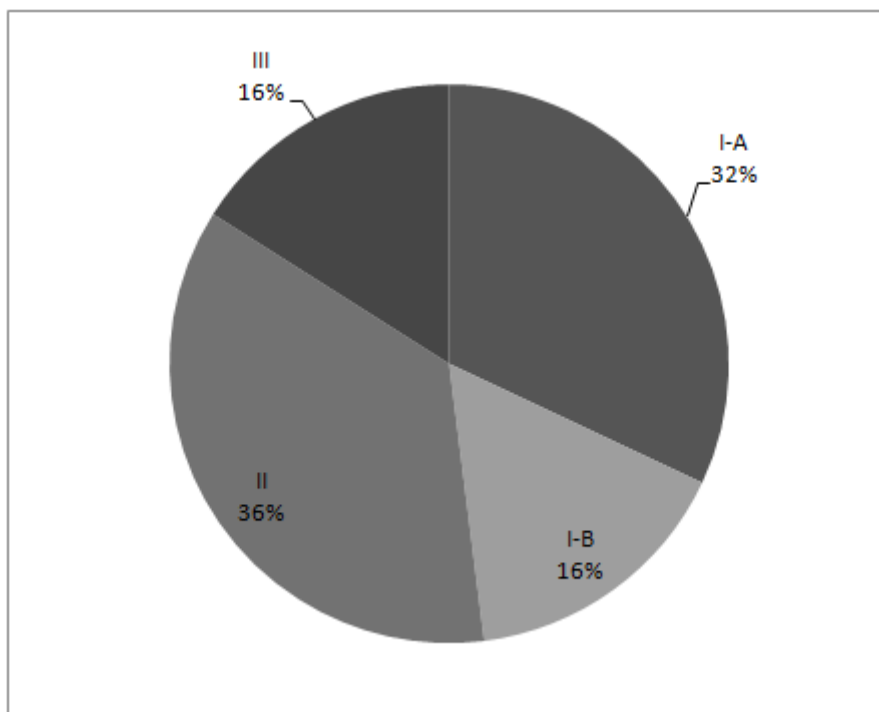


Fig. 47 – Distribuição dos grupos de fabrico de cerâmica manual (NMI).

O grupo I corresponde a uma pasta não calcária, pouco compacta e pouco depurada, com frequentes partículas de mica, calcite, plagioclase e minerais negros, algum quartzo e poucos elementos ferruginosos. Este grupo foi dividido em dois subgrupos: I-A e I-B.

A pasta do subgrupo I-A é cozida em modo A, apresentando uma cor laranja avermelhada (10R 5/8 *red* – 2.5YR 5/8 *red*), enquanto a do subgrupo I-B está cozida em modo B, de forma irregular, resultando em tons entre o castanho alaranjado (5YR 4/6 *yellowish red*) e o cinzento escuro (5YR 3/1 *very dark gray*).

O subgrupo I-A está representado por 8 fragmentos (8 NMI) de tigelas e potes/panelas, enquanto o I-B está representado por 6 fragmentos (4 NMI) de potes/panelas. Este grupo assemelha-se ao grupo I da cerâmica comum, sendo provavelmente originário de Faro.

O grupo II caracteriza-se por uma pasta calcária, cozida em modo A, com uma cor bege claro (10YR 8/2 *white* – 7.5YR 8/4 *pink*) e por vezes bege rosado (5YR 8/4 *pink*). A pasta é

pouco compacta e entre pouco a medianamente depurada, apresentando frequente calcite, plagioclase, algumas partículas de mica, elementos ferruginosos, minerais negros e pouco quartzo. Este grupo, que se assemelha ao fabrico III-A das produções a torno do vale do Guadalquivir, está representado por 9 fragmentos (9 NMI) de tigelas e potes/panelas.

O grupo III corresponde a um fabrico de pasta calcária, cozida em modo A, de cor bege claro (10YR 8/3 *very pale brown* – 7.5YR 7/4 *pink*), pouco compacta e muito pouco depurada, registando uma abundante quantidade de quartzo, calcite, plagioclase, minerais negros, alguns elementos ferruginosos e raras partículas de mica.

As peças cerâmicas do grupo III, pela sua pasta calcária, eram provavelmente importadas da Turdetânia. Este grupo está representado por 4 fragmentos (4 NMI), entre os quais três potes/panelas e um fundo, possivelmente de tigela.

## **10.2. As formas**

### **10.2.1 Tigelas**

As tigelas de cerâmica manual registadas no Quintal da Judiária estão representadas por 8 fragmentos (8 NMI).

As tigelas de produção manual apresentam uma forma hemisférica, com bordo simples arredondado, com pouco ou nenhum espessamento, de tendência horizontal. O único fundo registado é ligeiramente côncavo, com pé pouco pronunciado. As tigelas correspondem ao tipo 1.2 de Sáez (2005, p. 149-150) (p. 169, fig. 106, nº 511-518).

Estas tigelas são em média maiores que as produzidas a torno, mais largas e com paredes um pouco mais grossas. O diâmetro do bordo varia entre 15 a 20 cm, com a maioria das peças apresentando 17 cm (mais um centímetro que as tigelas produzidas ao torno).

Ao nível da pasta, o fabrico com origem em Faro, grupo I-A, corresponde a metade das peças registadas, com a outra metade distribuída pelos fabricos de pasta calcária, grupos II e III, importados da Turdetânia.

As tigelas de cerâmica manual foram quase todas encontradas na u.e. E-10, correspondente ao século III a.C., apenas uma apareceu na u.e. E-7 (c. 100 a.C.).

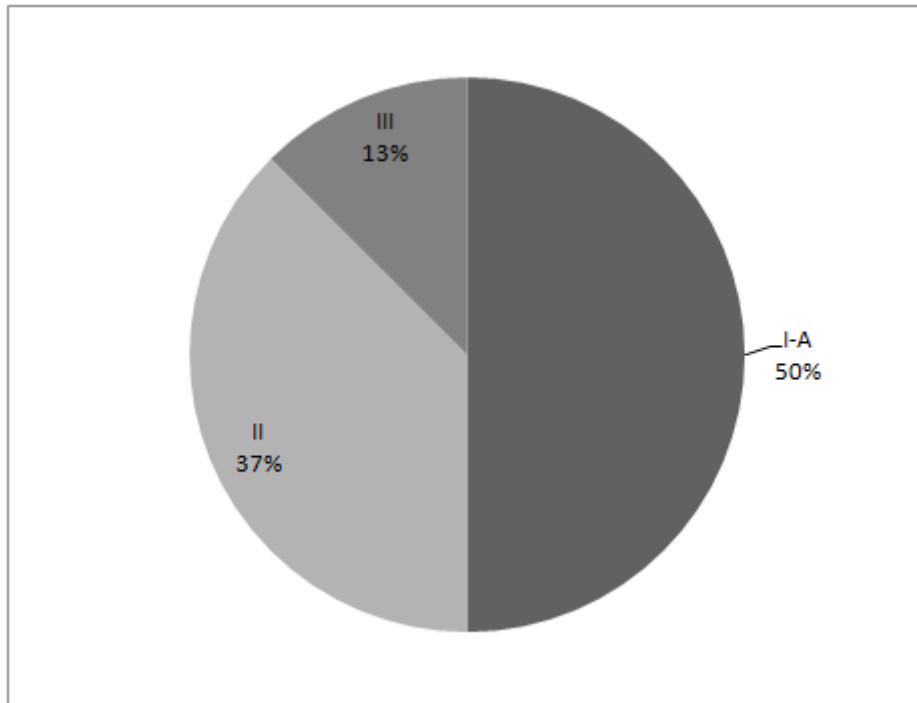


Fig. 48 – Distribuição dos grupos de fabrico das tigelas de cerâmica manual (NMI).

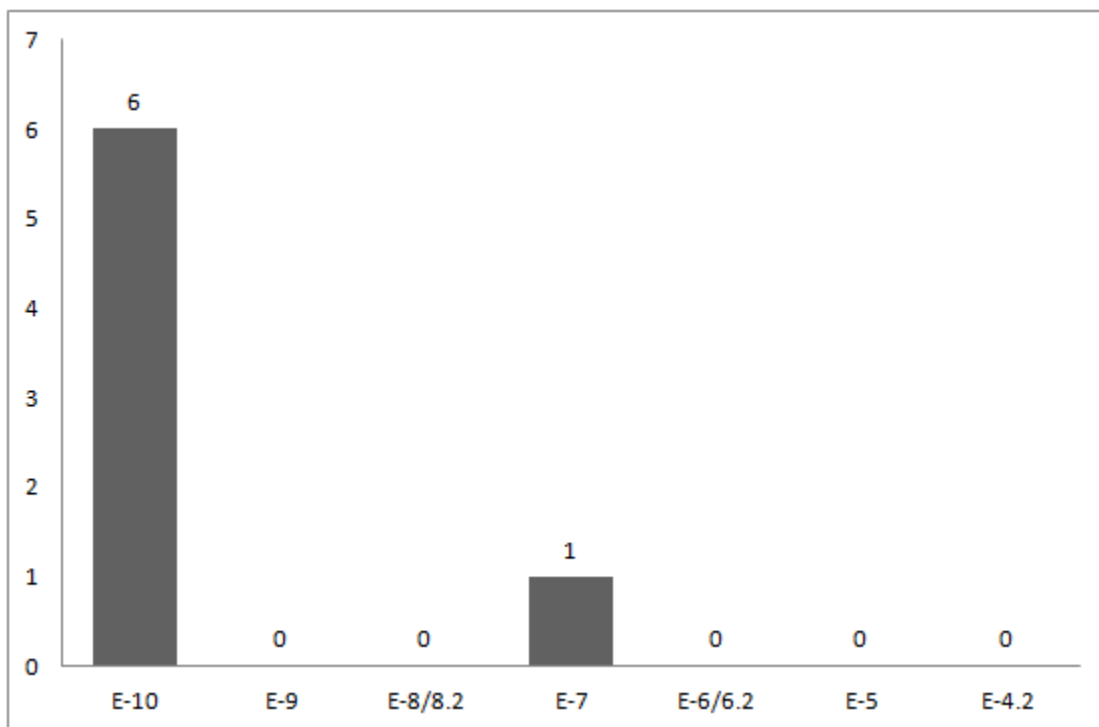


Fig. 49 – Distribuição das tigelas de cerâmica manual por unidade estratigráfica (NMI).

### 10.2.2 Potes/panelas

Entre a cerâmica manual registaram-se 19 fragmentos de potes/panelas (17 NMI).

Os potes/panelas pertencem às mesmas tipologias da cerâmica comum a torno, tipo 7 de Sáez (p. 169, fig. 106, nº 519-520) e tipos 8, 9 e 12 (SÁEZ, 2005, p. 176-177) (p. 169-170, fig. 106-107, nº 521-533).<sup>50</sup> As formas são globulares, com colo e bordos esvasados, os quais são em média mais simples do que os seus equivalentes a torno. O seu diâmetro médio é de 14,5 cm, que é aproximadamente o mesmo das formas a torno. Apenas um indivíduo apresenta uma banda pintada.

Os três fragmentos de fundo são planos com marcas de queimado, indicando o seu uso como panela (p. 170, fig. 107, nº 534-536). Dois têm pé como o tipo 7 de Sáez, mas são de maior dimensão, com 10,2 e 11 cm de diâmetro,<sup>51</sup> ao contrário da versão a torno de 6-8 cm.

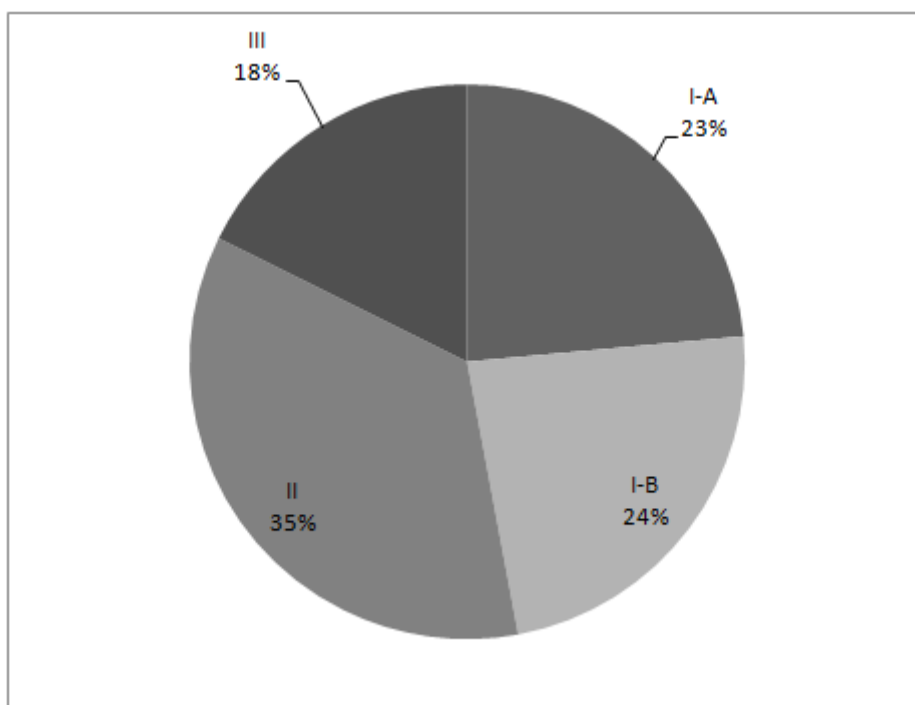


Fig. 50 – Distribuição dos grupos de fabrico dos potes/panelas de cerâmica manual (NMI).

<sup>50</sup> Há no entanto uma peça com um colo demasiado pequeno, proveniente da u.e. E-10 (p. 165, fig. 106, nº 521), que apresenta semelhanças com muitas panelas de cerâmica manual registadas em Castro Marim (OLIVEIRA, 2006) e umas poucas registadas em Faro (SOUSA, 2009, p. 193). Talvez fizesse parte de uma tradição regional.

<sup>51</sup> Alguns potes/panelas com fundos semelhantes foram registados entre a cerâmica manual da II Idade do Ferro em Faro (SOUSA, 2009, p. 193) e Castro Marim (OLIVEIRA, 2006).

Tal como acontece com as tigelas, metade dos indivíduos de potes/panelas apresentam fabricos de origem local (grupos I-A e I-B), com os restantes correspondendo a pastas calcárias (grupos II e III) características das exportações da Turdetânia.

Os potes/panelas de cerâmica manual, ao contrário das tigelas, foram produzidos durante os séculos III a I a.C., aparecendo ao longo de toda a estratigrafia preservada do Quintal da Judiária.

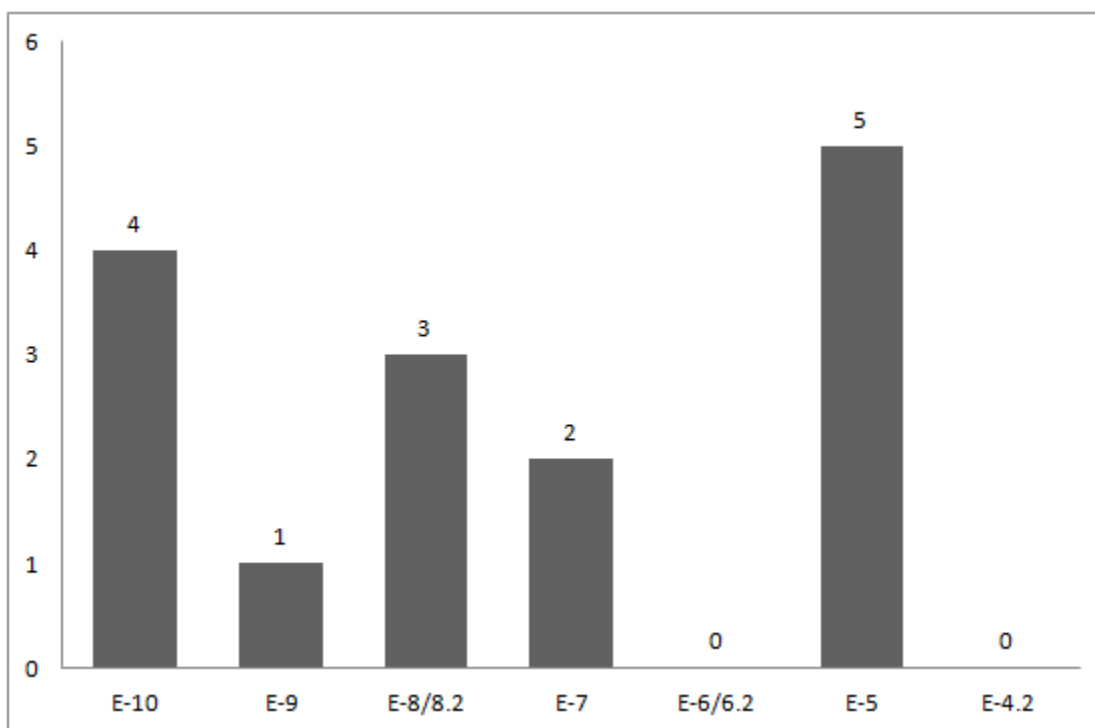


Fig. 51 – Distribuição dos potes/panelas de cerâmica manual por unidade estratigráfica (NMI).

## 11. A cerâmica de tipo Kuass

A cerâmica de mesa fina, conhecida como "de tipo Kuass", está presente em todas as camadas de ocupação pertencentes à II Idade do Ferro e período romano-republicano (séculos III-I a.C.) do Quintal da Judiária.

A cerâmica de tipo Kuass, presente em toda a zona do Círculo do Estreito (Andaluzia, Sul de Portugal e Norte de Marrocos), é uma categoria de serviço de mesa, com acabamento engobado, cujas formas são imitações das da cerâmica ática, presentes na Península Ibérica durante os séculos VI-IV a.C. As tipologias de Kuass correspondem a taças, pratos e algumas formas fechadas, com predominância das formas II e IX de Niveau (2003), "pratos de peixe" e pequenas taças de bordo reentrante, respectivamente. O início da produção desta categoria cerâmica, nos finais do século IV a.C., corresponde ao fim das importações áticas na Península Ibérica (NIVEAU, 2003).

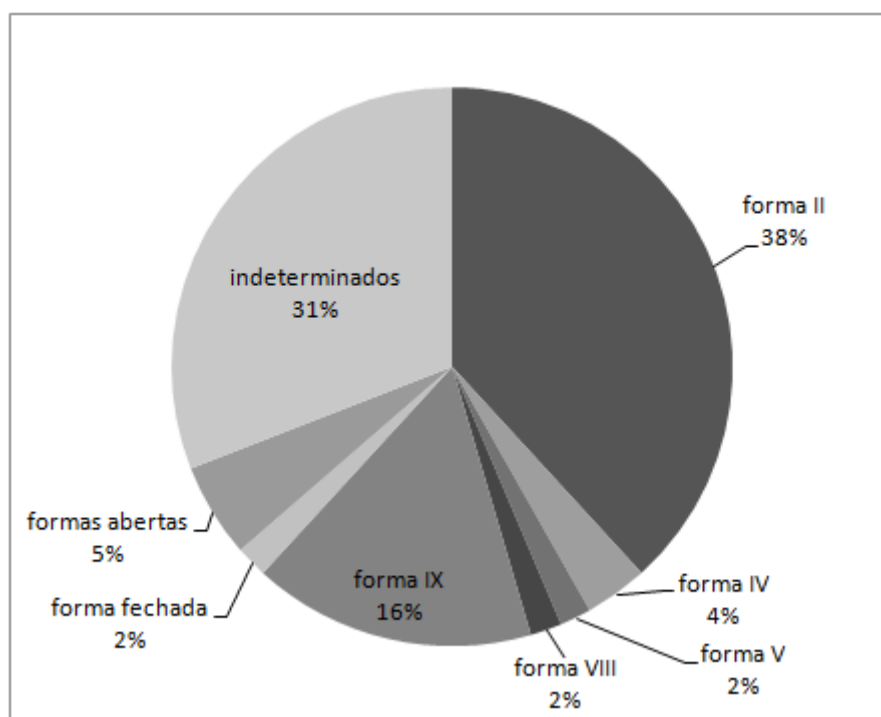


Fig. 52 – Distribuição das formas de cerâmica tipo Kuass (NMI).<sup>52</sup>

<sup>52</sup> A razão da percentagem de indivíduos indeterminados ser mais elevada para a cerâmica de tipo Kuass do que para a cerâmica comum ou ânforas, deve-se à presença de engobe que permite identificar a categoria dos fragmentos amorfos.

Da cerâmica escavada no Quintal da Judiária foram contabilizados 76 fragmentos (48 NMI), que representam apenas 6% do total das peças púnico-turdetas. Estes correspondem às formas II, IV, V (pratos), VIII e IX (taças) de Ana María Niveau (2003). Também se identificou uma forma fechada e duas formas abertas.

O engobe das peças de tipo Kuass apresenta tons que alternam entre o vermelho e o negro acinzentado e também tons intermédios acastanhados. A cor vermelha é certamente herdada das cerâmicas fenício-púnicas do período orientalizante, enquanto o engobe negro acinzentado será provavelmente uma tentativa de imitar o verniz negro das produções áticas.

A cerâmica de tipo Kuass, por ser uma descendente da cerâmica ática, está aparentada com a campaniense. Durante o século III a.C. o tipo Kuass é a única cerâmica da sua família no Algarve, mas com a chegada dos romanos tem que competir com as importações de verniz negro itálicas.

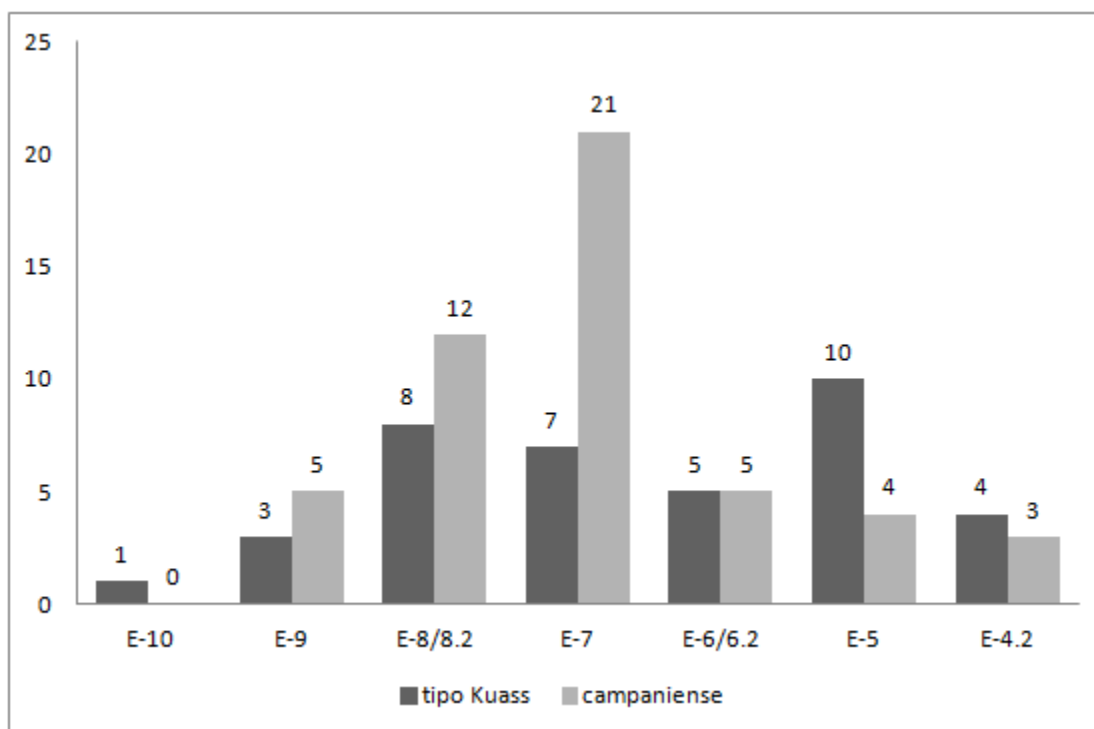


Fig. 53 – Distribuição das cerâmicas tipo Kuass e campaniense por unidade estratigráfica (NMI).

O momento em que a cerâmica de tipo Kuass deixa de ser produzida é desconhecido. Em 2003, Ana María Niveau sugeriu que a produção desta cerâmica teria terminado entre finais do século III e a primeira metade do século II a.C. (NIVEAU, 2003, p. 183). Posteriormente, outros autores revelaram a presença do tipo Kuass em contextos mais tardios, incluindo o século I d.C. (ESCACENA; MORENO, 2014, p. 80). Para o Algarve, por enquanto, foi identificado Kuass em níveis de ocupação do século I a.C. (SOUSA, 2010).

### 11.1. Os fabricos

Os fragmentos de cerâmica de tipo Kuass analisados correspondem apenas a três grupos de fabrico.

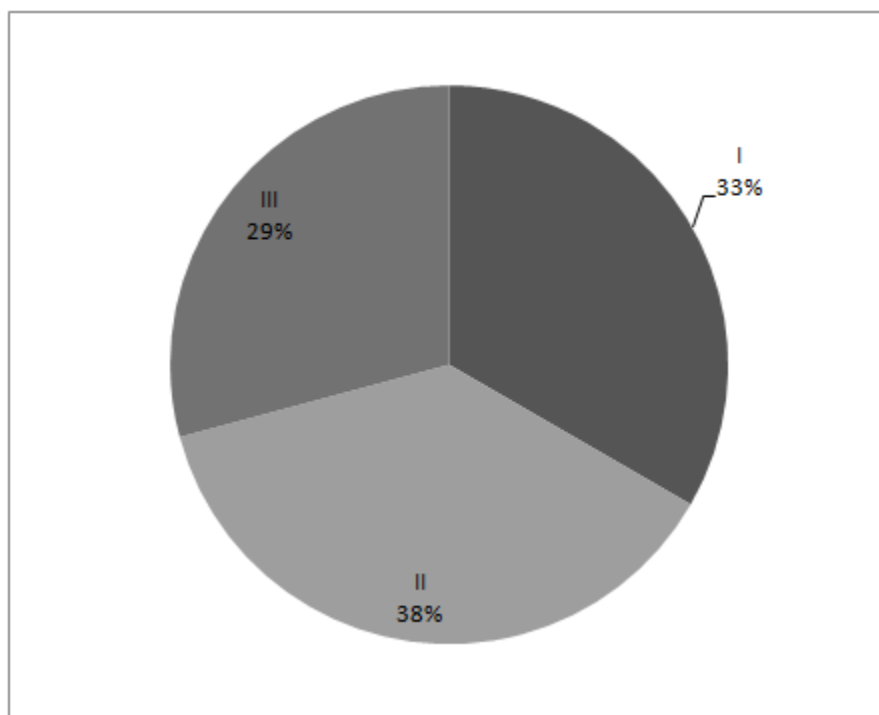


Fig. 54 – Distribuição dos grupos de fabrico de cerâmica de tipo Kuass (NMI).

O grupo I caracteriza-se por uma pasta não calcária, cozida em modo A, com um cor entre o vermelho alaranjado e o vermelho (2.5YR 4/8 *red* – 10R 4/6 *red*), medianamente



compacta e pouco depurada, com abundantes partículas de mica, plagioclase e calcite, alguns elementos ferruginosos e pouco quartzo. As peças deste grupo apresentam um engobe vermelho (10R 4/6 *red* – 10R 4/8 *red*) ou negro acinzentado (N 3 *very dark grey*).

Este fabrico está representado por 22 fragmentos (16 NMI), das formas II, VIII e IX. Assemelha-se ao grupo IV de Elisa de Sousa e Ana M. Arruda (2010, p. 962), que sugerem possa ter origem no Norte de África, mas também se assemelha ao grupo 6 de Violeta Moreno, originário da campina sevilhana (MORENO et al., 2014, p. 13). Tendo em conta a grande quantidade de cerâmica proveniente do vale do Guadalquivir presente no Quintal da Judiária, é mais provável que este fabrico seja proveniente da campina sevilhana.

O grupo II corresponde a uma pasta calcária, cozida em modo A, que apresenta um tom bege amarelado (7.5YR 7/4 *pink* – 10YR 7/4 *very pale brown*). É medianamente compacta e medianamente depurada, com frequente plagioclase e calcite, algumas partículas de mica, raros elementos ferruginosos e de quartzo. O seu engobe apresentam tons vermelhos (2.5YR 4/6 *red* – 2.5YR 5/8 *red*), castanhos (7.5YR 4/4 *brown*) e negros acinzentados (N 3 *very dark grey*).

Este grupo está representado por 28 fragmentos (18 NMI), das formas II, IV, V e IX. É o equivalente ao grupo I de Sousa e Arruda (2010, p. 961) e o grupo 1 de Moreno (MORENO et al., 2014, p. 13), com origem em Cádiz.

O grupo III caracteriza-se por uma pasta calcária, cozida em modo A, com um tom bege alaranjado (5YR 6/6 *reddish yellow* – 5YR 7/6 *reddish yellow*), é medianamente compacta e medianamente depurada, registando frequente calcite e plagioclase, algumas partículas de mica e grãos de quartzo e alguns elementos ferruginosos de grande dimensão. O engobe é normalmente vermelho (10R 4/8 *red* – 10R 4/8 *red*) e raramente castanho (2.5YR 3/2 *dusky red*).

O grupo III está representado por 26 fragmentos (14 NMI), das formas II e IX, correspondendo ao grupo III de Sousa e Arruda (2010, p. 961-962) e 3 de Moreno (MORENO et al. 2014, p. 13). O grupo III tem origem em Cádiz.

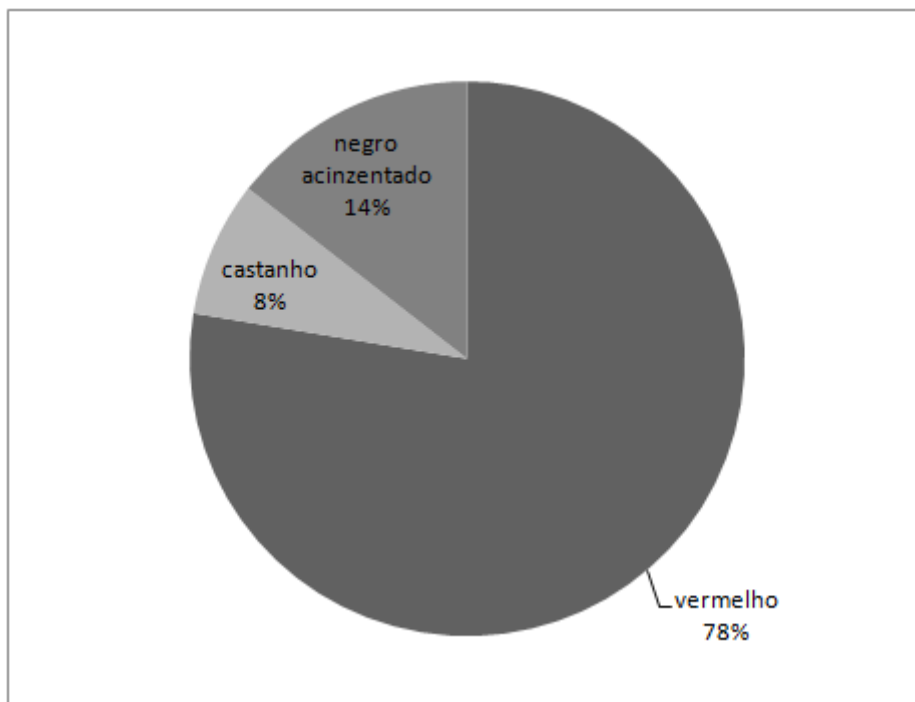


Fig. 55 – Distribuição dos tons de engobe da cerâmica de tipo Kuass (fragmentos).

## 11.2. As formas

### 11.2.1. Forma II

A tipologia mais comum da cerâmica tipo Kuass no Quintal da Judiciária é a forma II, que regista um total de 16 fragmentos (14 NMI).

A Forma II de A. M. Niveau (2003, p. 46-55) evoluiu a partir do prato de cerâmica ática da forma 23 de Lamboglia (1952, p. 172), frequentemente chamada de prato de peixe.

Esta forma corresponde a um recipiente aberto, baixo, com paredes de tendência horizontal, bordo pendente, depressão central e fundo de pé anelar.

Entre os exemplares registados (p. 171, fig. 108, nº 537-549), 6 correspondem à variante II-A (p. 171, fig. 108, nº 537-542), com o lábio mais saliente e vertical, por vezes com canelura junto ao bordo.

Os fragmentos de bordo encontrados apresentam diâmetros que variam entre os 18 e os 25,5 cm, enquanto os fundos variam entre os 5,5 e os 8,2 cm de diâmetro.

Também foram registados dois pequenos fragmentos de fundo que talvez pertençam à forma II (p. 171, fig. 108, nº 550-551), os quais registam 8 e 8,5 cm de diâmetro.

Todos os fabricos de cerâmica tipo Kuass estão presentes entre os fragmentos desta tipologia (I, II e III) em percentagens semelhantes. No entanto, os grupos originários de Cádiz, II e III, de pasta calcária, constituem a maioria.

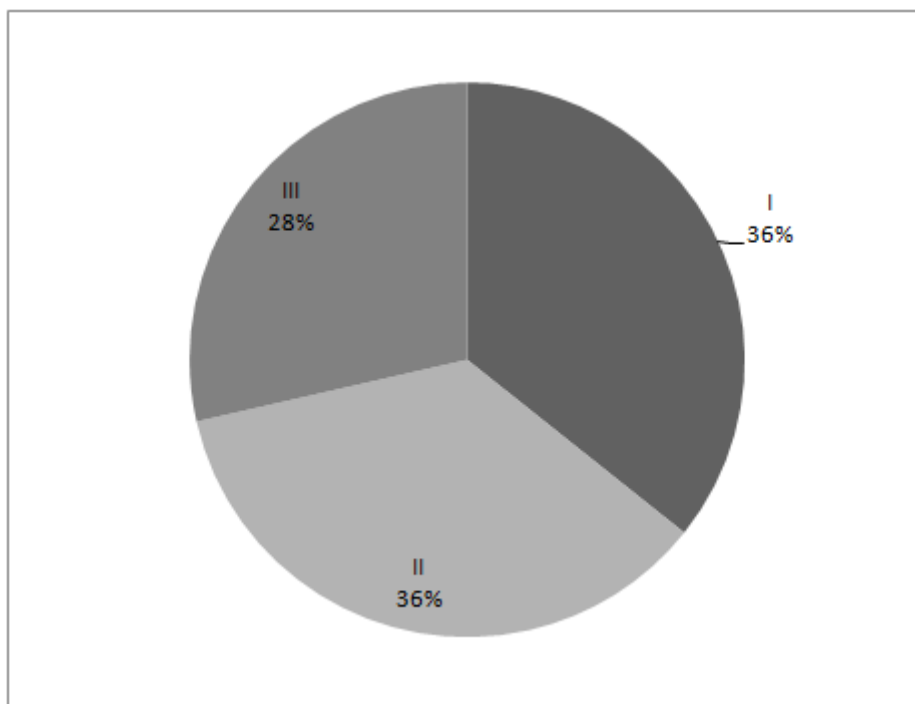


Fig. 56 – Distribuição dos grupos de fabrico da forma II do tipo Kuass (NMI).

O engobe que reveste os fragmentos de pratos da forma II ocorre em três tons distintos: cerca de metade das peças apresentam engobes avermelhados, seguidas das de cinzento escuro e em último as que de engobe castanho.

Apesar de ser a tipologia mais comum da cerâmica de tipo Kuass no Quintal da Judiária, os pratos de forma II não foram encontrados na u.e. E-10, a única de época pré-romana. Todos os fragmentos encontrados provem de níveis romano-republicanos, correspondentes aos séculos II e I a.C. (E-9 a E-5). No entanto, Elisa de Sousa identificou uma grande quantidade destes pratos em Faro em níveis de ocupação de finais do século IV e século III a.C. (SOUSA, 2009, p. 53).

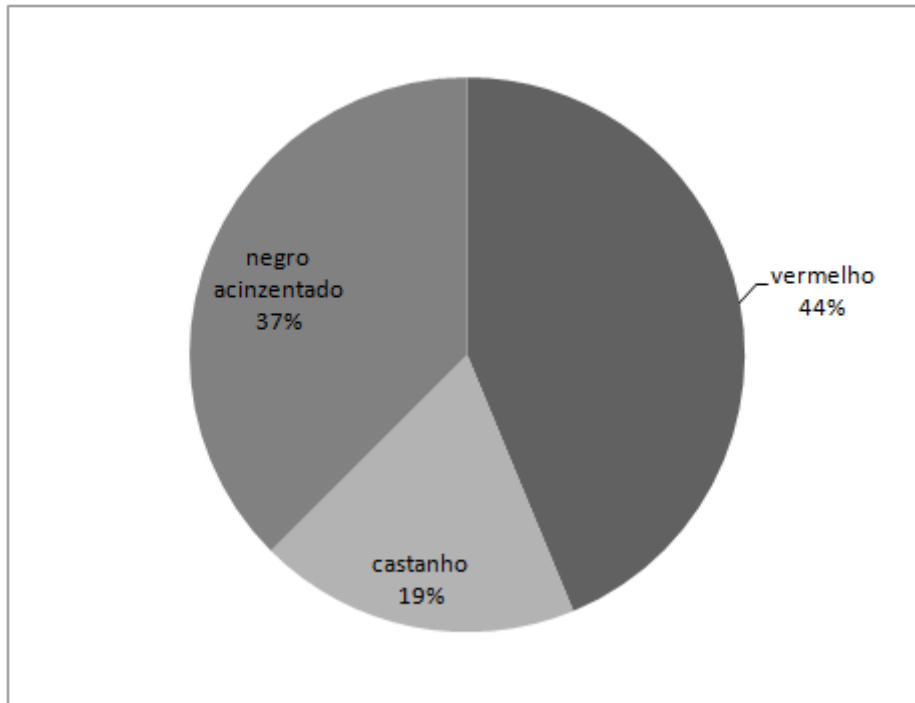


Fig. 57 – Distribuição dos tons de engobe da forma II do tipo Kuass (fragmentos).

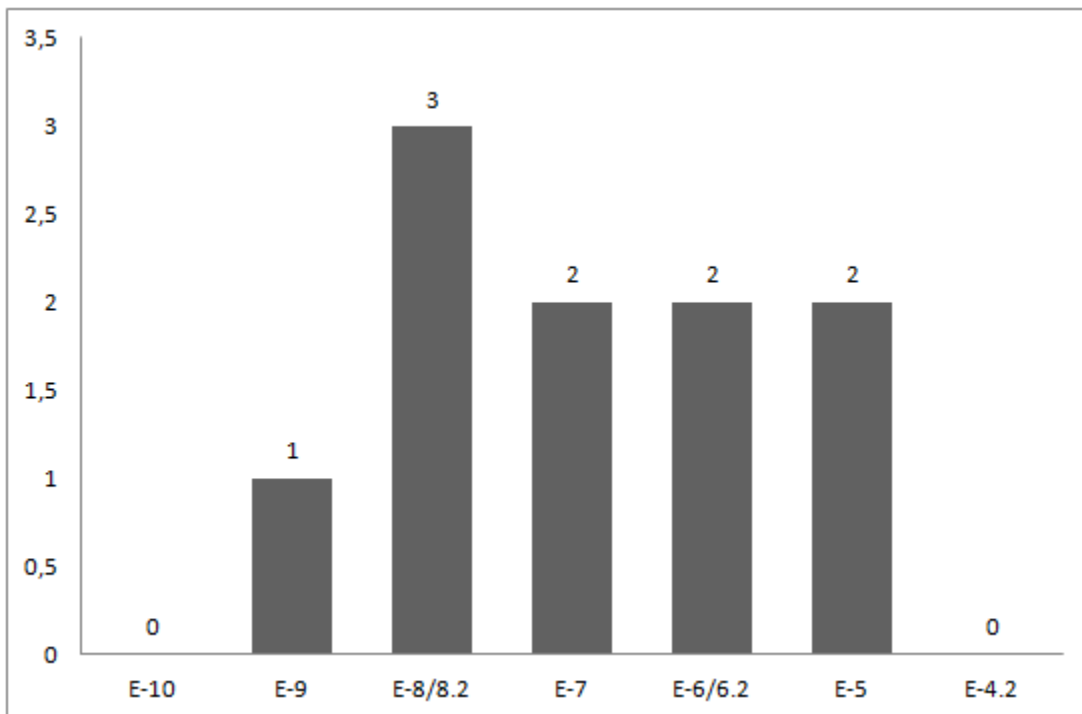


Fig. 58 – Distribuição da forma II de tipo Kuass por unidade estratigráfica (NMI).

### 11.2.2. Forma IV

Uma outra tipologia de prato, a forma IV do tipo Kuass, está representada por 2 fragmentos (2 NMI).

A forma IV de A. M. Niveau (2003, p. 57-58) corresponde a um recipiente aberto, baixo, com paredes de tendência horizontal e bordo simples, que poderá ter evoluído dos *broad rim plates* de Ágora de Atenas, ou talvez de alguma forma de proto-campaniense (NIVEAU, 2003, p. 57).

Um dos fragmentos apresenta uma canelura junto ao bordo (p. 172, fig. 109, nº 552), pertencendo à variante IV-A<sup>53</sup>, enquanto o outro não, correspondendo à variante IV-B (p. 172, fig. 109, nº 553).

Os fragmentos apresentam diâmetros de bordo semelhantes, de 17 e 18 cm.

A pasta destes fragmentos pertence ao mesmo fabrico calcário, grupo II, provavelmente proveniente de Cádiz. Os dois fragmentos apresentam engobes de cores diferentes, um avermelhado e o outro cinzento escuro, com manchas acastanhadas.

Apenas um dos fragmentos foi encontrado numa camada da estratigrafia preservada, na u.e. E-4.2, que corresponderá ao final do século I a.C. No entanto, pratos desta tipologia já haviam sido identificados em Faro por Elisa de Sousa, em níveis de ocupação de final do século IV e século III a.C. (SOUSA, 2009, p. 55).

### 11.2.3. Forma V

Entre a cerâmica de tipo Kuass recolhida no Quintal da Judiária, apenas se identificou um único fragmento da forma V.

A forma V de A. M. Niveau (2003, p. 58-59) terá provavelmente evoluído a partir de um prato de cerâmica ática da forma 36 de Lamboglia (1952, p. 183).

Esta forma corresponde a um recipiente aberto, côncavo, de bordo esvasado e largo. O fragmento registado (p. 172, fig. 109, nº 554) tem um diâmetro de bordo de 24 cm.

A pasta deste fragmento insere-se no grupo II, proveniente de Cádiz. O seu engobe é avermelhado.

---

<sup>53</sup> Esta variante assemelha-se aos pratos campanienses da forma 1646 de J. P. Morel (1994).

O fragmento foi recolhido na u.e. E-7, de c. 100 a.C. Elisa de Sousa identificou sete indivíduos desta tipologia em Faro, em contextos de finais do século IV e século III a.C. (SOUSA, 2009, p. 55).

#### **11.2.4. Forma VIII**

Entre o material estudado apenas foi possível identificar um único fragmento com a forma VIII de tipo Kuass.

A forma VIII de A. M. Niveau (2003, p. 64-71) terá evoluído de cerâmica ática das formas 28 e 29 de Lamboglia (1952, p. 177-178).

Esta forma corresponde a um recipiente aberto, côncavo, de perfil em "S", com bordo esvasado e fundo de pé anelar alto.

O fragmento encontrado é uma extremidade de bordo, demasiado pequeno para poder ser desenhado.

Também foram encontrados dois fragmentos de fundo, que talvez possam pertencer a esta forma (p. 172, fig. 109, nº 555-556).<sup>54</sup> Os fundos têm 6 e 6,2 cm de diâmetro.

O fragmento de bordo apresenta uma pasta não calcária, do grupo I da cerâmica de tipo Kuass, a qual não será proveniente da campina sevilhana. Já os fragmentos de fundo apresentam pastas calcárias do grupo III, possivelmente de proveniência gaditana.

Tanto o bordo como os fundos apresentam engobe avermelhado.

O fragmento de bordo provém da u.e. E-7, c. 100 a.C. Um dos fundos também foi recolhido nesta unidade estratigráfica, enquanto o outro veio da u.e. E-6.2. Elisa de Sousa já havia registado cinco fragmentos desta tipologia em Faro, em contextos de finais do século IV e século III a.C. (SOUSA, 2009, p. 58).

#### **11.2.5. Forma IX**

A segunda forma mais comum de cerâmica de tipo Kuass, no Quintal da Judiária, é a forma IX, representada por 9 fragmentos (9 NMI).

A forma IX de A. M. Niveau (2003, p. 71-78) terá evoluído de pequenas taças de cerâmica ática das formas 21, 24 e 21/25-B de Lamboglia (1952, p. 170, 173-174).

---

<sup>54</sup> Mas não foram incluídos no total da forma VIII.

Esta tipologia corresponde a pequenos recipientes globulares, de bordo reentrante e fundo com pé anelar.

Dos 9 fragmentos, 8 apresentam características relacionadas com variante IX-A (p. 172, fig. 109, nº 558-564), derivada da forma 24 de Lamboglia, e um com a variante IX-B (p. 172, fig. 109, nº 557), menos funda, derivada da forma 21 de Lamboglia.

Os fragmentos de bordo da forma IX-A apresentam diâmetros entre os 8 e 9 cm. O fragmento da forma IX-B regista 9 cm.

Também estão presentes dois fragmentos de fundo, da variante IX-A, com 4,3 e 4,9 cm de diâmetro.

A maioria dos fragmentos desta tipologia apresentam pastas calcárias, dos fabricos II e III, proveniente de Cádiz. Só um terço desta cerâmica regista uma pasta não calcária do fabrico I, da campina sevilhana.

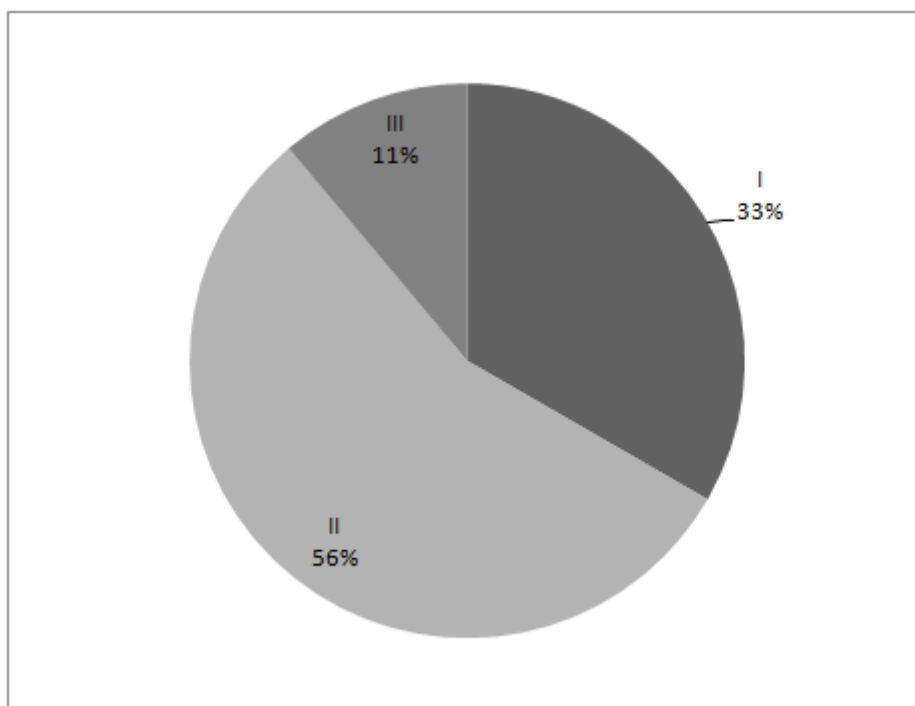


Fig. 59 – Distribuição dos grupos de fabrico da forma IX do tipo Kuass (NMI).

Dos nove fragmentos, apenas um apresenta engobe castanho, os outros 8 têm um engobe avermelhado.

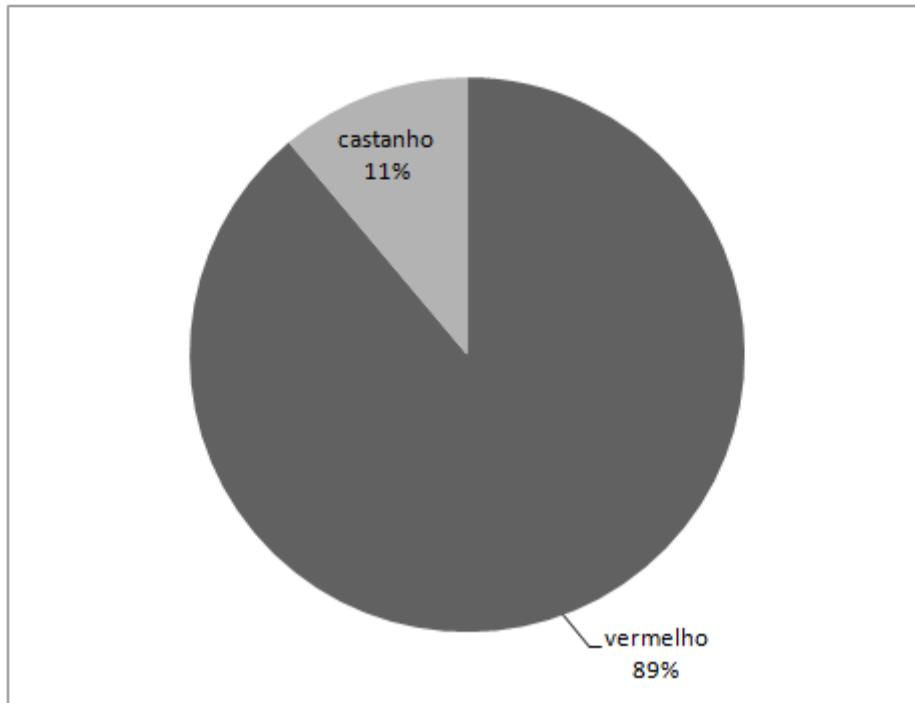


Fig. 60 – Distribuição dos tons de engobe da forma IX do tipo Kuass (fragmentos).

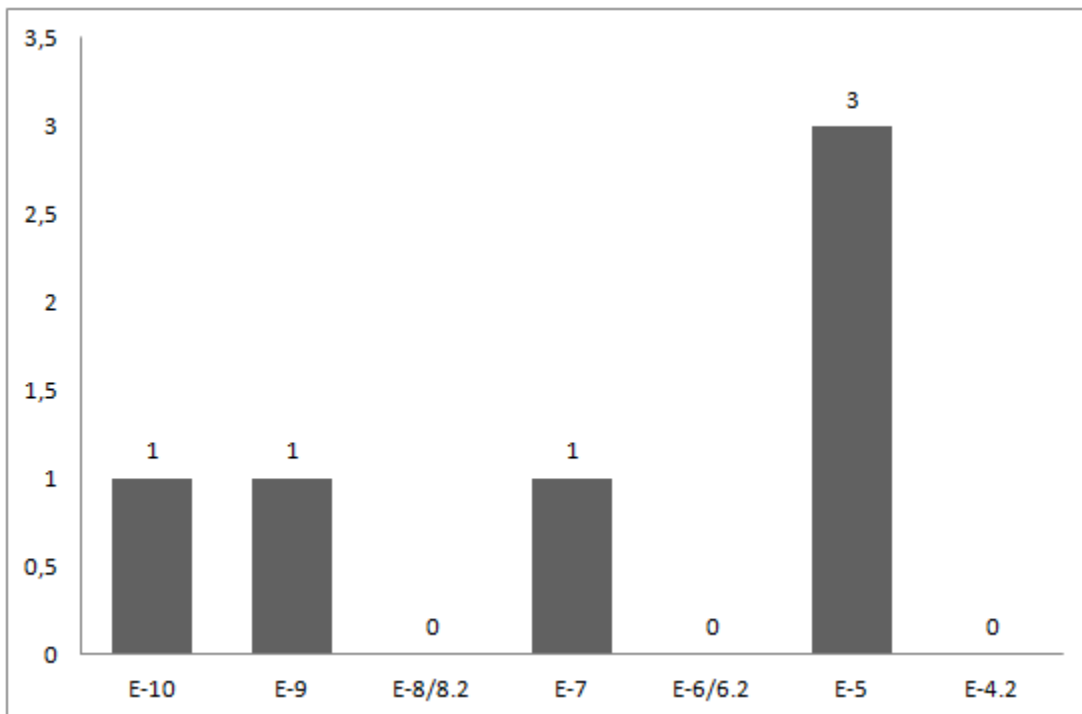


Fig. 61 – Distribuição da forma IX de tipo Kuass por unidade estratigráfica (NMI).



O seis fragmentos que foram encontrados dentro da estratigrafia preservada distribuem-se entre a u.e. E-10 e a E-5, ou seja, esta tipologia de tipo Kuass esteve presente em Faro do século III até à segunda metade do século I a.C.

#### **11.2.6. Formas indeterminadas**

De entre a cerâmica de tipo Kuass, foram registados quatro fragmentos de bordo para os quais não foi possível identificar a tipologia.

Estes fragmentos correspondem a três formas abertas e uma forma fechada.

Dois dos fragmentos de formas abertas não foram desenhados por serem demasiado pequenos. Estes terão pertencido a taças, cujo diâmetro seria maior que as pequenas taças de forma IX. É possível que fossem fragmentos da forma X de Niveau (2003, p. 78-80), a qual já foi identificada em Faro por Elisa de Sousa (2009, p. 63).

O diâmetro de bordo destes dois fragmentos estaria perto dos 15 cm. Uma destas peças provém da u.e. E-9, tem um pasta do grupo II e engobe castanho escuro. A outra provém da u.e. E-5, tem uma pasta do grupo I e engobe avermelhado.

O terceiro fragmento de forma aberta, também corresponde a uma taça, mas de maior largura. O diâmetro do seu bordo é de 21 cm (p. 172, fig. 109, nº 566).

Esta peça tem forma hemisférica, com bordo ligeiramente apontado. Foi encontrada na u.e. E-7, o seu fabrico pertence ao grupo III e está revestida de engobe avermelhado. É possível que seja uma taça de forma X, apesar do diâmetro do bordo desta peça ser muito maior que a média de 13,8 cm desta forma (NIVEAU, 2003, p. 78).<sup>55</sup>

Quanto ao fragmento de forma fechada, é muito pequeno para se poder determinar o diâmetro do bordo com precisão, mas por ser uma forma invulgar decidiu-se fazer o desenho (p. 172, fig. 109, nº 565).

Esta peça de cerâmica provém da u.e. E-5, pertence ao grupo de fabrico III e apresenta um engobe avermelhado. A sua forma é fechada, tem colo e um bordo esvasado. O diâmetro poderá estar perto dos 7 cm.

Esta peça de tipo Kuass poderia talvez pertencer à forma XV de Niveau (2004a, p. 193-194, 210), que corresponde jarras.

---

<sup>55</sup> No entanto, em Monte Molião foi encontrada uma taça de tipo Kuass com 18 cm de diâmetro que E. Sousa e A. M. Arruda identificaram com a forma X (SOUSA; ARRUDA, 2013, p. 569).

## 12. As ânforas

Entre a cerâmica púnico-turdetana do sítio do Quintal da Judiária foi identificado material anfórico de diferentes tipologias, presente em todos os níveis estratigráficos estudados, incluindo os do período romano-republicano, onde coexistem com as ânforas de tradição itálica.

As ânforas púnicas, que evoluíram de tipologias do período orientalizante (RAMÓN, 1995, p. 283-296, 495-497), têm uma morfologia que difere significativamente das ânforas romanas, apresentando normalmente um corpo cilíndrico ou piriforme, sem colo (com exceção das Mañá C2 e suas parentes), com pequenas asas em semi-círculo e secção circular ou oval.

Estas ânforas seriam usadas para transportar conservas de peixe e carne, assim como azeite e vinho, como o indicam os resíduos descobertos no interior de alguns exemplares (JUAN-TRESSERAS; MATAMALA, 2004).

Ao contrário da cerâmica comum ou de tipo Kuass, as ânforas púnicas registadas no Algarve, durante os séculos III-I a.C., não são exclusivas da zona de influência cultural púnico-turdetana ou cartaginesa, podendo ser encontradas tão longe quanto a Galiza (DOMÍNGUEZ, 2005, p. 9), ou no coração do Império Romano, como os vários exemplares de Mañá C1, C2 e D descobertos em Pompeia (PASCUAL; RIBERA, 2008).

Entre o material cerâmico analisado foram contabilizados 92 fragmentos de ânforas púnico-turdetanas (67 NMI), 8% da cerâmica de tradição púnica estudada, que correspondem aos tipos Carmona, Tiñosa, Pellicer B/C e D, Mañá-Pascual A4, Mañá C2, Campamentos Numantinos e Castro Marim 1. Destas destacam-se as Castro Marim 1 e Mañá C2, que são as tipologias mais comuns no Algarve durante o período romano-republicano, juntamente com as ânforas itálicas Dressel 1 (ARRUDA et al. 2006, p. 161) (ARRUDA; SOUSA, 2012, p. 100).

Durante os dois séculos do período romano-republicano em Faro, as ânforas púnicas competem com as romanas, sem que a sua presença dê sinais de enfraquecer. Infelizmente a estratigrafia preservada acaba no final do século I a.C. (E-4.2), não sendo possível, através do presente estudo, determinar o momento em que estas produções anfóricas desapareceram de Faro.

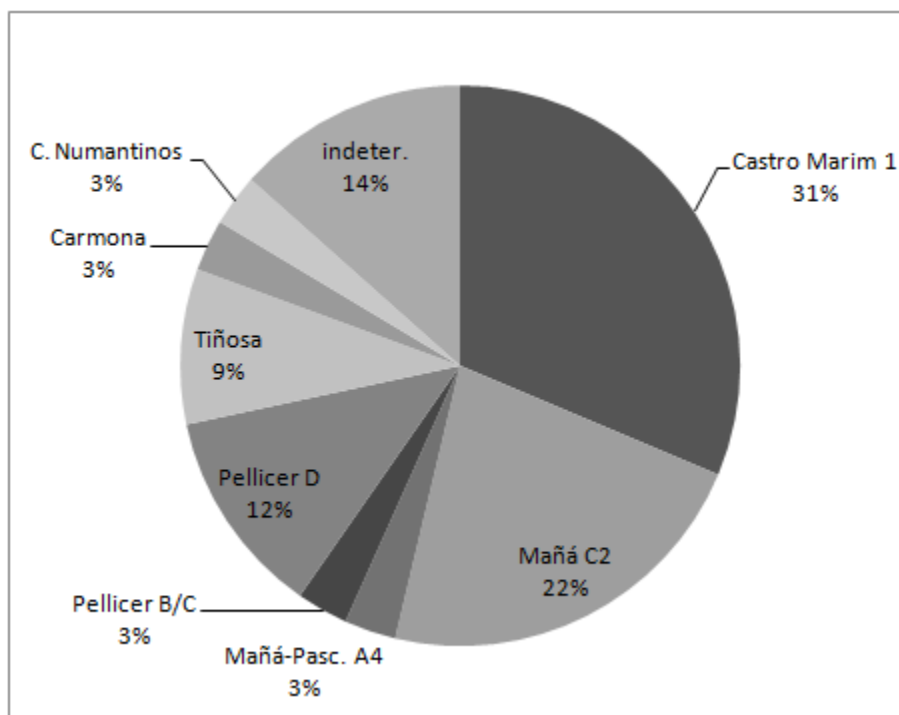


Fig. 62 – Distribuição dos tipos de ânforas (NMI).

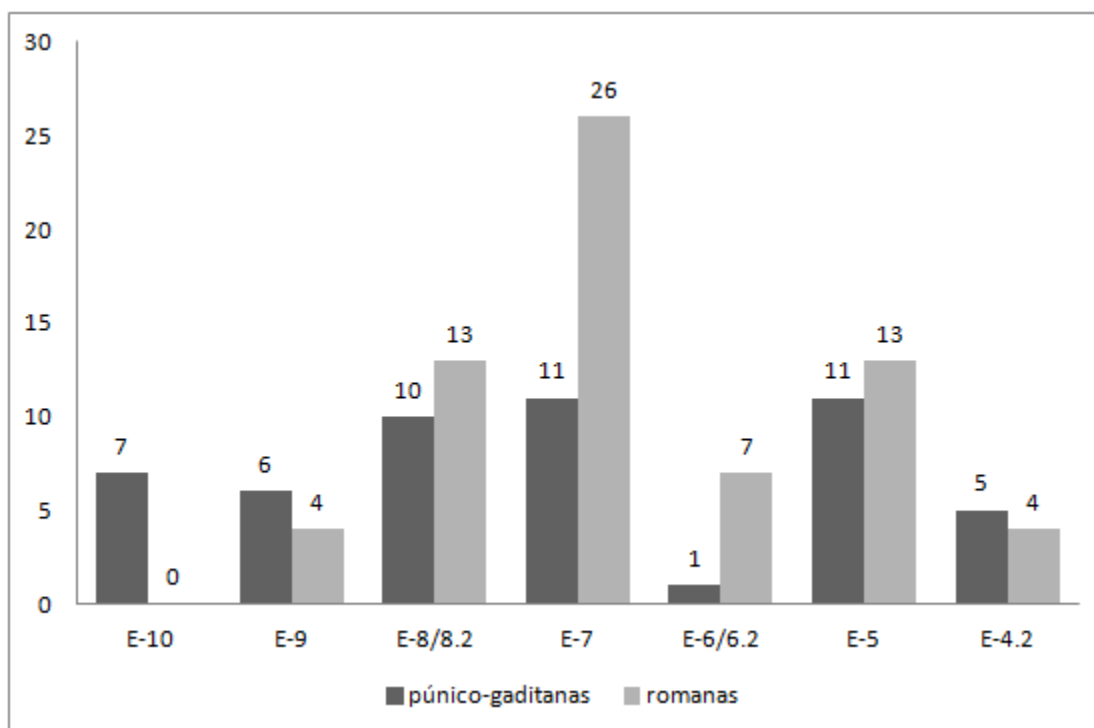


Fig. 63 – Distribuição das ânforas púnico-turdetas e romanas por unidade estratigráfica (NMI).

### 12.1. Os fabricos

As ânforas estudadas apresentam diferentes fabricos que foram organizados em sete grupos, com dois divididos em subgrupos.

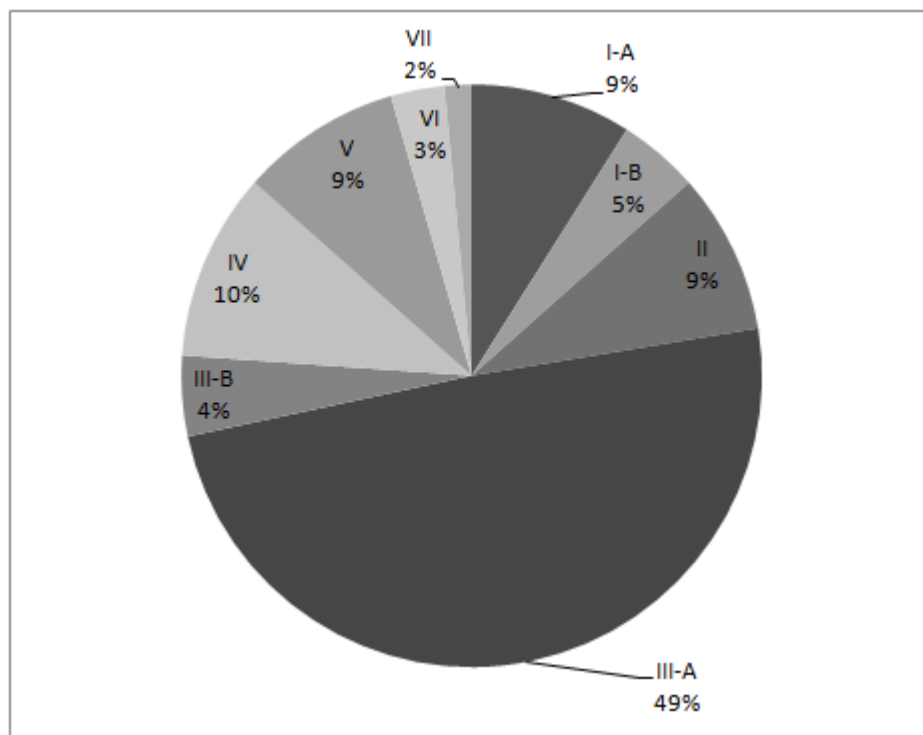


Fig. 64 – Distribuição dos grupos de fabrico de ânforas (NMI).

O grupo I caracteriza-se por uma pasta não calcária, compacta e medianamente depurada, registando alguma calcite e minerais negros, poucas partículas de mica e elementos ferruginosos e pouco quartzo. Este grupo foi dividido em dois subgrupos: I-A e I-B.

O subgrupo I-A, de cozedura em modo A, apresenta uma cor laranja avermelhada (10R 5/8 *red* – 2.5YR 5/8 *red*), enquanto o subgrupo I-B, caracteriza-se por uma pasta bicolor, resultante de uma cozedura em modo B com arrefecimento oxidante, apresentando uma superfície laranja avermelhada (2.5YR 5/8 *red*) e cerne cinzento acastanhado (7.5YR 6/2 *pinkish gray*).

O subgrupo I-A está representado por 7 fragmentos de ânforas (6 NMI), dos tipos Pellicer B/C e D e Mañá C2, enquanto o I-B apenas por 3 fragmentos (3 NMI), dos tipos Pellicer D e Castro Marim 1.

Este grupo de fabrico, em particular o I-A, assemelha-se ao grupo I de Elisa de Sousa e Ana M. Arruda, que sugerem que possa ter origem em Faro (2010, p. 959).

O grupo II corresponde a uma pasta calcária, cozida em modo A, de cor bege amarelado (10YR 7/3 *very pale brown* – 10YR 7/4 *very pale brown*), pouco compacta e medianamente depurada, com muitas partículas de mica, alguns minerais negros, quartzo, plagioclase e elementos ferruginosos. Corresponde ao grupo II de Sousa e Arruda (2010, p. 959), com origem em Cádiz. Este grupo está apenas representado por 8 fragmentos (6 NMI), dos tipos Mañá-Pascual A4, Castro Marim 1, Carmona, Campamentos Numantinos.<sup>56</sup>

O grupo III caracteriza-se por uma pasta calcária, entre compacta e medianamente compacta, entre pouco a medianamente depurada, apresentando frequente calcite e partículas de mica, alguns minerais negros, quartzo, plagioclase e poucos elementos ferruginosos. Este grupo também foi dividido em dois subgrupos: III-A e III-B.

O subgrupo III-A, cozido em modo A, apresenta uma cor entre o bege esbranquiçado e o acinzentado (10YR 8/2 *white* – 10YR 7/2 *light gray*) e por vezes bege rosado (7.5YR 8/4 *pink*). Enquanto o subgrupo III-B, cozido em modo B, tem uma tonalidade entre o cinzento acastanhado e o cinzento rosado (10YR 6/2 *light brownish gray* – 7.5YR 6/2 *pinkish gray*).

O fabrico III-A está representado por 39 fragmentos de ânforas (33 NMI), dos tipos Pellicer B/C e D, Castro Marim 1 e Mañá C2, enquanto o III-B está representado por 4 fragmentos (3 NMI), do tipo Castro Marim 1. O grupo III, o mais frequente entre as ânforas púnicas do Quintal da Judiária, assemelha-se ao grupo III da cerâmica comum, com possível origem no vale do Guadalquivir.

O grupo IV caracteriza-se por uma pasta não calcária, cozida em modo B, com arrefecimento oxidante, apresentado uma superfície laranja avermelhada (2.5YR 5/8 *red*) e um cerne entre o cinzento acastanhado e o cinzento (7.5YR 5/2 *brown* – 10YR 5/1 *gray*). A pasta é compacta e pouco depurada, registando frequentes partículas de mica, calcite, plagioclase, quartzo, alguns minerais negros e poucos elementos ferruginosos. Este fabrico parece corresponder ao grupo IV de Sousa e Arruda (2010, p. 959), com origem na campina gaditana (CARRETERO; GARCÍA; FELIÚ, 2004). Está representado por apenas 8

---

<sup>56</sup> Os dois exemplares de Campamentos Numantinos apresentavam algumas características que poderão indicar que não pertencem a este grupo de fabrico, ou talvez constituam uma variante do grupo II.

fragmentos (7 NMI). Aqueles em que foi possível identificar a tipologia correspondem a ânforas do tipo Tiñosa.

O grupo V caracteriza-se por uma pasta calcária, cozida em modo A, cuja cor varia entre uma superfície de tom bege amarelado (10YR 8/3 *very pale brown* – 7/4 *very pale brown*) e um cerne bege alaranjado (2.5YR 6/6 *light red* – 5YR 7/6 *reddish yellow*). A pasta é pouco compacta e medianamente depurada, apresentando frequente calcite, alguns elementos ferruginosos, minerais negros e partículas de mica, alguma plagioclase e pouco quartzo.

Este grupo está representado por 23 fragmentos (6 NMI), todos do tipo Mañá C2. A sua pasta calcária amarelada parece indicar uma origem em Cádiz.

O grupo VI caracteriza-se por uma pasta não calcária, cozida em modo A, entre cor-de-laranja e laranja avermelhado (2.5YR 6/8 *light red* – 2.5YR 5/8 *red*), compacta e medianamente depurada, com frequentes elementos ferruginosos, calcite e quartzo. A superfície apresenta uma aguada esbranquiçada.

Este fabrico, que está representado por dois fragmentos de Mañá C2, assemelha-se ao grupo “Cartago-Túnez” de Joan Ramón (1995, p. 258-259), que corresponde às produções anfóricas da cidade de Cartago.<sup>57</sup>

Por último, o grupo VII apresenta uma pasta não calcária, cozida em modo A, de cor-de-rosa avermelhada (10R 6/6 *light red*), compacta, medianamente depurada, com frequente calcite, poucos elementos ferruginosos e minerais negros e raras partículas de mica. Este grupo, de proveniência desconhecida, corresponde a um único fragmento de ânfora do tipo Carmona.

## **12.2. As tipologias**

### **12.2.1. Pellicer B/C**

Entre os materiais anfóricos analisados, foram identificados 2 fragmentos do tipo Pellicer B/C (2 NMI).

---

<sup>57</sup> Um dos fragmentos cerâmicos do grupo VI pode ser identificado como a variante Mañá C2a (p. 173, fig. 114, nº 613), produzida em Cartago, ao contrário dos exemplares do fabrico V, que correspondem à variante Mañá C2b, produzida em Cádiz (ver p. 107).

As ânforas baptizadas por Manuel Pellicer como B e C diferenciam-se ao nível do corpo, a primeira é troncocónica e a segunda fusiforme, mas ambas têm bordos reentrantes e engrossados para o exterior (PELLICER, 1978).<sup>58</sup>

Os dois fragmentos deste tipo de ânforas, encontrados no Quintal da Judiçária, pertencem a diferentes variantes: B/C 1 e B/C evolucionada.

O exemplar de B/C 1 (p. 173, fig. 110, nº 567) apresenta um bordo engrossado de forma trapezoidal, com 11,5 cm de diâmetro, enquanto o exemplar de B/C evolucionada (p. 173, fig. 110, nº 568) apresenta um bordo engrossado de forma amendoada, de secção oval, com 11 cm de diâmetro.

O fragmento de B/C 1 tem uma pasta não calcária, pertencente ao fabrico I-A, que poderá ser de origem local, enquanto a pasta do fragmento de B/C evolucionada é calcária, do grupo III-A, provavelmente importada do vale do Guadalquivir.

As ânforas B/C 1 aparecem no registo arqueológico a partir dos séculos V-IV a.C. As variantes B/C evolucionadas entre os séculos IV e II a.C. (PELLICER, 1978, p. 377-381). O fragmento de B/C evolucionada foi recolhido da u.e. E-10 (séc. III a.C.), enquanto o fragmento de B/C 1 foi encontrado na u.e. E-9 (primeira metade do séc. II a.C.).

Estas duas variantes de Pellicer B/C já foram registadas em Faro, em contextos dos séculos IV-III a.C. (ARRUDA, BARGÃO, SOUSA, 2005, p. 184).

### **12.2.2. Pellicer D**

O tipo Pellicer D está representado por 8 fragmentos (8 NMI).

Esta ânforas, chamadas simplesmente "D" por Manuel Pellicer (1978), correspondem ao tipo T-4.2.2.5. de Joan Ramón (1995, p.194). Apresentam um corpo cilíndrico, com bordo reentrante, um pouco espessado no interior e ocasionalmente também no exterior.

Os oito fragmentos de bordos deste tipo de ânfora têm diâmetros entre os 10 e os 13 cm (p. 173, fig. 110, nº 569-574). Dois apresentam bordo saliente para o exterior, semelhantes aos tipos 1 (570) e 4 (569) de Niveau (2002, p. 251).

---

<sup>58</sup> Por essa razão, quando se procede ao estudo de fragmentos de bordo destas ânforas, usa-se o termo B/C, devido à impossibilidade de identificar a tipologia exacta a partir do bordo.

Os fabricos registados correspondem a pastas calcárias do grupo III-A, exportado de exportado do vale do Guadalquivir, representado por 5 fragmentos, e pastas não calcárias dos grupos I-A e I-B, de origem local, com 3 fragmentos.

As ânforas Pellicer D foram produzidas entre finais do século IV e o I a.C. (PELLICER, 1978, p. 384-386). Em Faro foram escavados vários exemplares de contextos de finais do século IV e século III a.C. (ARRUDA, BARGÃO, SOUSA, 2005, p. 194).

No Quintal da Judiária, a maioria destas ânforas encontravam-se fora da estratigrafia preservada, com excepção de três fragmentos, um presente no nível mais antigo, u.e. E-10, e os outros dois nos níveis de ocupação da segunda metade do século I a.C., u.e. E-5 e E-4.2.

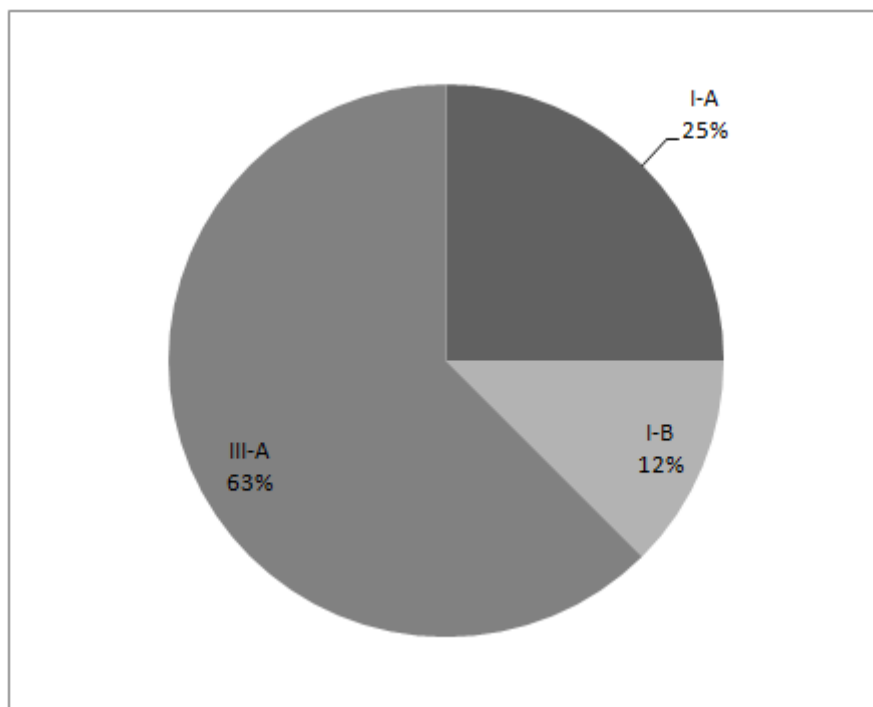


Fig. 65 – Distribuição dos grupos de fabrico das ânforas Pellicer D (NMI).

### 12.2.3. Castro Marim 1

As ânforas Castro Marim 1 são a tipologia que registou a maior quantidade de fragmentos entre os contentores anfóricos púnico-turdetanos analisados.

Esta ânfora foi baptizada e descrita pela primeira vez por A. M. Arruda et al. (2006, p. 163), após a descoberta de 130 fragmentos em Castro Marim.



A Castro Marim 1 apresenta um corpo cilíndrico, de paredes rectas, com uma carena entre o corpo e o bordo. Este último é reentrante, com muito pouco ou nenhum espessamento.

As ânforas Castro Marim 1 poderão estar relacionadas com as ânforas púnicas centro-mediterrânicas dos tipos T-5.2.1.2. e T-5.2.3.1. de J. Ramón (1995, p. 196-198).

Ao todo foram identificados com esta tipologia um total de 24 fragmentos (21 NMI), todos de bordo, os quais apresentam diâmetros entre os 9 e os 12 cm, mas mais frequentemente entre os 10,5 e 11,5 cm (p. 173-174, fig. 110-111, nº 575-591).<sup>59</sup>

Entre estes fragmentos predominam as pastas calcárias das exportações do vale do Guadalquivir, fabricos III-A e III-B, correspondendo a um total de 21 fragmentos. O fabrico de Cádiz II está representado por um único fragmento, enquanto o único fabrico local registado, I-B, regista apenas 2 fragmentos.

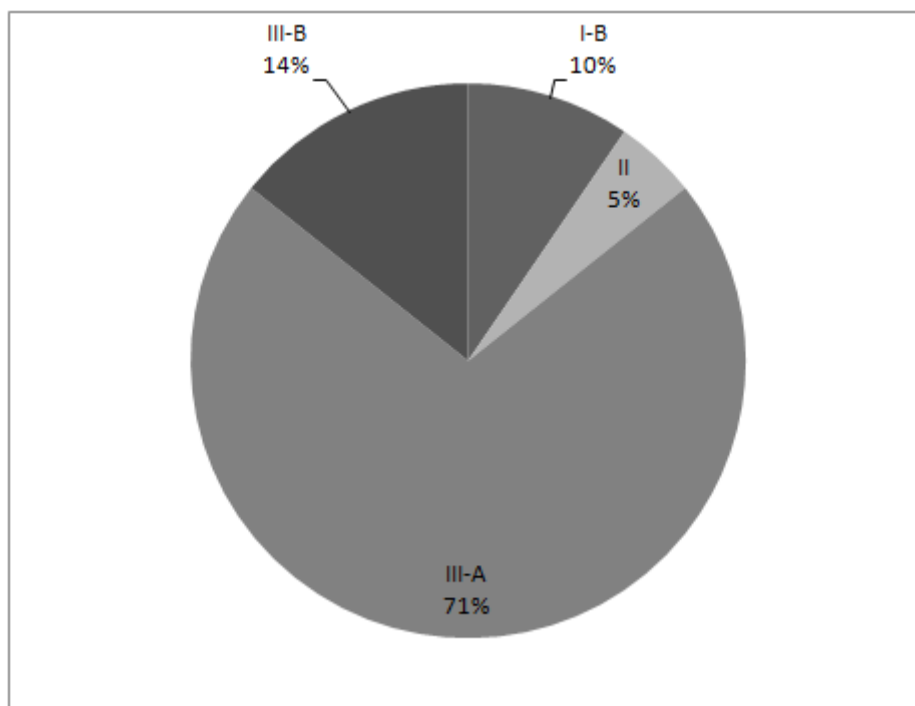


Fig. 66 – Distribuição dos grupos de fabrico das ânforas Castro Marim 1 (NMI).

<sup>59</sup> Um destes fragmentos (p. 170, fig. 111, nº 591) também apresenta algumas semelhanças com o tipo Mañá D, T-5.2.3.1. de Ramón (1995, p. 197-198), uma ânfora cartaginesa dos séculos III-II a.C. No entanto, este fragmento provém da u.e. E-5 (segunda metade do século I a.C.), pelo que é mais provável que se trate de uma Castro Marim 1.

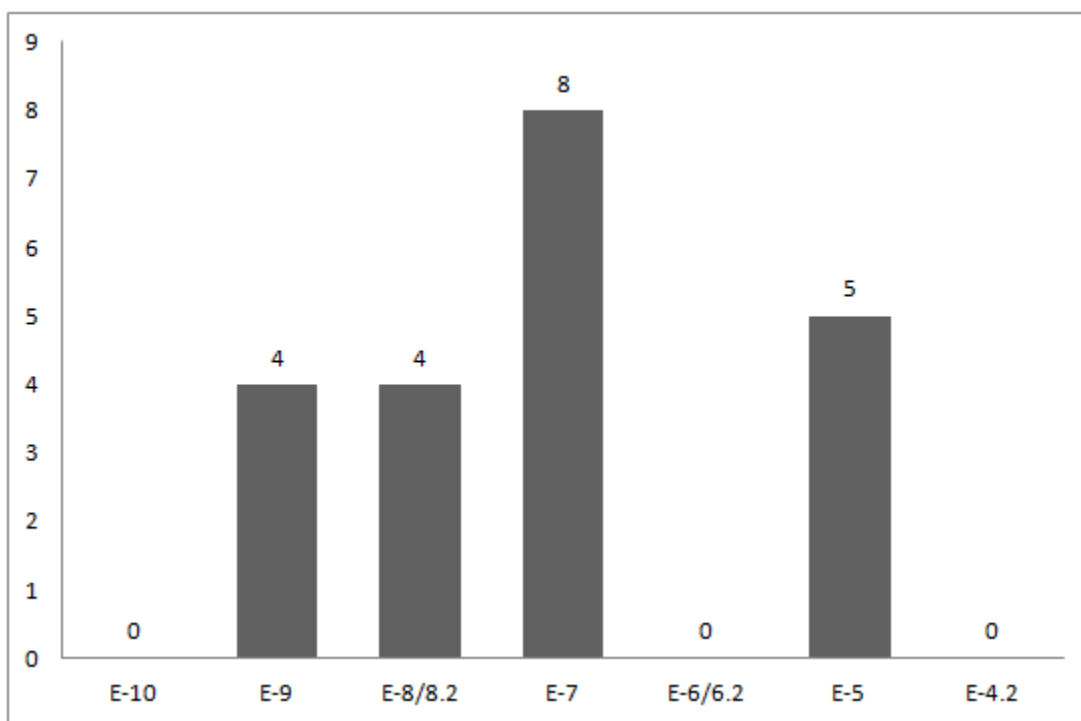


Fig. 67 – Distribuição das ânforas Castro Marim 1 por unidade estratigráfica (NMI).

As ânforas Castro Marim 1 foram produzidas durante o período romano-republicano, como o atesta a descoberta de abundantes exemplares desta tipologia em níveis de ocupação desse período em Castro Marim e Monte Molião (ARRUDA, 2006) (ARRUDA; SOUSA, 2012). No Quintal da Judiária, estas ânforas foram recolhidas da u.e. E-9 à E-5, séculos II-I a.C.

#### 12.2.4. Mañá-Pascual A4

Entre as ânforas púnico-turdetas registaram-se apenas 2 fragmentos (3 NMI) do tipo Mañá-Pascual A4.

Estas ânforas, que devem o seu nome a dois dos primeiros autores que as estudaram J. M. Mañá (1951) e R. Pascual (1969), são uma das tipologias mais frequentes na área do Círculo do Estreito na II Idade do Ferro. Correspondem às séries 11 e 12 de J. Ramón (1995).

De corpo piriforme, apresentam um bordo espessado e reentrante, de tendência vertical. Os dois fragmentos identificados têm diâmetros de 11 e 14 cm (p. 175, fig. 112, nº 592-

593). O exemplar nº 591 pertence à variante T-11.2.1.0., enquanto o nº 592 corresponde ao tipo evoluído das Mañá-Pascual A4, T-12.1.1.0. (RAMÓN, 1995, p. 234-239).

Os dois fragmentos apresentam uma pasta calcária do grupo II, originária de Cádiz.

O tipo Mañá-Pascual A4, série 11 de J. Ramón, desenvolve-se durante o século VI a.C. a partir das ânforas fenícias da série 10. As suas variantes evoluídas, série 12, começam a ser produzidas a partir do século IV a.C. (RAMÓN, 1995, p. 234-239, 496).

Em Faro, foram identificados vários fragmentos de ânforas Mañá-Pascual A4 em contextos do final do século IV e século III a.C. (ARRUDA, BARGÃO, SOUSA, 2005, p. 195). No Quintal da Judiária, a variante T-11.2.1.0. apareceu na u.e. E-10, (século III a.C.) e a evoluída nas u.e. E-8 (segunda metade do século II).

#### **12.2.5. Tiñosa**

As ânforas de tipo Tiñosa estão representadas entre os materiais estudados com 6 fragmentos de bordo (6 NMI).

Estas ânforas foram chamadas Tiñosa por Alícia Rodero (1991, p. 284-285) a partir do nome de um sítio arqueológico na província de Huelva onde foram recolhidas em grande quantidade. Esta ânfora, que corresponde ao tipo T-8.1.1.2. de J. Ramón (1995, p. 222-223), caracterizam-se por um corpo de tendência oval, de bordo vertical, espessado para o interior. Os fragmentos registados apresentam diâmetros entre os 12 e os 14 cm (p. 175, fig. 112, nº 594-599).

Todos os exemplares do tipo Tiñosa apresentam pastas não calcárias bicolores (grupo de fabrico IV) com origem na campina gaditana (CARRETERO; GARCÍA; FELIÚ, 2004).

Esta tipologia de ânfora terá começado a ser produzida por volta do século IV a.C., podendo ter sido usada para transportar produtos agrícolas (CARRETERO, 2005, p. 306).

Em Faro, foram registados vários fragmentos do tipo Tiñosa, retirados de níveis de ocupação dos séculos IV-III a.C. (ARRUDA, BARGÃO, SOUSA, 2005, p. 190).

No Quintal da Judiária encontraram-se estas ânforas ao longo de toda a estratigrafia preservada, da u.e. E-10 até à E-4.2 (do século III ao final do I a.C.).

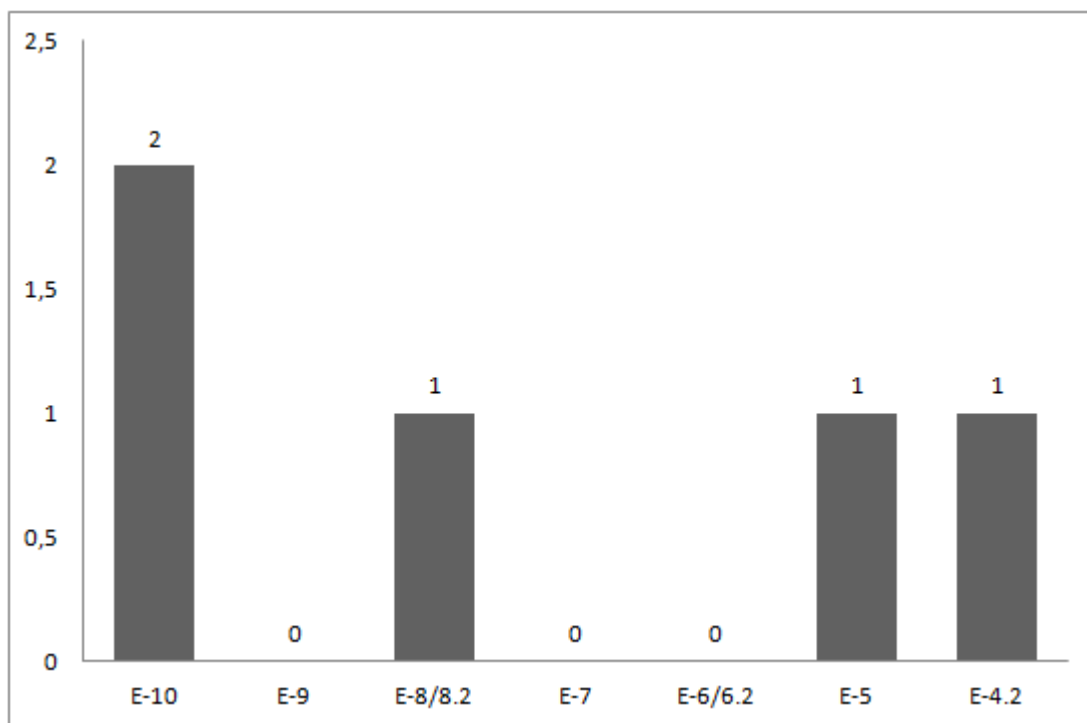


Fig. 68 – Distribuição das ânforas de tipo Tiñosa por unidade estratigráfica (NMI).

### 12.2.6. Carmona

As ânforas do tipo Carmona registam apenas dois fragmentos de bordo entre o material cerâmico púnico-turdetano (2 NMI).

Estas ânforas foram assim chamadas por Alicia Rodero (1991, p. 291-292) devido aos exemplares mais antigos terem sido descobertos em Carmona, província de Sevilha.

Esta tipologia de ânforas apresenta um corpo cilíndrico, com bordos arredondados e largos, ligeiramente esvasados.

Um dos fragmentos registados, com um diâmetro de 18,5 cm (p. 175, fig. 112, nº 600), corresponde à forma “clássica” do tipo Carmona, T-8.2.1.1. de J. Ramón (1995, p. 225-226). O outro fragmento de bordo, com um diâmetro aproximado de 20 cm<sup>60</sup>, tem um perfil em “S”, que se assemelha à variante evolucionada T-8.2.2.1. (RAMÓN, 1995, p. 226).

O fragmento desta última apresenta uma pasta do grupo II, proveniente de Cádiz, enquanto a outra pertence a um fabrico de origem desconhecida (grupo VII).

<sup>60</sup> O fragmento não foi desenhado por ser demasiado pequeno.

As ânforas de tipo Carmona foram produzidas entre o século IV e o início do século I a.C. (SÁEZ, 2014). Elisa de Sousa registou cinco fragmentos em Faro, em contextos do final do século IV e século III a.C. (SOUSA, 2009, p. 87-88).

O fragmento do tipo T-8.2.1.1. foi exumado da u.e. E-10, século III a.C., enquanto o fragmento semelhante ao tipo T-8.2.2.1. provém da u.e. E-6.2 de meados do século I a.C.

### **12.2.7. Campamentos Numantinos**

Entre as ânforas púnico-turdetas estudadas, identificaram-se dois fragmentos (2 NMI) que poderão pertencer à tipologia dos Campamentos Numantinos.

As ânforas do tipo Campamentos Numantinos são assim chamadas por terem sido escavadas pela primeira vez em Numância por Adolf Schulten (CARRETERO, 2004, p. 427). Também são conhecidas como T-9.1.1.1 (RAMÓN, 1995, p. 226-227).

Este tipo de ânfora apresenta um corpo cilíndrico, com fundo côncavo, paredes finas, bordo espessado e boca larga.

Um dos fragmentos identificados é um bordo, com 20 cm de diâmetro (p. 175, fig. 112, nº 601),<sup>61</sup> enquanto o outro corresponde a um grande fundo côncavo, com um diâmetro de 8 cm (p. 175, fig. 112, nº 602).<sup>62</sup>

Ambos os fragmentos apresentam pastas que pertencem ao grupo de fabrico II das exportações gaditanas.

Esta tipologia desenvolveu-se no século III a.C. e continuou a ser produzida até ao século I a.C. (SÁEZ, 2008b, p. 647).

No Quintal da Judiária, apenas um dos fragmentos de Campamentos Numantinos foi recolhido da estratigrafia preservada, na u.e. E-9, correspondente à primeira metade do século II a.C.

### **12.2.8. Mañá C2**

As ânforas Mañá C2 são a segunda tipologia mais comum entre as ânforas púnico-turdetas do Quintal da Judiária, registando um total de 22 fragmentos (15 NMI).

---

<sup>61</sup> O bordo não é dos mais comuns para este tipo de ânfora, mas existe um exemplar com um perfil idêntico recolhido na necrópole púnica de Cádiz (NIVEAU, 2004b, p. 173).

<sup>62</sup> Também existe a possibilidade do fragmento pertencer ao fundo de um grande pote.

Esta ânfora, chamada apenas C2 por J. M. Mañá (1951), apresenta um corpo cilíndrico, colo, bordo esvasado e moldurado e fundos cilíndricos estreitos.

A maioria dos fragmentos de bordo pertence à variante Mañá C2b (p. 176-177, fig. 113-114, nº 603-612), produzida em Cádiz. Apenas um foi identificado com a variante cartaginesa Mañá C2a (p. 177, fig. 114, nº 613). A forma Mañá C2a corresponde aos tipos T-7.4.2.1. a T-7.4.3.1., enquanto a forma Mañá C2b corresponde ao tipo T-7.4.3.3. (RAMÓN, 1995, p. 209-211).

Os fragmentos de bordo encontrados apresentam diâmetros entre 21 a 27 cm, e os fragmentos de fundo entre os 5,5 e os 6,5 cm (p. 177, fig. 114, nº 614-616).

A maioria destes fragmentos tem as pastas calcárias associadas às importações da Turdetânia, grupos de fabrico III-A e V, apenas dois do grupo I-A, de origem local, e outros dois do grupo VI, o qual deve ser proveniente de Cartago.<sup>63</sup>

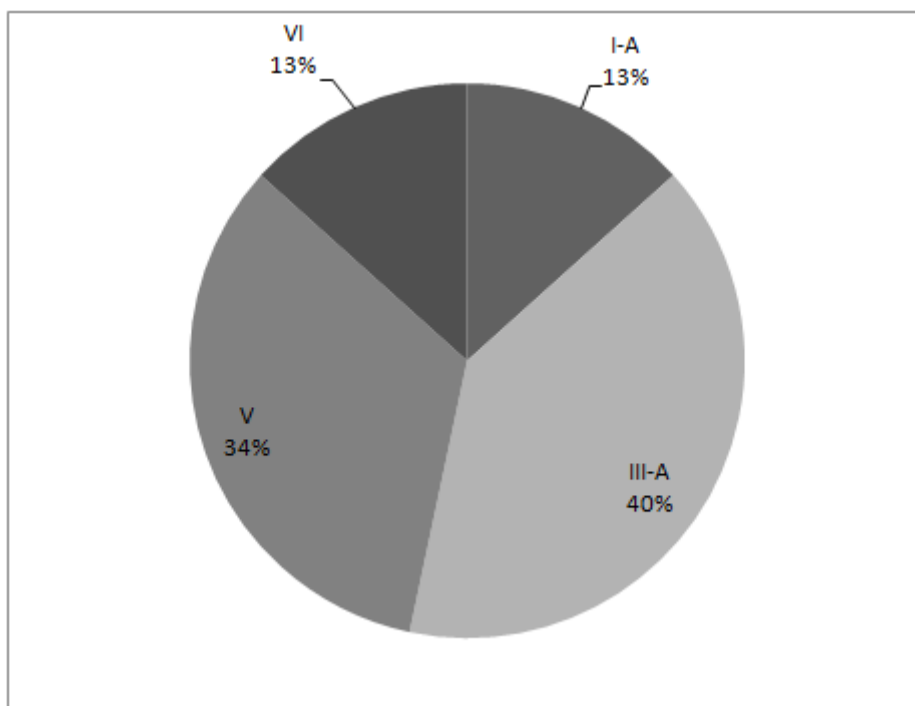


Fig. 69 – Distribuição dos grupos de fabrico das ânforas Mañá C2 (NMI).

Estas ânforas terão sido produzidas durante os séculos II-I a.C. (SÁEZ, 2008b, p. 647). No Algarve têm sido encontradas em níveis de ocupação do período romano-republicano

---

<sup>63</sup> Uma corresponde à variante cartaginesa Mañá C2a.

em sítios arqueológicos como o Castelo de Castro Marim e Monte Molião (ARRUDA, 2006) (ARRUDA; SOUSA, 2012).

No Quintal da Judiária estas ânforas registam-se entre a u.e E-8.2 e a E-4.2, aproximadamente entre a segunda metade do século II e o final do I a.C.

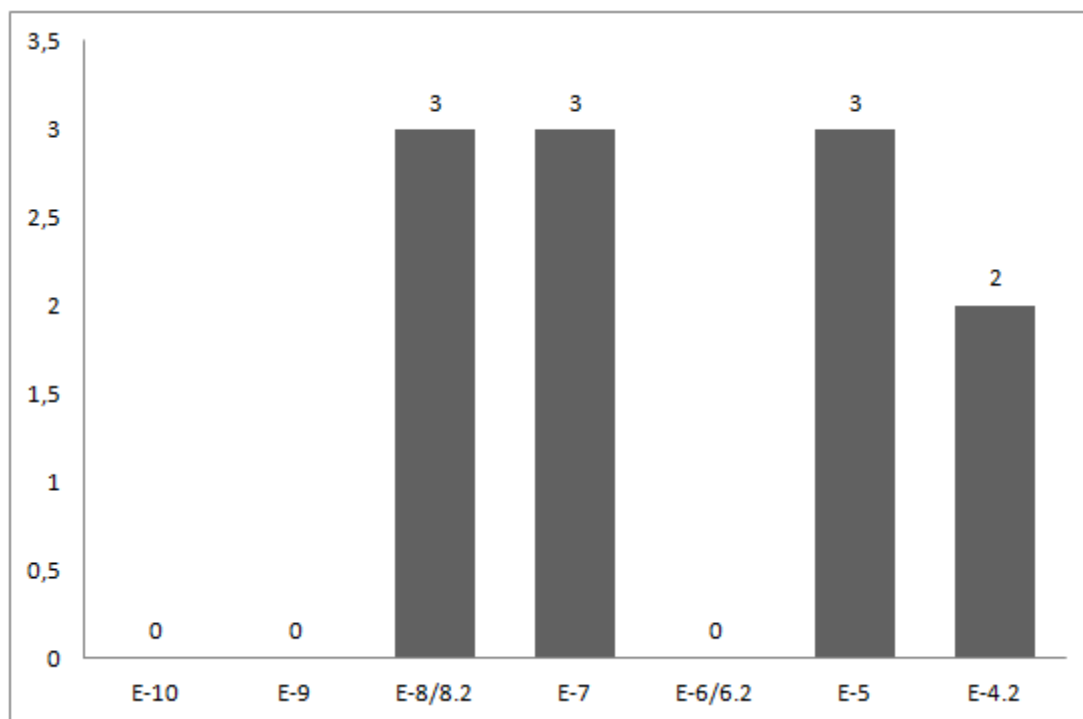


Fig. 70 – Distribuição das ânforas Mañá C2 por unidade estratigráfica (NMI).

### **13. Os unguentários**

Nos níveis de ocupação romano-republicanos do Quintal da Judiária registaram-se alguns exemplares de unguentários gaditanos.

Os unguentários são pequenos recipientes de forma fechada, originários do mundo helenístico do Mediterrâneo Oriental, cuja função era conter unguentos ou perfumes, podendo ter sido usados como elementos de tocador, assim como objectos de ritual empregues em cerimónias religiosas e fúnebres. Em Cádiz, a maioria destas cerâmicas têm sido encontradas entre os espólios de sepulturas, dos séculos IV-I a.C. (MUÑOZ, 1987a, p. 520).

Os unguentários registados em Cádiz apresentam formas globulares e fusiformes, com colo, bordo esvasado e fundo com pé (MUÑOZ, 1987a). No Quintal da Judiária registaram-se apenas quatro fragmentos (4 NMI), 0,5% do total da cerâmica de tradição pré-romana, todos eles pertencentes a tipologias fusiformes (p. 178, fig. 115, nº 617-619).

Um dos exemplares escavado está quase completo (p. 178, fig. 115, nº 617). Este unguentário, com 16,4 cm de altura, pertence ao tipo C2 de Ángel Muñoz (1987a, p. 520) e BIII de Emérito Cuadrado (CUADRADO, 1977, p. 390). Apresenta um bordo esvasado de secção triangular, colo alto e cilíndrico, corpo ovalado e fundo troncocónico com pé. O bordo e o colo estão pintados a vermelho. Uma outra peça (p. 178, fig. 115, nº 618), um fragmento de fundo, apresenta engobe negro no interior, provavelmente para servir de impermeabilizante.<sup>64</sup>

Os quatro fragmentos de unguentários analisados foram recolhidos em unidades estratigráficas enquadráveis entre a segunda metade do século II e a segunda metade do século I a.C. (E-8 a E-5). Também em Monte Molião foram identificados unguentários semelhantes em contextos romano-republicanos (SOUSA; ARRUDA, 2011, p. 66-67). Os tipos fusiformes de unguentários gaditanos foram produzidos aproximadamente entre o ano 200 a.C. e a época de Augusto (MUÑOZ, 1987a, p. 524).

#### **13.1. Os fabricos**

As pastas dos fragmentos de unguentários escavados no Quintal da Judiária pertencem

---

<sup>64</sup> É possível que o mesmo se verifique com o nº 617, mas devido a esta peça ter sido restaurada antes da realização do presente estudo, não foi possível verificar o seu interior.



a três fabricos diferentes.

O grupo I apresenta uma pasta calcária, cozida em modo A, com cor entre o bege amarelado e o bege rosado (7.5YR 6/4 *light brown* – 7.5YR 7/4 *pink*). A pasta é compacta e bem depurada, com frequentes partículas de mica (incluindo elementos de moscovite), alguma calcite e minerais negros. Este grupo está representado por duas peças.

O grupo II caracteriza-se por uma pasta calcária, cozida em modo A, de cor bege alaranjado (5YR 6/6 *reddish yellow*), compacta e medianamente depurada, registando frequente calcite e minerais negros, algumas partículas de mica (incluindo alguma moscovite) e pouco quartzo. Este grupo corresponde a um único fragmento.

O grupo III apresenta uma pasta calcária, cozida em modo A, de tom bege rosado (7.5YR 7/4 *pink*), medianamente compacta e pouco depurada, com frequente calcite e minerais negros, algumas partículas de mica, pouca plagioclase e raros elementos ferruginosos. Este grupo também está representado por um único fragmento.

Todos os três grupos de fabrico de unguentários devem ter origem em Cádiz, como o indicam as suas pastas calcárias de tons beges.

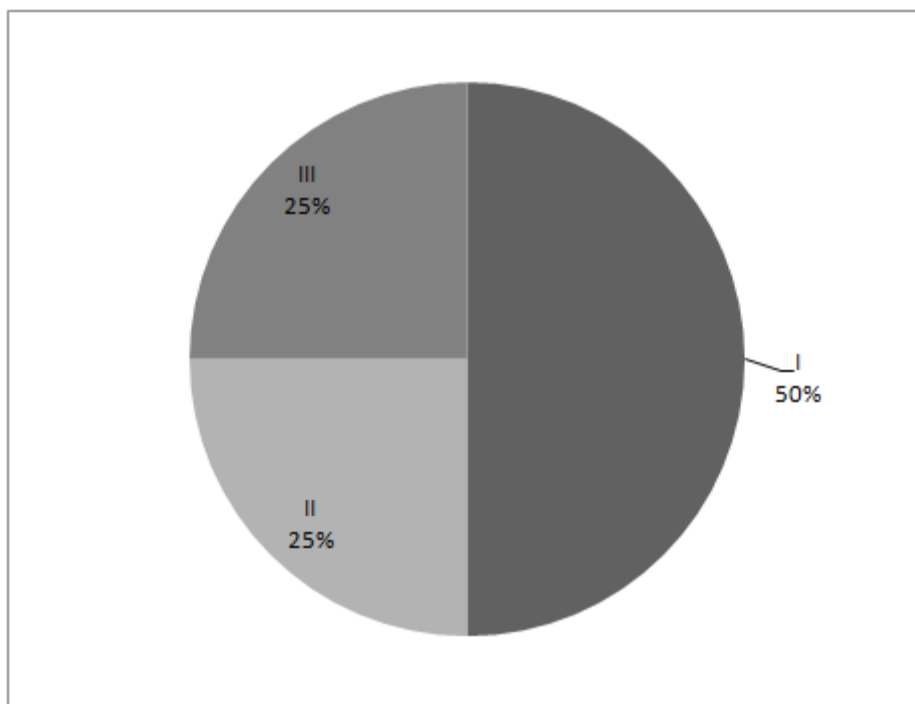


Fig. 71 – Distribuição dos grupos de fabrico unguentários (NMI).

#### 14. A cerâmica cinzenta fina

No Quintal da Judiciária, entre as cerâmicas de tradição pré-romana, foram identificados alguns fragmentos de cerâmica cinzenta fina, distribuídos ao longo de toda a estratigrafia preservada.

A cerâmica cinzenta fina é uma categoria cerâmica de pasta depurada e compacta, com cozedura redutora e superfície polida, que chega à Península Ibérica nos séculos VIII-VII a.C., como parte das influências culturais fenícias que se fazem sentir durante esta época (BELÉN, 1976, p. 357-360).

Com o fim do período orientalizante, século VI a.C., as produções desta categoria cerâmica começam a diminuir no sudoeste peninsular, estando praticamente ausentes no registo arqueológico da segunda metade do Iº milénio a.C. (ARANEGUI, 1975, p. 342-344) (MANCEBO; BANDERA; GARCIA, 1992, p. 278) (ROOS; 1982, p. 67). Apesar disso, regista-se ocasionalmente cerâmica cinzenta fina em contextos da II Idade do Ferro e período romano-republicano (BELÉN, 1976, p. 380) (VALLEJO, 1999, p. 91-92).

Entre o material cerâmico do Quintal da Judiciária foi possível identificar cinco fragmentos de cerâmica cinzenta fina (5 NMI), 0,6% do total da cerâmica púnico-turdetana,<sup>65</sup> entre os quais uma tigela, um vaso e uma peça com a superfície brunida (p. 178, fig. 115, nº 620-622).

A tigela é de forma hemisférica, com bordo simples, não espessado, de tendência vertical e um diâmetro de 15 cm (nº 620). O vaso, que seria provavelmente globular, apresenta um bordo simples esvasado com um diâmetro de 12 cm (nº 621). Também se registou um fundo plano que poderá corresponder a outro vaso (nº 622).

A tigela e o vaso assemelham-se às formas I e IV, respectivamente, de Hernández (1993, p. 41-42, 59-60), e aos tipos 1.A e 4, respectivamente, de Arruda, Freitas e Vallejo (2000, p. 32, 41).<sup>66</sup>

---

<sup>65</sup> Segundo João Pedro Bernardes, orientador desta dissertação de mestrado, a quantidade de fragmentos escavados deste tipo de cerâmica era maior do que o número aqui em estudo. Aparentemente, cerca de três dezenas de peças terão desaparecido, após terem sido emprestadas a um aluno da universidade.

<sup>66</sup> As únicas obras sobre cerâmica cinzenta fina para o sudoeste peninsular incluem apenas as produções do período orientalizante. Por essa razão foi necessário recorrer a estudos de outras áreas geográficas: a obra de A. M. Hernández trata das cerâmicas cinzentas da II

Todos os fragmentos de cerâmica cinzenta fina registados parecem pertencer ao mesmo fabrico: pasta calcária, cozida em modo B, de cor cinzenta (10YR 6/1 *gray/light gray*), medianamente compacta e bem depurada, com abundantes partículas de mica, alguns minerais negros, calcite, elementos ferruginosos e raros elementos de quartzo. A natureza calcária da pasta poderá indicar uma origem na Turdetânia.

Entre as cerâmicas analisadas, também se registaram várias peças com formas itálicas, de pasta cinzenta e depurada, cujo fabrico é praticamente idêntico ao da cerâmica indígena. A maioria destas cerâmicas corresponde a imitações de campaniense, normalmente cobertas com engobe negro ou cinzento escuro, mas por vezes apresentando apenas a superfície polida.<sup>67</sup> Por este motivo, vários fragmentos amorfos com pasta cinzenta e depurada não foram contabilizados entre a cerâmica cinzenta fina, devido à impossibilidade de identificar a tradição cultural.

Os cinco fragmentos desta categoria de cerâmica foram recolhidos nas unidades estratigráficas E-10, E-8.2, E-7, E-5 e E-4.2. Ou seja, esta cerâmica está presente em Faro, pelo menos, entre o século III e ao final do I a.C.

No Algarve, exemplares de cerâmica cinzenta fina já foram identificados em outros dois sítios arqueológicos da II Idade do Ferro: no Cerro da Rocha Branca, em contextos dos séculos IV-III a.C. (GOMES; GOMES; BEIRÃO, 1986, p. 79); e em Castro Marim, em níveis de ocupação também datados dos séculos IV-III a.C. (FURTADO, 2013, p. 94).

---

Idade do Ferro na bacia média do Guadiana; enquanto o estudo de A. M. Arruda, V. Freitas e J. Vallejo, trata de cerâmicas cinzentas de meados do Iº milénio, escavadas em Lisboa.

<sup>67</sup> Estas imitações de campaniense são comuns no sudoeste peninsular durante o período romano-republicano (RAMOS; GARCÍA, 2014).

## 15. Os instrumentos de tecelagem

Entre a cerâmica estudada foram identificadas seis peças relacionadas com a produção têxtil: um cossoiro e cinco pesos de tear.

Os cossoiros são pesos colocados na extremidade inferior dos fusos, para facilitar o movimento rotativo necessário à fiação, enquanto os pesos de tear são peças que têm por função esticar verticalmente os fios da urdidura do tear, de forma a ajudar o processo de tecelagem.

Estas peças correspondem a 0,7% do total da cerâmica púnico-turdetana. O cossoiro foi recolhido na u.e. E-10, século III a.C., enquanto os fragmentos de pesos de tear provém das u.e. E-8 e E-7, enquadráveis na segunda metade do século II e princípios do século I a.C.<sup>68</sup>

Instrumentos relacionados com a actividade têxtil têm sido encontrados em sítios arqueológicos púnico-turdetanos,<sup>69</sup> no entanto ainda não foi feito nenhum estudo sobre esta categoria cerâmica para a área do sudoeste peninsular.

Para a zona do levante ibérico, pelo contrário, existem algumas obras publicadas sobre este tipo de instrumentos, incluindo um catálogo tipológico para cossoiros (CASTRO, 1980) e outro para pesos de tear (CASTRO, 1985), cujas formas têm semelhanças com as registadas em sítios púnico-turdetanos.

O cossoiro encontrado no Quintal da Judiária (p. 179, fig. 116, nº 624) assemelha-se ao tipo A de Zaida Castro, um dos tipos mais comuns entre os cossoiros iberos (CASTRO, 1980, p. 138, 140). Esta peça apresenta uma forma discóide de perfil curvo, com o orifício ligeiramente descentrado, e um diâmetro de 2,6 cm.

Os cinco pesos de tear assemelham-se à forma *prismática* de Zaida Castro, os quais constituem a única forma presente em contextos arqueológicos dos séculos III-I a.C. na área da cultura ibera (CASTRO, 1985, p. 231-232). Os pesos do Quintal da Judiária apresentam formas paralelepípedicas achatadas, com uma largura que varia entre 5,5 a 7,9 cm e uma espessura entre 2,2 a 3,9 cm. Nenhum está inteiro, não sendo possível determinar a altura. Três dos fragmentos correspondem a extremidades superiores, com dois furos cada

---

<sup>68</sup> A identificação dos pesos de tear como pertencentes a uma tradição cerâmica pré-romana deve-se à sua forma e fabrico.

<sup>69</sup> Cádiz (BERNAL et al., 2003, p. 248-249) (SAÉZ, 2005, p. 166), Castro Marim (SOUSA, 2009, p. 111), Monte Molião (SOUSA; ALVES; PEREIRA, no prelo), para citar apenas alguns exemplos.

um (p. 179, fig. 116, nº 625-627), e outros dois a extremidades inferiores (p. 179, fig. 116, nº 628-629). O exemplar nº 629 têm a faces decoradas com pintura: cinzento e azul nas faces mais largas, cinzento na base e vermelho alaranjado nas faces laterais.<sup>70</sup>

Os dois tipos de fabrico registados entre estas peças são muito semelhantes aos fabricos presentes entre a cerâmica comum.

A pasta do cossoiro, grupo I, é de tipo não calcário, cozida em modo B, de forma irregular, apresentando uma coloração que varia entre o cinzento (5YR 4/1 *dark gray*) e o vermelho acastanhado (2.5YR 4/4 *reddish brown*). A pasta é medianamente compacta e medianamente depurada, com frequente calcite, alguma mica e minerais negros, pouco quartzo e raros elementos ferruginosos. Este fabrico assemelha-se ao grupo I-B da cerâmica comum e da cerâmica manual, o que significa que é provavelmente originário de Faro.

A pasta dos pesos de tear, grupo II, é do tipo calcário, cozida em modo A, apresentando uma cor entre o esbranquiçado (2.5Y 8/2 *white*) e o bege rosado (7.5YR 8/4 *pink*). A pasta é medianamente compacta e pouco depurada, registando frequente calcite, minerais negros, plagioclase, quartzo, alguns elementos ferruginosos e partículas de mica, incluindo moscovites e biotites. Este fabrico assemelha-se ao grupo III-A da cerâmica comum, correspondente às importações do vale do Guadalquivir.

---

<sup>70</sup> A pintura seria provavelmente mais complexa, pois havia vestígios de pigmentos vermelho alaranjados nas faces com pintura cinzenta e azul, assim como elementos cinzentos nas faces vermelhas.

## 16. *Kalathoi*

Entre o material cerâmico escavado no Quintal da Judiciária registaram-se dois exemplares de cerâmica ibérica pintada do tipo *kalathos*.

Um total de cinco fragmentos pertencentes a dois indivíduos foi encontrado na unidade estratigráfica E-9, cuja cronologia corresponde à primeira metade do século II a.C., ou seja, as primeiras décadas após a conquista romana de *Ossonoba*.

A cerâmica ibérica pintada não faz parte da tradição púnico-turdetana. Este tipo de cerâmica não ocorre entre os espólios da II Idade do Ferro do sudoeste peninsular. Apesar disso, estas peças foram incluídas no presente estudo devido a pertencerem a uma tradição cerâmica pré-romana da Península Ibérica.

A cerâmica ibérica pintada é uma categoria cerâmica produzida na zona do levante ibérico na segunda metade do 1º milénio a.C., caracterizada por pastas compactas, cozidas a alta temperatura, normalmente de forma oxidante. Apresentam uma superfície cuidada, decorada com pintura monócroma geométrica ou figurativa (BONET; MATA, 2008).

Os dois exemplares registados no Quintal da Judiciária correspondem à tipologia de vasos conhecidos como *kalathoi* (singular *kalathos*), de corpo cilíndrico, fundo côncavo e bordo aplanado de tendência horizontal. Esta forma, de origem helenística, aparece na zona do levante ibérico no século III a.C., mas só após a conquista romana, no século II a.C., começa a ser exportada para todo o Mediterrâneo Ocidental, possivelmente usada como vasilha de transporte de um produto comercial (CONDE, 1991) (BONET; MATA, 2008).

No Algarve, esta tipologia foi registada em níveis de ocupação do período romano-republicano de Monte Molião e Castro Marim (SOUSA; ARRUDA, 2014, p. 75)

Os dois indivíduos em estudo apresentam uma pasta castanha clara (7.5YR 6/4 *light brown* – 10YR 6/3 *pale brown*), cozida em modo A, compacta e bem depurada, com algumas partículas de mica e pequenos pontos claros (possivelmente quartzo), semelhante ao fabrico A-2 de Maria J. Conde, registado entre os *kalathoi* da Catalunha a partir do século II a.C. (CONDE, 1991, p.145).

Apenas um dos *kalathoi* era suficientemente grande para se poder determinar o diâmetro (p. 178, fig. 115, nº 623). Este indivíduo apresenta pintura sob a forma de listas, de cor roxa, sobre o bordo aplanado, como é comum nesta tipologia cerâmica.

## 17. Conclusões

A cerâmica de tradição púnico-turdetana recolhida no Quintal da Judiária, em Faro, revela uma situação de continuidade cultural entre o final da Idade do Ferro e os primeiros séculos do domínio romano.

As escavações conduzidas em vários sítios arqueológicos algarvios, datados do final do século IV e século III a.C., revelaram que a maioria da cerâmica registada provinha da Turdetânia. Os espólios cerâmicos, que apresentam formas de tradição púnico-turdetana, são dominados por peças de pastas calcárias com origem nesta região, tanto entre a cerâmica comum, como entre as ânforas, a cerâmica de tipo Kuass e outras categorias. Mas estas formas cerâmicas turdetanas não se limitam às peças importadas, estando igualmente registadas entre a cerâmica de produção local. As cerâmicas de pastas não calcárias de tons laranjas avermelhados, produzidas no Algarve na II Idade do Ferro, pertencem às mesmas tipologias das cerâmicas da Turdetânia.

Esta situação também pode ser observada entre a cerâmica recolhida na u.e. E-10 do Quintal da Judiária, correspondente a um nível de ocupação do século III a.C. Aqui, entre as peças cerâmicas analisadas, cerca de 60% (NMI) apresentam pastas calcárias, e todas as formas registadas pertencem à tradição cerâmica púnico-turdetana.<sup>71</sup>

Esta situação sugere algo mais do que simples actividades comerciais entre a Turdetânia e o litoral algarvio. A razão de vários povoados da II Idade do Ferro no Algarve registarem as mesmas formas cerâmicas da Andaluzia ocidental, dever-se-ia provavelmente às suas populações partilharem a mesma cultura. Aquilo que se observa ao nível da cerâmica deveria também ocorrer em outras áreas da cultura material e talvez da própria cultura imaterial, como a língua. Todos os topónimos pré-romanos do litoral algarvio apresentam semelhanças com os da Turdetânia,<sup>72</sup> sugerindo que as populações destes povoados

---

<sup>71</sup> Três fragmentos de painéis de cerâmica manual têm formas que poderão pertencer a uma tradição diferente, de origem algarvia, mas a sua morfologia não está demasiado afastada das tipologias turdetanas.

<sup>72</sup> *Ossonoba*, com o sufixo *-oba/-uba* (*Maenoba*, *Corduba*, etc.); *Baesuris*, com o elemento *baes-* (*Baesucci*, *Baesippo*, etc.); *Balsa*, com o elemento *bals-* (*Balsilipa* e *Balsione* [o segundo na área ibera]); *Ipses*, com o elemento *ip-* (*Ipsca*, *Ipora*, *Ipagrum*, etc.); *Lacobriga*, que apesar do sufixo céltico *-briga*, também apresenta o elemento ibero-turdetano *lac-* (*Laccuris*, *Lacimurga*, *Lacca*, etc.); e *Cilpes*, também escrita como *Cilbes*, apresenta o elemento *cilp-/cilb-* (*Cilpe* e *Cilbus*) (VILLAR, 2000).

falariam o mesmo idioma desta região, ao contrário da maioria do território português onde predominam os topónimos de tipo céltico.

As semelhanças culturais do litoral algarvio com a região turdetana poderão estar relacionadas com actividades de colonização ou conquista costeira, provavelmente empreendidas por Cádiz, à semelhança das colonizações fenício-púnicas e gregas no Mediterrâneo. Ou por outras palavras, a população pré-romana de *Ossonoba*, poderia ser de "etnia" turdetana, descendente de colonos ou conquistadores vindos de *Gadir*,<sup>73</sup> o que explicaria não só as semelhanças da cultura material, mas também o próprio nome turdetano da cidade.

No entanto, por volta do ano 200 a.C., uma outra cidade expansionista estende os seus domínios sobre a costa algarvia. Com a derrota de Cartago na Segunda Guerra Púnica, Roma conquista território na Península Ibérica e *Ossonoba* cai sob o seu domínio.

A cerâmica de tradição itálica, que estava ausente na u.e. E-10, aparece subitamente em grande quantidade na u.e. E-9, datada da primeira metade do século II a.C., constituindo quase metade de toda a cerâmica registada nessa unidade. A outra metade corresponde a formas púnico-turdetanas.

Todas as unidades estratigráficas do Quintal da Judiária, correspondentes a níveis de ocupação do período romano-republicano, registam percentagens de cerâmica púnico-turdetana e romana semelhantes às da u.e. E-9. Indicando que ao longo de dois séculos a cerâmica indígena não sofre um decréscimo face às formas de tradição itálica.

Nas unidades estratigráficas do período romano-republicano (E-9 a E-4.2) estão presentes todas as principais categorias cerâmicas de tradição púnico-turdetana, previamente identificadas em Faro em contextos da II Idade do Ferro, segundo o estudo de Elisa de Sousa (2009).<sup>74</sup>

Nos níveis de ocupação republicanos, a cerâmica de tipo Kuass é dominada pela forma

---

<sup>73</sup> São muitos os autores que escrevem sobre a suposta descendência fenícia do povo de *Gadir*, devido à sua cultura fortemente "punicizada". Mas os vários topónimos turdetanos dispostos ao longo litoral do sul de Portugal, até à Estremadura (Olisipo e Collippo) (VILLAR, 2000), semelhante à distribuição de cerâmica gaditana (SOUSA, 2009, p. 100), parece sugerir que a população de Cádiz falava a língua turdetana e não uma língua semita.

<sup>74</sup> A u.e. E-10 do Quintal da Judiária, devido ao seu reduzido número de fragmentos cerâmicos, não é tão representativa da II Idade do Ferro como o material escavado no museu, estudado por E. Sousa.



II, seguida da forma IX, tal como na II Idade do Ferro, estando igualmente presentes algumas formas menos frequentes (IV, V, VIII e talvez X) que também foram detectadas por E. Sousa (2009, p. 67).

Em relação às ânforas, foram registadas nos níveis romano-republicanos todas as tipologias presentes em contextos da segunda II Idade do Ferro em Faro: Pellicer B/C e D, Carmona, Tiñosa e Mañá-Pascual A4 (SOUSA, 2009, p. 86-88). Às quais se juntam as Mañá C2 e Castro Marim 1, típicas da época romano-republicana, assim como dois fragmentos que poderão pertencer a exemplares do tipo Campamentos Numantinos.

Também estão presentes, entre o material cerâmico de época republicana, unguentários e cerâmica manual, esta última constituída por apenas tigelas e potes/panelas, principalmente os últimos, tal como na Idade do Ferro (SOUSA, 2009, 84-86).

Das unidades estratigráficas dos séculos II-I a.C. registaram-se pesos de tear e alguma cerâmica cinzenta fina, os quais não apareceram entre o material escavado no museu, mas foram identificados em Castro Marim, em contextos da II Idade do Ferro.<sup>75</sup>

Quanto à cerâmica comum, os seus diversos recipientes dominam as produções cerâmicas púnico-turdetas no período romano-republicano em Faro, com as tigelas como forma mais frequente, seguidas dos potes/panelas e outras formas menos numerosas (pratos, alguidares, pequenas taças, almofarizes e outros), tal como na II Idade do Ferro (SOUSA; ARRUDA, 2010, p. 956, 963).

Há, no entanto, uma diferença ao nível dos fabricos de cerâmica comum (e das ânforas) entre a II Idade do Ferro e o período romano-republicano. A cerâmica comum de Faro da II Idade do Ferro, analisada por Elisa de Sousa, é dominada por um fabrico de pasta amarelada e depurada, originário de Cádiz (SOUSA, 2009, p. 74). O mesmo se verifica entre a cerâmica comum da u.e. E-10 do Quintal da Judiária (ver fig. 34, p. 58). No entanto, entre a cerâmica comum do período romano-republicano, o fabrico dominante corresponde a uma pasta esbranquiçada e pouco depurada (grupo III-A),<sup>76</sup> ao qual

---

<sup>75</sup> Os pesos de tear foram identificados por E. Sousa (2009, p. 111) e cerâmica cinzenta fina por C. Furtado (2013, p. 94).

<sup>76</sup> Ver p. 57.

pertencem mais de metade dos indivíduos (53%), mais do dobro dos que apresentam a pasta de Cádiz (21%) (grupo II-A).<sup>77</sup>

O grupo de fabrico III (deste estudo) apresenta semelhanças com os fabricos Guadalquivir A e B, identificados por E. Sousa e A. M. Arruda entre a cerâmica comum de época romano-republicana do Monte Molião. As autoras propõem que a origem deste fabrico se encontra na zona do vale do Guadalquivir (SOUSA; ARRUDA, 2014, p. 68-74). Um fabrico semelhante já havia sido identificado em São Cucufate (Beja), por Inês Vaz Pinto, que sugeriu que fosse proveniente da Bética (PINTO, 2006).

O aumento da cerâmica deste fabrico em *Ossonoba* e a diminuição do fabrico gaditano, poderá ser indicador da redução do poder económico e político da cidade de Cádiz após a conquista romana.

No entanto, em Monte Molião, em época romano-republicana, a maioria da cerâmica registada por Elisa de Sousa e Ana M. Arruda ainda pertence ao fabrico gaditano (63,38%) (2014, p. 57), pelo que a situação de Faro poderá ser apenas uma excepção.

Talvez Cádiz não tivesse perdido poder económico, mas apenas um “cliente”. A população, ou os mercadores ossonobenses, poderão ter dado preferência às cerâmicas do vale do Guadalquivir, talvez por razões económicas ou estéticas (a pintura sobre pasta branca deve ter melhor aspecto do que sobre pasta amarela), passando a comprar menos aos mercadores gaditanos.

Apesar da alteração dos fabricos, as tipologias de cerâmica púnico-turdetana permanecem inalteradas entre a II Idade do Ferro e o período romano-republicano, revelando continuidade cultural nas tradições dos produtores turdetanos e dos consumidores ossonobenses durante os séculos II-I a.C.

Por outro lado, a cerâmica de tradição itálica, que aparece pela primeira vez na u.e. E-9, é um elemento cultural estrangeiro, que não ocorre entre os materiais cerâmicos da II Idade do Ferro da cidade de Faro, ou de qualquer outro sítio arqueológico algarvio desse período.

A cerâmica de formas romanas constitui quase metade do espólio cerâmico nos níveis romano-republicanos do Quintal da Judiciaria, correspondente a cerâmica comum, material anfórico e grande quantidade de cerâmica fina de mesa, de diferentes categorias.

---

<sup>77</sup> O fabrico III-A da cerâmica comum assemelha-se ao III-A das ânforas, o qual corresponde a 55% do indivíduos.

Ao longo de todo o período romano-republicano, as categorias de cerâmica fina de mesa (campaniense, paredes finas e outras) são as que registam a maior quantidade de fragmentos entre as formas romanas. Pelo contrário a cerâmica comum de tradição itálica ocorre em números mais reduzidos, estando em minoria, não só em relação à cerâmica comum púnico-turdetana, mas inclusive entre as formas romanas. Na u.e. E-9, primeira metade do século II a.C., a cerâmica campaniense regista 28 fragmentos, enquanto a cerâmica comum de formas itálicas apenas 9. Na u.e. E-4.2, final do século I a.C., as cerâmicas finas de mesa (campaniense, paredes finas, sigillata, entre outras) registam 34 fragmentos, enquanto a cerâmica comum 22.

Normalmente, aquilo que se verifica em sítios do período romano é exactamente o oposto, a cerâmica fina de mesa constitui uma minoria em relação à cerâmica comum. Por exemplo, em trabalhos arqueológicos efectuados no sítio de Loulé-Velho (Quarteira), em 2006, foram recolhidos 178 fragmentos de cerâmica comum romana e 30 de cerâmica fina de mesa (terra sigillata e cerâmica clara africana) (BERNARDES, 2008, p. 17).

A razão das cerâmicas finas de mesa e cerâmicas comuns romanas registarem frequências pouco usuais no Quintal da Judiária, poderá está relacionada com a baixa frequência da cerâmica de tipo Kuass neste mesmo sítio.

A cerâmica púnico-turdetana do Quintal da Judiária dos séculos II-I a.C., apesar de registar as mesmas categorias e formas da II Idade do Ferro, apresenta uma quantidade de Kuass muito menor que a registada entre a cerâmica escavada no Museu Arqueológico e Lapidar Infante D. Henrique.

Entre o material cerâmico escavado no museu, a cerâmica de tipo Kuass corresponde a 16% (NMI) do total.<sup>78</sup> Enquanto no Quintal da Judiária, o tipo Kuass corresponde apenas a 6% (NMI) da cerâmica de tradição púnico-turdetana. Se as cerâmicas romanas forem incluídas a percentagem baixa para cerca de 3%.

O motivo da cerâmica de tipo Kuass ser muito menos frequente durante o período romano-republicano, ao contrário da cerâmica comum púnico-turdetana, dever-se-á

---

<sup>78</sup> No Quintal da Judiária, a u.e. E-10 (séc. III) regista apenas um único fragmento de cerâmica de tipo Kuass, mas isso pode dever-se ao reduzido número de fragmentos.

provavelmente à competição com as cerâmicas finas itálicas.<sup>79</sup>

A população de *Ossonoba* permaneceu culturalmente turdetana durante o período romano-republicano, por essa razão continuou a dar preferência às formas de cerâmica comum pré-romanas, mostrando menos interesse nas formas itálicas. No entanto, os habitantes da cidade parecem ter desenvolvido um gosto pelas cerâmicas finas trazidas pelos romanos, as quais não tinham equivalente entre as produções locais. Assim, estas cerâmicas foram adoptadas pela população ossonobense, inseridas na sua cultura material, à semelhança daquilo que os seus antepassados haviam feito em relação à cerâmica ática, vários séculos antes.

À luz dos materiais cerâmicos estudados, é possível afirmar que a cidade de Faro, durante os dois primeiros séculos após a conquista romana, permaneceu um povoado de cultura turdetana.

Os elementos romanos na cultura material são superficiais. A romanização da população de *Ossonoba* não ocorreu durante o período romano-republicano, mas provavelmente mais tarde, durante a época imperial, pois até ao final do século I a.C. os habitantes da cidade mantiveram os seus laços com a Turdetânia, resistindo a abandonar a sua cultura, incluindo a sua cerâmica tradicional.

O sector E da área escavada regista cerca de trezentos anos da História de Faro, sendo possível observar a evolução do fenómeno púnico-turdetano na cidade, desde o final da Idade do Ferro até à época de Augusto. A sua estratigrafia preservada permitiu datar com alguma precisão as peças cerâmicas, incluindo várias tipologias que foram registadas em níveis de ocupação mais tardios do que a cronologia que lhes é frequentemente atribuída.

Infelizmente a “história” está interrompida, apenas futuros trabalhos arqueológicos nos poderão dizer quando é que Faro deixou de ser turdetano e passou a ser romano.

---

<sup>79</sup> Também se registam menos ânforas púnico-gaditanas no período romano-republicano (8% NMI), em relação às recolhidas na escavação do museu (21,2% NMI). Mas isto poderá dever-se à competição com as ânforas itálicas entre os mercadores do Círculo do Estreito, e não a uma preferência por forma itálicas da parte da população de Faro.

## 18. Bibliografía

- ADROHER, A. M. (2008): “La cerámica de tradición púnica (siglos III-I a. C.),” in D. Bernal, A. Ribera (eds.), *Cerámicas Hispanorromanas. Un Estado de la Cuestión*, p. 189-200.
- ALMAGRO, M. (1953): *Las necrópolis de Ampurias*, I, Monografías Ampuritanas no. III.
- ALMEIDA, R. R.; ARRUDA, A. M. (2005): “As ânforas de tipo Maña C em Portugal”, V *Concresso Internacional Estudos Fenicio-Punicos*, p. 1319-1328.
- ARANEGUI, C. (1975): “La cerámica gris monocroma. Puntualizaciones sobre su estudio”, *Papeles del Laboratorio de Arqueología*, 11, p. 333-379.
- ARTEAGA, O. et al. (2001): “Los hornos tardopúnicos de Torre Alta (San Fernando, Cádiz). Excavación de urgencia de 1997”, *Anuario Arqueológico de Andalucía 1997*, vol. III, p. 128-136.
- ARRUDA, A. M. (1997): *As Cerâmicas Áticas do Castelo de Castro Marim no Quadro das Exportações Gregas para a Península Ibérica. Seguido por O Corço, a Kylix e Dyonisos (uma Breve Nota sobre Cerâmica e Símbolos)*, Edições Colibri.
- ARRUDA, A. M. et al. (2006), “A importação de preparados de peixe em Castro Marim: da Idade do Ferro à Época Romana,” *Setúbal Arqueológica*, vol. 13, p. 153-176.
- ARRUDA, A. M. et al. (2011): “Monte Molião: um sítio púnico-ganitano no Algarve (Portugal),” *Conimbriga*, 50, p. 5-32.
- ARRUDA, A. M.; BARGÃO, P.; SOUSA, E. (2005): “A ocupação pré-romana de Faro: alguns dados novos,” *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 8, nº 1, p. 177-208.
- ARRUDA, A. M.; FREITAS, V. T. ; VALLEJO, J. (2000): “As cerâmicas cinzentas da Sé de Lisboa”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 3, nº 2, p. 25-59.
- ARRUDA, A. M.; PEREIRA, C. (2008): “As ocupações antigas e modernas do Forte de São Sebastião (Castro Marim),” *Xelb*, 8, vol. I, p. 365-398.
- ARRUDA, A. M.; SOUSA, E. (2012): “Ânforas Republicanas de Monte Molião (Lagos, Algarve, Portugal),” *SPAL*, 21, p. 93-133.
- BANDERA, M. L. et al. (1993): “Montemolín. Evolución del asentamiento durante el Bronce Final y el Período Orientalizante (campañas de 1980 y 1981)”, *Anales de Arqueología Cordobesa 4*, Córdoba, p. 15-48.
- BANDERA, M. L.; FERRER, E. (2002): “Secuencia estratigráfica tartesia y turdetana de

- Vico (Marchena, Sevilla)”, *Homenaje al Profesor Pellicer. Spal 11*, p. 121-149.
- BARROS, P. (2005): “Cerâmicas áticas no circuito do estreito do extremo-ocidente peninsular: Quinta da Queimada, Ilhéu do Rosário, Faro e Tavira,” *El periodo orientalizante: Actas del III Simposio Internacional de Arqueología de Mérida, Protohistoria del Mediterráneo Occidental*, vol. 2, p. 931-946.
- BEIRÃO, C. M.; GOMES, M. V. (1985): “Grafitos da Idade do Ferro do Centro e Sul de Portugal”, *Actas del III Coloquio sobre lenguas y culturas paleohispánicas*, p. 465-499.
- BELÉN, M. (1976): “Estudio y tipología de la cerámica gris de Huelva”, in *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos*, 79, p. 353-388.
- BELÉN, M.; et al. (1997): *Arqueología en Carmona (Sevilla). Excavaciones en la Casa-Palacio del Marqués del Saltillo*, Consejería de Cultura de la Junta de Andalucía.
- BELÉN, M.; ESCACENA, J. L. (1990): “Niebla (Huelva). Excavaciones junto a la Puerta de Sevilla (1978-1982). La cata 8”, *Huelva Arqueológica XII*, Diputación Provincial de Huelva, p. 167-305.
- BELÉN, M.; FERNÁNDEZ-MIRANDA, M. (1978): “La Tiñosa (Lepe, Huelva)”, *Huelva Arqueológica IV*, Diputación Provincial de Huelva, p. 197-297.
- BELÉN, M.; FERNÁNDEZ-MIRANDA, M.; GARRIDO, J. P. (1977): “Los orígenes de Huelva. Excavaciones en los cabezos de San Pedro y La Esperanza”, *Huelva Arqueológica III*, Diputación Provincial de Huelva.
- BERNAL, D. et al. (2003): *Arqueología y Urbanismo. Avance de los hallazgos de época púnica y romana en las obras de la carretera de Camposoto (San Fernando, Cádiz)*, Jerez de la Frontera.
- BERNAL, D.; SÁEZ, A. M. (2008): “Opérculos y ánforas romanas en el Círculo del Estrecho. Precisiones tipológicas, cronológicas y funcionales,” *Rei Cretariae Romanae Favtorvm Acta*, 40, p. 455-472.
- BERNARDES, J. P. (2008): “Intervenção Arqueológica de Emergência no Sítio Romano de Loulé-Velho (Quarteira)”, *Al-'ulyà - revista do Arquivo Municipal de Loulé*, nº 12, p. 9-22.
- BONET, H.; MATA, C. (2008): “Las cerámicas ibéricas. Estado de la cuestión” in D. Bernal, A. Ribera (eds.), *Cerámicas Hispanorromanas. Un Estado de la Cuestión*, p. 147-169.

- BUSTAMANTE, M.; HUGUET, E. (2008): "Las cerámicas «Tipo Peñaflor»,” in D. Bernal, A. Ribera (eds.), *Cerámicas Hispanorromanas. Un Estado de la Cuestión*, p. 297-306.
- CALADO, D.; GOMES, M. V. (2006): "Quinta da Queimada (Lagos): a necrópole da II Idade do Ferro", *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 9 (2), p. 171-185.
- CARO, A. (1986-87): "Nabrissa (Lebrija, Sevilla). Los orígenes del núcleo urbano”, *Anales de la Universidad de Cádiz III-IV*, p. 55-70.
- CARO, A.; ACOSTA, P.; ESCACENA, J. L. (1987): "Informe sobre la prospección arqueológica con sondeo estratigráfico en el solar de la calle Alcazaba (Lebrija, Sevilla)”, *Anuario Arqueológico de Andalucía 1986, II*, p. 168-174.
- CARRETERO, P.; GARCÍA, R.; FELIÚ, M. J., (2004): "Ánforas tipo Tiñosa: análisis de la caracterización químico-mineralógica y su perspectiva histórica”, *Avances en Arqueometría 2003*, Universidad de Cádiz, p. 183-198.
- CARRETERO, P. A. (2004): "Las producciones cerámicas de ánforas tipo “Campamentos Numantinos” y su origen en San Fernando (Cádiz) los hornos de Pery Junquera," in *Figlinae Baeticae. Talleres alfareros y producciones cerámicos en la Bética romana (ss. II a.C. – VII d.C.)*. *Actas del Congreso Internacional (Cádiz, 12-14 de noviembre de 2003)*, British Archaeological Reports, International Series 1266, p. 427-440.
- CARRETERO, P. A. (2005): "Difusión de ánforas tipo “Tiñosa” en Algarve (Portugal) y la comercialización de productos agrícolas púnico-turdetanos entre los siglos V y III a.C.,” *Xelb*, 5, p. 305-316.
- CASTRO, Z. (1980): "Fusayolas ibéricas, antecedentes y empleo”, *Cypsela III*, p. 127-146.
- CASTRO, Z. (1985): "Pondera. Examen cualitativo, cuantitativo, espacial y su relación con el telar de pesas”, *Ampurias*, 47, p. 230-253.
- CONDE, M. J. (1991): "Les produccions de kálathoi d'Empúries i la seva difusió mediterrània (segles II-I a.n.e.)”, *Cypsela*, 9, p. 141-168.
- CUADRADO, E. (1977): "Ungüentarios cerámicos en el mundo ibérico. Aportación cronológica," *Archivo Español de Arqueología 50-51*, p. 389-404.
- DOMÍNGUEZ, J. C. (2005): "Materiales púnico-gaditanos en los confines del Extremo Occidente Atlántico”, *Antiqvitas*, 17, p. 5-11.

- DIOGO, A. M. D.; CARDOSO, J. P.; REINER, F. (2000): "Um conjunto de ânforas recuperadas nos dragados da foz do rio Arade, Algarve", *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 3, nº 2, p. 81-118.
- ESCACENA, J. L. (1979-1980): "Cerámica ibérica de Setefilla (Sevilla)", *Pyrenae 15-16*, p. 181-210.
- ESCACENA, J. L. (1986): *Cerámicas a torno pintadas andaluzas de la Segunda Edad del Hierro*, Tese de doutoramento, Universidad de Sevilla.
- ESCACENA, J. L. (2001): "Podando a Carmo. Perfiles del sustrato turdetano", *Carmona Romana. II Congreso de Historia de Carmona*, Universidad de Sevilla, p. 21-35.
- ESCACENA, J. L.; MORENO, V. (2014): "Cerámica de tipo Kuass procedente de Caura, testimonios de un nuevo centro de producción?", *Archivo Español de Arqueología 87*, p. 75-90.
- FERNÁNDEZ, J. (1987): "Tejada la Vieja: una ciudad protohistórica", *Huelva Arqueológica IX*, Diputación Provincial de Huelva.
- FERNÁNDEZ, J. (1988-1989): "Tartessos y Huelva", *Huelva Arqueológica X-XI*, Diputación Provincial de Huelva.
- FERRER, E.; GARCÍA, F. J. (2007): "Primeros datos sobre la *Ilipa* turdetana", *I Congreso de Historia de Alcalá del Río: Ilipa Antiqua. De la Prehistoria a la Época Romana*, Ayuntamiento de Alcalá del Río, p. 103-130.
- FERRER, E.; GARCÍA, F. J. (2008): "Cerámica turdetana," in D. Bernal, A. Ribera (eds.), *Cerámicas Hispanorromanas. Un Estado de la Cuestión*, p. 201-219.
- FIERRO, J. A. (1990): "Cerámica turdetana en Cádiz", *Revista de Arqueología*, 114, p. 34-40.
- FLORIDO, M. C. (1984): "Ánforas prerromanas sudibéricas", *Habis 15*, p. 419-435.
- FLORIDO, M. C. (1985): "Las ánforas del poblado orientalizante e iberopúnico del Carambolo (Sevilla)", *Habis 16*, p. 487-516.
- FREITAS, V.; OLIVEIRA, C. (2007): "A Idade do Ferro no Baixo Guadiana," in *Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular. Promontoria*, Série Monográfica, 9, p. 409-418.
- FURTADO, C. (2013): *A cerâmica cinzenta do castelo de Castro Marim*, Dissertação de mestrado em Arqueologia, Universidade de Lisboa.
- GAMITO, T. J. (1987): "Escavações Faro/87. Judiciária – Caderno de Campo" (não



- publicado), localizado na Universidade do Algarve (Gambelas, Faro).
- GAMITO, T.J. (1991): "A introdução da metalurgia do Ferro no Sudoeste Peninsular (com base nas datações de radiocarbono)," *Actas das IV Jornadas Arqueológicas da A.A.P.*, p. 299-304.
- GAMITO, T.J. (1994a): "Polícia Judiciária," *Informação Arqueológica*, 9, IPPAR, p. 115-117.
- GAMITO, T. J. (1994b): "Vila Velha", *Informação Arqueológica*, 9, IPPAR, p. 119-120.
- GAMITO, T. J. (1997a): "A cidade de *Ossonoba* e o seu território envolvente," *Noventa séculos entre a serra e o mar*, IPPAR, p. 343-359.
- GAMITO, T. J. (1997b): "Ípses (Vila Velha, Alvor)," *Noventa séculos entre a serra e o mar*, IPPAR, p. 257-263.
- GAMITO, T. J. (2007): *O Algarve e o Magrebe (711-1249)*, Universidade do Algarve.
- GARCÍA, E.; BERNAL, D. (2008): "Ánforas de la Bética" in D. Bernal, A. Ribera (eds.), *Cerámicas Hispanorromanas. Un Estado de la Cuestión*, p. 661-687.
- GARCÍA, E.; MORA, M.; FERRER, E. (1989): "Estudios sobre cerámicas ibéricas andaluzas: Montemolín (Marchena, Sevilla)", *Habis* 20, p. 217-243.
- GARCÍA, F. J.; GARCÍA, E. (2010): "Entre gaditanización y romanización: repertorios cerámicos, alimentación e integración cultural en Turdetania (siglos III-I a.C.)", *Saguntum: Papeles del Laboratorio de Arqueología de Valencia*, nº extra-9, p. 115-134.
- GOMES, F.; ARRUDA, A. M. (2013): "A cerâmica pintada da II Idade do Ferro do Castelo de Castro Marim," *Onoba*, 1, p. 19-54.
- GOMES, M. V.; GOMES, R. V.; BEIRÃO, C. M. (1986): O Cerro da Rocha Branca (Silves): Resultados preliminares de três campanhas de escavações. In *Actas do 4º Congresso do Algarve*, 1, p. 77-83.
- GONZÁLEZ, R. (1987): "Excavaciones de urgencia en el Cerro Naranja (Jerez de la Frontera, Cádiz), 1985", *Anuario Arqueológico de Andalucía 1985*, III, p. 90-96.
- GUTIÉRREZ, J. M. (1999): "Tartésicos y turdetanos en el interior de Cádiz. Torrevieja (Villamartín), un yacimiento en la cuenca media del Guadalete", *Revista de Arqueología*, 217, p. 43-4.

- HERNÁNDEZ, A. M. (1993): "Contribución al estudio de las relaciones culturales durante la II Edad del Hierro en la Cuenca Media del Guadiana: la cerámica gris", *Norba. Revista de Historia*, 13, p. 39-61.
- HAYES, J. W. (1994): "Eastern Terra Sigillata Wares - Late Roman Red-slip Wares and their Competitors: filling in the Mediterranean picture", *Ancient and Traditional Ceramics: seminar held at the European University Centre for Cultural Heritage*, Ravello, March 19-24 1990, PACT 40, 1994, p. 107-116.
- HOZ, J. (1976): "La epigrafía prelatina meridional en Hispania", *Actas del I coloquio sobre lenguas y culturas prerromanas de la Península Iberica*, p. 227-317.
- JIMÉNEZ, A. et al. (2006): "Aportación al estudio de la Sevilla prerromana y romano-republicana. Repertorios cerámicos y secuencia edilicia en la estratigrafía de la calle Abades 41-43", *Spal* 15, p. 281-312.
- JUAN-TRESSERAS, J. I.; MATAMALA, J. C. (2004): "Los contenidos de las ánforas en el Mediterráneo occidental. Primeros resultados", *La circulació d'àmfores al Mediterrani occidental durant la Protohistòria (segles VIII-III a.C.): aspectes quantitius i anàlisi de continguts*, *Actes de la II Reunió Internacional d'Arqueologia de Calafell, 2002*, *Arqueomediterrània*, 8, p. 283-291.
- LAMBOGLIA, N. (1952): "Per una classificazione preliminare della ceramica campana," *Atti del I Congresso Internazionale di Studi Liguri (Bordiguera, 1950)*, Bordiguera: Istituto Internazionale di Studi Liguri, p. 139-206.
- LANCEL, S. (1987): "La céramique punique d'époque hellénistique," in P. Lévêque e J.-P. Morel, *Céramiques hellénistiques et romaines*, II, Belles-Lettres, p. 99-137.
- LÓPEZ, L.A. (1999): *El poblamiento protohistórico en el Valle Medio del Genil*, Editorial Graficas Sol.
- LUZÓN, J. M.; RUIZ, D. (1973): *Las raíces de Córdoba. Estratigrafía de la Colina de los Quemados*, Concejo Superior de Investigaciones Científicas. Patronato José M.<sup>a</sup> Cuadeado. Real Academia de Córdoba.
- MAIA, M. (2006): "La pesca, a actividade conserveira e as ânforas de Tavira", *Historia de la pesca en el ámbito del Estrecho. I Conferencia Internacional*, vol. I, p. 455-488.
- MAÑÁ, J. M. (1951): "Sobre tipología de ánforas púnicas", *Crónica del VI Congreso Arqueológico del Sudeste (Alcoy, 1950)*, p. 203-210.

- MANCEBO, J. (1996): "La cerámica de barniz o engobe rojo de la Cuenca Baja del Guadalquivir", *Tabona: Revista de Prehistoria y de Arqueología*, 9, Universidad de La Laguna, p. 353-378.
- MANCEBO, J.; BANDERA, M. L.; GARCIA, J. M. (1992): "La cerámica gris a torno del yacimiento orientalizante de Montemolín (Sevilla)," *Trabajos de Prehistoria* 49, p. 277-293.
- MARTÍN, J. C. (1976): "El corte F del Cerro Macareno, La Rinconada (Sevilla)", *Cuadernos de Prehistoria y. Arqueología de la Universidad Autónoma de Madrid* 3, p. 9-31.
- MAYET, F. (1975): *Céramiques a parois fines dans la Péninsule Ibérique*, Publications du Centre Pierre Paris.
- MAYET, F. (1980): "Les céramiques à parois fines: état de la question", *Céramiques hellénistiques et romaines*, 1, Centre de Recherches d'Histoire Ancienne, 36, p. 201-229.
- MOREL, J.-P. (1994): *Céramique Campanienne: les formes*, Bibliothèque dès Écoles Françaises d'Athènes et de Rome (12ª edição).
- MORENO, V. et al. (2014): "Caracterización mineralógica y físico-química de las imitaciones de vajilla de tipo Kuass en el valle del Guadalquivir," in *As Produções Cerâmicas de Imitação na Hispania*, Monografias Ex Officina Hispana II, Faculdade de Letras da Universidade do Porto y SECAH, vol. 2, p. 11-18.
- MUÑOZ, A. (1987a): "Avance sobre el estudio de los ungüentarios helenísticos de Cádiz," *Anuario Arqueológico de Andalucía 1986*, II, p. 520-525.
- MUÑOZ, A. (1987b): "Las ánforas prerromanas de Cádiz (informe preliminar)", *Anuario Arqueológico de Andalucía 1985*, II, p. 471-478.
- Munsell Color (1988), *Munsell Soil Color Charts*, MacBeth Division of Kollmorgen Instruments Corporation (edição revista).
- NIVEAU, A. M. (1999): "La cerámica "tipo Kuass". Avance a la sistematización del taller gaditano," *SPAL Revista de Prehistoria y Arqueología*, 8, p. 115-134.
- NIVEAU, A. M. (2000a): "La cerámica roja gaditana de tradición griega ('tipo Kuass'). Estado de la cuestión", en *III Congreso de Arqueología Peninsular (Vila Real, 1999)*, p. 373-388.

- NIVEAU, A. M. (2000b): “La producción de cerámicas rojas de tradición griega en la zona de Cádiz. Las cerámicas de ‘tipo Kuass’: Una nueva perspectiva”, *Madriider Mitteilungen* 41, p. 178-196.
- NIVEAU, A. M. (2002): “Las ánforas turdetanas del tipo Pellicer-D. Ensayo de clasificación,” *Spal*, 11, p. 233-252.
- NIVEAU, A. M. (2003): *Las Cerámicas Gaditanas “Tipo Kuass”*. Bases para el análisis de la Bahía de Cádiz en época púnica, Universidad de Cádiz.
- NIVEAU, A. M. (2004a): "Addenda a la tipología de la cerámica púnico-gaditana de barniz rojo o «tipo Kuass»: acerca de las formas cerradas", *Spal* 13, p. 181-214.
- NIVEAU, A. M. (2004b): "La cerámica púnico-gaditana del s. III a.C. El uso de la vajilla en el ámbito funerario y ritual de la Necrópolis", *II Congreso Internacional del Mundo Púnico (Cartagena 2000)*, p. 267-297.
- NIVEAU, A. M. (2008): “La cerámica «Tipo Kuass»,” in D. Bernal, A. Ribera (eds.), *Cerámicas Hispanorromanas. Un Estado de la Cuestión*, p. 245-262.
- NIVEAU, A. M. (2009): *Ofrendas, banquetes y libaciones. El ritual funerario en la necrópolis púnica de Cádiz*, Spal Monografías XII.
- OLCESE, G. (2006): *Ceramiche comuni a Roma e in area romana: produzione, circolazione e tecnologia (tarda età repubblicana - prima età imperiale)*, SAP Società Archeologica.
- OLIVEIRA, C. (2006): *A cerâmica manual do Castelo de Castro Marim (século IX a III a.n.e.)*, Dissertação de mestrado em Pré-História e Arqueologia, Universidade de Lisboa.
- PASCUAL, R. (1969): “Un nuevo tipo de ánfora púnica”, *Archivo Espanõl de Arqueologia* 42, p. 12-19.
- PASCUAL, G.; RIBERA, A. (2008): “Ánforas púnicas de Pompeya. Materiales de recientes excavaciones en la regio VII”, *Rei Cretariae Romanae*, Acta 40, p. 407-416.
- PELLICER, M. (1968): “Las primitivas cerámicas a torno pintadas hispanas”, *Archivo Espanõl de Arqueologia* 41, p. 60-90.
- PELLICER, M. (1969): “Las primeras cerámicas a torno pintadas andaluzas y sus problemas”, *V Simposio Internacional de Prehistoria Peninsular “Tartessos y sus problemas”*, Barcelona, p. 291-310.
- PELLICER, M. (1978): “Tipología y cronología de las ánforas preromanas del

- Guadalquivir según el Cerro Macareno (Sevilla),” *Habis*, 9: p. 365-400.
- PELLICER, M. (1987): “La cerámica a mano del Bronce Reciente e del Orientalizante en Andalucía Occidental”, in *Habis*, 18-19, p. 461-483.
- PELLICER, M.; AMORES, F. (1985): “Protohistoria de Carmona. Los cortes estratigráficos CA-80/A y CA-80/B”, *Noticiario Arqueológico Hispánico* 22, p. 55-189.
- PELLICER, M.; ESCACENA, J. L.; BENDALA, M. (1983): “El Cerro Macareno”. *Excavaciones Arqueológicas en España 124*, Ministerio de Cultura.
- PELLICER, M.; HURTADO, V.; BANDERA, M. L. (1983): “Corte estratigráfico en la Casa de Venus, *Italica*”. *Excavaciones Arqueológicas en España 121*, Ministerio de Cultura, p. 11-28.
- PEREIRA, J. (1988): “La cerámica ibérica de la cuenca del Guadalquivir, I. Propuesta de clasificación”, *Trabajos de Prehistoria*, 45, p. 143-173.
- PEREIRA, J. (1989): “La cerámica ibérica de la cuenca del Guadalquivir, II. Conclusiones”, *Trabajos de Prehistoria*, 46, p. 149-159.
- PINTO, I. V. (2006): “A cerâmica comum bética das villae romanas de São Cucufate: uma revisão”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 9, nº 1, p. 167-184.
- PONSICH, M. (1968): “Alfarerías de época fenicia y púnico-mauritana en Kuass (Arcila, Marruecos),” *Saitabi: revista de la Facultat de Geografia i Història*, 18, p. 61-83.
- PONSICH, M. (1969): “Les céramiques d’imitation: La campanienne de Kouass. Région d’Arcila-Maroc”, *Archivo Español de Arqueología*, 42, p. 56-80.
- PRINCIPAL, J.; RIBERA, A. (2013): “El material más apreciado por los arqueólogos. La cerámica fina. La cerámica de barniz negro,” in A. Ribera i Lacomba (coord.) *Manual de cerámica romana: del mundo helenístico al Imperio Romano*, Alcalá de Henares, p. 41-146.
- PUCCI, G. (1988) “La ceramica italica (terra sigillata)”, *Società romana e produzione schiavistica*, vol. II. Merci, mercati e scambi nel Mediterraneo, Roma-Bari, p. 99-121.
- RAMÓN, J. (1995): *Las ánforas fenicio-púnicas del Mediterráneo central e occidental*, Universitat de Barcelona.
- RAMÓN, J. et al. (2004): *El taller alfarero tardoarcaico de Camposoto*, Monografías de Arqueología, Junta de Andalucía, en prensa.

- RAMOS, M. J.; GARCÍA, E. (2014): "Las imitaciones de vajilla de barniz negro itálico en el Bajo Guadalquivir", in *Comer a la moda. Imitaciones de vajilla de mesa en Turdetania y la Bética Occidental durante la Antigüedad (s. VI a.C.- VI d.C.)*, Universidad de Barcelona, p. 239-269.
- RODERO, A. (1991): "Las ánforas del Mediterráneo Occidental en Andalucía", *Trabajos de Prehistoria*, 48, p. 275-298.
- ROOS, A. M. (1982): "Acerca de la antigua cerámica gris a torno en la Península Ibérica", *Ampurias*, t. 44, p. 43-70.
- RUFETE, P. (2002): "El final de Tartessos y el periodo turdetano en Huelva", *Huelva Arqueológica XVII*, Diputación Provincial de Huelva.
- RUIZ, D.; PÉREZ, C., (1995): *El poblado fenicio del Castillo de Doña Blanca (El Puerto de Santa María, Cádiz)*, Colección de Temas Portuenses, 5, El Puerto de Santa María.
- RUIZ, D.; NIVEAU, A. M., (1999): "La zona industrial de las Cumbres y la cerámica del s. III a.n.e. (Castillo de Doña Blanca-El Puerto de Santa María, Cádiz)", *XXIV CNA*, vol. 3, p. 125-131.
- RUIZ, D.; VALLEJO, J. I. (2002): "Continuidad y cambio durante el siglo VI a. C.: Las cerámicas del Corte C del Cerro Macareno (La Rinconada, Sevilla)", *Homenaje al Profesor Pellicer, Spal 11*, p. 197-218.
- SÁEZ, A. M., (2004): "El alfar tardopúnico de Torre Alta. Resultados de las excavaciones de 2002-2003", *Actas del Congreso Internacional Figlinae Baeticae (Cádiz, noviembre 2003)*, BAR International Series 1266, II: 699-712. Oxford.
- SÁEZ, A. M. (2005): "Aproximación a la tipología de la cerámica común púnico-gadirita de los ss. III-II," *Spal*, 14, p. 145-177.
- SÁEZ, A. M. (2008a): *La producción cerámica en Gadir en época tardopúnica (siglos III/I). Torre Alta: Balance de la investigación y novedades histórico-arqueológicas*. BAR, Internacional series S1812, Universidad de Cadiz, 2 vols.
- SÁEZ, A. M. (2008b): "La producción de ánforas en el área del Estrecho en época tardopúnica (siglos III-I a. C.)," in D. Bernal, A. Ribera (eds.), *Cerámicas Hispanorromanas. Un Estado de la Cuestión*, p. 635-659.
- SÁEZ, A. M. (2011): "Alfarería en el Extremo Occidente fenicio. Del renacer tardoarcaico a las transformaciones helenísticas", in Yöserim: la producción alfarera Fenicio-Púnica

- en Occidente. XXV Jornadas de Arqueología Fenicio-Púnica (Eivissa, 2010), Eivissa: Museu Arqueològic d'Eivissa i Formentera, p. 49-106.
- SÁEZ, A. M. (2014): "Ramon T-8211 (Costa de Ulterior/Baetica)", *Amphorae ex Hispania. Paisajes de producción y de consumo* (<http://amphorae.icac.cat/tipol/view/71>)
- SOARES, A. M. (2005): Variabilidade do “upwelling” costeiro durante o Holocénico nas margens atlânticas ocidental e meridional da Península Ibérica, Tese de Doutoramento, Universidade do Algarve
- SOUSA, E. (2009): A cerâmica de tipo Kuass *no Algarve: os casos de Castro Marim e Faro*, Cadernos da UNIARQ 4, Universidade de Lisboa.
- SOUSA, E. (2010) “The use of “Kouass ware” during the Republican Period in the Algarve (Portugal)”, *Rei Cretariae Romanae Favtorvm Acta*, 41, p. 523-528.
- SOUSA, E.; ALVES, C.; PEREIRA, T. (no prelo): Tradições indígenas e inovações itálicas no Ocidente do Algarve: a cerâmica comum e outros objectos da Urbanização do Molião (Lagos, Portugal).
- SOUSA, E.; ARRUDA, A. M. (2010): “A gaditanização do Algarve,” *Mainaké*, 32 (2), p. 951-974.
- SOUSA, E.; ARRUDA, A. M. (2013): “A cerâmica de tipo Kuass de Monte Molião (Lagos),” *Arqueologia em Portugal. 150 Anos. Actas do I Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, p. 651-659.
- SOUSA, E.; ARRUDA, A. M. (2014): “A cerâmica comum romano-republicana de Monte Molião (Lagos),” *Revista Onoba*, 2, p. 55-90.
- VALLEJO, J. I. (1999): “Las decoraciones bruñidas en las cerámicas grises orientalizantes”, *SPAL*, 8, p. 85-100.
- VEGAS, M. (1973): Cerámica común romana del Mediterráneo Occidental, Universidad de Barcelona. Instituto de Arqueología y Prehistoria.
- VIEGAS, C. (2008): “A cidade de *Ossonoba*: importações cerâmicas,” *Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular, Promontoria Monográfica 10*, Universidade do Algarve, p. 215-231.
- VILLAR, F. (2000): *Indoeuropeos y no indoeuropeos en la Hispania prerromana: las poblaciones y las lenguas prerromanas de Andalucía, Cataluña y Aragón según la información que nos proporciona la toponimia*, Ediciones Universidad de Salamanca.

## 19. Catálogo

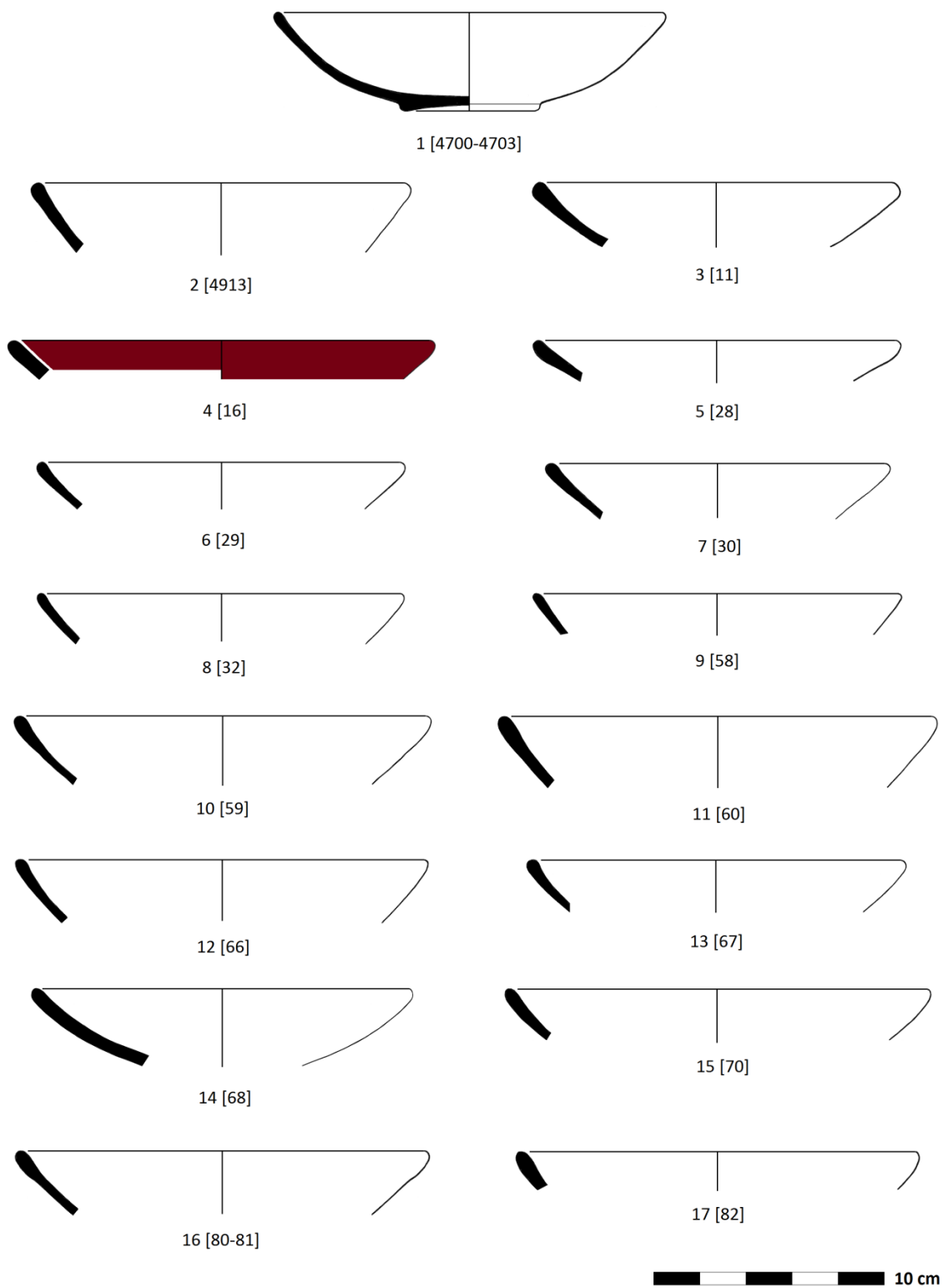


Fig. 72 – Cerâmica comum: tigelas (1-17).



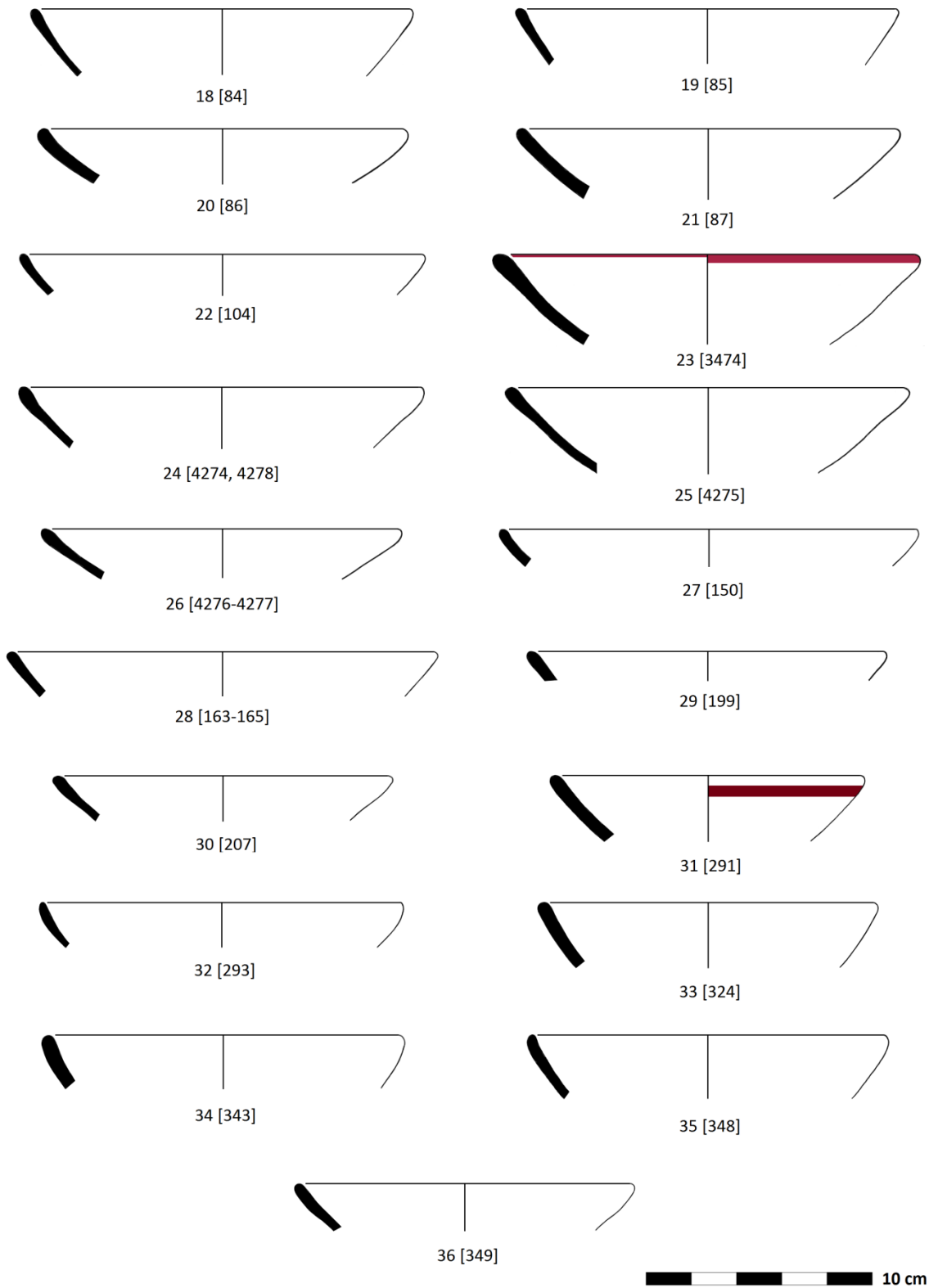


Fig. 73 – Cerâmica comum: tigelas (18-36).

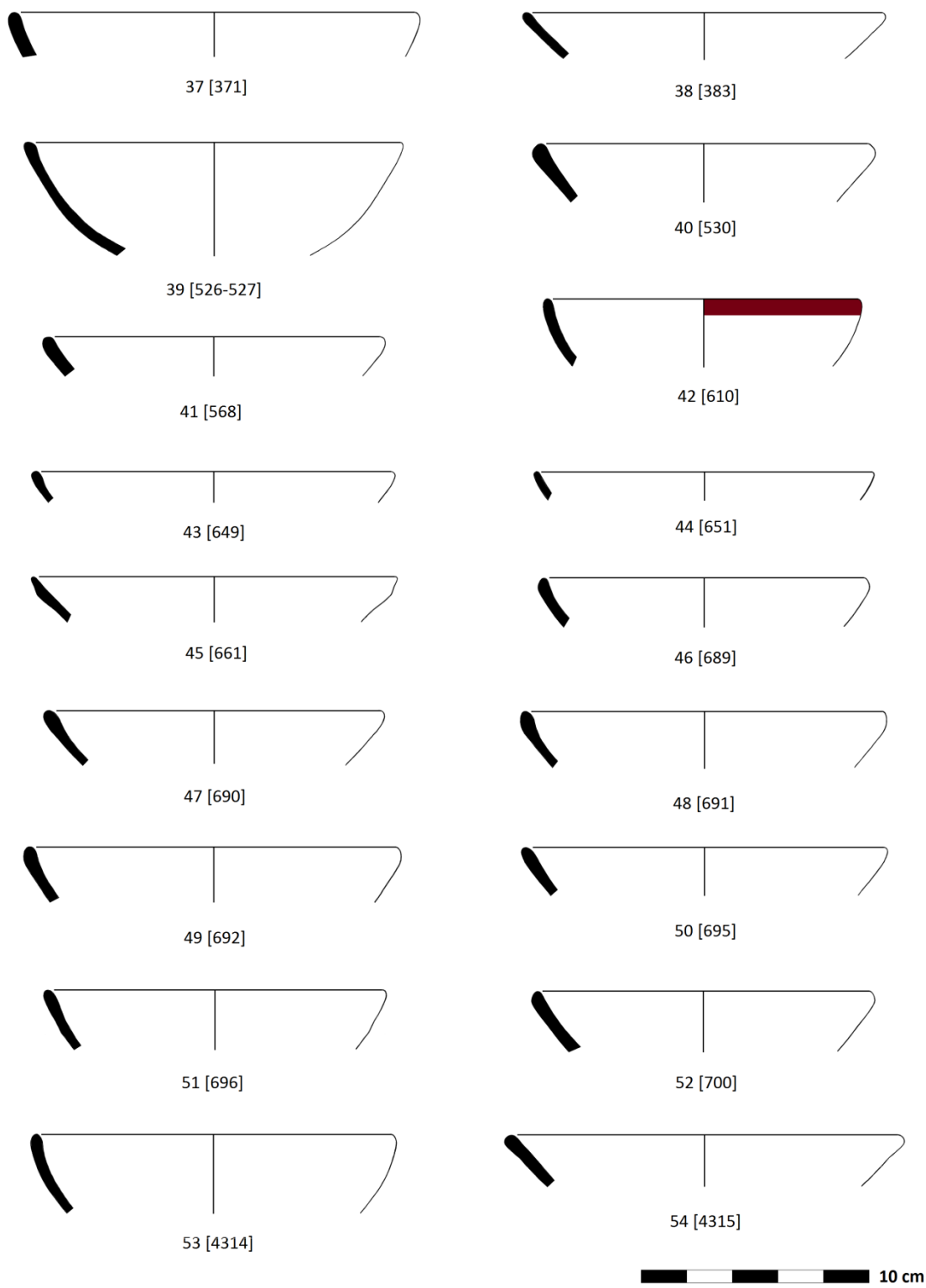


Fig. 74 – Cerâmica comum: tigelas (37-54).

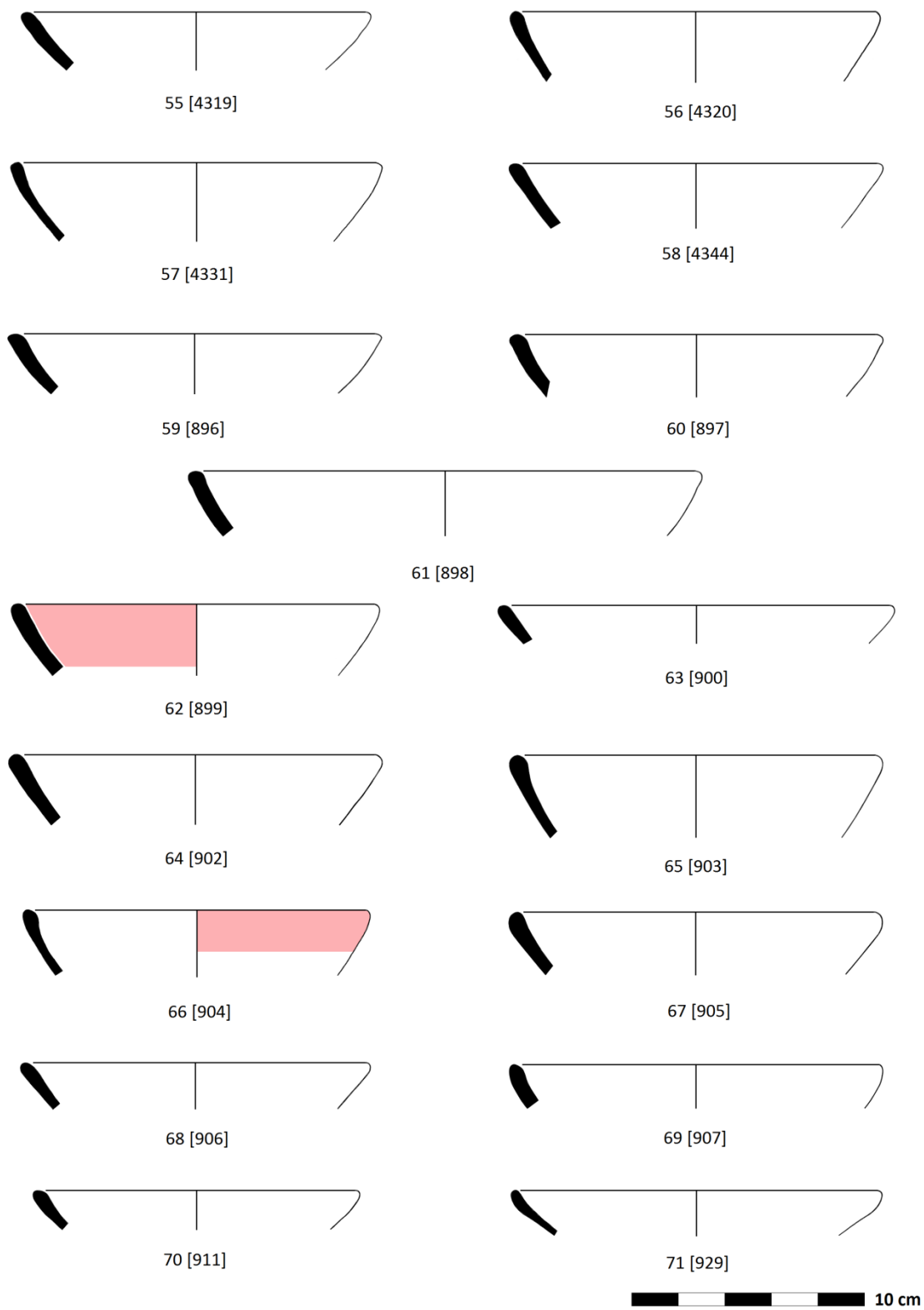


Fig. 75 – Cerâmica comum: tigelas (55-71).

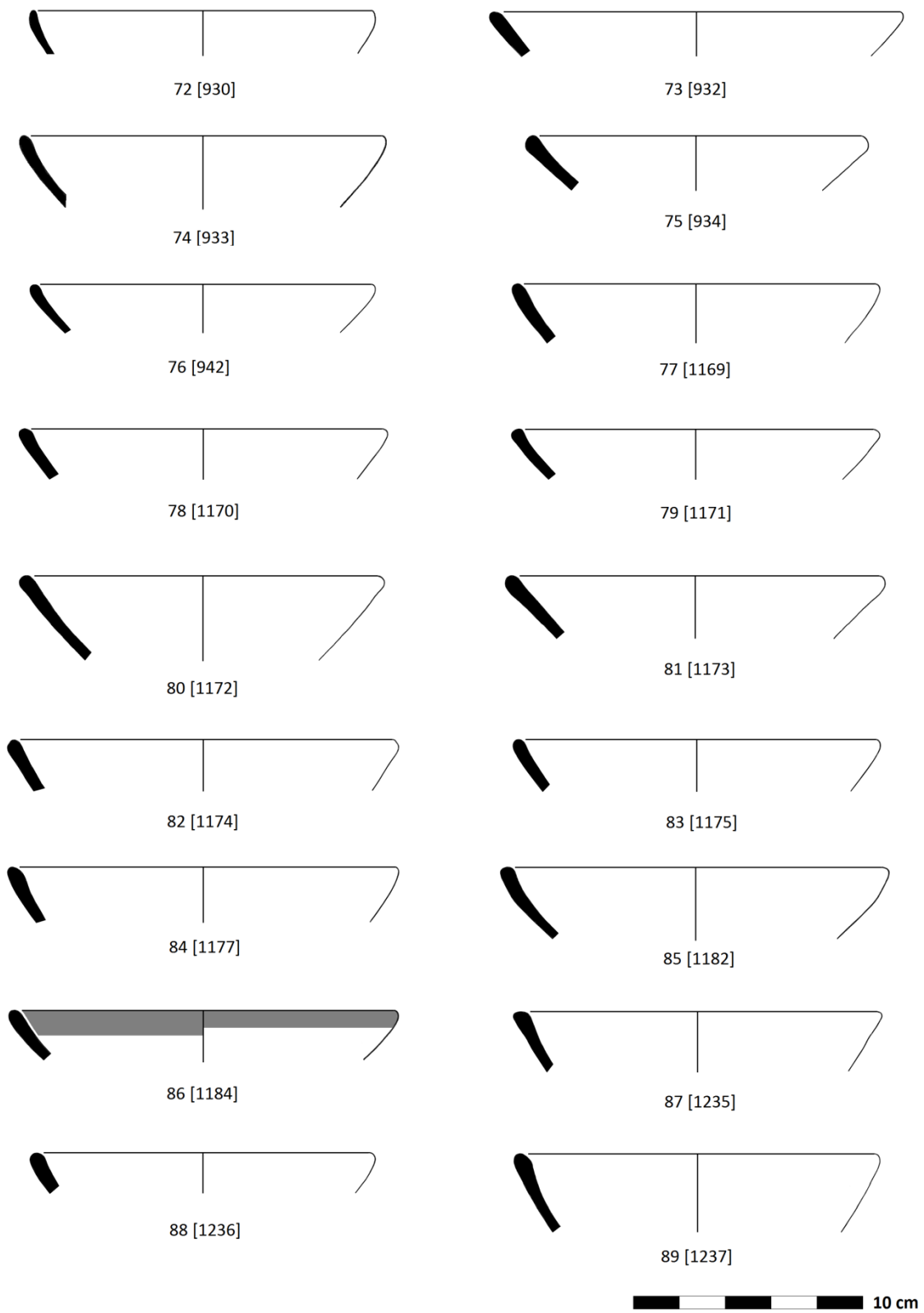


Fig. 76 – Cerâmica comum: tigelas (72-89).

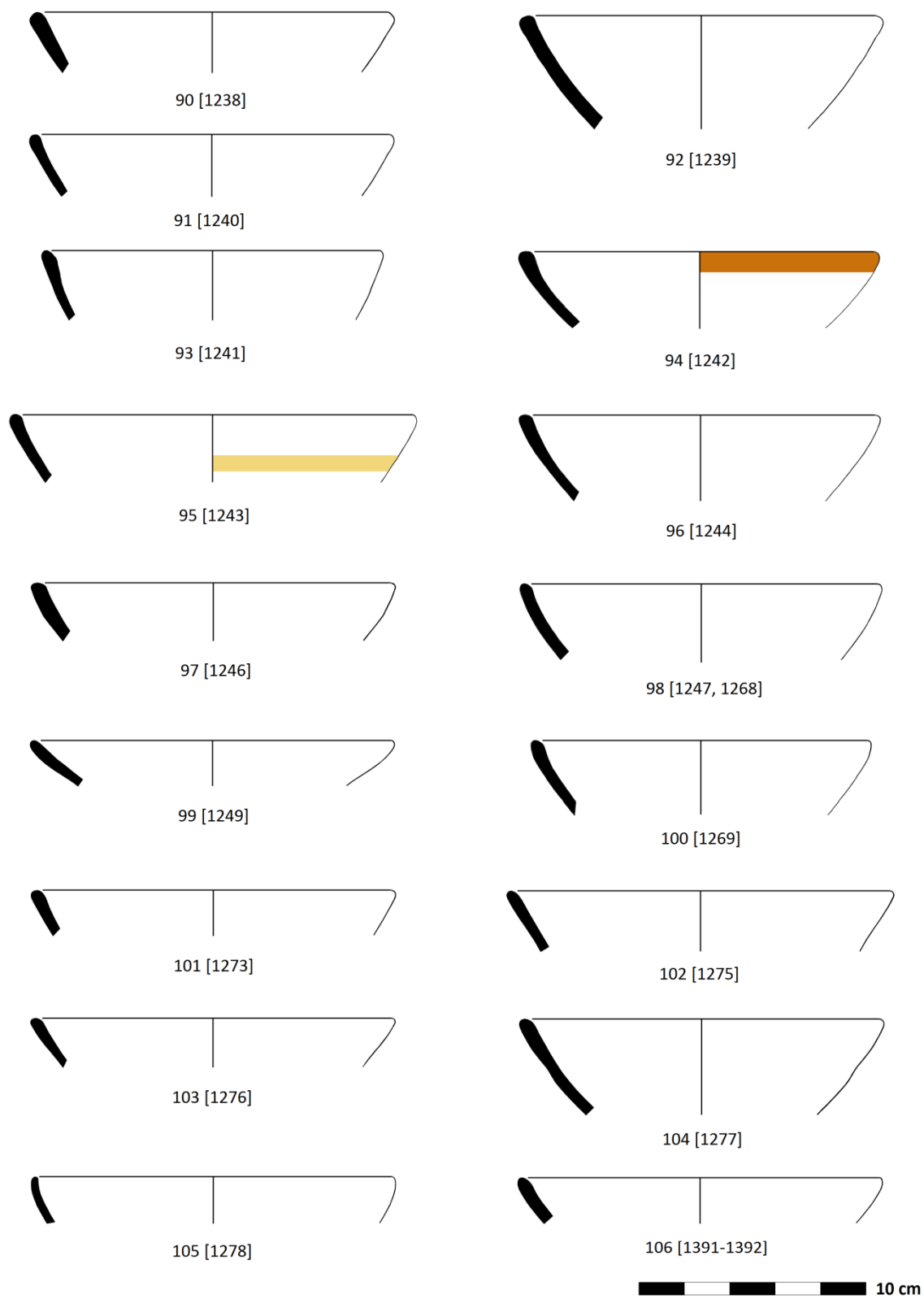


Fig. 77 – Cerâmica comum: tigelas (90-106).

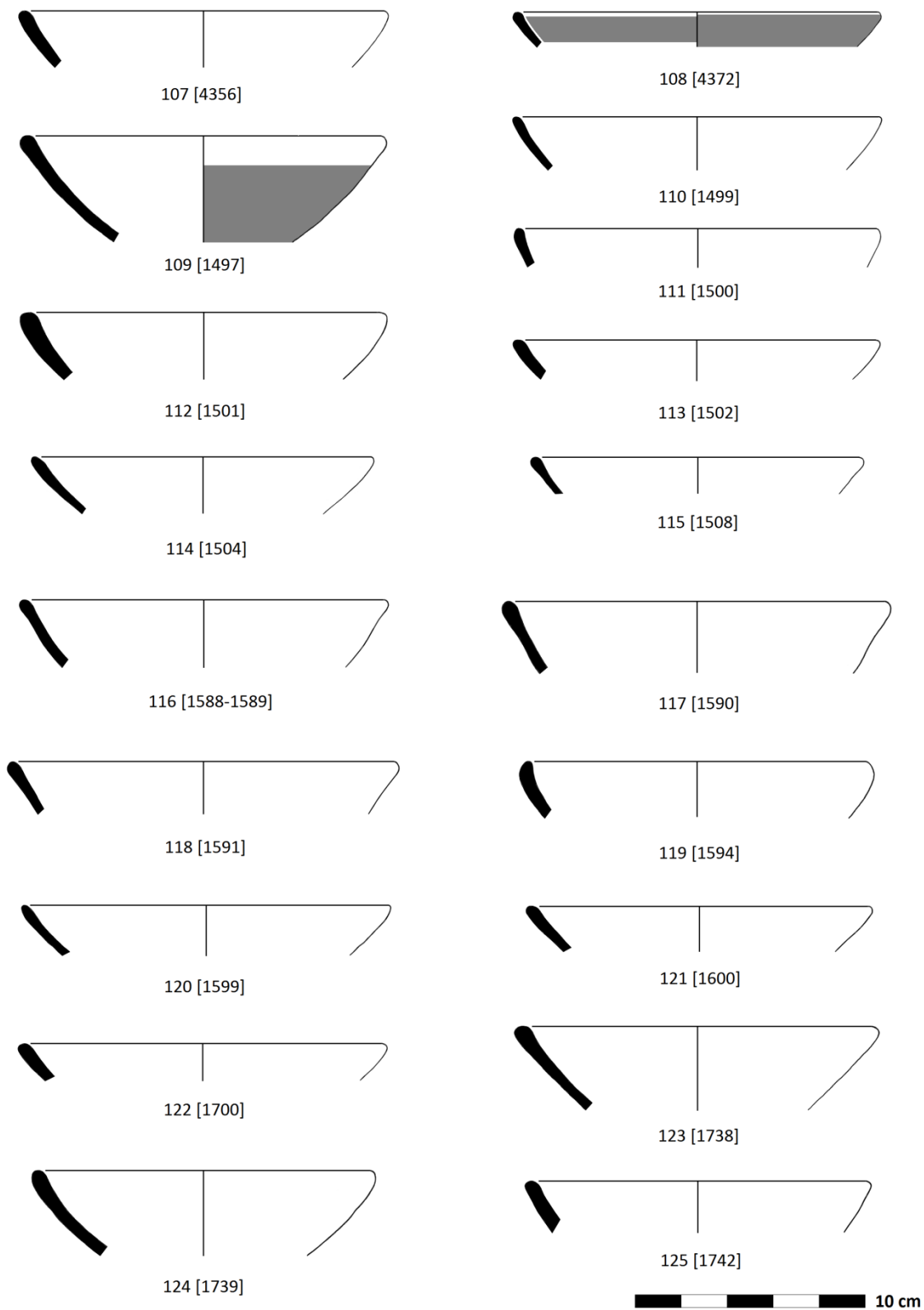


Fig. 78 – Cerâmica comum: tigelas (107-125).

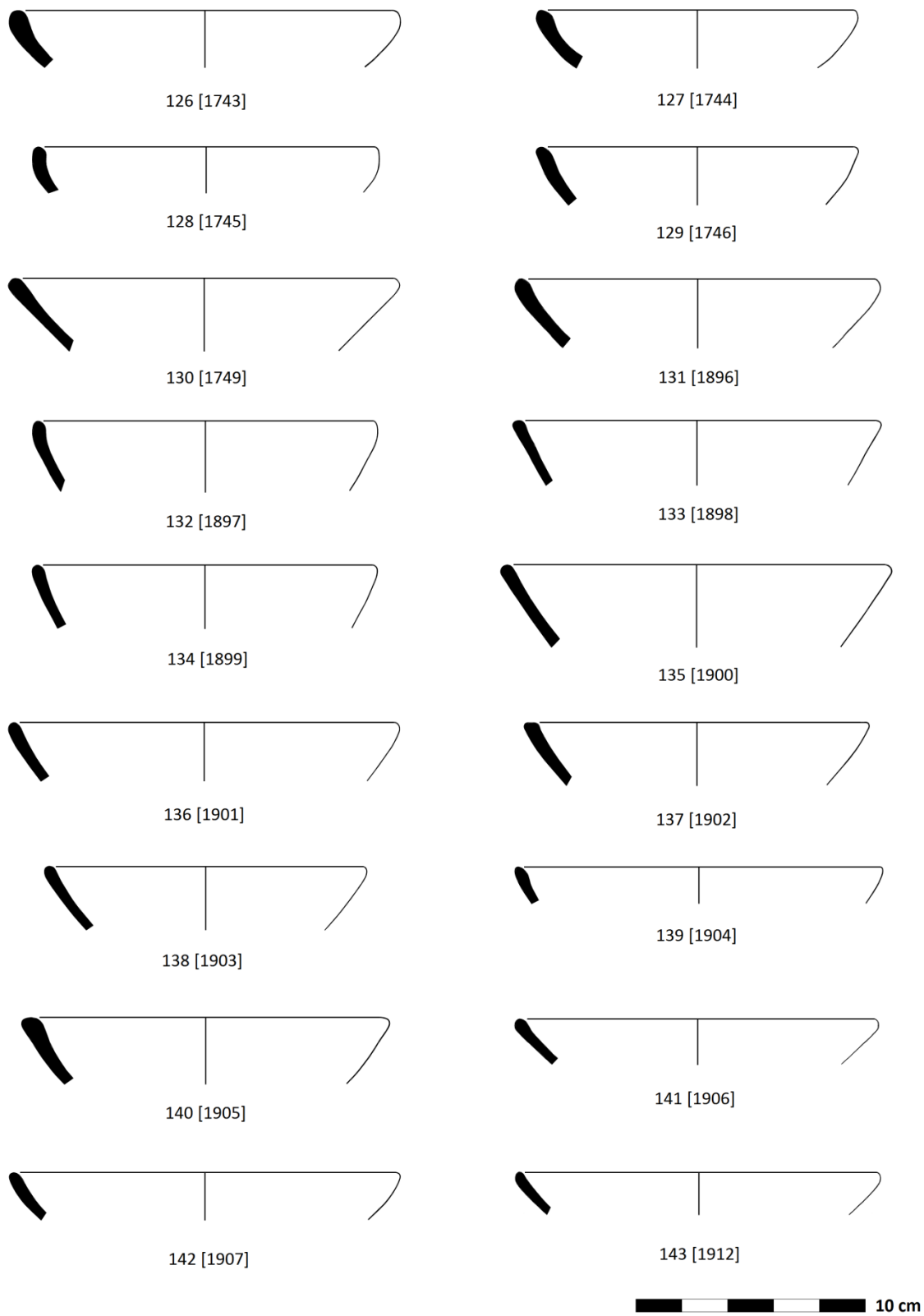


Fig. 79 – Cerâmica comum: tigelas (126-143).

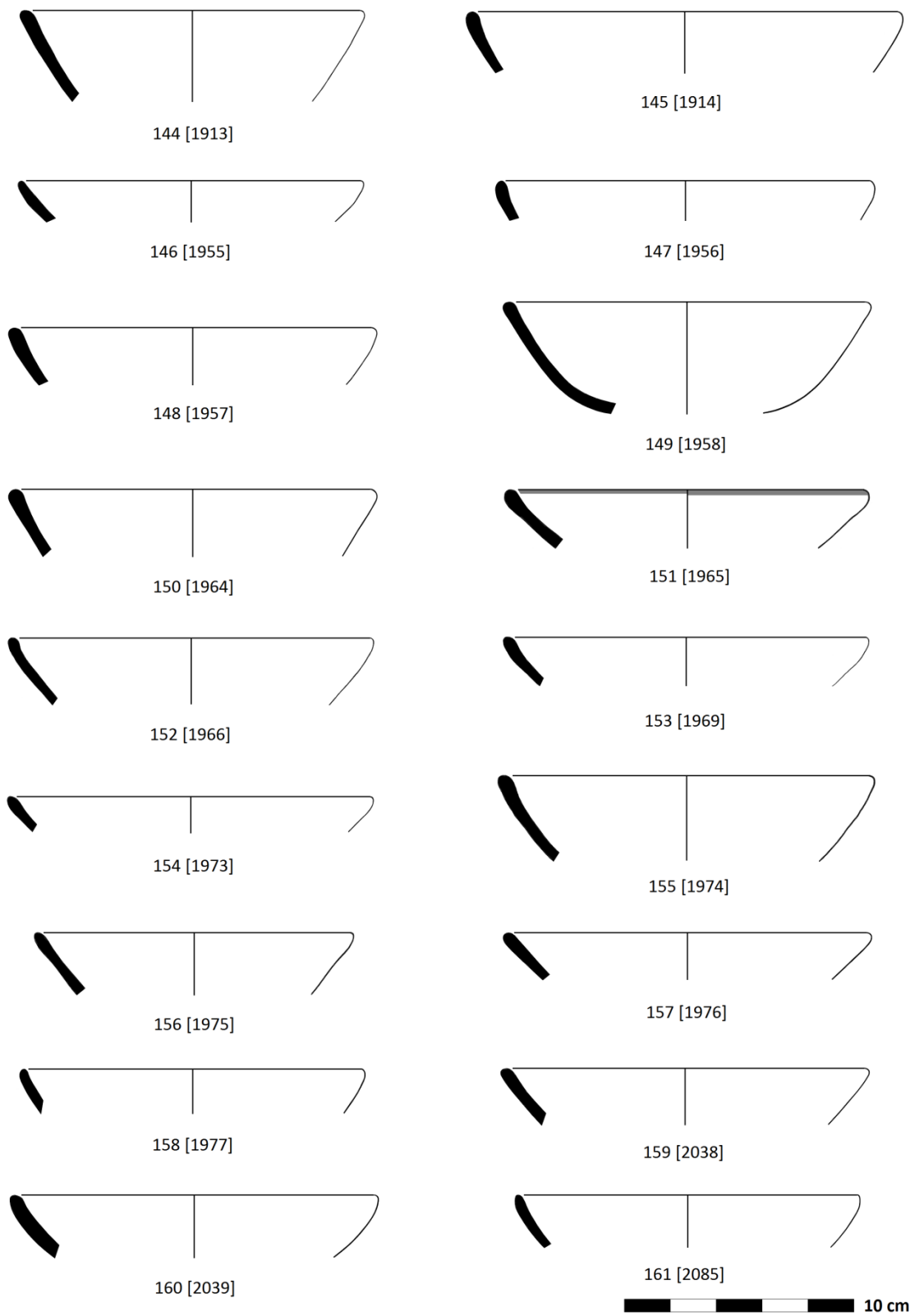


Fig. 80 – Cerâmica comum: tigelas (144-161).



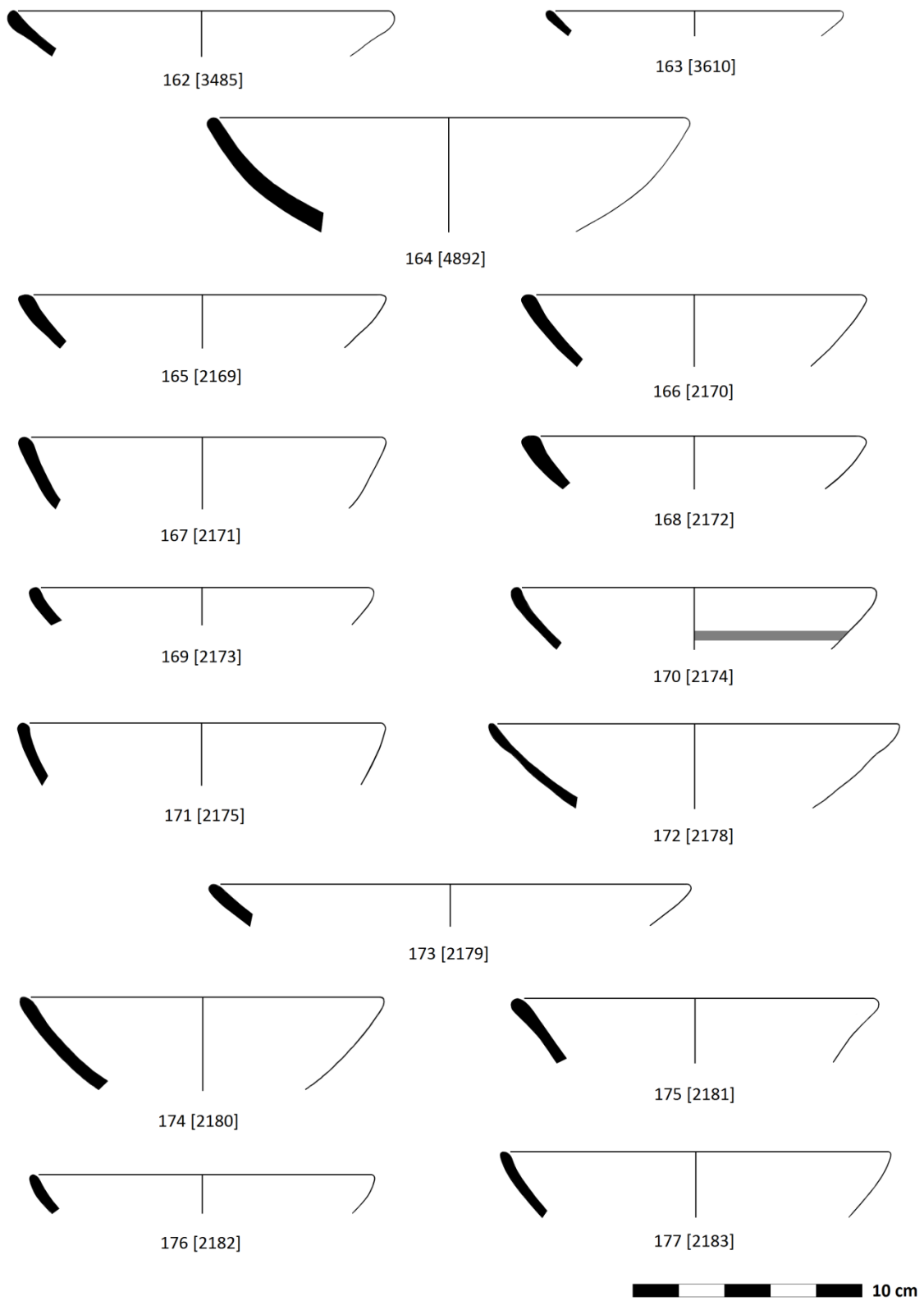


Fig. 81 – Cerâmica comum: tigelas (162-177).

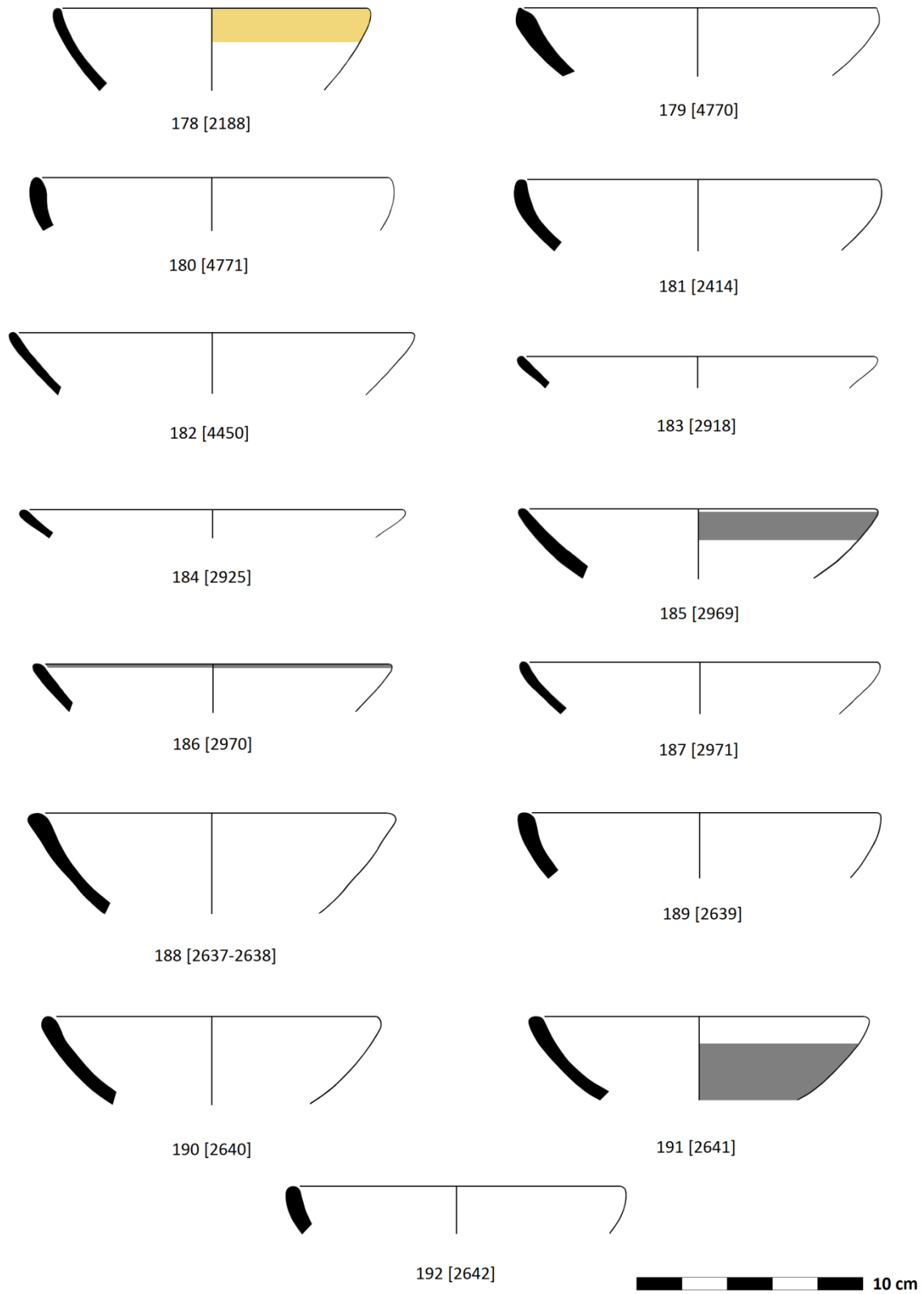


Fig. 82 – Cerâmica comum: tigelas (178-192).

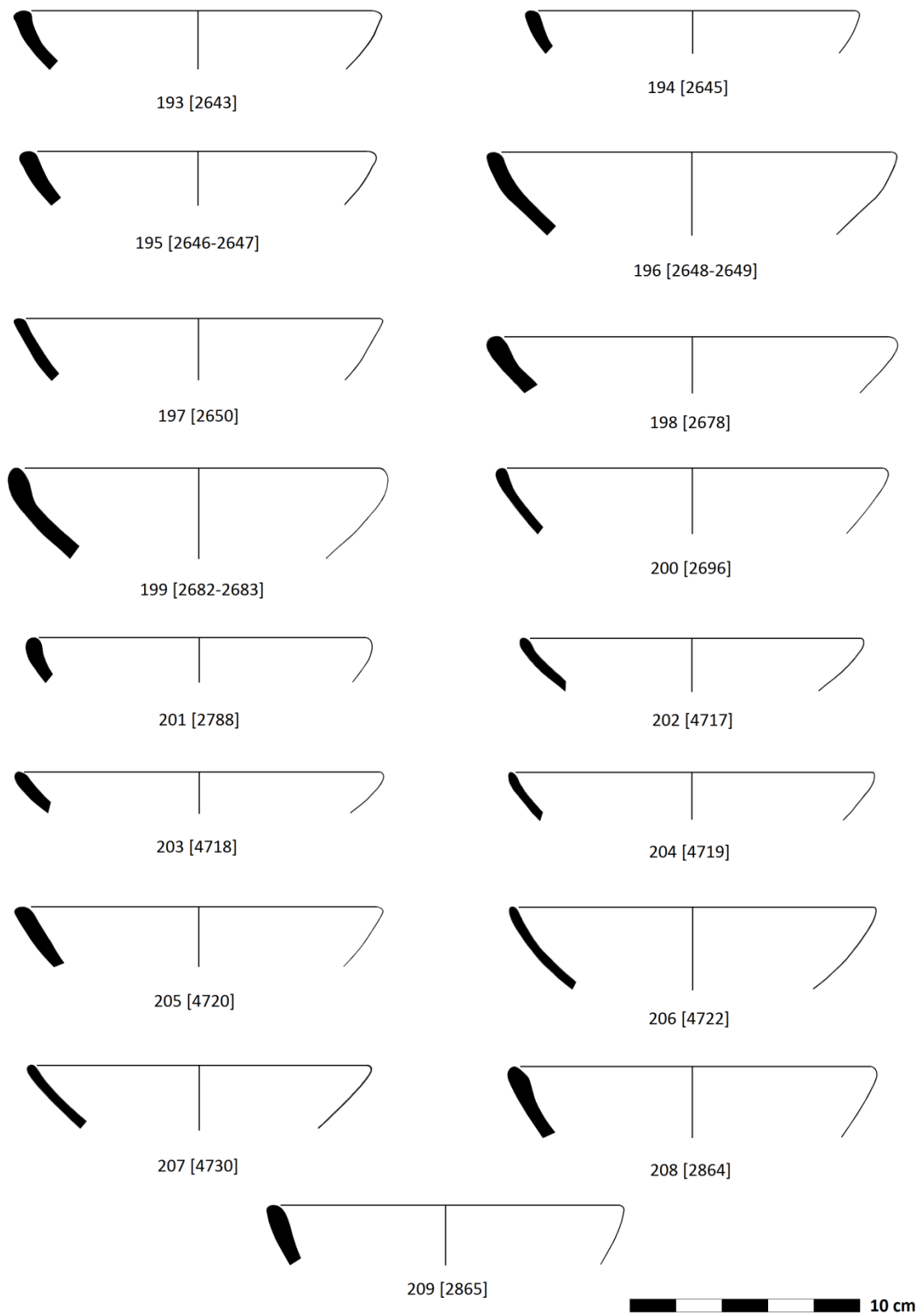


Fig. 83 – Cerâmica comum: tigelas (193-209).

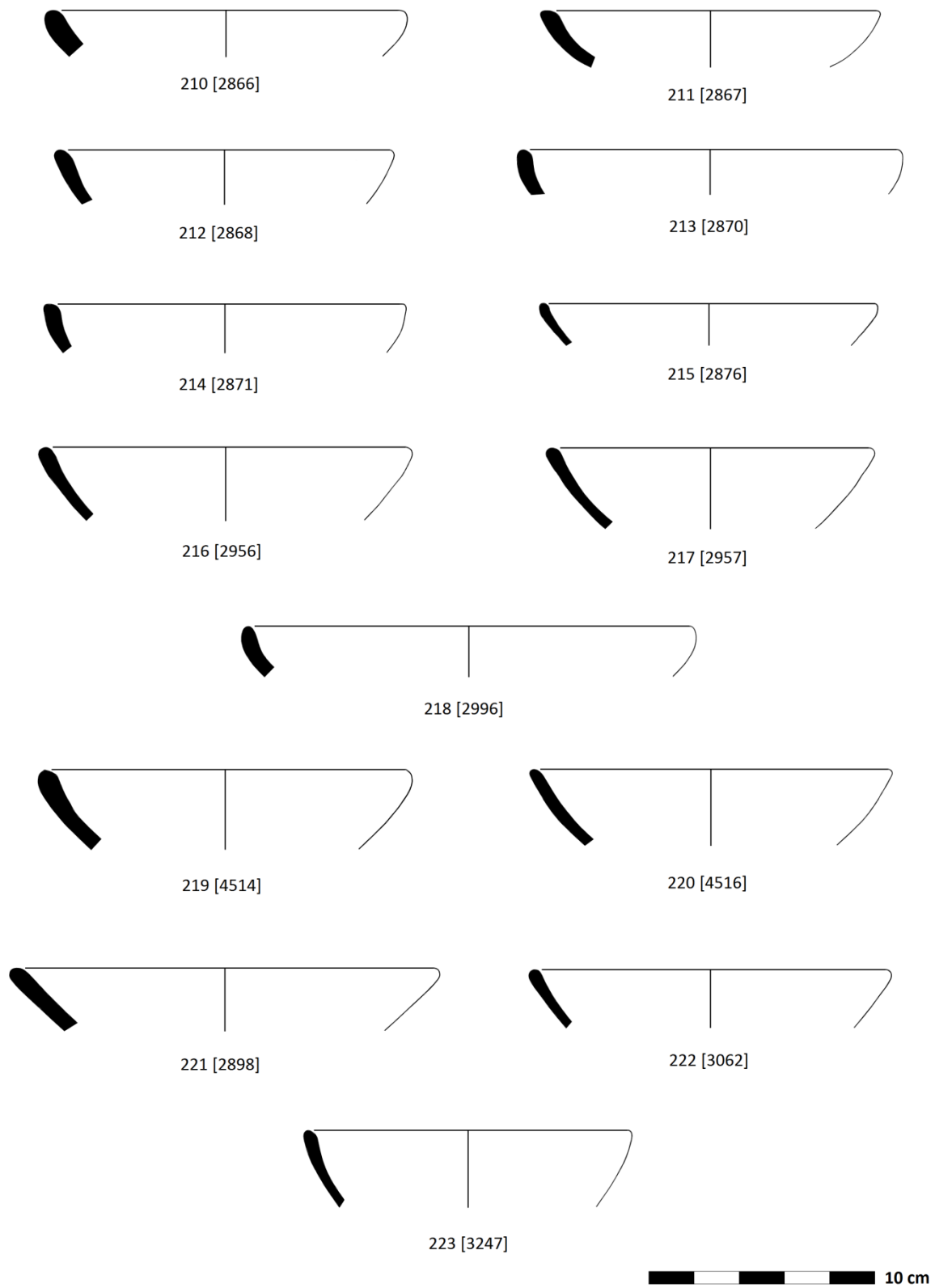


Fig. 84 – Cerâmica comum: tigelas (210-223).

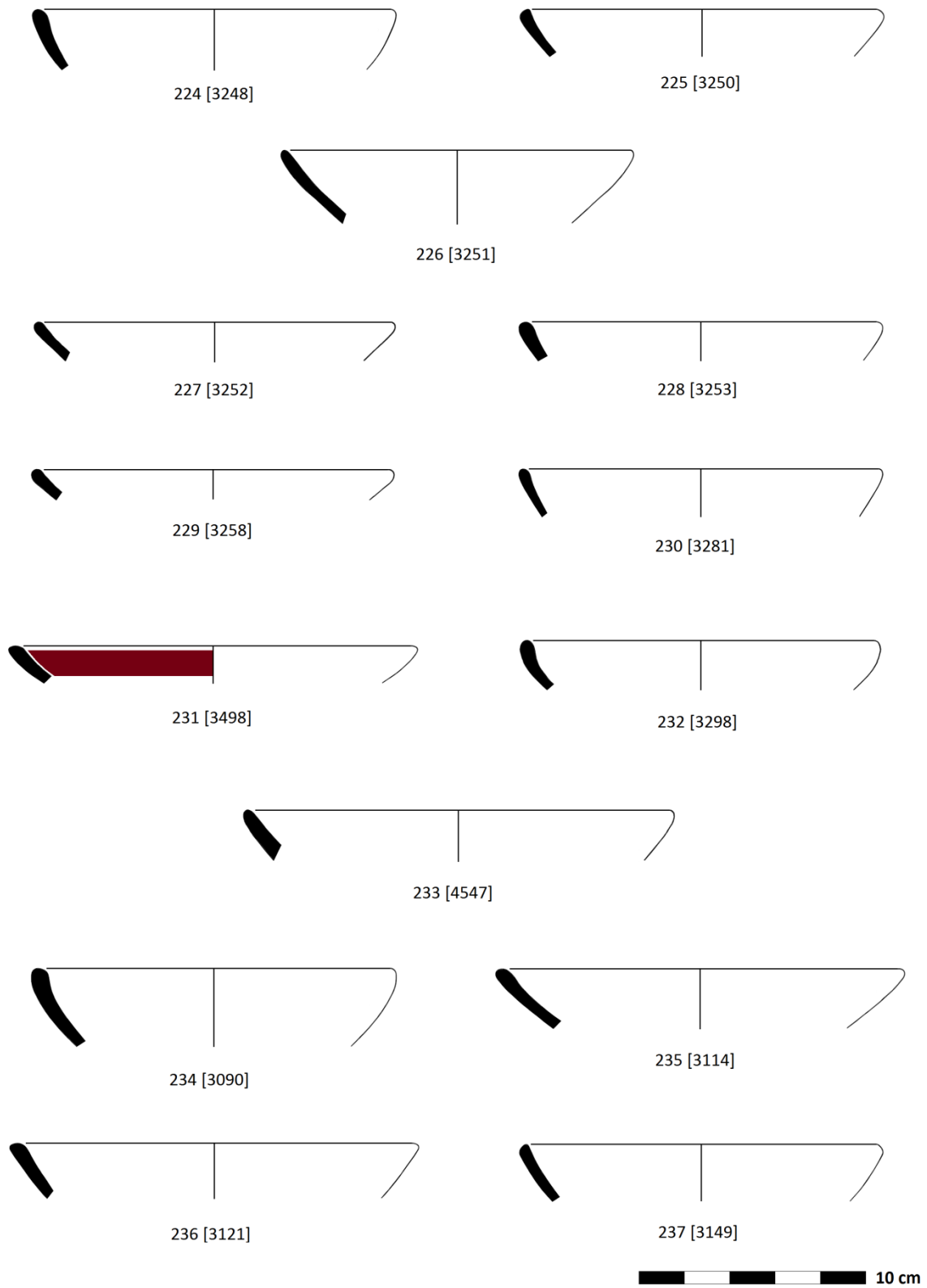


Fig. 85 – Cerâmica comum: tigelas (224-237).

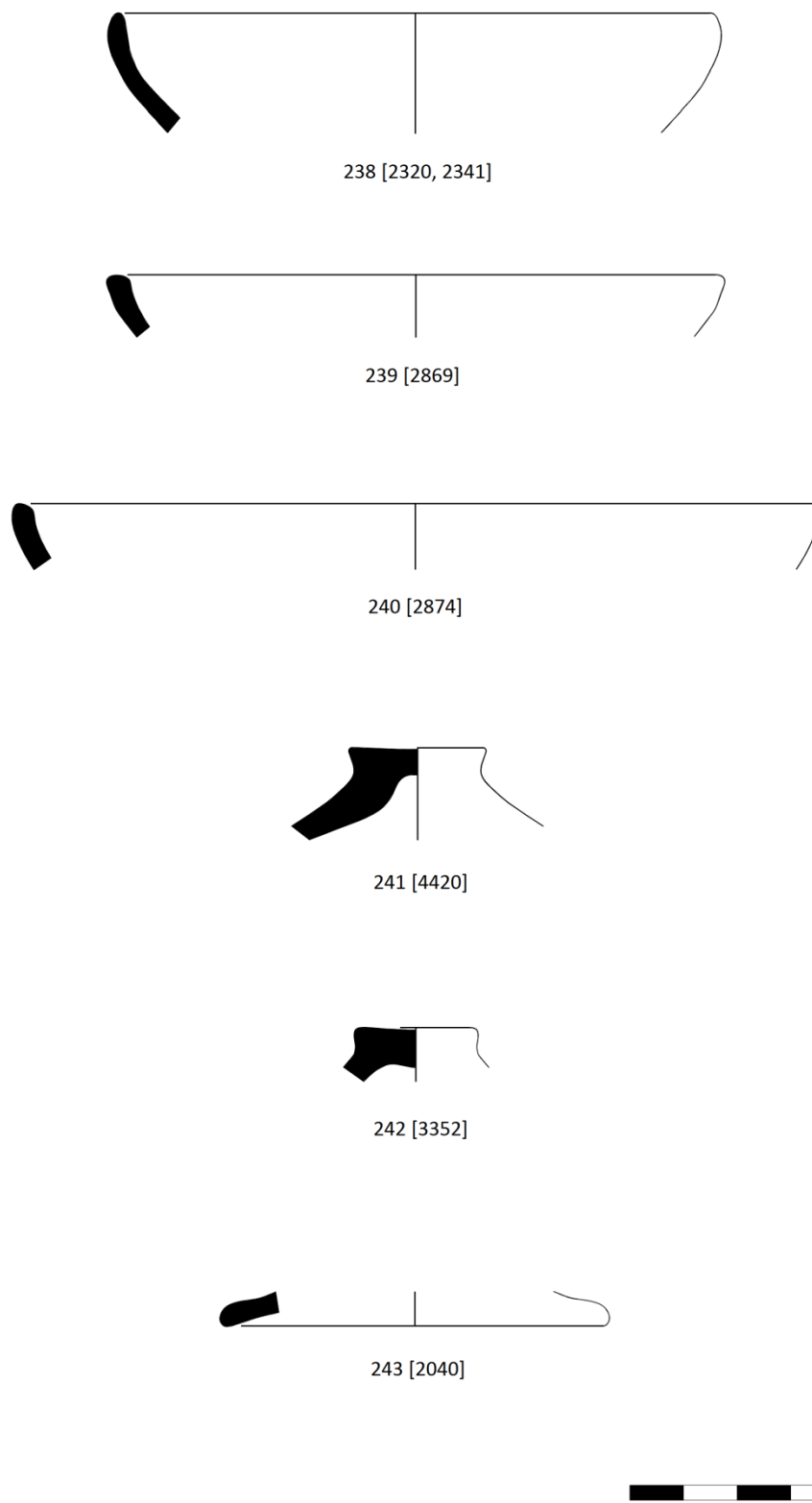


Fig. 86 – Cerâmica comum: grande taças (238-240); tampas (romanas?) (241-243).

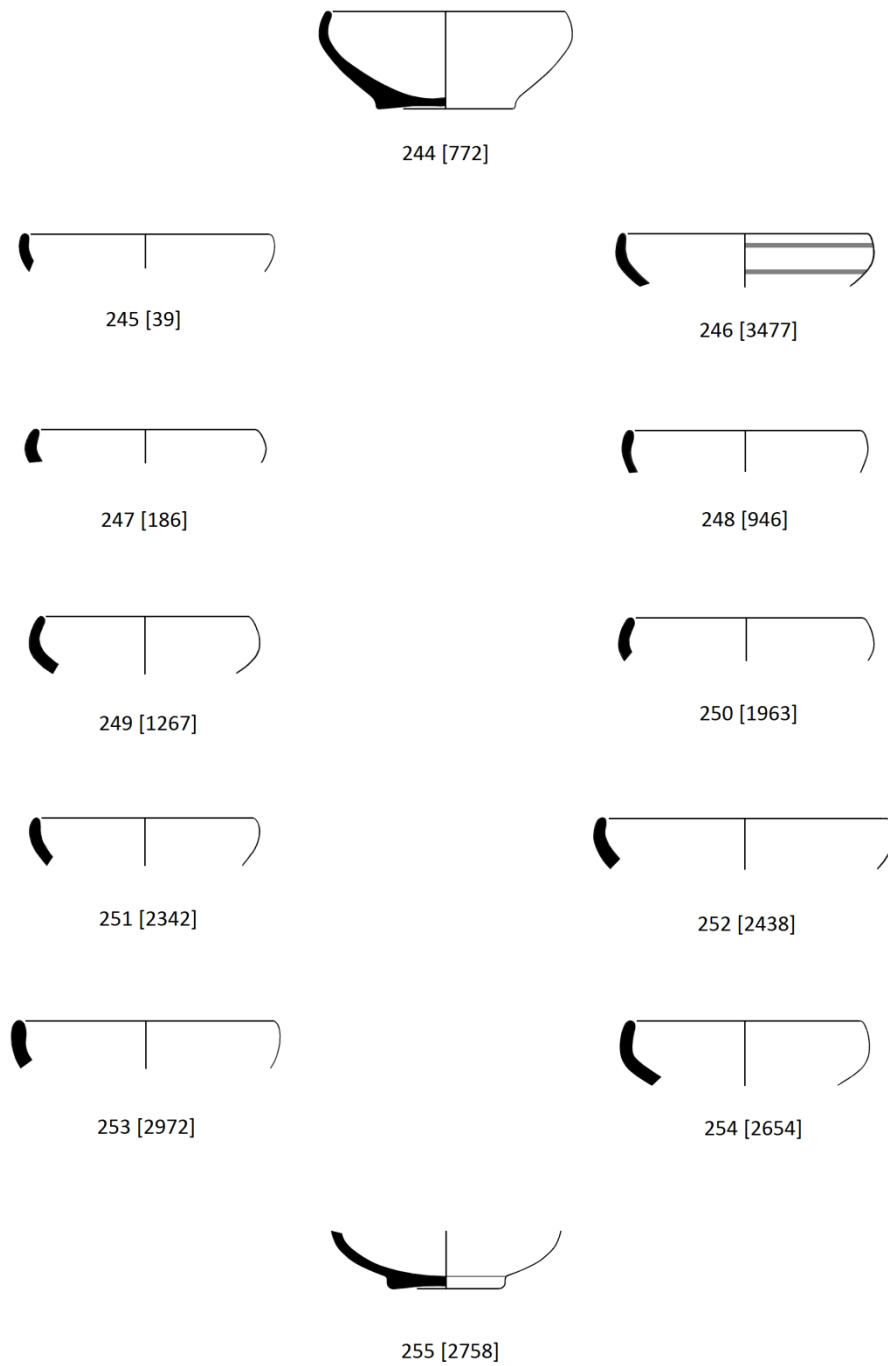


Fig. 87 – Cerâmica comum: pequenas taças (244-255).

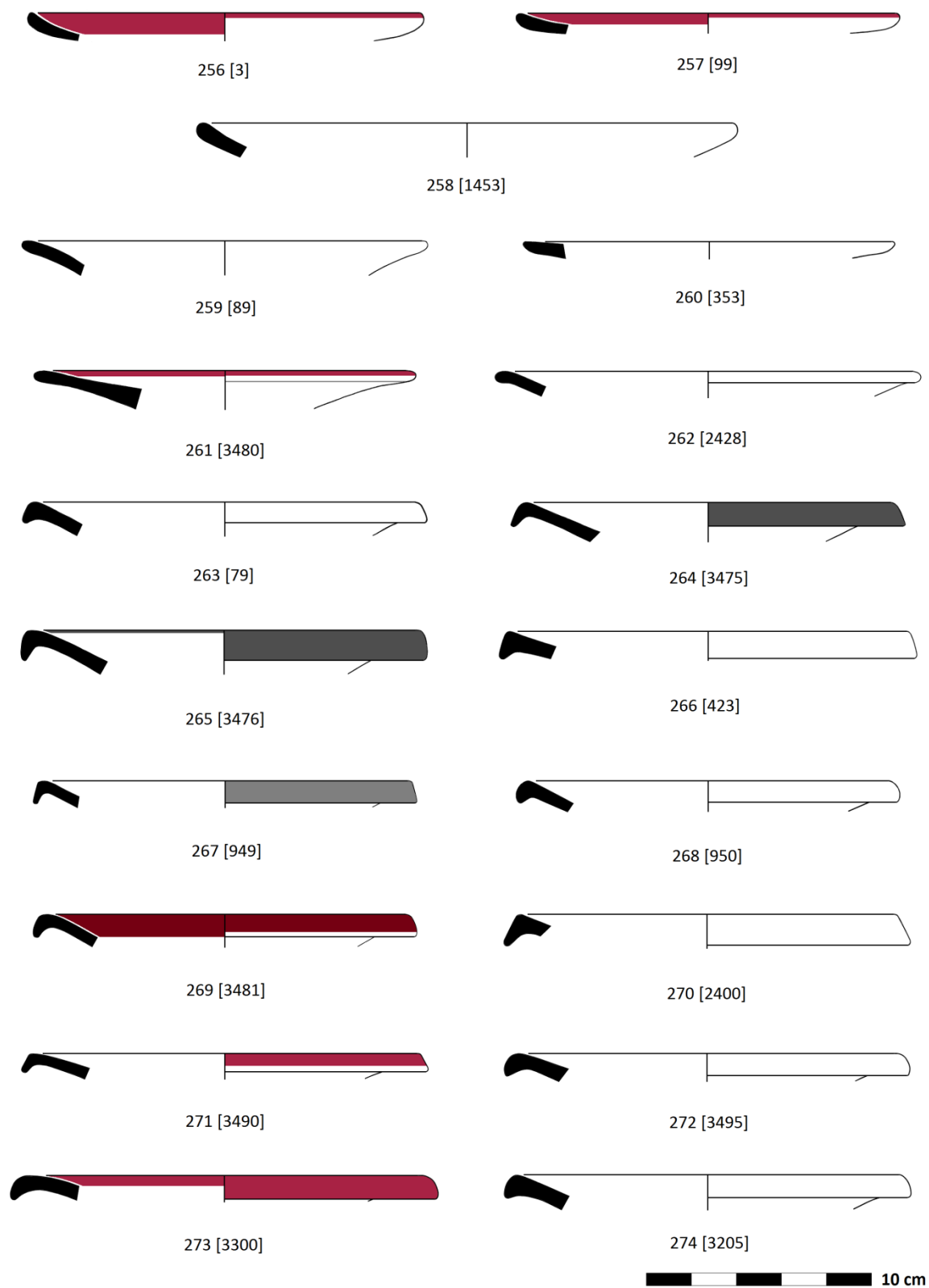


Fig. 88 – Cerâmica comum: pratos tipo pátera (256-262); pratos de peixe (263-274).



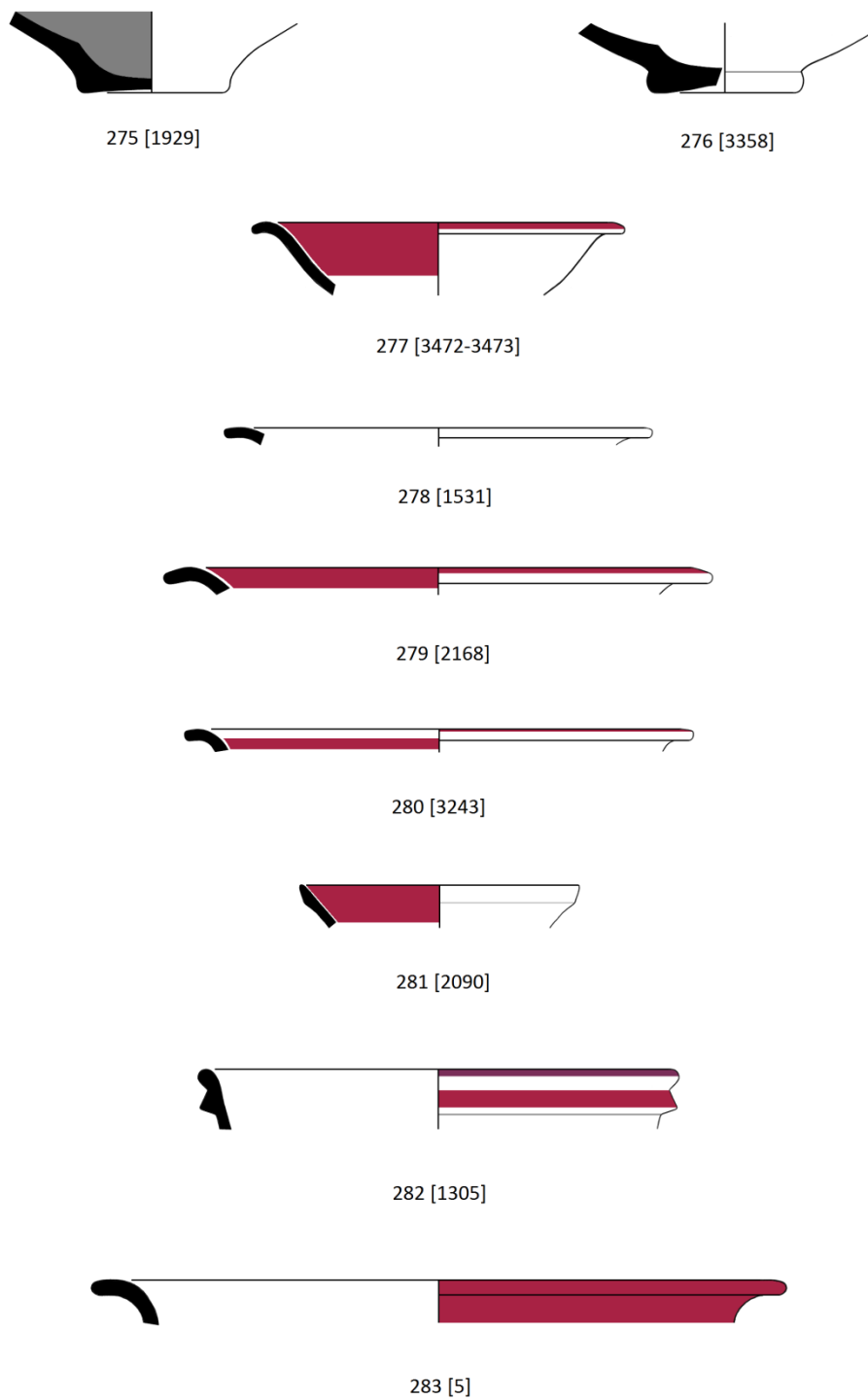


Fig. 89 – Cerâmica comum: fundos de pratos de peixe (275-276); pratos/taça (277-280); taças de tipologia indeterminada (281-283).

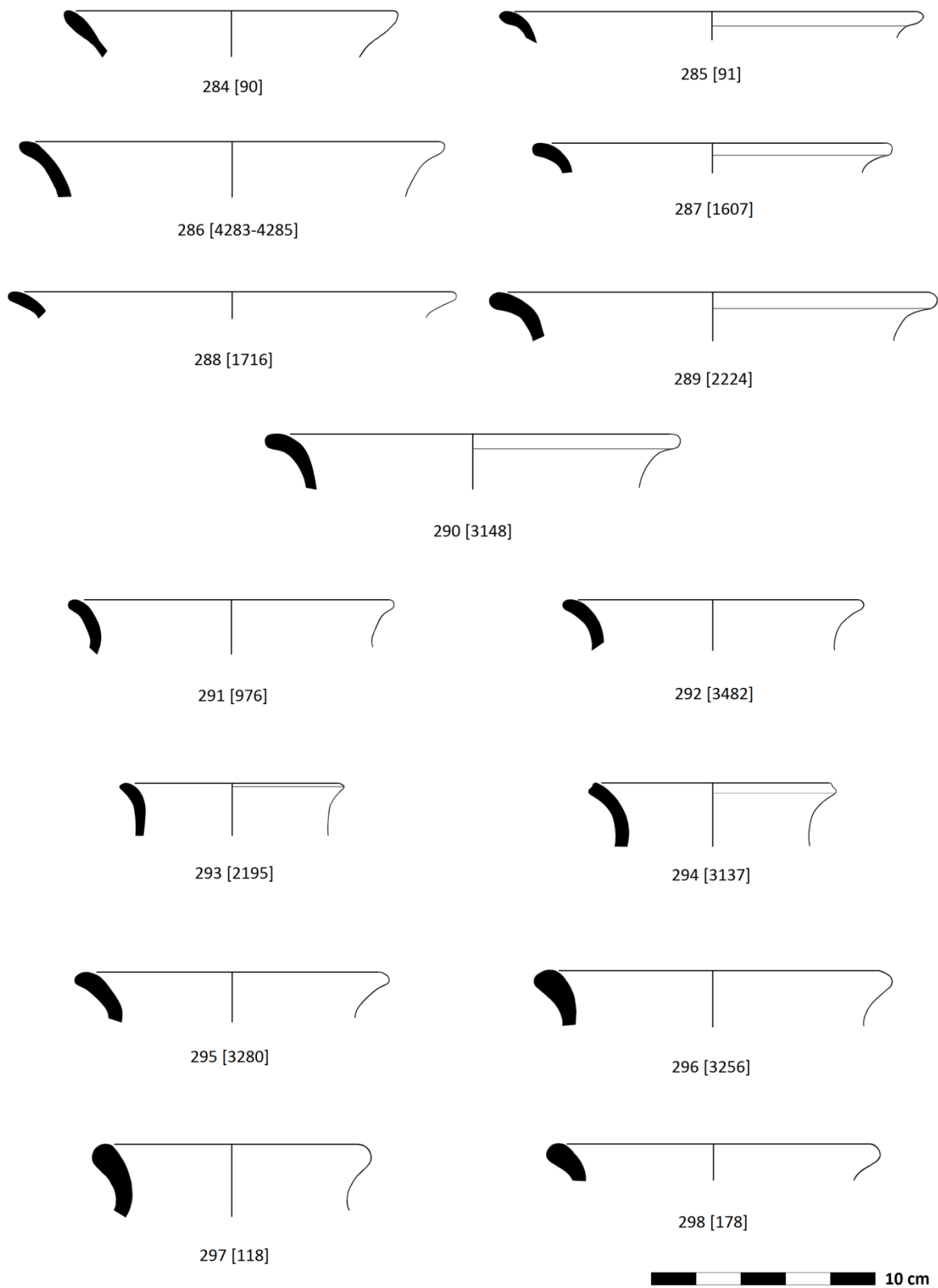


Fig. 90 – Cerâmica comum: formas abertas (“vasos tulipiformes”?) (284-290); potes/panelas (291-298).

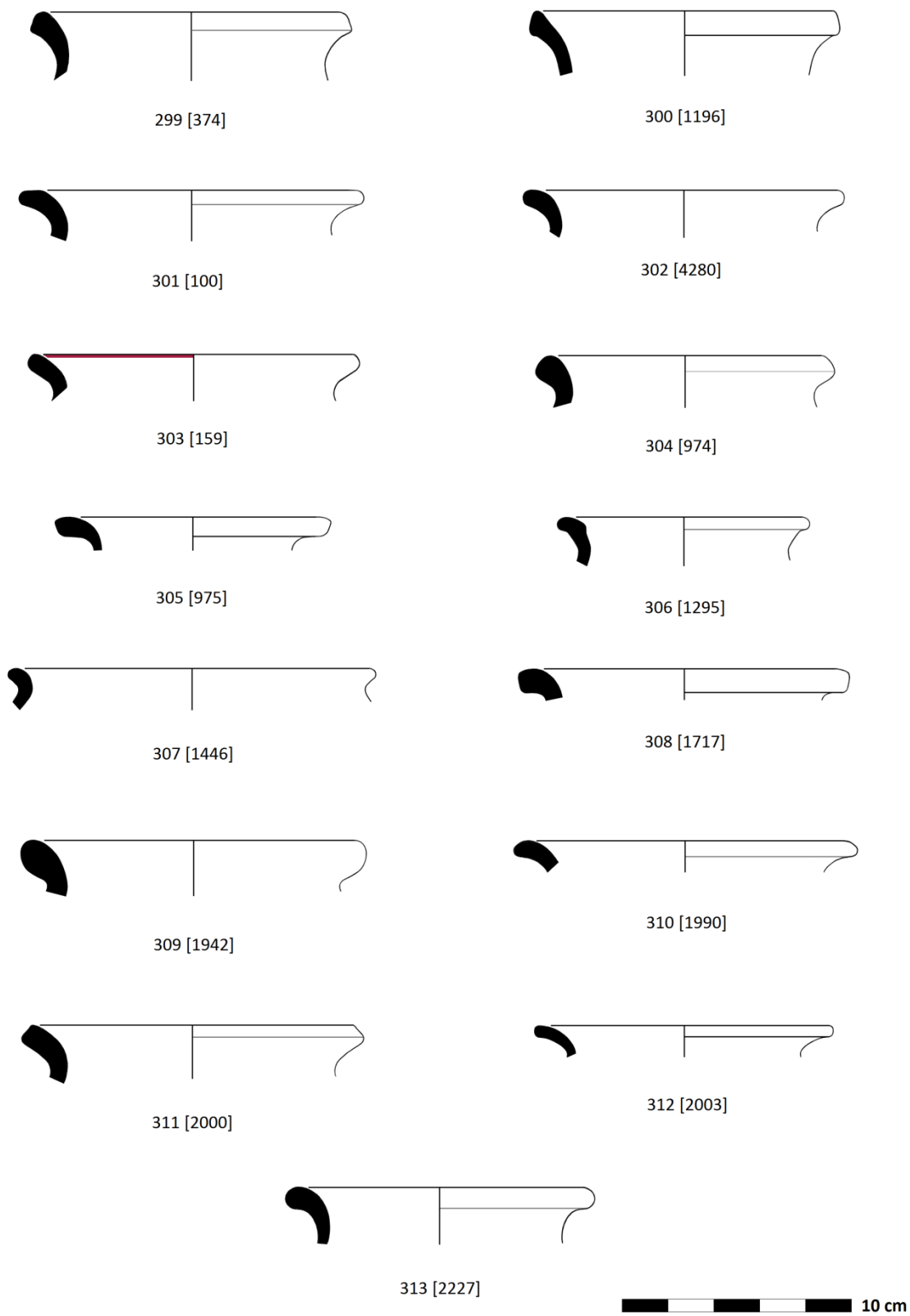


Fig. 91 – Cerâmica comum: potes/panelas (299-313).

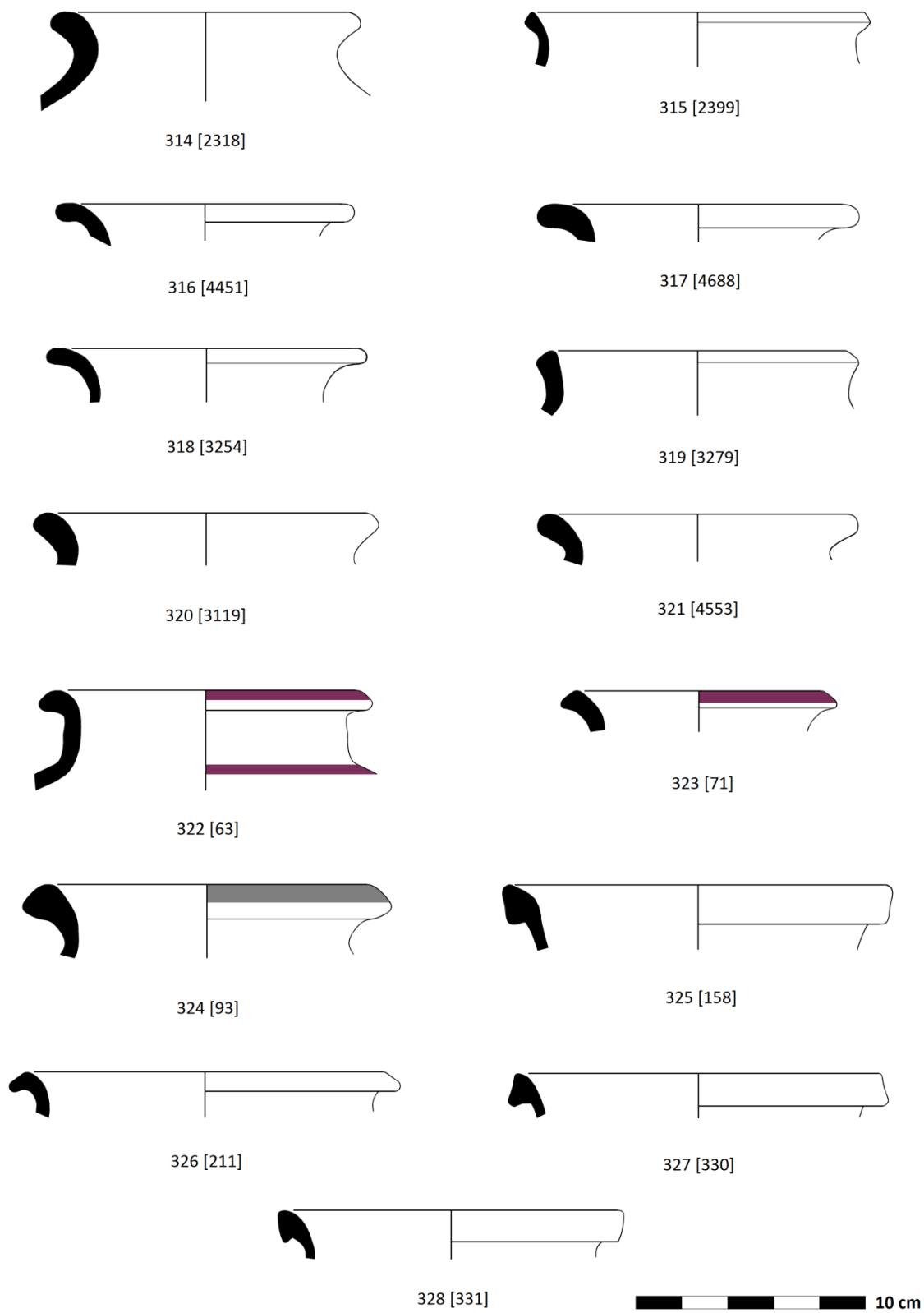


Fig. 92 – Cerâmica comum: potes/panelas (314-328).

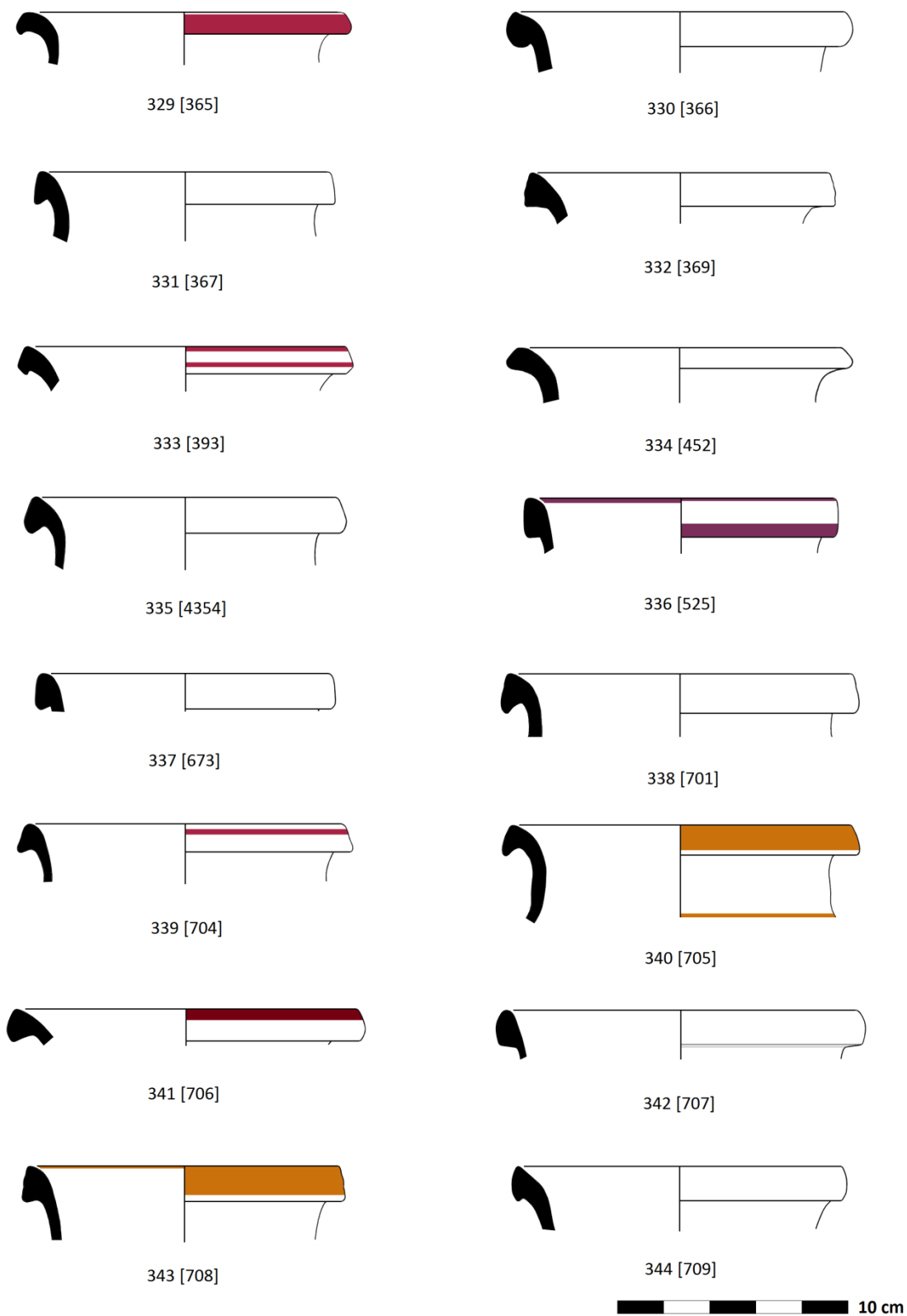


Fig. 93 – Cerâmica comum: potes/panelas (329-344).

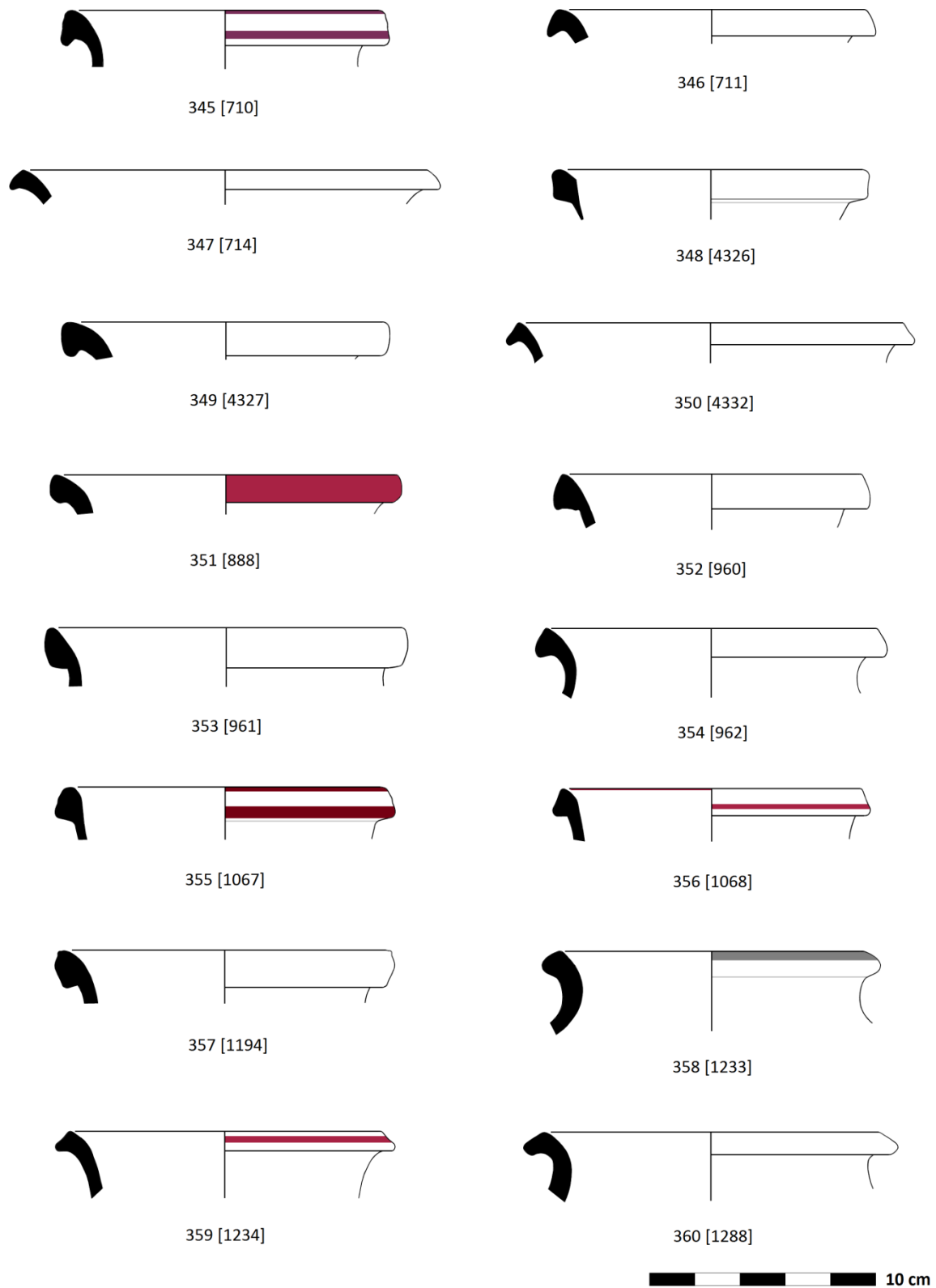


Fig. 94 – Cerâmica comum: potes/panelas (345-360).

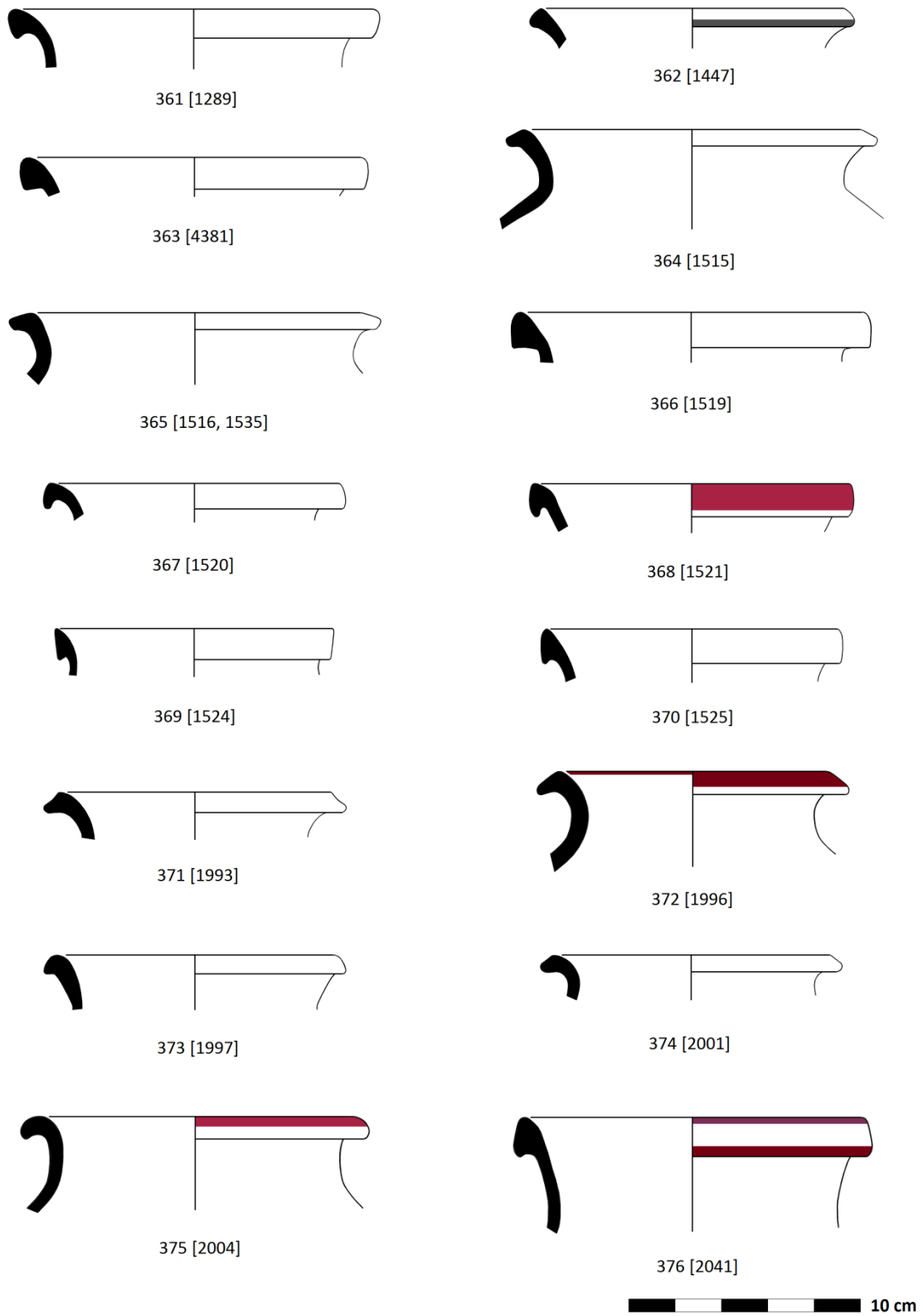


Fig. 95 – Cerâmica comum: potes/panelas (361-376).

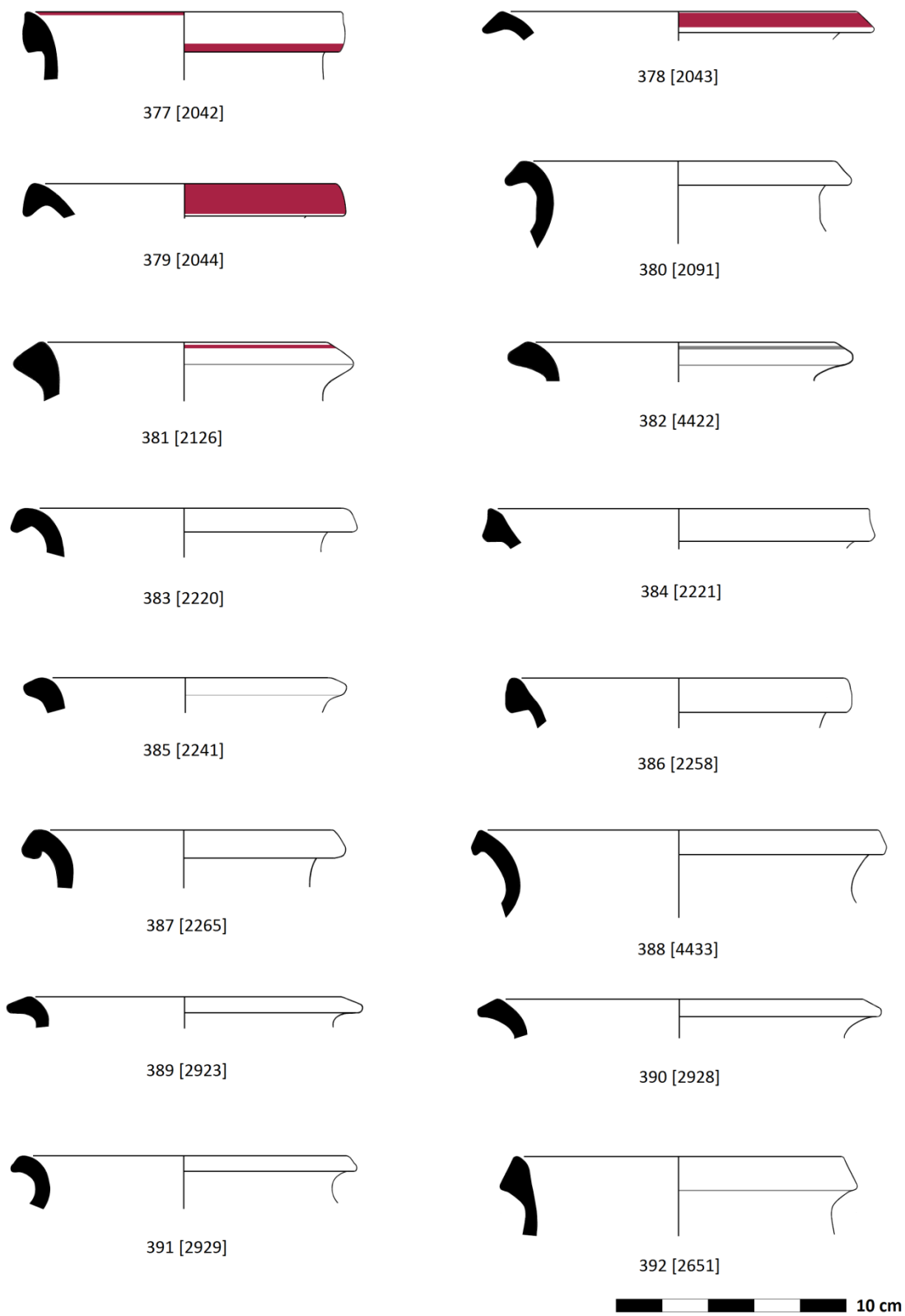


Fig. 96 – Cerâmica comum: potes/panelas (377-392).



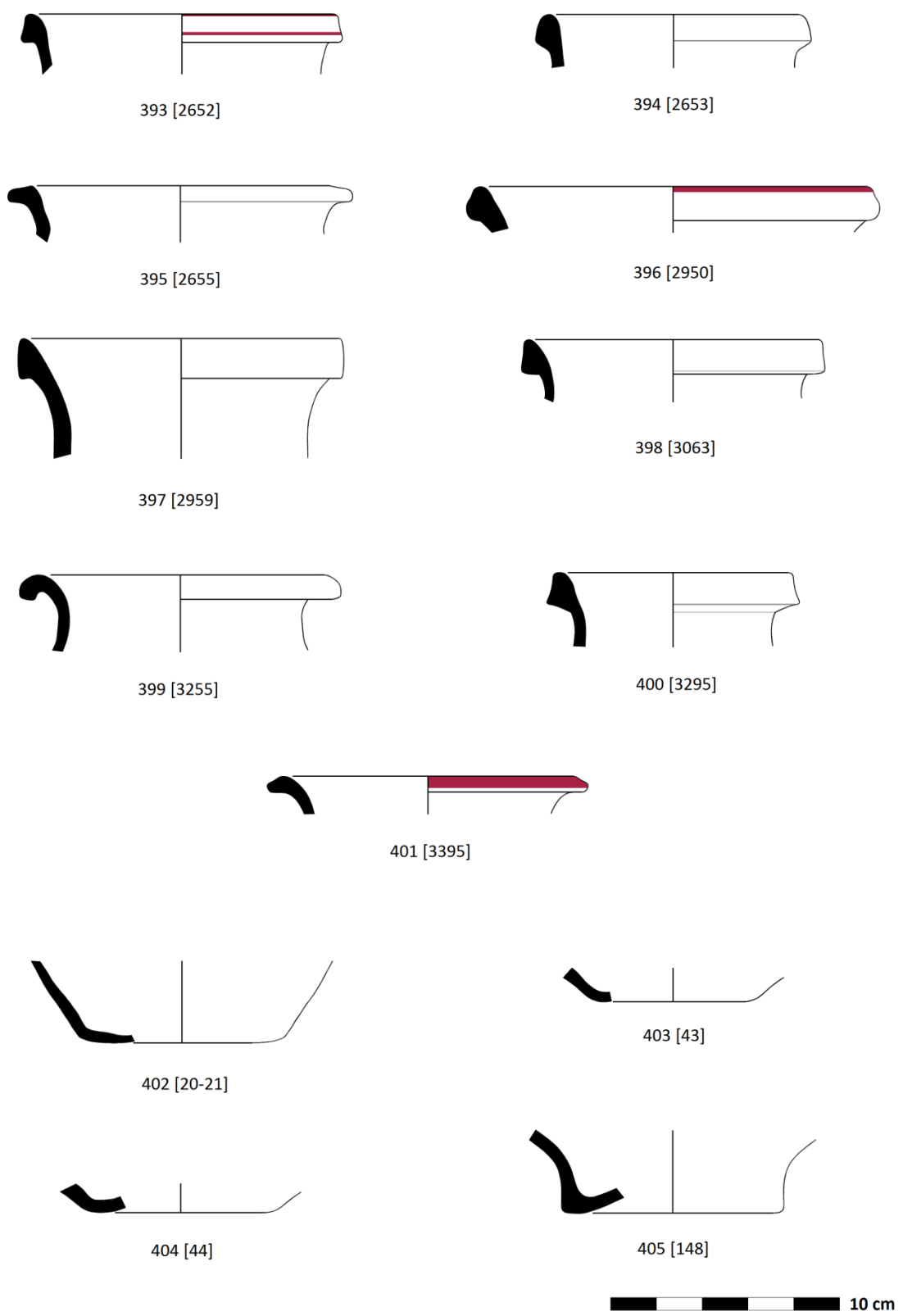


Fig. 97 – Cerâmica comum: potes/panelas (393-405).

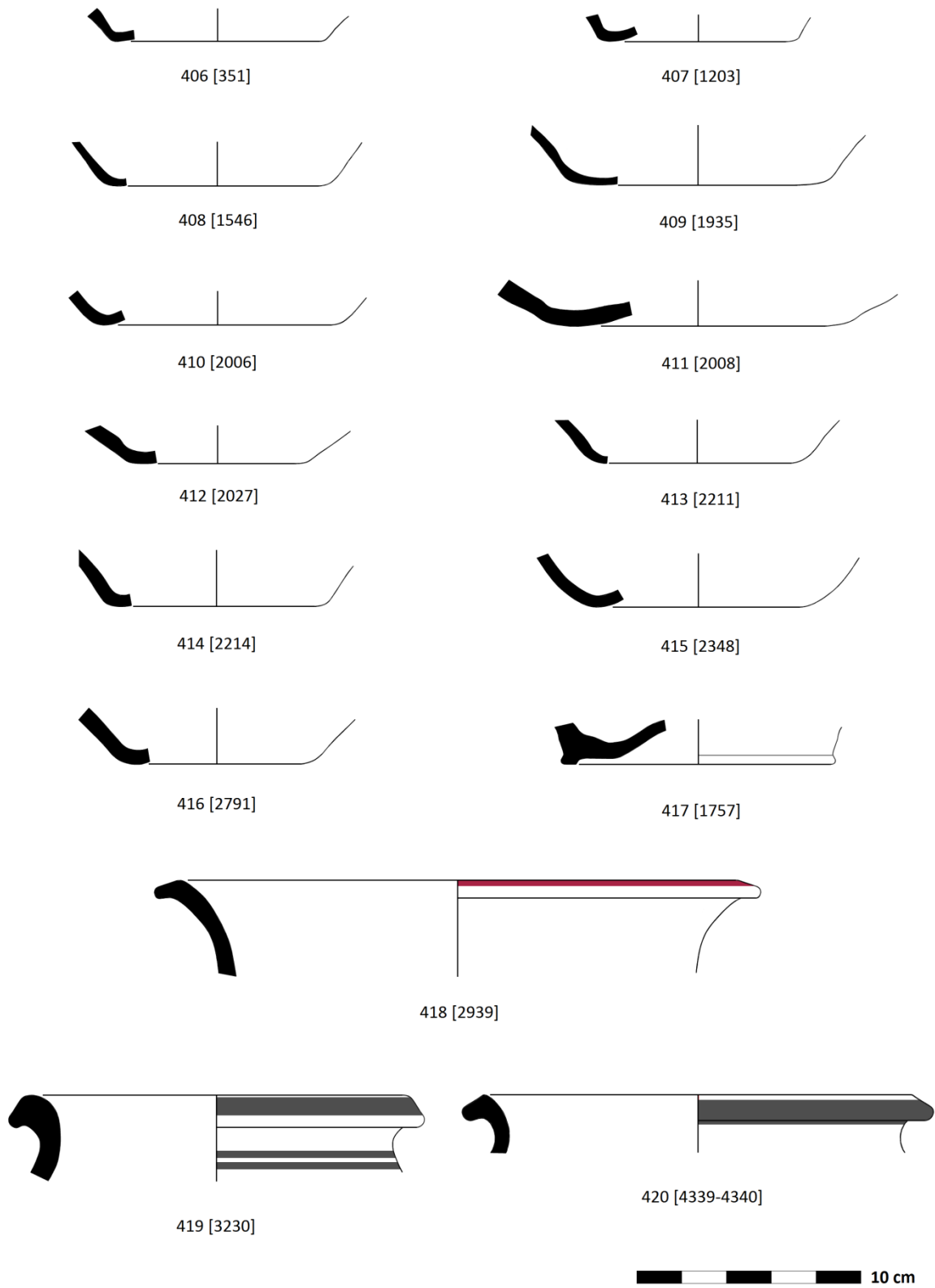
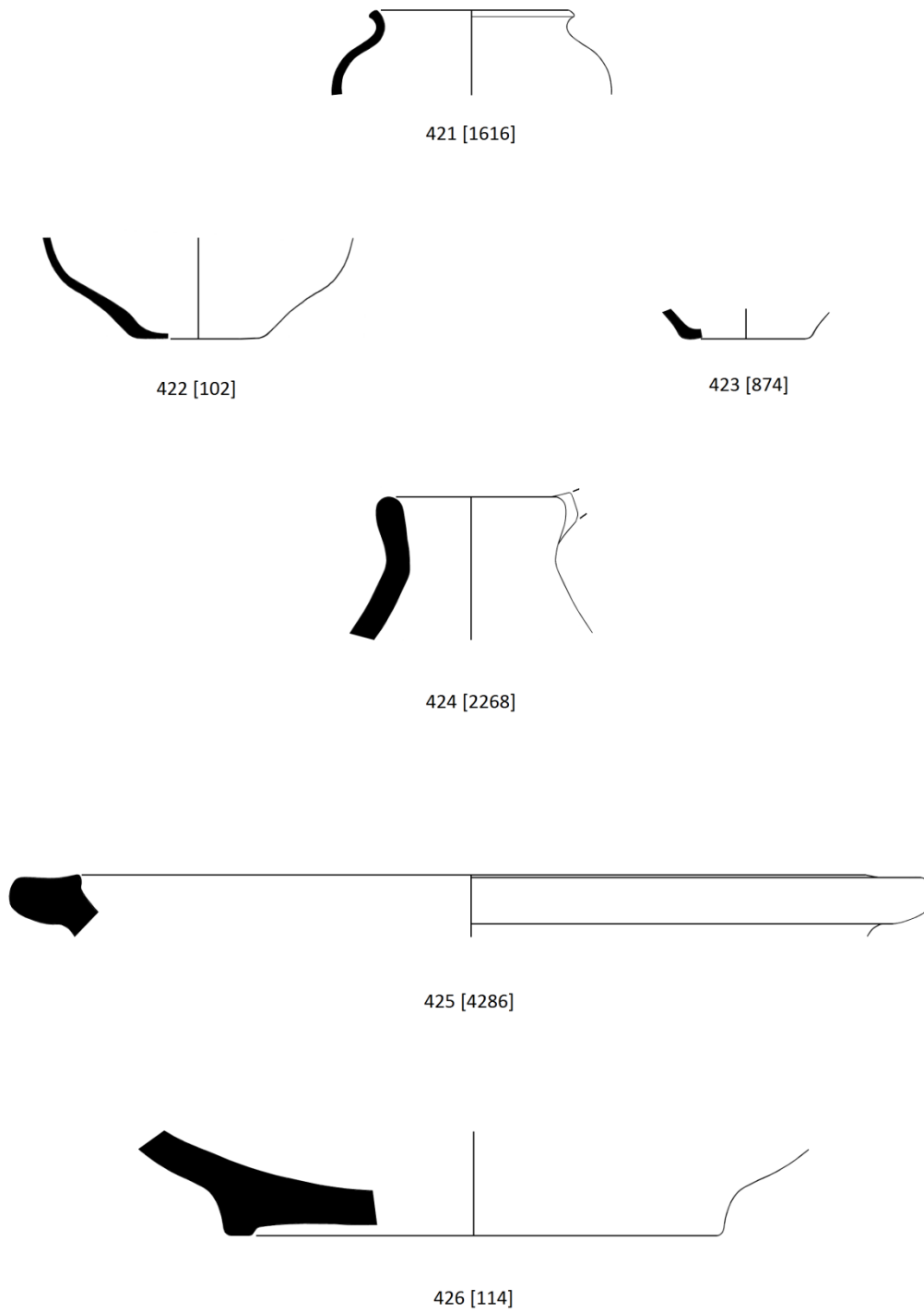


Fig. 98 – Cerâmica comum: potes/panelas (406-416); potes do tipo “urna” (417-418); grandes potes (419-418).



10 cm

Fig. 99 – Cerâmica comum: potes/panelas do tipo pequeno pote (421-423); jarro (424); almofarizes (425-426).

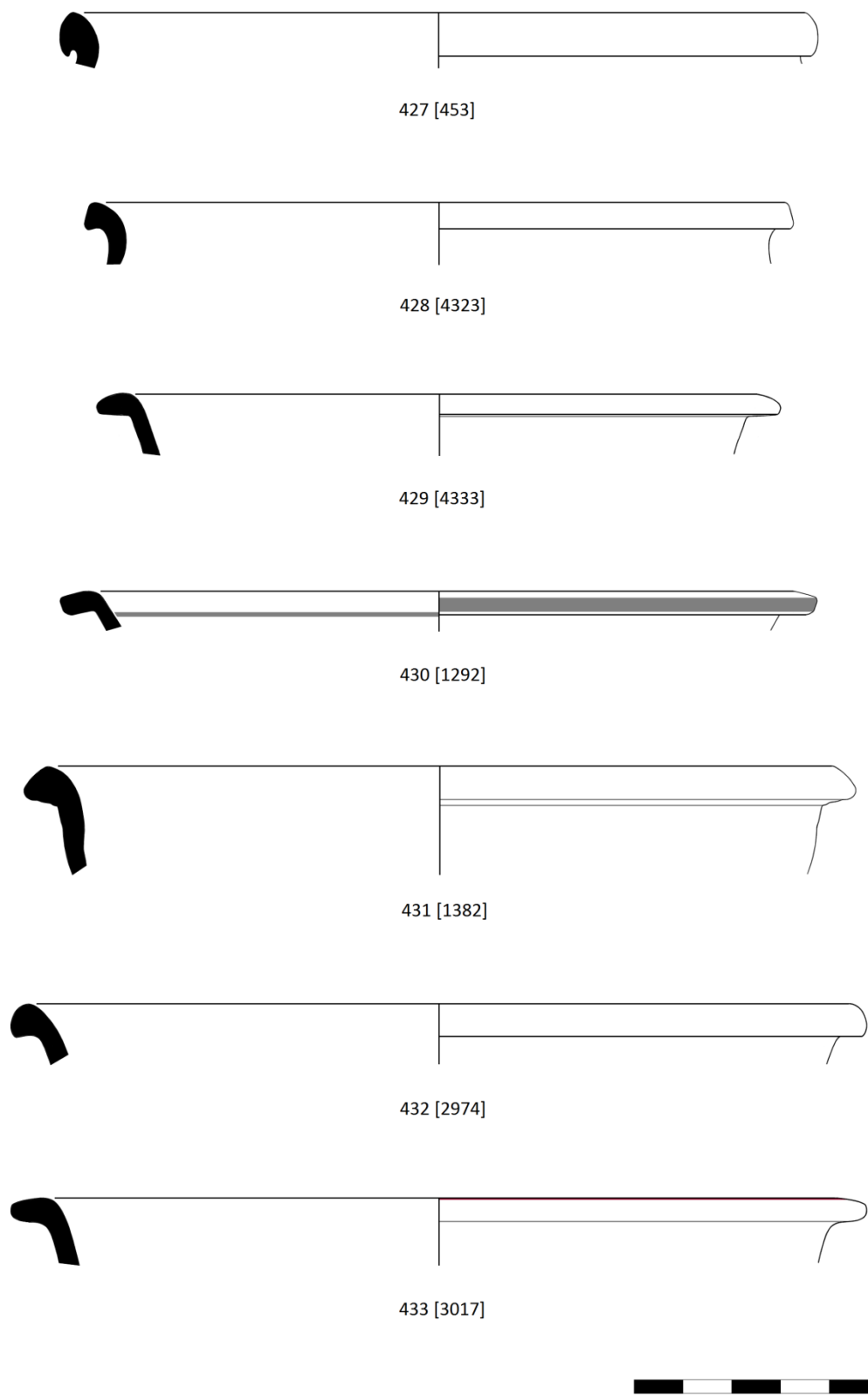


Fig. 100 – Cerâmica comum: alguidares (427-433).

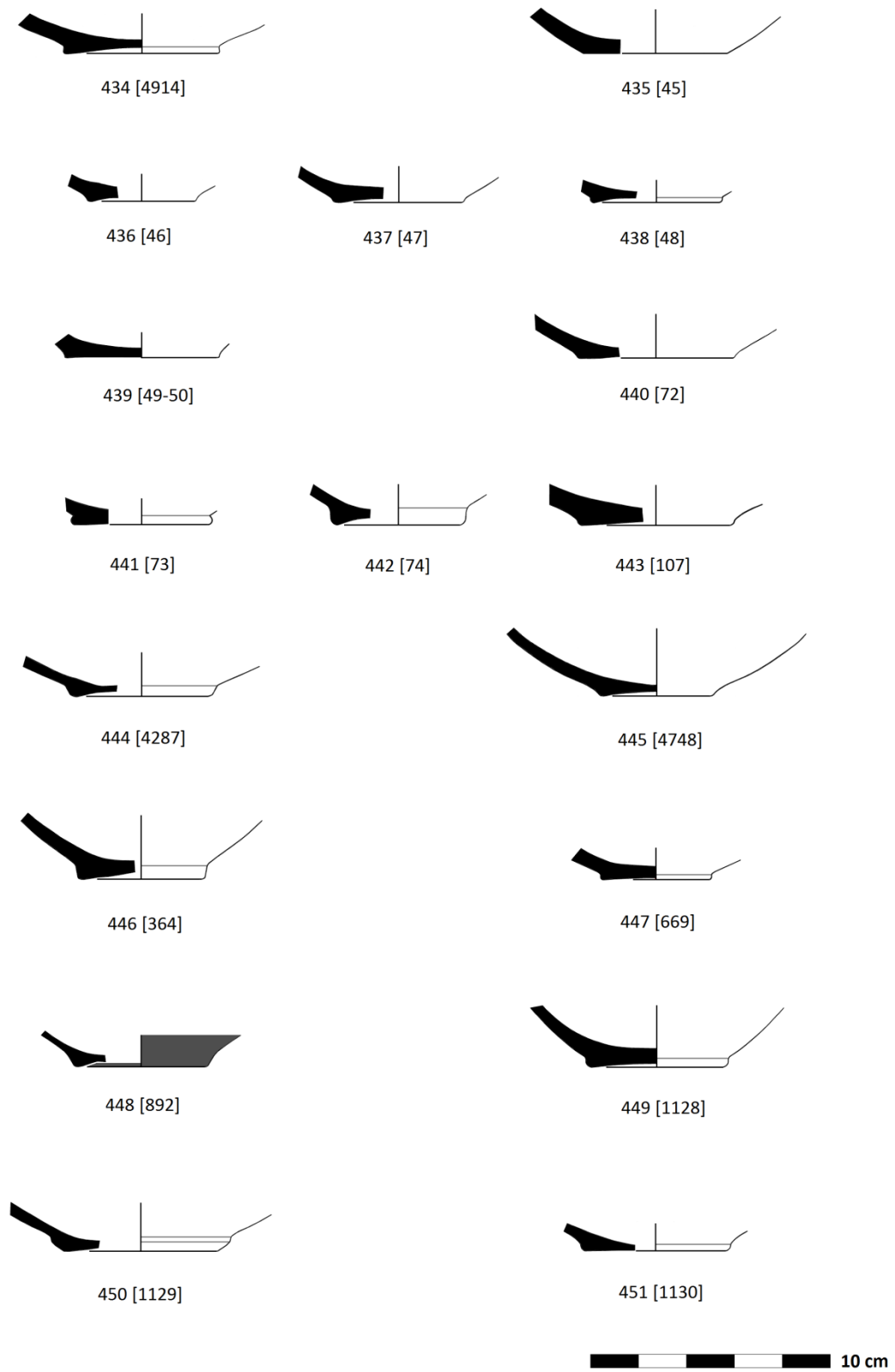


Fig. 101 – Cerâmica comum: fundos (provavelmente de tigelas) (434-451).

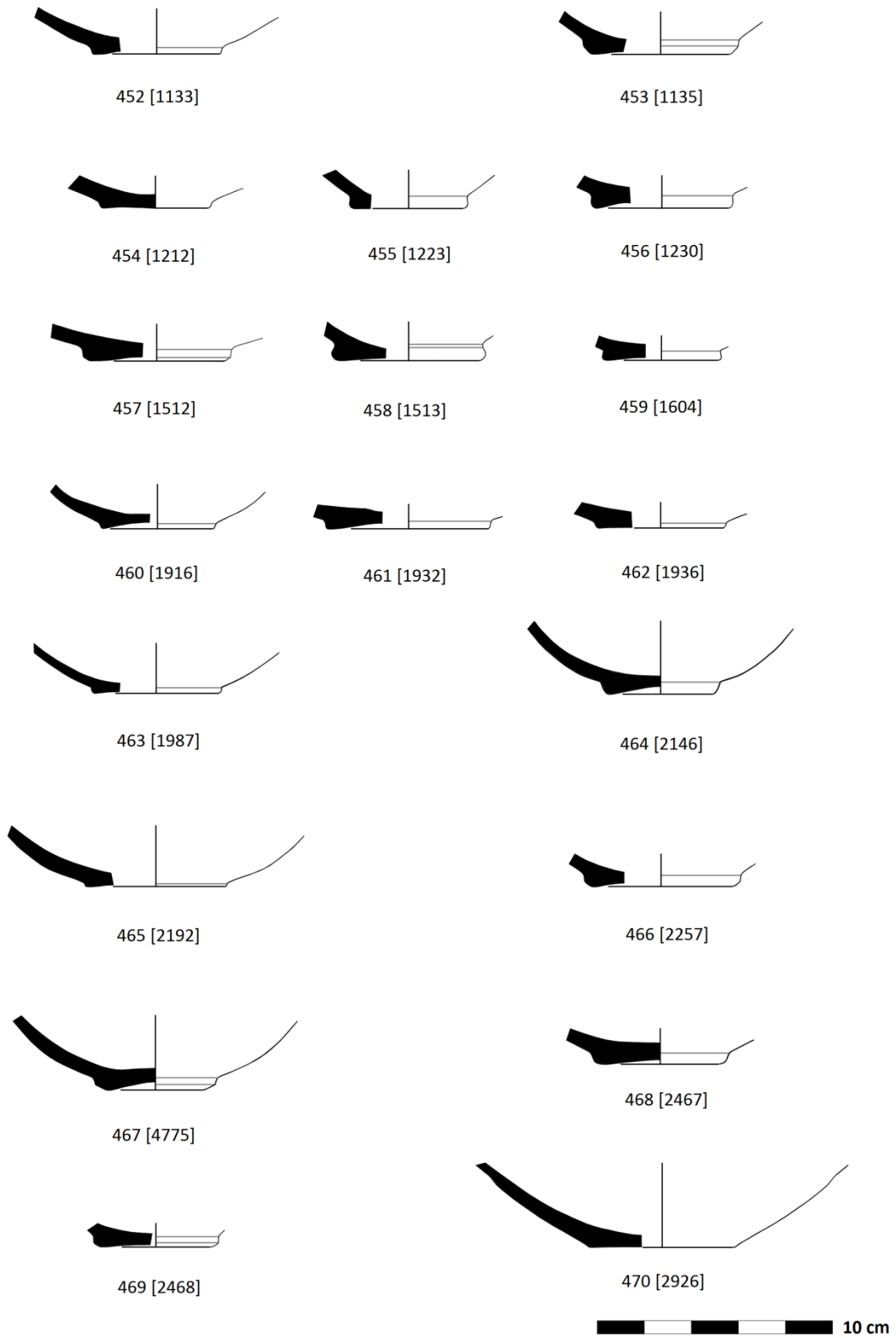


Fig. 102 – Cerâmica comum: fundos (provavelmente de tigelas) (452-470).

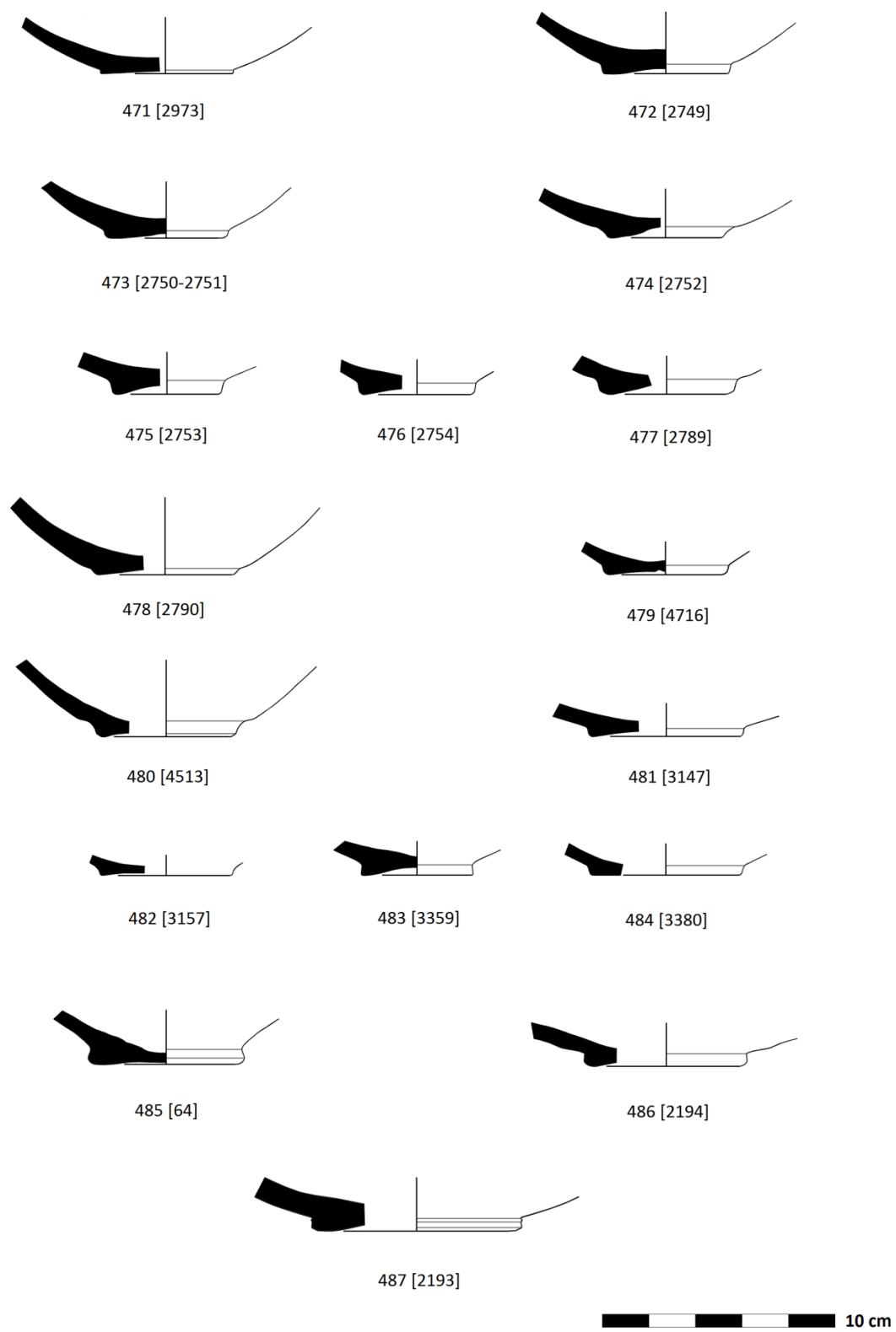


Fig. 103 – Cerâmica comum: fundos (provavelmente de tigelas) (471-484), fundos (de grandes taças?) (485-486); fundo grande (de almofariz?) (487).



488 [221]



489 [507]



490 [509]



491 [1134]

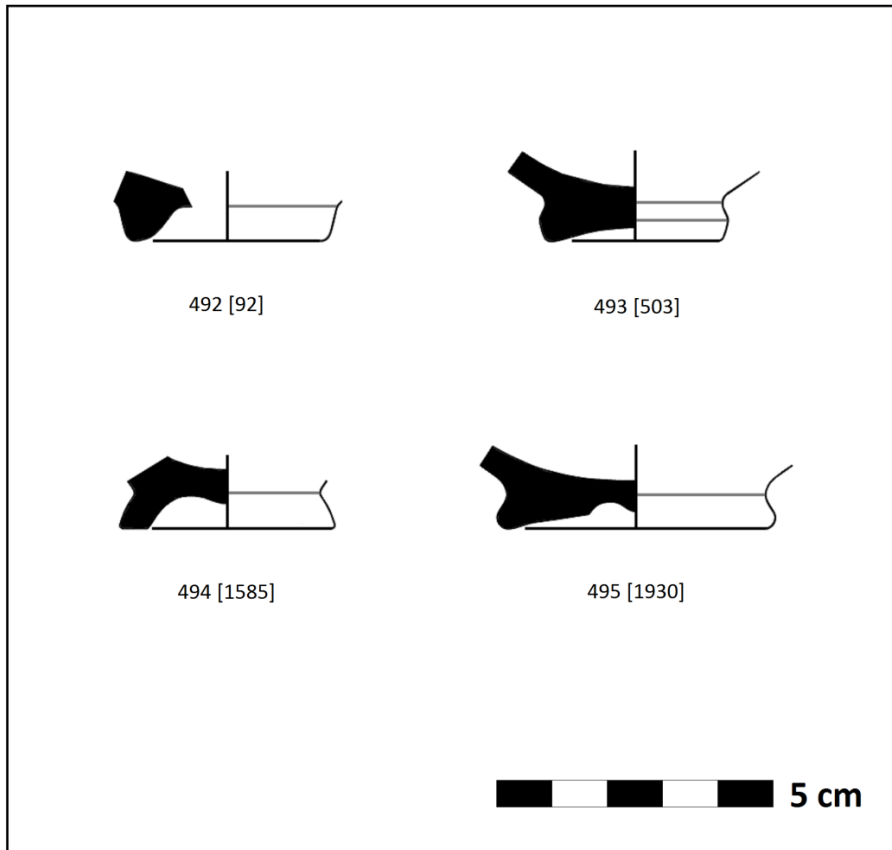


Fig. 104 – Cerâmica comum: fundos (de pratos?) (488-491); fundos (de pequenas taças?) (492-495).



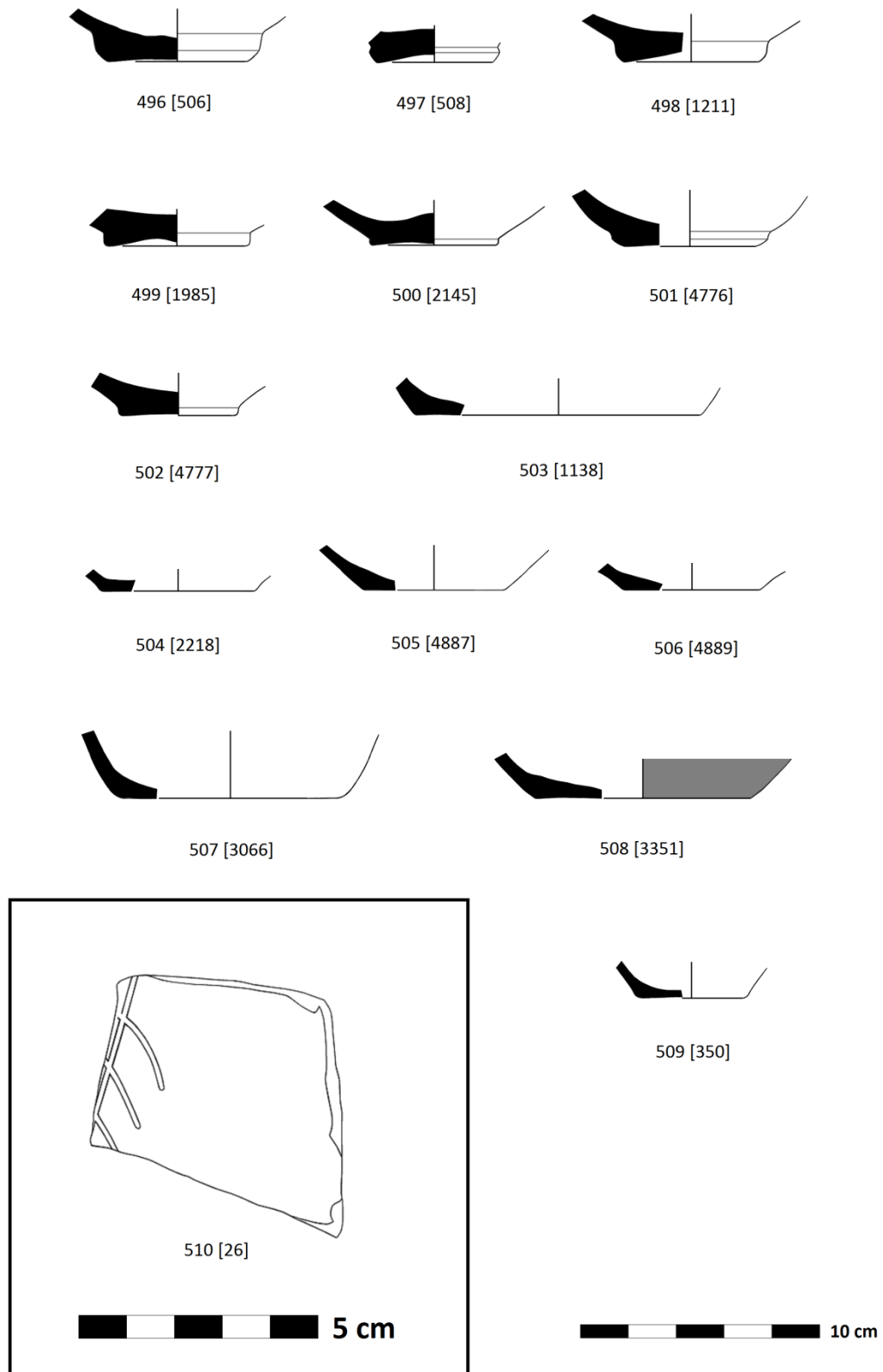


Fig. 105 – Cerâmica comum: fundos (de potes/panelas?) (495-509); fragmento com grafito pré-latino (510) (orientado pelas marcas de torno, paralelas à escala).

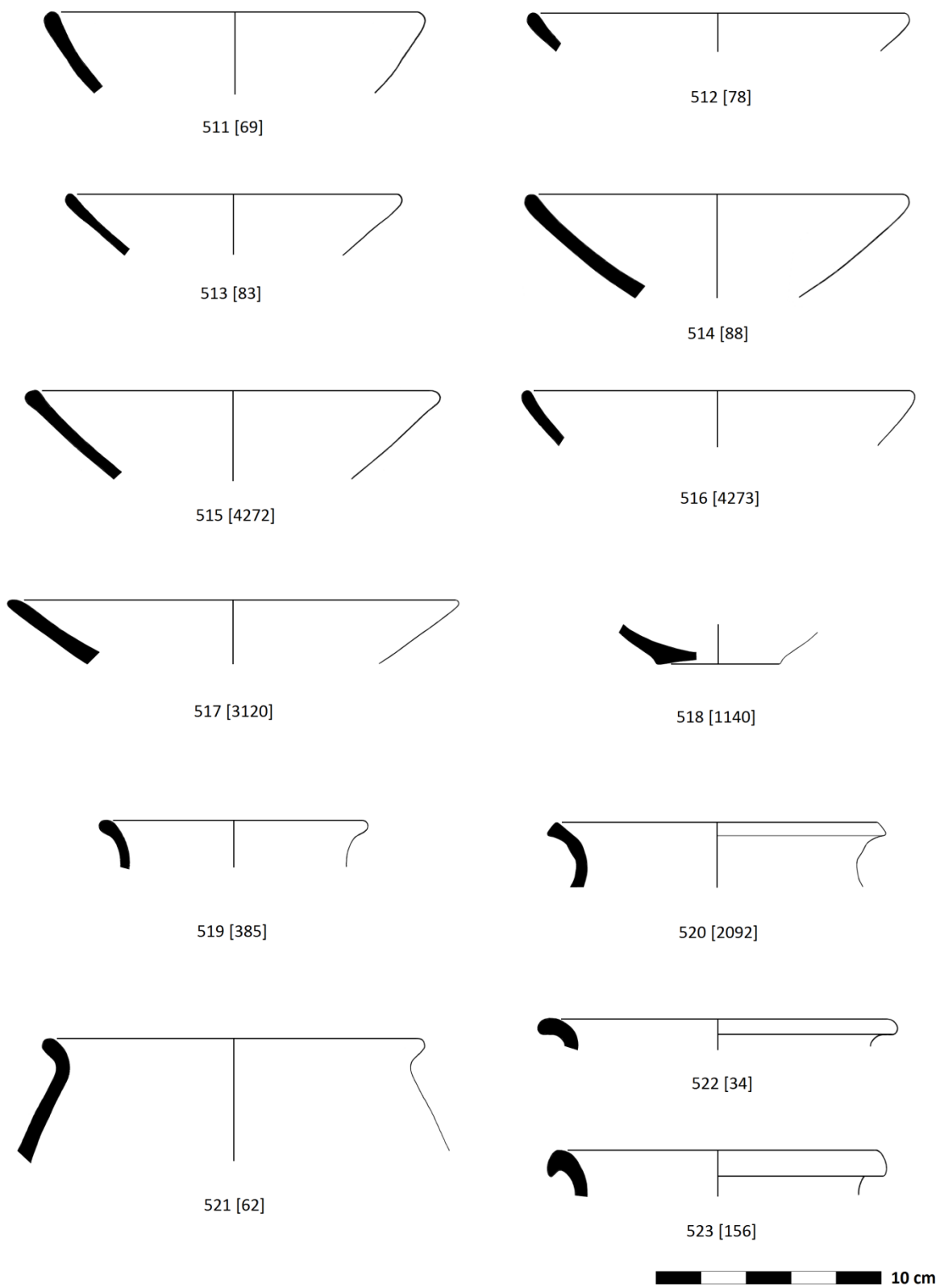


Fig. 106 – Cerâmica manual: tigelas (511-518); potes/panelas (519-523).

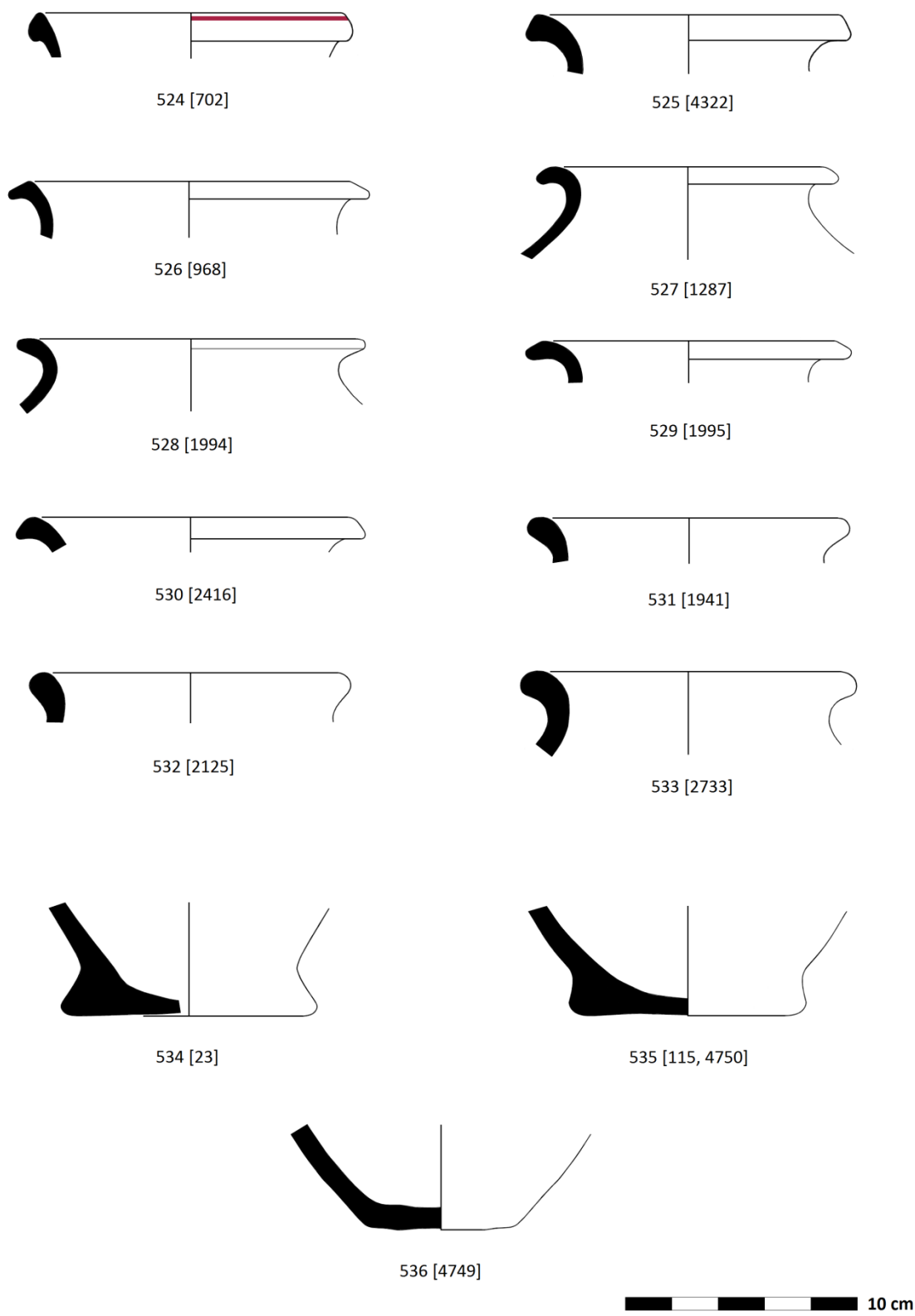


Fig. 107 – Cerâmica manual: potes/panelas (524-536).

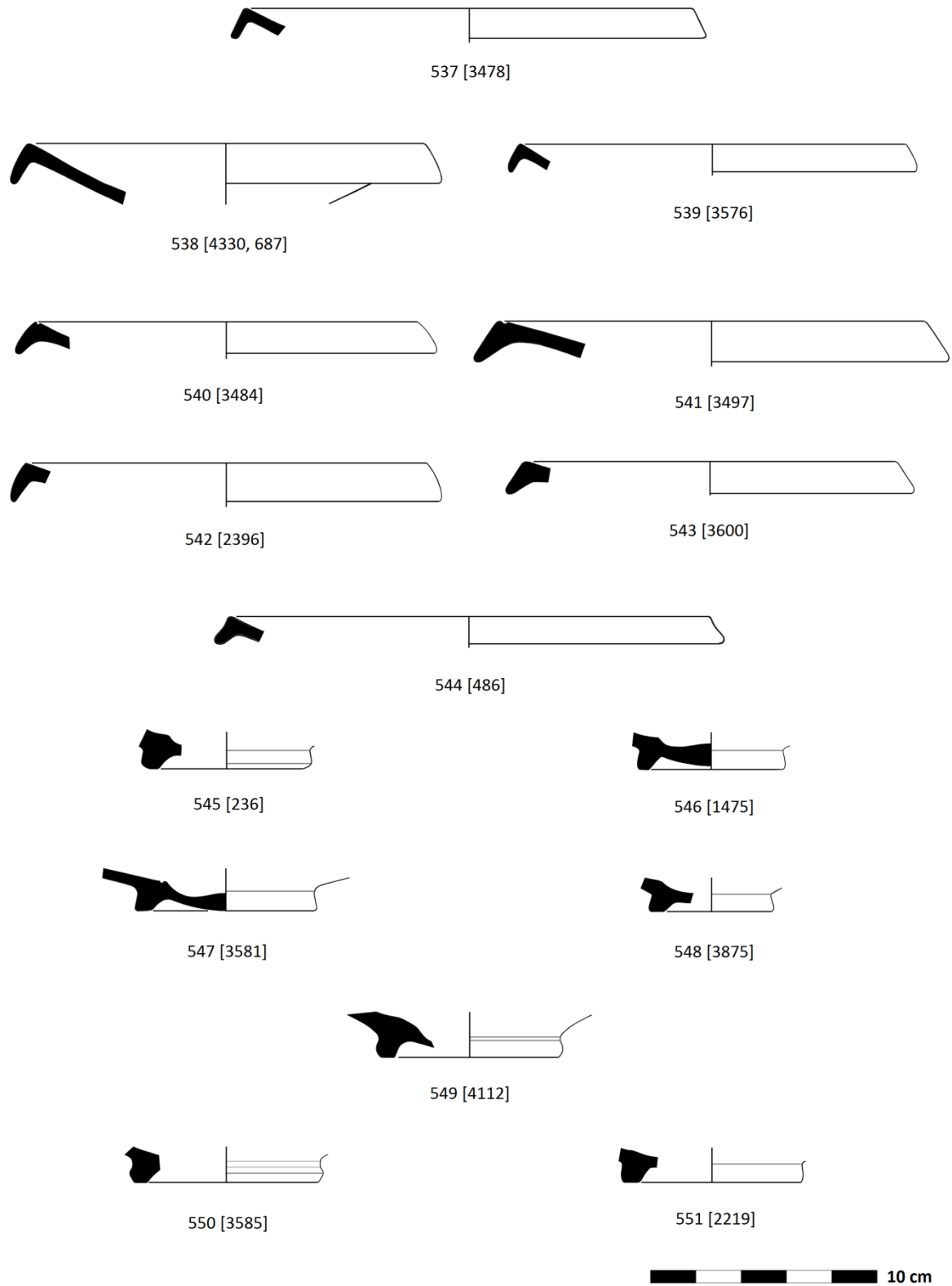


Fig. 108 – Cerâmica de tipo Kuass: forma II (537-549); fundos (provavelmente de forma II) (550-551).

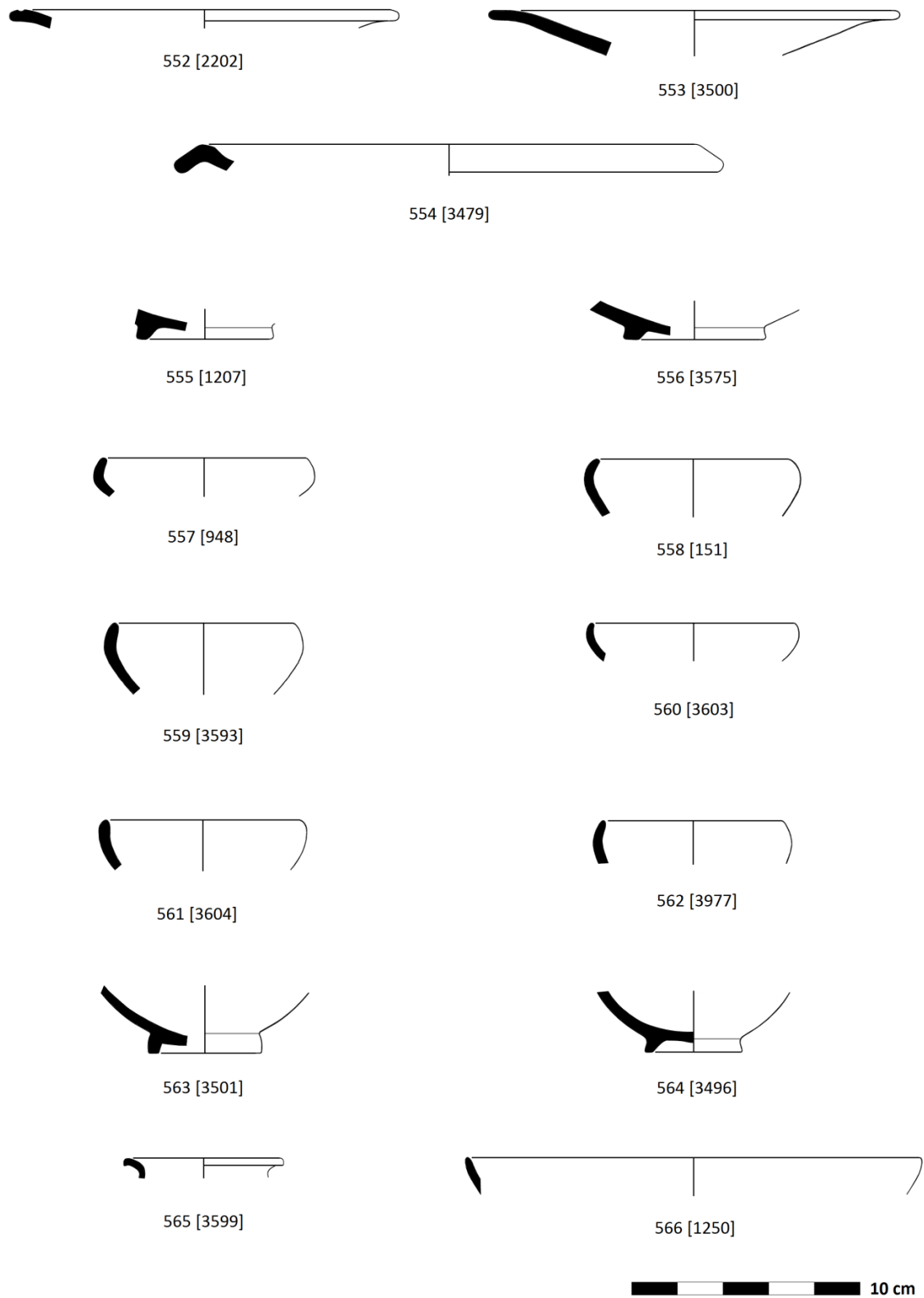


Fig. 109 – Cerâmica de tipo Kuass: forma IV (552-553); forma V (554); forma VIII (?) (555-556); forma IX (557-564); forma fechada (diâmetro aprox.) (565); forma aberta (566).

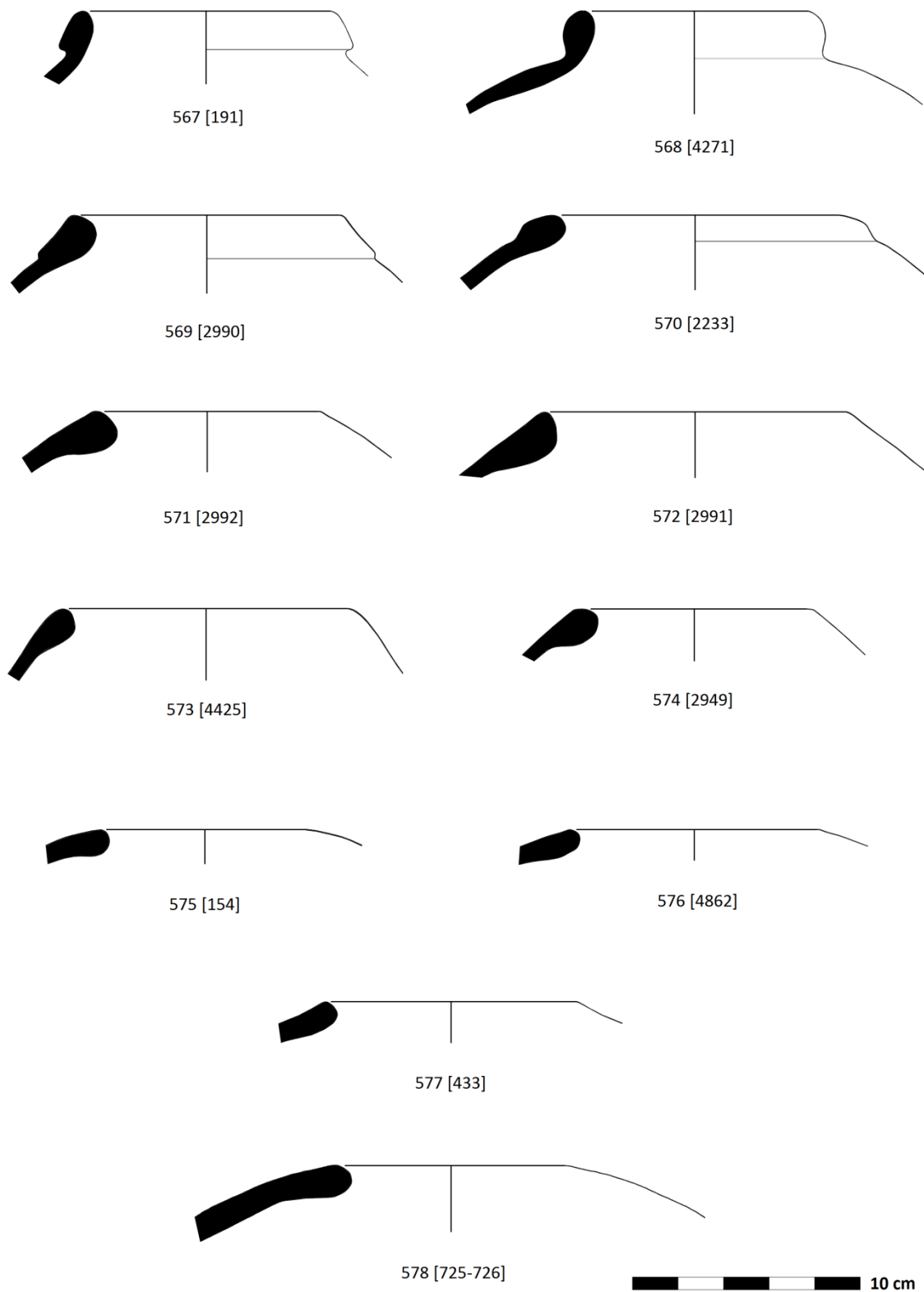


Fig. 110 – Ânforas: Pellicer B/C (567-568); Pellicer D (569-574); Castro Marim 1 (575-578).

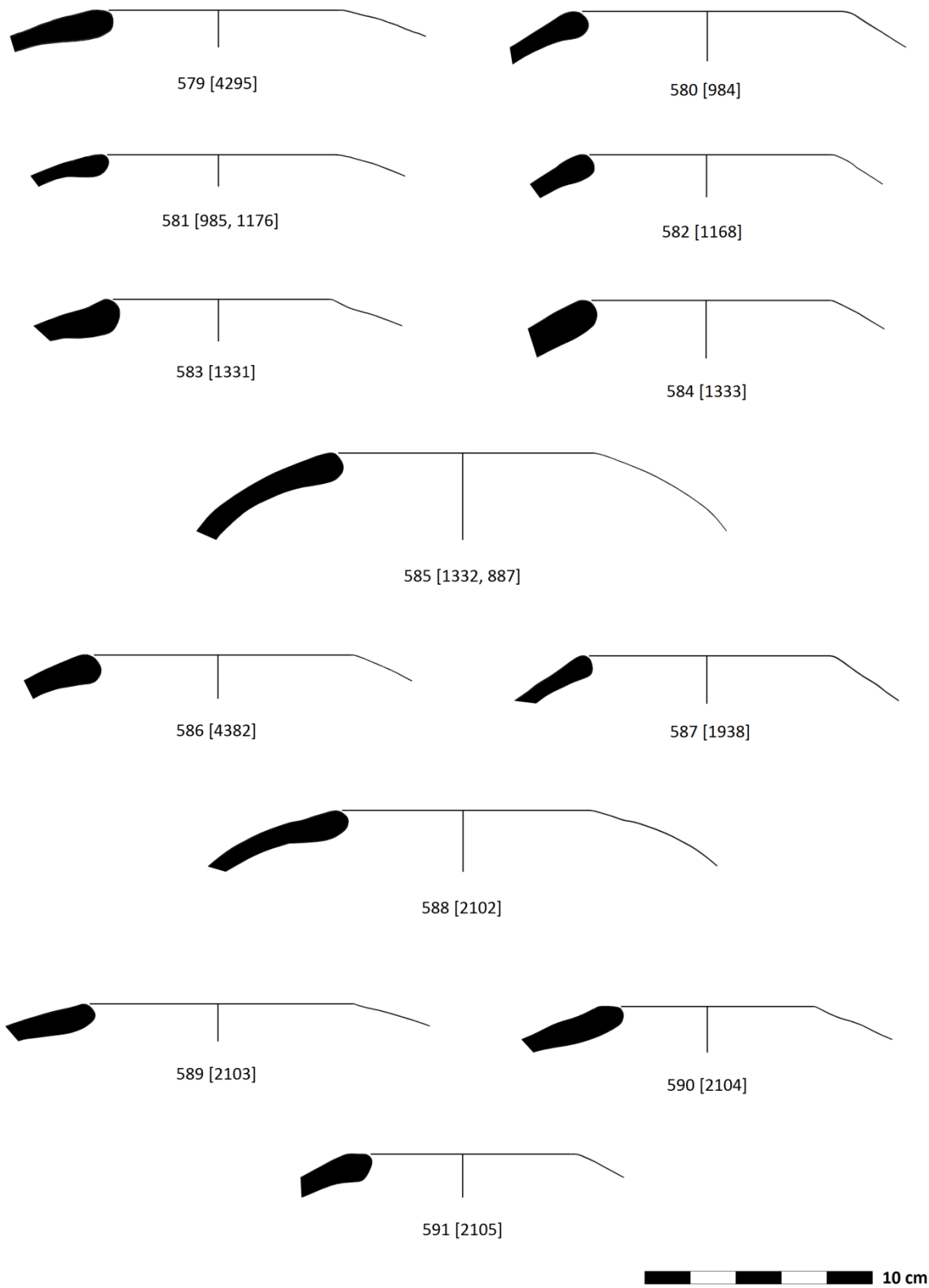


Fig. 111 – Ânforas: Castro Marim 1 (579-591).

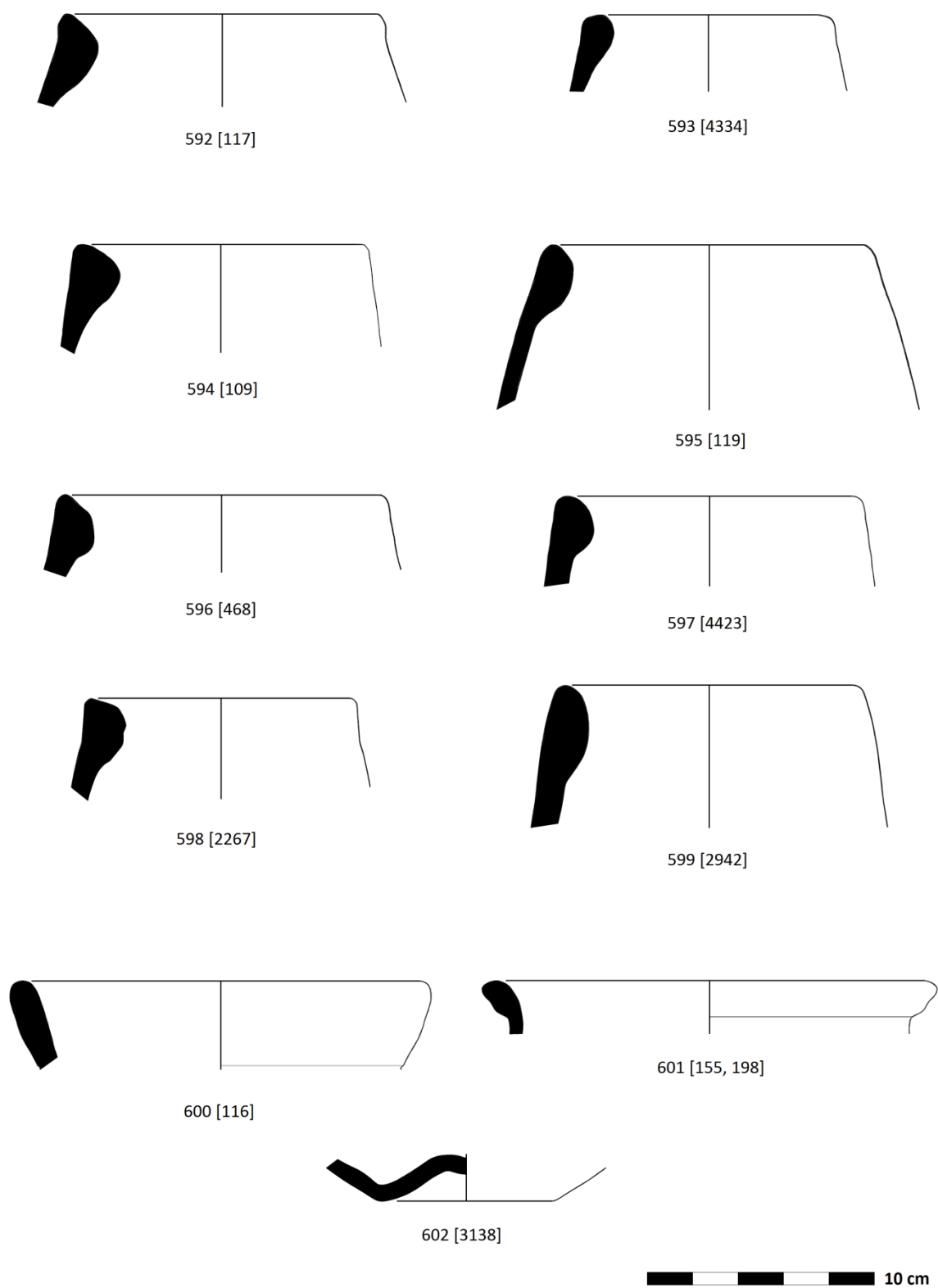
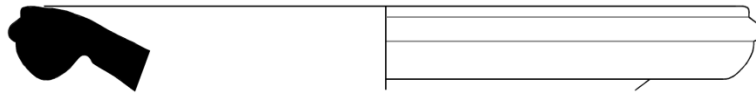


Fig. 112 – Ânforas: Mañá-Pascual A4 (592-593); Tiñosa (594-599); Carmona (600); Campamentos Numantinos (601-602).





603 [467, 425]



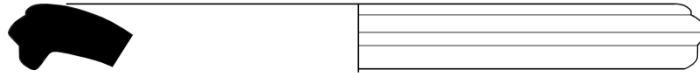
604 [1334]



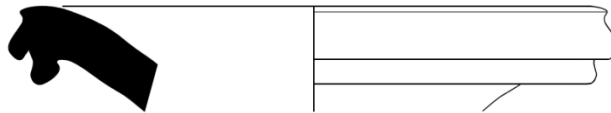
605 [1369]



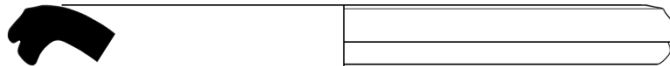
606 [2106]



607 [2266]



608 [3033]



609 [3454]



Fig. 113 – Ânforas: Mañá C2b (603-609).

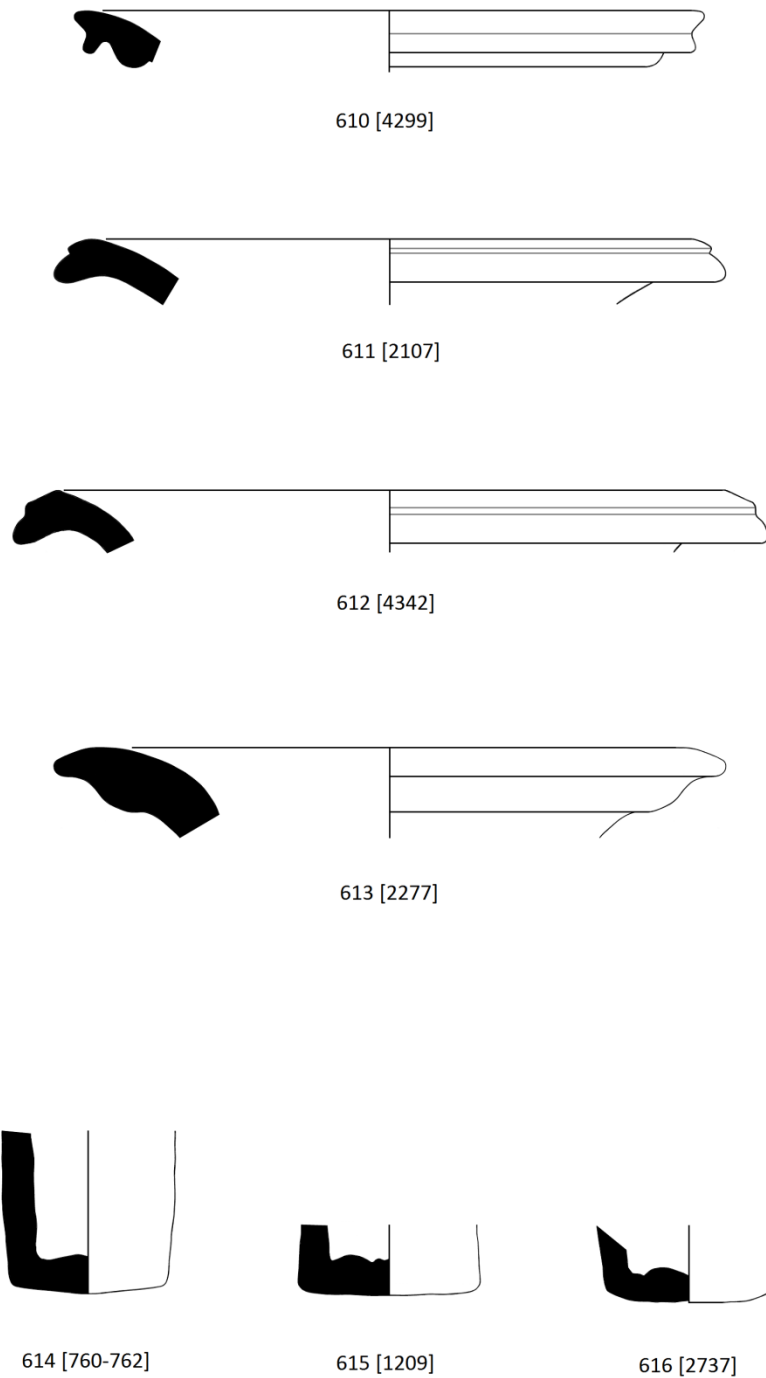


Fig. 114 – Ânforas: Mañá C2b (610-612); Mañá C2a (616); fundos de Mañá C2 (614-615).

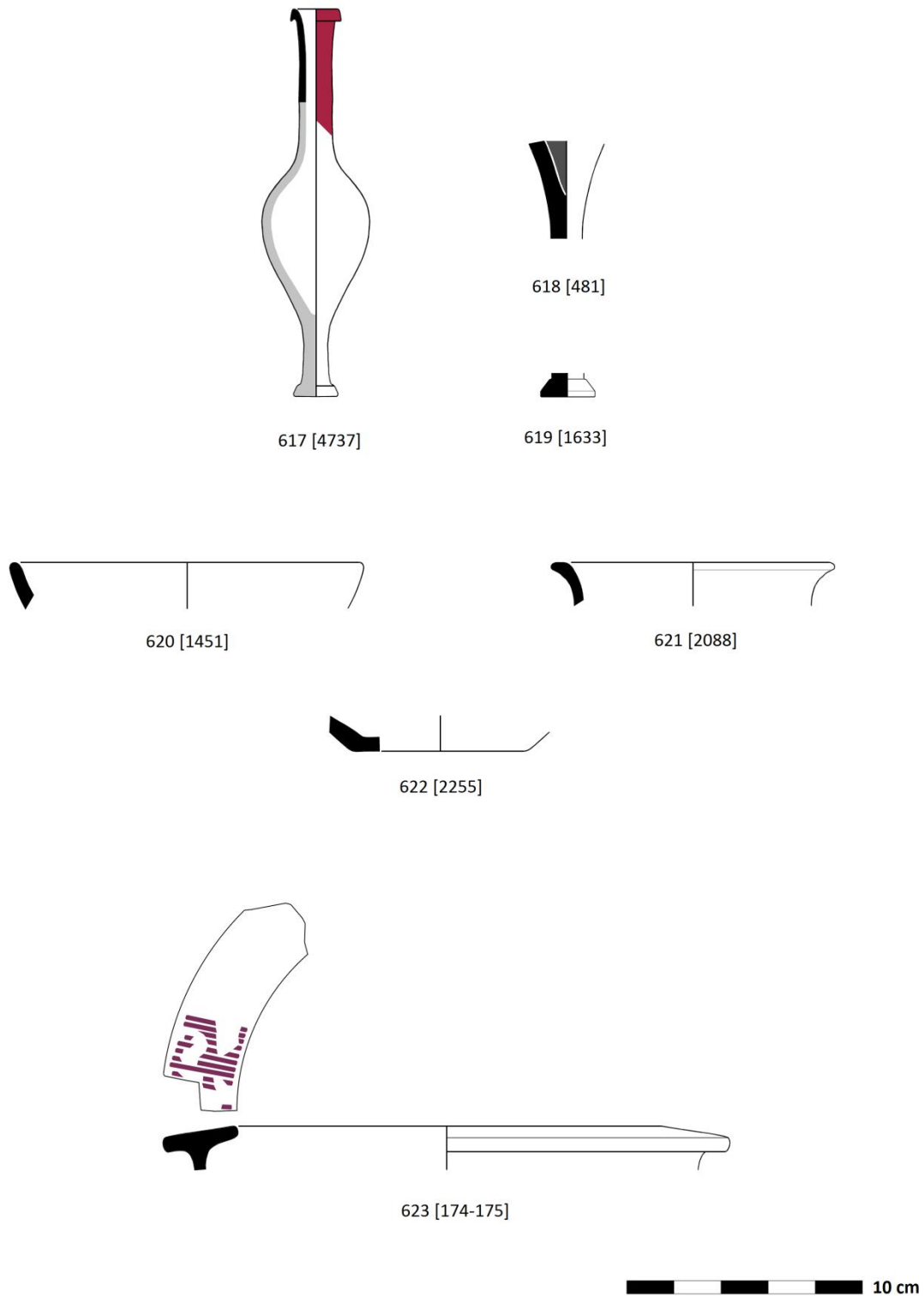


Fig. 115 – Unguentários: Muñoz C2 (617) (a espessura da parede não pôde ser medida devido ao unguentário ter sido restaurado antes do presente estudo); fragmentos de fundo (618-619); Cerâmica cinzenta fina (620-622); Kalathos (623).

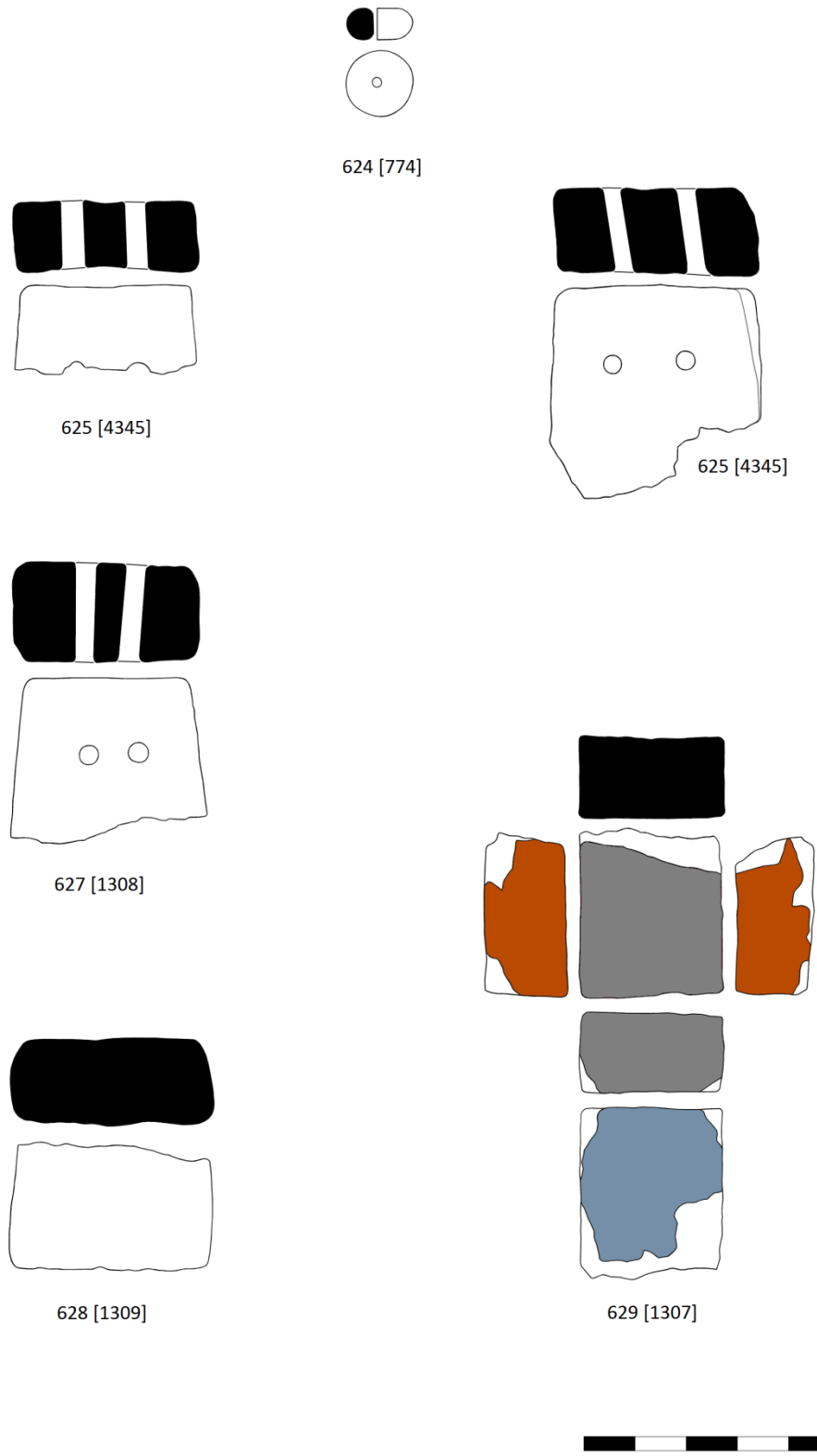


Fig. 116 – Instrumentos de tecelagem: cossoiro (624); pesos de tear: extremidades superiores (625-627), extremidades inferiores (628-629).